



UM
DESTINO
DE
DRAGÕES

LIVRO #3 O ANEL DO FETICEIRO

MORGAN RICE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

UM destino DE DRAGÕES

(LIVRO #3 O ANEL DO FEITICEIRO)

Morgan Rice

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do best-seller #1 DIÁRIOS DE VAMPIROS, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (mais em progresso); da série de Best-seller #1 - TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico que compreende dois livros (outro será adicionado); a série número um de vendas, O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros de fantasia épica (outros serão acrescentados).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e página impressa e suas traduções estão disponíveis em: alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, checo e eslovaco (em breve estarão disponíveis em mais idiomas).

[TRANSFORMADA](#) (Livro #1 da série Diários de Vampiros) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro #1 da série O Anel do Feiticeiro) já estão disponíveis para download gratuito no site da Kobo!

Morgan apreciará muitíssimo seus comentários, por favor, fique à vontade para visitar www.morganricebooks.com faça parte de nosso newsletter, receba um livro gratuito, ganhe brindes, baixe nosso aplicativo gratuito, obtenha as novidades exclusivas em primeira mão, conecte-se ao Facebook e Twitter, permaneça em contato!

Crítica aclamada sobre Morgan Rice

“O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: tramas, intrigas, mistério, bravos cavaleiros e florescentes relacionamentos repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para fazer parte da biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia.”

--*Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos.

“Rice faz um trabalho magnífico ao atrair você para a história desde o início, utilizando uma grande qualidade descritiva que transcende a mera imagem do cenário... Muito bem escrito e de uma leitura extremamente rápida.”

--*Black Lagoon Reviews* (referindo-se a *Turned*)

“Uma história ideal para jovens leitores. Morgan Rice fez um bom trabalho, dando uma interessante reviravolta na trama... Refrescante e original. As séries giram em torno de uma garota... Uma jovem extraordinária!... Fácil de ler, mas com um ritmo de leitura extremamente acelerado... Classificação 10 pelo MJ/DEJUS.”

--*The Romance Reviews* (referindo-se a *Turned*)

“Captou a minha atenção desde o início e eu não pude soltá-lo... Esta é uma história de aventura incrível que combina agilidade e ação desde o início. Você não encontrará nela nenhum momento maçante.”

--*Paranormal Romance Guild* (referindo-se a *Turned*)

“Carregado de ação, romance, aventura e suspense. Ponha suas mãos nele e apaixone-se novamente.”

--*Vampirebooksite.com* (referindo-se a *Turned*)

“Uma ótima trama, este é especialmente o tipo de livro que lhe dará trabalho soltar à noite. O final é tão intrigante e espetacular que fará com que você queira comprar imediatamente o livro seguinte, só para ver o que acontecerá.”

--*The Dallas Examiner* (referindo-se a *Loved*)

“Um livro que é um rival digno de CREPÚSCULO (TWILIGHT) e AS CRÔNICAS VAMPIRESCAS (VAMPIRE DIARIES) e que fará com que você deseje continuar lendo sem parar até a última página! Se você curte aventura, amor e vampiros este é o livro ideal para você!”

--*Vampirebooksite.com* (referindo-se a *Turned*)

“Morgan Rice mais uma vez mostra ser uma narradora extremamente talentosa... Esta narrativa atrairá uma grande variedade de público, incluindo os fãs mais jovens do gênero vampiro/fantasia. Terminou com uma situação de suspense tão inesperada que o deixará chocado.”

--*The Romance Reviews* (referindo-se a *Loved*)

Livros de Morgan Rice

O ANEL DO FEITICEIRO

- EM BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)
- UMA MARCHA DE REIS (Livro #2)
- UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)
- UM GRITO DE HONRA (Livro #4)
- UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)
- UMA CARGA DE VALOR (Livro #6)
- UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)
- UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8)
- UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)
- UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)
- UM REINADO DE AÇO (Livro #11)
- UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)
- UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro #13)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

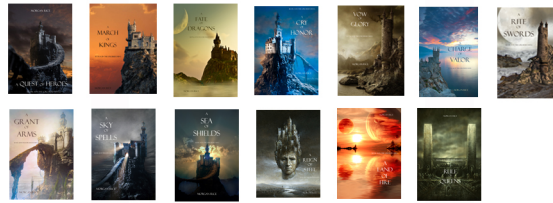
- ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro #1)
- ARENA DOIS (Livro #2)

DIÁRIOS DE UM VAMPIRO

- TRANSFORMADA (Livro #1)
- AMADA (Livro #2)
- TRAÍDA (Livro #3)
- DESTINADA (Livro #4)
- DESEJADA (Livro #5)
- PROMETIDA EM CASAMENTO (Livro #6)
- JURADA (Livro #7)
- ENCONTRADA (Livro #8)
- RESSUSCITADA (Livro #9)
- SUPLICADA (Livro #10)
- DESTINADA (Livro #11)

Baixe agora livros de Morgan Rice books na Kobo !

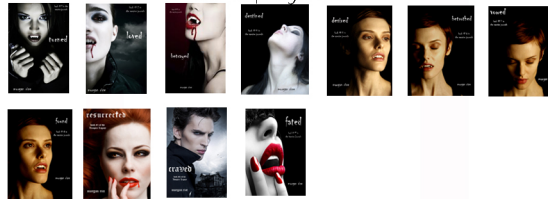
THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals





Ouçã a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato audiobook!

Agora disponível em:

Amazon
Audible
iTunes

Copyright © Morgan Rice 2014

Todos os direitos reservados. Exceto os permitidos, sujeitos à Lei de direitos autorais dos Estados Unidos de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida; distribuída; ou transmitida, em qualquer forma ou por qualquer meio; ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a prévia autorização da autora.

Este e-book é licenciado unicamente para seu usufruto pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Caso você deseje compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, adquira uma cópia extra para cada uma delas. Se você estiver lendo este livro sem o haver comprado, ou o mesmo não foi adquirido para seu uso exclusivo, por gentileza, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigada por respeitar o trabalho árduo desta autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes ou são o produto da imaginação da autora ou são utilizados ficcionalmente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

A imagem de capa é de Bob Orsillo e usada sob licença da Shutterstock.com.

CONTEÚDO

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)

[CAPÍTULO TRINTA](#)

[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)

“Não te interponhas entre o dragão e sua ira.”

—William Shakespeare
Rei Lear

CAPÍTULO UM

O Rei McCloud, montado em seu cavalo, iniciou a marcha ladeira abaixo. Ele estava totalmente determinado, disposto a tudo e corria através das Highlands, entrando nas terras do lado do Anel que pertenciam aos MacGils, seguido por centenas de seus homens. Ele tomou seu chicote, levantou-o e desceu-o com força sobre o couro do cavalo. O cavalo não precisava de estímulo, mas mesmo assim ele gostava de chicoteá-lo. Ele gostava de infligir dor aos animais.

McCloud estava praticamente babando enquanto apreciava a vista diante dos seus olhos: uma vila MacGil idílica, os seus homens nos campos, desarmados, suas mulheres em casa, pendurando lençóis recém lavados para secar e vestidas com pouca roupa devido ao calor do verão. As portas das casas estavam abertas; galinhas perambulavam livremente; o jantar já fervia nos caldeirões. Ele pensou no estrago que faria; nos despojos que obteria; nas mulheres cuja vida ele iria arruinar e seu sorriso alargou-se. Ele quase podia saborear o sangue que estava prestes a derramar.

Eles avançavam cada vez mais, os cascos de seus cavalos estrondavam como um trovão, ecoando sobre o campo, quando finalmente, alguém notou sua chegada: o guarda da aldeia, um projeto patético do que viria a ser um soldado: um adolescente segurando uma lança. O jovem se levantou e virou-se ao ouvi-los aproximar-se. McCloud deu uma boa olhada nos olhos dele, viu o medo e o pânico em seu rosto; naquele posto de guarda tedioso, aquele garoto provavelmente nunca tinha visto uma batalha em sua vida. Ele estava lamentavelmente, despreparado.

McCloud não perdeu tempo, ele queria ser o primeiro a matar, como sempre fazia na batalha. Seus homens sabiam muito bem que a primeira morte deveria ser concedida a ele.

Ele chicoteou o cavalo novamente até que o animal relinchou e ganhou velocidade, colocando-se mais à frente dos outros. Ele

levantou a lança que havia sido de seus antepassados, uma coisa pesada de ferro, inclinou-se para trás e atirou-a no jovem soldado.

Como sempre, sua pontaria era certa, o garoto mal tinha podido voltar-se quando a lança atingiu suas costas, traspassando-o e prendendo-o a uma árvore, com um ruído sibilante. O sangue jorrou de suas costas e isso foi suficiente para fazer o dia de McCloud.

McCloud soltou um curto grito de alegria enquanto todos eles continuavam a avançar por toda a terra seleta dos MacGills. Ele avançava por entre os de pés de milho amarelos que balançavam ao vento, cuja altura chegava até as coxas de seu cavalo, em direção à porta da aldeia. O dia estava tão lindo, sua imagem era quase bonita demais para a devastação que eles estavam prestes a causar.

Eles passaram pelo portão da aldeia, o qual se encontrava totalmente desprotegido, aquele lugar estúpido o suficiente para situar-se na periferia do Anel, tão perto das Highlands. Eles deveriam ter pensado melhor, McCloud pensou com desprezo, quando ele balançou um machado e cortou o cartaz de madeira que sinalizava o lugar. Logo ele daria um novo nome àquele lugar.

Seus homens entraram no lugar e tudo em volta deles transformou-se em uma explosão de gritos: gritos das mulheres, das crianças, dos velhos, de qualquer um que estivesse em casa naquele lugar esquecido por Deus. Havia provavelmente uma centena de almas infelizes e McCloud estava determinado a fazer com que cada uma delas pagasse caro. Ele levantou seu machado bem alto enquanto se concentrava em uma mulher em particular, correndo de costas para ele, tentando a todo custo voltar para a segurança de sua casa. Ela jamais conseguiu chegar.

O machado de McCloud golpeou a parte de trás da panturrilha da mulher, tal como ele queria e ela caiu com um grito. Ele não queria matá-la: apenas mutilá-la. Afinal de contas, ele queria que ela estivesse viva para o prazer que teria com ela depois. Ele tinha escolhido bem: uma mulher com cabelos loiros rebeldes e quadris estreitos e com aproximadamente dezoito anos. Ela seria sua e depois de terminar com ela, provavelmente ele a matasse. Ou talvez não, talvez ele a mantivesse como sua escrava.

Ele gritou de prazer ao cavalgar ao lado da mulher e saltou de seu cavalo no meio do galope, caindo em cima dela e lutando com ela no chão. Ele rolou com ela na terra, sentindo o impacto da estrada e sorriu enquanto deliciava-se com a sensação de estar vivo. Finalmente, a vida tinha significado novamente.

CAPÍTULO DOIS

Kendrick estava no olho do furacão, no Salão de Armas, ladeado por dezenas de seus irmãos, todos eles membros aguerridos do Exército Prata. Ele olhava calmamente para Darloc, o comandante da guarda real, enviado em uma missão infeliz. O que Darloc estava pensando? Será que ele realmente pensava que poderia marchar pelo Salão de Armas e tentar prender Kendrick, o mais amado da família real, na frente de todos os seus irmãos de armas? Será que ele realmente pensava que os outros iriam ficar de braços cruzados e permitir tal coisa?

Ele subestimava a lealdade do Exército Prata a Kendrick. Mesmo que Darloc tivesse chegado com um mandato de prisão legítimo para arrestá-lo — e aquele certamente não o era — Kendrick duvidava muito que seus irmãos permitissem que ele fosse levado embora. Eles eram leais a ele por toda a vida e leais até a morte. Esse era o credo do Exército Prata. Ele teria reagido da mesma forma se algum de seus irmãos fosse ameaçado. Afinal, todos tinham treinado juntos e lutado juntos por suas vidas.

Kendrick podia sentir a tensão pairando no silêncio espesso, quando o Exército prata empunhou suas armas contra apenas uma dúzia de guardas reais, os quais estavam num pé e noutro, nervosos, cada vez mais incômodos com aquela situação. Eles deviam ter imaginado que seria um massacre se algum deles tentasse sacar sua espada, e, sabiamente, ninguém fez isso. Todos eles estavam ali e aguardavam a ordem de seu comandante, Darloc.

Darloc engoliu em seco e se notava que estava muito nervoso. Ele percebia que sua causa era inútil.

“Parece que você não veio com homens suficientes.” Respondeu calmamente Kendrick, sorrindo. “Uma dúzia de guardas do rei contra uma centena de soldados do Exército Prata. A sua é uma causa perdida.”

Darloc ficou muito pálido. Ele limpou a garganta.

“Meu senhor, nós todos servimos ao mesmo reino. Eu não quero lutar contra Vossa Alteza. Vossa alteza tem razão: esta é uma luta que nós não poderíamos vencer. Se Vossa alteza nos ordenar, nós deixaremos este lugar e voltaremos para o Rei.”

“No entanto, Vossa Alteza sabe que Gareth simplesmente enviaria mais homens para prendê-lo. Homens diferentes. Vossa Alteza sabe até onde isso nos levaria. Vossa alteza poderá matar todos eles, mas será que realmente quer sujar suas mãos com o sangue de seus irmãos? Será que realmente quer desencadear uma guerra civil? Seus homens arriscariam suas vidas por Vossa Alteza, matariam qualquer um. Mas será que isso é justo para eles?”

Kendrick olhou para Darloc pensando em tudo o que ele lhe dissera. Darloc tinha um ponto a seu favor. Kendrick sentia um enorme desejo de proteger seus irmãos de armas de qualquer derramamento de sangue, sem importar o que isso lhe custasse. E mesmo que seu irmão Gareth fosse terrível e, além disso, um péssimo um governante, Kendrick não queria uma guerra civil, pelo menos, não queria ser responsável por iniciá-la. Havia outras maneiras de lidar com a situação. Kendrick sabia que um confronto direto nem sempre era a forma mais eficaz.

Kendrick se aproximou e baixou lentamente a espada de seu amigo Atme. Ele se virou e olhou para os outros soldados do Exército Prata. Seu peito encheu de gratidão a eles por eles terem ido em sua defesa.

“Meus camaradas do Prata.” Anunciou Kendrick. “Eu estou comovido com sua defesa e eu lhes asseguro que ela não foi em vão. Todos vocês me conhecem, todos sabem que eu não tive nada a ver com a morte de meu pai, nosso ex-rei. Quando eu encontrar o verdadeiro assassino, o qual eu suspeito que eu já tenha encontrado, dada a natureza dessas ordens, serei o primeiro a obter vingança. Eu estou sendo falsamente acusado. Dito isso, eu não quero ser o estopim de uma guerra civil. Então, por favor, baixem os braços. Eu permitirei que me levem em forma pacífica, visto que creio firmemente que nenhum dos membros do Anel jamais deve

lutar contra o outro. Se a justiça existir, a verdade virá à tona e então eu serei liberado e regressarei a vocês imediatamente.”

O grupo do Exército Prata, lentamente, baixou os braços com relutância, quando Kendrick voltou-se para Darloc. Kendrick adiantou-se e caminhou com Darloc para a porta, os guardas do rei o rodeavam. Kendrick caminhou orgulhosamente no meio deles, com a cabeça erguida. Darloc não tentou algemá-lo, talvez por respeito, talvez por medo, ou talvez porque soubesse que ele era inocente. Kendrick se deixaria levar para sua nova prisão. Mas ele não iria ceder tão facilmente. De alguma forma, ele iria limpar o seu nome, se libertaria do calabouço e mataria o assassino de seu pai. Mesmo que o assassino fosse o seu próprio irmão.

CAPÍTULO TRÊS

Gwendolyn estava nas entranhas do castelo e seu irmão Godfrey estava ao seu lado. Ela olhava para Steffen enquanto ele estava lá, num pé e noutro nervoso, torcendo as mãos. Ele era um personagem estranho, não só porque era deformado e corcunda, mas também porque ele parecia estar cheio de uma energia nervosa. Seus olhos nunca paravam quietos, suas mãos estavam cruzadas entre si, como se estivessem arruinadas pela culpa. Ele estava de pé e balançava o corpo apoiando-se ora num pé, ora noutro e cantarolava para si mesmo com uma voz profunda. Gwen percebeu que todos aqueles anos ali embaixo, todos aqueles anos de isolamento tinham claramente feito dele um ser muito estranho.

Gwen tinha a esperança de que ele finalmente se abriria para revelar o que tinha acontecido com o pai dela. Mas, enquanto os segundos se transformavam em minutos, enquanto o suor aumentava na testa de Steffen, enquanto ele balançava cada vez mais dramaticamente, nada acontecia. Continuou a haver apenas um silêncio pesado, espesso, interrompido apenas por seus zumbidos.

Gwen estava começando a suar também ali embaixo, com o crepitar dos fogos muito próximos dela naquele dia de verão. Ela queria terminar com aquilo, deixar aquele lugar e nunca mais voltar. Ela examinou Steffen, tentando decifrar sua expressão, para descobrir o que passava por sua mente. Ele havia prometido que ia contar-lhes algo, mas agora ele tinha caído em silêncio. Enquanto ela o examinava, parecia que ele estava tendo dúvidas. Ele estava claramente com medo; ele estava ocultando algo.

Finalmente, Steffen limpou a garganta.

“Algo caiu da rampa, naquela noite, eu admito.” Ele começou a falar sem fazer contato visual, olhando fixamente para o chão. “Mas eu não tenho certeza do que era. Era metal. Nós levamos o pote

sanitário para fora naquela noite e eu ouvi algo cair no rio. Algo diferente.” Ele disse, limpando a garganta várias vezes enquanto torcia as mãos. “Vocês sabem, aquela coisa, o que quer que ela tenha sido... ela foi arrastada pela correnteza.”

“Você está certo disso?” Godfrey perguntou com firmeza.

Steffen assentiu com a cabeça vigorosamente.

Gwen e Godfrey trocaram um olhar.

“Você pelo menos deu uma olhada nela?” Godfrey pressionou.

Steffen abanou a cabeça.

“Mas você mencionou um punhal. Como sabia que era um punhal, se você não viu um?” Gwen perguntou. Ela sentia que ele estava mentindo. Ela só não sabia o porquê.

Steffen pigarreou.

“Eu disse isso porque eu achei que era um punhal.” Ele respondeu. “Era algo pequeno e de metal. O que mais poderia ser?”

“Mas você verificou se estava no fundo do pote?” Godfrey perguntou. “Depois que você despejou tudo no rio? Talvez esteja ainda no pote, na parte do fundo.”

Steffen abanou a cabeça.

“Eu verifiquei o fundo.” Ele disse. “Eu sempre faço isso. Não havia nada. Estava vazio. O que quer que tenha sido, foi levado pela corrente. Eu o vi flutuar.”

“Se fosse de metal, como poderia flutuar?” Gwen perguntou.

Steffen limpou a garganta e em seguida deu de ombros.

“O rio é misterioso.” Ele respondeu. “A correnteza é forte.”

Gwen trocou um olhar cético com Godfrey e ela podia dizer pela expressão dele que ele tampouco acreditava em Steffen.

Gwen estava cada vez mais impaciente. Agora, ela também estava desconcertada. Apenas momentos antes, Steffen ia contar-lhes tudo, tal como havia prometido. Agora parecia que, de repente, ele tinha mudado de ideia.

Gwen deu um passo para mais perto dele e franziu o rosto, sentindo que aquele homem tinha algo a esconder. Ela endureceu a expressão de seu rosto ao máximo e quando ela o fez, sentiu a força de seu pai brotando através dela. Ela estava determinada a

descobrir tudo o que Steffen sabia, especialmente se isso pudesse ajudá-la a encontrar o assassino de seu pai.

“Você está mentindo.” Ela disse com a voz fria como o aço. A força de sua voz surpreendeu a ela mesma. “Você sabe qual é o castigo por mentir para um membro da família real?”

Steffen torceu as mãos e quase deu um pulo de susto, ele olhou para Gwen por um momento e em seguida desviou o olhar rapidamente.

“Lamento muito.” Ele disse. “Eu sinto muito. Por favor, eu não tenho mais nada a dizer.”

“Você nos perguntou antes se seria poupado da prisão se nos contasse o que sabia.” Disse ela. “Mas você não nos disse nada. Porque você iria fazer essa pergunta se não tivesse nada para contar?”

Steffen lambeu os lábios, olhando para o chão.

“Eu... eu... hã.” Ele começou e parou. Ele pigarreou. “Eu estava preocupado... pensando que ia ficar em apuros se não relatasse que um objeto tinha descido pela rampa. Isso é tudo. Desculpe-me. Eu não sei o que era. Ele se foi, sumiu.”

Gwen estreitou os olhos, olhando para ele, tentando chegar ao fundo daquele personagem estranho.

“O que aconteceu exatamente com seu amo?” Ela perguntou, sem deixar de enredá-lo. “Disseram-nos que ele está desaparecido. E também que você tinha algo a ver com isso.”

Steffen balançou a cabeça uma e outra vez.

“Ele se foi.” Steffen respondeu. “Isso é tudo que sei. Desculpem. Eu não sei de nada que possa ajudá-los.”

De repente, ouviu-se um barulho forte de algo que salpicava provindo do alto da sala e todos eles se viraram para ver os dejetos que desciam pela rampa caírem estrepitosamente no enorme pote sanitário. Steffen virou-se e correu apressadamente pela sala, em direção ao pote. Ele ficou ao lado dele, observando-o enquanto ele se enchia com os resíduos dos aposentos superiores.

Gwen virou-se e olhou para Godfrey, quem olhou para ela. Ele tinha a mesma expressão perplexa.

“Seja o que for que ele estiver escondendo.” Ela disse. “Ele não vai nos revelar.”

“Nós deveríamos aprisioná-lo.” Godfrey disse. “Isso poderia fazer com que ele falasse.”

Gwen abanou a cabeça.

“Eu não penso assim. Não funcionaria com alguém como ele. Ele está, obviamente, muito assustado. Eu acho que tem algo a ver com o seu amo. Ele está claramente perturbado com alguma coisa e eu não acho que isso tenha a ver com a morte de nosso pai. Eu acho que ele sabe algo que poderia ajudar-nos, mas eu sinto que encurralá-lo só vai fazer com que ele se feche ainda mais.”

“Então o que deveríamos fazer?” Godfrey perguntou.

Gwen ficou ali, pensando. Lembrou-se de uma amiga de infância dela, a amiga tinha sido apanhada mentindo. Gwen lembrou-se de que os pais haviam pressionado a amiga de todas as maneiras para que ela dissesse a verdade, mas ela não disse. Foi somente algumas semanas mais tarde, quando todo mundo tinha finalmente deixado a jovem em paz, que ela se apresentou voluntariamente e revelou tudo. Gwen sentiu a mesma energia saindo de Steffen, ela sentia que encurralá-lo num canto só faria com que ele se fechasse ainda mais, ele precisava de espaço para tomar a iniciativa de falar tudo o que ele sabia.

“Vamos dar-lhe tempo.” Ela disse. “Vamos procurar em outro lugar. Vamos ver o que podemos descobrir e voltaremos para ele quando tivermos mais. Acho que ele vai se abrir. Ele só não está pronto ainda.”

Gwen virou-se e observou Steffen do outro lado do quarto, examinando os resíduos enquanto eles enchiam o enorme pote. Ela sentia que ele os levaria até o assassino do seu pai. Ela só não sabia como. Ela se perguntava que segredos se escondiam nas profundezas da sua mente.

Ele era um personagem muito estranho, Gwen pensou. Na verdade, muito estranho.

CAPÍTULO QUATRO

Thor tentava respirar e piscava com força para expulsar a água que caía sobre ele, ela cobria seus olhos, seu nariz, sua boca e caía como uma cascata ao seu redor. Depois de escorregar por todo o barco, ele finalmente conseguiu segurar o corrimão de madeira e agarrou-se a ele para salvar a vida quando a água implacável o forçava a soltar-se. Cada músculo de seu corpo tremia e ele não sabia por quanto tempo ele poderia segurar-se.

Todos os seus irmãos ao redor dele faziam o mesmo, todos se agarravam com todas suas forças a tudo o que pudessem encontrar enquanto a água tentava levá-los para fora do barco. De alguma forma, eles se mantinham firmes.

O barulho era ensurdecedor e era difícil enxergar mais do que alguns metros à frente dele. Apesar do dia de verão a chuva estava fria e a água provocava calafrios em seu corpo fazendo-o tremer constantemente. Kolk estava ali, de cara amarrada, mãos na cintura, como se fosse imune à muralha d'água, ele gritava com todos ao seu redor.

“VOLTEM AOS SEUS LUGARES!” Ele gritou. “REMEM!”

Kolk também se sentou e começou a remar, dentro de poucos instantes os rapazes começaram a escorregar e engatinhar pelo convés, tentando voltar para os bancos. O coração de Thor batia agitado quando ele soltou-se e lutou para atravessar o convés. Ele escorregou e caiu, aterrissando com força no convés. Krohn, que estava dentro de sua camisa, ganiu assustado.

Ele se arrastou pelo resto do caminho e logo se encontrou em seu lugar.

“AMARREM-SE!” Kolk exclamou.

Thor olhou para baixo e viu as cordas nodosas sob seu banco, ele finalmente percebeu a utilidade delas. Ele se abaixou e amarrou uma em torno de seu pulso, atando-se ao banco e ao remo.

Funcionou. Ele parou de escorregar. E logo foi capaz de remar.

Todos os rapazes ao seu redor voltaram aos remos, Reece estava em um assento a sua frente e Thor podia sentir o barco em movimento. Em poucos minutos, a muralha d'água a sua frente foi ficando mais fina.

Enquanto ele remava e remava, sua pele ardia com aquela estranha chuva, cada músculo de seu corpo estava dolorido. Finalmente, o som da chuva começou a diminuir e Thor começou a sentir que o volume de água que caía sobre sua cabeça era bem menor. Em poucos instantes, eles se encontravam sob um céu ensolarado.

Thor olhou em volta assombrado: o céu estava completamente seco e brilhante. Era a coisa mais estranha que ele já tinha experimentado: metade do barco estava debaixo de um sol seco, brilhante, enquanto a outra metade estava sendo inundada pela muralha de água enquanto eles terminavam de passar por ela.

Finalmente, o barco inteiro estava sob um céu azul e amarelo claro, o sol quente batendo neles. Tudo era silêncio agora, a muralha de água ia desaparecendo rapidamente e todos os seus irmãos de armas se entreolhavam atordoados. Era como se tivessem atravessado uma cortina e ingressado em outro mundo.

“CESSAR REMOS!” Kolk gritou.

Todos os rapazes incluindo Thor deixaram cair seus remos com um gemido coletivo, ofegantes, tentando recuperar seu fôlego. Thor fez o mesmo, sentindo tremer cada músculo de seu corpo, ele estava grato por ter uma pausa e se deixou cair pesadamente, tentando recuperar o fôlego e relaxar os músculos doloridos enquanto o barco deslizava por novas águas.

Thor finalmente recuperou-se, levantou-se e olhou em volta. Ele olhou para a água e viu que ela tinha mudado de cor: ela agora tinha um tom avermelhado e brilhante. Eles tinham entrado em um mar diferente.

“O Mar dos Dragões.” Reece disse detrás dele, olhando também para baixo admirado. “Dizem que ele fica vermelho com o sangue de suas vítimas.”

Thor olhou para a água. Ela borbulhava em alguns lugares e à distância, animais estranhos vinham momentaneamente à tona, porém logo se submergiam. Nenhum demorava o tempo suficiente para que ele pudesse dar uma boa olhada neles, mas Thor não queria tentar a sorte e se inclinar para baixo, ele não queria aproximar-se mais.

Thor virou-se e tentou entender tudo aquilo, desorientado. Tudo ali, daquele lado da muralha de água, parecia tão estranho, tão diferente. Havia até mesmo uma ligeira névoa vermelha no ar pairando baixo sobre a água. Ele examinou o horizonte e viu dezenas de pequenas ilhas espalhadas como uma trilha de pedras despontando no horizonte.

Uma brisa forte atingiu o barco e Kolk se adiantou e gritou: "LEVANTAR VELAS!"

Thor entrou em ação junto com todos os rapazes ao seu redor, agarrou as cordas e içou-as para pegar a brisa. As velas se inflaram com uma rajada de vento e começaram a impulsar o barco. Thor sentia o barco mover-se abaixo deles, mais rápido do que jamais havia feito, seguindo rumo às ilhas. O barco balançava sobre as ondas enormes que surgiam do nada, movendo-se suavemente para cima e para baixo.

Thor fez o seu caminho em direção à proa, encostou-se na amurada e olhava para o horizonte. Reece veio ao seu lado e O'Connor também. Todos estavam lado a lado. Thor observava o conjunto de ilhas que se aproximava rapidamente. Todos ficaram ali em silêncio por um longo tempo, Thor saboreava a brisa úmida enquanto o seu corpo relaxava.

Finalmente, Thor percebeu que se dirigiam a uma ilha em particular. À medida que eles se aproximavam, ela ficava cada vez maior e Thor sentiu um calafrio quando ele percebeu que a ilha era o seu destino.

"A Ilha da Neblina." Reece disse admirado.

Thor examinava a ilha, maravilhado. Sua forma começou a entrar em foco. A ilha era rochosa, escarpada, inóspita e se estendia por vários quilômetros em cada sentido, era longa e estreita e tinha a forma de uma ferradura. Ondas enormes colidiam contra sua costa,

fazendo um barulho surdo que podia ser ouvido até mesmo de onde eles estavam. As ondas criavam enormes jatos de espuma quando se chocavam contra as rochas enormes. Havia uma faixa de terra ínfima além das rochas e depois uma parede de falésias que se elevava bem alto. Thor não podia ver como o barco poderia ancorar com segurança.

Somando-se a estranheza do lugar, uma névoa vermelha permanecia por toda a ilha, como um orvalho, brilhando ao sol. A névoa causava uma sensação sinistra. Thor podia sentir que havia algo de sobre-humano, algo sobrenatural, naquele lugar.

“Dizem que sobreviveu milhões de anos.” Acrescentou O’Connor. “É mais antiga do que o Anel. Mais antiga, até mesmo, do que o Império.”

“Ela pertence aos dragões.” Elden acrescentou, chegando ao lado de Reece.

Enquanto Thor observava, de repente, o segundo sol se pôs no céu. Em poucos instantes o dia passou de ensolarado e brilhante a estar iluminado apenas pela escassa luz do pôr do sol e o céu ficou totalmente manchado de tons vermelhos e roxos. Ele não conseguia acreditar, ele nunca tinha visto o sol mover-se assim, tão rapidamente, antes. Ele se perguntava o que mais seria diferente naquela parte do mundo.

Será que algum dragão vive na ilha? Thor perguntou.

Elden abanou a cabeça.

“Não. Ovi dizer que ele vive perto daqui. Eles dizem que a névoa vermelha é formada pela respiração de um dragão. Ele respira à noite em uma ilha vizinha e o vento traz o ar que ele respira, esse ar é a névoa que envolve a ilha durante o dia.”

Thor ouviu um barulho repentino; a princípio parecia um ronco baixo, como um trovão, longo e alto o suficiente para agitar o barco. Krohn ainda estava enrolado na camisa de Thor, ao ouvir o barulho ele abaixou a cabeça e ganiu.

Os outros todos se viraram, Thor virou-se também e olhou; ele teve a impressão de que em algum lugar do horizonte se podia ver o contorno tênue de chamas lambendo o pôr do sol e desaparecendo

em seguida na fumaça negra, como se fossem um pequeno vulcão em erupção.

“O Dragão.” Reece disse. “Nós estamos no território dele agora.”

Thor engoliu em seco, pensando.

“Mas então como podemos estar seguros aqui?” O’Connor perguntou.

“Você não está seguro em nenhum lugar.” Disse uma voz retumbante.

Thor virou-se para ver Kolk ali de pé, com as mãos nos quadris, observando o horizonte sobre seus ombros.

“Este é o sentido da Centena, viver com o risco de morte todos os dias. Este não é um exercício. O dragão vive perto e não há nada que possa impedi-lo de atacar. É provável que ele não ataque, porque ele guarda zelosamente seu tesouro em sua própria ilha e dragões não gostam de deixar seu tesouro desprotegido. Mas vocês vão ouvir seus rugidos e ver suas chamas durante a noite. E se de alguma forma vocês o irritarem, não há como prever o que pode acontecer.”

Thor ouviu outro estrondo baixo, viu outra explosão de fogo no horizonte e percebeu que eles chegavam cada vez mais perto da ilha, as ondas arrebentavam contra ela. Ele olhou para os penhascos íngremes, para uma parede de rocha e se perguntou se eles realmente poderiam chegar até o topo e como eles chegariam à terra plana e seca.

“Mas eu não vejo nenhum lugar para atracar um navio.” Thor disse.

“Isso seria fácil demais.” Kolk retrucou.

“Então, como chegaremos à ilha?” O’Connor perguntou.

Kolk sorriu, era um sorriso malvado.

“Vocês nadarão.” Disse ele.

Por um momento, Thor se perguntou se Kolk não estaria brincando, mas pela expressão de seu rosto Thor percebeu que ele falava sério. Thor engoliu em seco.

“Nadar?” Reece disse incrédulo.

“As águas estão infestadas de criaturas!” Elden disse.

“Oh, isso é o de menos.” Kolk continuou. “As marés são traiçoeiras; esses redemoinhos sugarão vocês para baixo; essas ondas esmagarão vocês ao lançá-los contra aquelas pedras irregulares; a água é quente e se vocês conseguirem chegar vivos até as rochas, terão de encontrar uma maneira de escalar os penhascos para poder chegar à terra firme. Isso, se as criaturas do mar não pegarem vocês primeiro. Bem-vindos ao seu novo lar.”

Thor ficou lá com os outros ao lado da amurada, olhando para a formação de espuma do mar abaixo dele. A água girava debaixo dele como uma coisa viva, as correntes eram mais fortes a cada segundo e balançavam o barco, tornando mais difícil manter o equilíbrio. Lá embaixo, as águas se enfureciam, produzindo, um vermelho brilhante que parecia conter o sangue do próprio inferno. Pior ainda, ao olhar bem de perto Thor viu que as águas eram perturbadas a cada poucos metros pelo surgimento de outro monstro marinho que emergia, estalava os dentes longos e logo submergia.

O navio ancorou repentinamente, longe da costa e Thor engoliu seco. Ele olhou para as pedras que contornavam a ilha e se perguntou como eles iriam dali até ela. O ruído das ondas arrebatando ficava mais alto a cada segundo, fazendo com que os outros tivessem de gritar para serem ouvidos.

Enquanto Thor observava, vários pequenos barcos a remos foram baixados até a água e em seguida guiados pelos comandantes para longe do navio, permanecendo a uma distância de cerca de trinta metros. Os comandantes não iriam facilitar as coisas para os rapazes, os quais teriam de nadar para alcançar os barcos.

A ideia de ter de nadar fez o estômago de Thor revirar.

“PULEM!” Gritou Kolk.

Pela primeira vez, Thor estava apavorado. Ele perguntou-se isso não o rebaixaria como membro da Legião e como guerreiro. Ele sabia que os guerreiros deviam ser destemidos em todas as circunstâncias, mas ele teve de admitir para si mesmo que ele sentia medo naquele instante. Ele odiava o fato de sentir-se assim e desejava que não estivesse com medo. Mas ele realmente estava.

Porém quando Thor olhou em volta e viu os rostos aterrorizados dos outros garotos, ele se sentiu melhor. Todos os rapazes ao seu

redor permaneceram ao lado da amurada, congelados de medo, olhando para as águas. Um garoto em especial, estava tão assustado que todo o seu corpo tremia. Era o garoto que Thor tinha visto no dia do treinamento com os escudos, o único que tivera medo, o que tinha sido forçado a correr mais voltas.

Kolk deve ter percebido isso, porque ele cruzou o convés na direção do rapaz. Kolk parecia inalterado quando o vento jogou o seu cabelo para trás, ele franzia o cenho enquanto prosseguia, parecia estar pronto para conquistar a própria natureza. Ao aproximar-se do garoto ele fechou a carranca.

“PULE!” Kolk gritou.

“Não!” O garoto respondeu. “Eu não posso! Não posso fazer isso! Eu não sei nadar! Leve-me de volta para casa!”

Kolk caminhou até o garoto, que já estava começando a se afastar da amurada, agarrou-o pela parte de trás de sua camisa e levantou-o bem alto.

“Então você vai aprender a nadar!” Kolk rosou, então ele jogou o garoto por cima da borda. Thor não podia acreditar que isso estivesse acontecendo.

O garoto saiu voando pelo ar, gritando enquanto despencava de uma altura de cerca de cinco metros, no mar espumante. Ele mergulhou produzindo um esguicho, então veio à tona, agitando-se, tentando respirar.

“SOCORRO!” Ele gritava.

“Qual é a primeira lei da Legião?” Kolk gritou, virando-se para os outros rapazes no navio, ignorando o garoto na água.

Thor estava vagamente ciente da resposta correta, mas estava distraído demais com a visão do garoto afogando-se abaixo, para poder responder à pergunta de Kolk.

“Ajudar um membro da Legião em necessidade!” Elden exclamou.

“E ele está em necessidade?” Kolk gritou, apontando para o rapaz.

O garoto levantava os braços e batia freneticamente na água, os outros rapazes ficaram no convés olhando-o, todos estavam assustados demais para mergulhar.

Naquele momento, algo estranho aconteceu com Thor. À medida que ele se concentrava no rapaz se afogando, tudo se dissipava. Thor já não pensava em si mesmo. O fato de que ele pudesse morrer nunca sequer passou por sua cabeça. O mar, os monstros, as correntes... tudo isso tinha desaparecido. Tudo em que ele podia pensar agora era em resgatar alguém.

Thor subiu na larga amurada de carvalho, dobrou os joelhos e sem pensar, pulou bem alto para cair de cabeça nas borbulhantes águas abaixo dele.

CAPÍTULO CINCO

Gareth estava sentado sobre o trono de seu pai, no Salão Real, ele passava as mãos ao longo dos braços de madeira lisa do trono e olhava para a cena diante dele: milhares de seus súditos lotavam a sala, pessoas que provinham de todos os recantos do Anel para assistir a um evento único em suas vidas, elas estavam ali para ver se ele poderia empunhar a Espada da Dinastia. Para ver se ele era o Escolhido. Desde que o seu pai era jovem as pessoas nunca tinham tido a oportunidade de assistir a uma cerimônia de elevação e parecia que ninguém queria perdê-la. A excitação pairava no ar como uma nuvem.

O próprio Gareth estava entorpecido com a expectativa. Enquanto ele observava a sala continuar a encher com as pessoas que se apinhavam ali dentro, ele começou a se perguntar se os conselheiros de seu pai não teriam razão: se, de fato, não tinha sido uma má ideia conduzir a cerimônia de elevação no Salão Real e abri-lo para o público. Eles tinham lhe exortado a tentar fazê-lo na pequena sala privada onde a espada se encontrava; tinham argumentado que se por acaso ele falhasse, poucos testemunhariam isso. Mas Gareth não confiava nas pessoas do círculo de seu pai; ele se sentia mais confiante em seu destino do que a velha guarda de seu pai. Ele queria que todo o reino testemunhasse o evento; que testemunhasse que ele era o Escolhido, no exato momento em que isso acontecesse. Ele queria que o momento ficasse gravado no tempo. O momento em que seu destino havia chegado.

Gareth entrou no salão com atitude, ele cruzou o Salão Real acompanhado por seus assessores, ele usava sua coroa, seu manto e empunhava seu cetro. Ele queria que todos soubessem que era ele o verdadeiro rei, o verdadeiro MacGil, não o seu pai.

Enquanto ele esperava, não tardou muito tempo para que ele sentisse que aquele era o seu castelo, aqueles eram seus súditos.

Ele queria que o seu povo sentisse aquilo naquele momento, que aquela demonstração de poder fosse vista amplamente. Depois daquele dia, eles saberiam com certeza que ele era o seu único e verdadeiro rei.

Mas agora que Gareth estava sentado ali, sozinho no trono, ele já não estava tão seguro. Ele olhava para os suportes de ferro no centro da sala, eles estavam iluminados por um raio de sol que entrava pelo teto e a espada seria colocada sobre eles. A gravidade do que ele estava a ponto de fazer pesava sobre ele, seria um passo irreversível, não haveria como voltar atrás. E se, de fato, ele não conseguisse? Ele tentou afastar essa ideia de sua mente.

A enorme porta se abriu com um rangido do outro lado da sala e depois de um burburinho animado a sala ficou em silêncio com a expectativa. Uma dúzia dos homens mais fortes da corte marchava segurando a espada em suas mãos, todos lutando sob o seu peso. Seis homens estavam de cada lado, marchando devagar, um passo de cada vez, carregando a espada em direção a seu lugar de descanso.

O coração de Gareth acelerou enquanto ele a observava chegar mais perto. Por um breve momento sua confiança o abandonou. Aqueles doze homens eram maiores do que qualquer outro homem que ele já tinha visto, se eles mal conseguiam segurá-la, que chance ele tinha? Mas ele tentou afastar tais pensamentos de sua mente, afinal, a espada tinha a ver com o destino, não com a força. E ele se forçou a lembrar que o seu destino era estar ali, era ser o primogênito dos MacGils, era ser rei. Ele procurou Argon entre a multidão, por algum motivo ele teve um súbito e intenso desejo de buscar seu conselho. Aquele era o momento em que Gareth mais precisava dele. Por alguma razão, ele não conseguia pensar em mais ninguém. Mas, claro, Argon estava longe de ser encontrado.

Finalmente, os doze homens alcançaram o centro da sala carregando a espada até o raio de sol e colocaram-na sobre os suportes de ferro. Ela caiu com um estrondo, o som viajou em ondas por toda a sala. A sala ficou completamente em silêncio.

A multidão instintivamente se separou, abrindo caminho para que Gareth descesse até a espada e a erguesse.

Gareth lentamente se levantou de seu trono saboreando o momento, saboreando toda aquela atenção. Ele podia sentir todos os olhos sobre ele. Ele sabia que uma ocasião como aquela nunca se apresentaria outra vez, uma ocasião durante a qual todo o reino o observava tão completamente, tão intensamente, analisando cada movimento que ele fazia. Ele tinha vivido aquele momento tantas vezes em sua mente quando ainda era apenas um garoto e agora ele tinha chegado. Ele queria ir devagar.

Gareth descia os degraus do trono, um de cada vez, saboreando cada passo. Ele caminhava sobre o tapete vermelho sentindo sua suavidade debaixo dos pés, ele agora estava cada vez mais perto do raio de sol, seguia em direção à espada. Enquanto andava, era como se andasse em um sonho. Sentia-se eufórico. Uma parte dele se sentia como se tivesse andado sobre aquele tapete muitas vezes anteriormente, depois de ter erguido a espada um milhão de vezes em seus sonhos. Isso o fez sentir-se ainda mais confiante de que ele estava destinado a erguê-la. Ele estava caminhando para alcançar seu destino.

Em sua mente ele via como tudo seria: ele iria avançar corajosamente, estender apenas uma mão e quando seus súditos se inclinassem, de repente e dramaticamente ele elevaria a espada sobre sua cabeça. Eles dariam um suspiro, se prostrariam diante dele e o proclamariam O Escolhido, o mais importante dos reis MacGil que já chegou a governar, aquele destinado a governar para sempre. Eles iriam chorar de alegria diante da visão. Eles se encolheriam de temor diante dele. Eles agradeceriam a Deus por ter vivido para testemunhar isso. Eles iriam adorá-lo como a um deus.

Gareth se aproximou da espada, ela agora se encontrava a poucos metros dele. Ele sentiu tremer por dentro. Embora Gareth tivesse visto a espada muitas vezes anteriormente, ele foi pego de surpresa por sua beleza quando se colocou ao lado dela, sob a luz do sol. Ele nunca tinha tido permissão para estar tão perto da espada antes e sua beleza o surpreendeu. Ela era intensa, sua lâmina era longa e brilhante, feita de um material que ninguém podia identificar. A espada tinha o punho mais ornamentado que ele já tinha visto, o qual estava envolto em um finíssimo tecido sedoso,

incrustado com pedras preciosas de todo tipo e estampado com o brasão de um falcão. Quando ele aproximou-se mais da espada, sentiu a energia poderosa que irradiava dela. Ela parecia pulsar. Ele mal podia respirar. Em apenas um momento ela estaria na palma da sua mão, bem alto, sobre sua cabeça; brilhando na luz do sol para que todo o mundo pudesse ver.

Para vê-lo, ele, Gareth, o grande.

Gareth esticou o braço e colocou a mão direita sobre o punho da espada, fechando lentamente os dedos em torno dele, sentindo cada jóia, cada contorno enquanto ele o segurava eletrizado. Uma intensa energia irradiava através da palma de sua mão e subia pelo seu braço, percorrendo seu corpo. Era diferente de tudo que ele já havia sentido. Aquele era seu momento. Seu momento de todos os tempos.

Gareth não se arriscaria, ele estendeu a outra mão para poder apertar o punho com ela também. Ele fechou os olhos, sua respiração se cortou.

Se for da vontade dos deuses, que eles permitam-me elevar a espada. Que eles deem-me um sinal. Que eles mostrem-me que eu sou rei. Que eles mostrem-me que eu estou destinado a governar.

Gareth orava em silêncio à espera de uma resposta, de um sinal, para o momento perfeito. Mas os segundos se passaram, uns dez segundos, o reino inteiro o observava, no entanto, ele não ouvia nada.

Então, de repente ele viu o rosto de seu pai olhando para ele com desprezo.

Gareth abriu os olhos, aterrorizado, querendo limpar a imagem de sua mente. Seu coração batia forte e ele sentiu que aquele era um péssimo presságio.

Era agora ou nunca.

Gareth inclinou-se e tentou erguer a espada com todas as suas forças. Ele lutou com toda a energia que tinha, até que todo o seu corpo tremia convulsionado.

A espada não se moveu. Era como tentar mover os próprios alicerces da Terra.

Gareth tentou com mais força ainda, a luta era cada vez mais difícil. Finalmente, ele estava visivelmente gemendo e gritando.

Momentos depois ele entrou em colapso.

A espada não tinha se movido nem um centímetro.

Um suspiro chocado espalhou-se por toda a sala quando Gareth caiu no chão. Vários assessores correram em seu auxílio, para verificar se ele estava bem, mas ele os empurrou violentamente. Ele se levantou constrangido, tentando recuperar a compostura.

Humilhado, Gareth olhou para seus súditos desejando ver como eles iriam vê-lo de agora em diante.

Eles já haviam se virado e começavam a deixar a sala. Gareth podia ver a decepção em seus rostos, podia ver que ele era apenas mais um espetáculo falido aos seus olhos. Agora, tudo o que eles sabiam, todos e cada um deles, era que ele não era o seu verdadeiro rei. Ele não era o Escolhido não era o MacGil destinado a reinar. Ele não era nada. Era apenas mais um príncipe que havia usurpado o trono.

Gareth sentia a vergonha queimando-o. Ele nunca tinha se sentido mais solitário do que naquele momento. Tudo o que ele tinha imaginado, desde quando ele ainda era uma criança, tinha sido uma mentira. Uma ilusão. Ele tinha acreditado em sua própria fábula.

E isso o havia aniquilado.

CAPÍTULO SEIS

Gareth dava voltas pelo seu quarto, sua cabeça girava atordoada devido a sua incapacidade de erguer a espada, tentando processar as ramificações. Ele sentia-se entorpecido. Mal podia acreditar que tinha sido tão estúpido para tentar erguer a espada, a Espada da Dinastia, a que nenhum MacGil tinha sido capaz de erguer por sete gerações. Por que ele pensou que seria melhor do que os seus antepassados? Por que ele supôs que com ele tudo seria diferente?

Ele deveria ter imaginado. Ele deveria ter sido cauteloso, jamais deveria ter superestimado a si mesmo. Ele deveria simplesmente ter se contentado com ter o trono de seu pai. Por que ele tinha querido ir mais além?

Agora todos os seus súditos sabiam que ele não era o Escolhido; agora o seu governo seria marcado por isso; agora, talvez, eles tivessem mais motivos para suspeitar dele pela morte de seu pai. Ele viu que todo mundo já olhava para ele de forma diferente, como se ele fosse um fantasma andante, como se todos eles já estivessem se preparando para a chegada do próximo rei.

Pior do que isso, pela primeira vez em sua vida, Gareth se sentia inseguro sobre si mesmo. Durante toda a sua vida, ele tinha visto o seu destino de forma clara. Ele tinha certeza de que estava destinado a tomar o lugar de seu pai, de que governaria e de que manejaria a espada. Sua confiança foi abalada ao máximo. Agora, ele não tinha certeza de nada.

O pior de tudo era que ele não conseguia parar de ver a imagem do rosto de seu pai, logo antes de tentar erguer a espada. Teria sido aquela, de fato, sua vingança?

“Bravo.” Disse uma voz lenta, sarcástica.

Gareth virou-se chocado ao perceber que alguém estava com ele em seus aposentos. Ele reconheceu a voz de imediato; era uma voz com a qual ele tinha ficado muito familiarizado com o passar dos

anos, uma voz que ele tinha vindo a desprezar. Era a voz de sua esposa:

Helena.

Lá estava ela, em um canto da sala, observando-o enquanto fumava seu cachimbo de ópio. Ela respirou fundo, segurou a respiração e depois exalou lentamente o ar. Seus olhos estavam vermelhos e ele podia ver que ela tinha estado fumando por muito tempo.

“O que está fazendo aqui?” Ele perguntou.

“Afim de contas, este é meu quarto nupcial.” Ela respondeu. “Eu posso fazer o que eu quiser aqui. Eu sou sua mulher e sua rainha. Não se esqueça. Eu governo este reino, tanto quanto você. E depois de seu desastre hoje, na verdade, eu usaria a palavra *governar* muito vagamente.”

O rosto de Gareth ficou vermelho de raiva. Helena sempre encontrava a maneira de dar-lhe um tapa com luvas de pelica e no momento mais inoportuno. Ele a desprezava mais do que qualquer mulher em sua vida. Ele mal podia conceber que tinha concordado em se casar com ela.

“É mesmo?” Gareth disse entre dentes, virando-se e marchando em direção a ela, fervendo de raiva. “ Sua ordinária! Você esquece que eu sou o rei e que eu posso mandar prendê-la, como posso prender qualquer outra pessoa do meu reino, seja você minha mulher ou não.”

Ela se burlou dele com fungado sarcástico.

“E daí?” Ela retrucou. “E você daria motivos para que seus novos súditos especulassem sobre sua sexualidade? Não, duvido muito disso. Não no mundo intrigante de Gareth. Não na mente do homem que se preocupa mais do que ninguém com o que as pessoas pensam dele.”

Gareth parou diante dela, percebendo que ela tinha uma maneira de ver através dele que o incomodava até o mais íntimo de seu ser. Ele entendeu a ameaça dela e percebeu que discutir com ela não serviria de nada. Então, ele ficou ali, em silêncio, esperando, com os punhos fechados.

“O que é que você quer?” Ele disse lentamente, tentando controlar-se para não acabar fazendo algo precipitado. “Você não viria a mim se não quisesse alguma coisa.”

Ela riu um riso seco, zombeteiro.

“Eu tomarei qualquer coisa que eu quiser. Eu não vim aqui para pedir-lhe nada. Mas sim, para lhe dizer uma coisa: todo o seu reino acabou de testemunhar seu fracasso ao tentar elevar a espada. Onde isso nos deixa?”

“O que você quer dizer com *nos*?” Ele perguntou tentando imaginar aonde ela queria chegar.

“Seu povo agora já sabe o que eu sempre soube: que você é um fracasso. Que você não é o Escolhido. Parabéns. Pelo menos agora isso é oficial.”

Ele rebateu.

“Meu pai não pôde empunhar a espada. Isso, efetivamente, não o impediu de governar como rei.”

“Mas afetou o seu reinado.” Ela retrucou. “Cada momento dele.”

“Se você está tão infeliz com minha incapacidade...” Gareth disse irritado. “... Por que você simplesmente não deixa este lugar? Deixe-me! Acabe com a paródia de nosso casamento. Eu sou o Rei agora. Eu não preciso mais de você.”

“Fico feliz que você tenha tocado nesse ponto...” Ela disse. “... Porque essa é precisamente a razão pela qual eu vim aqui. Eu quero que você termine o nosso casamento oficialmente. Eu quero o divórcio. Há um homem que eu amo. Um homem *de verdade*. De fato, um de seus cavaleiros. Ele é um guerreiro. Nós estamos apaixonados. A diferença de qualquer amor que eu tenha tido, o nosso amor é verdadeiro. Divorcie-se de mim, assim eu poderei deixar de manter esse assunto em segredo. Eu quero que o nosso amor seja público. Eu quero me casar com ele.”

Gareth olhou para ela chocado, sentindo-se vazio por dentro, era como se um punhal tivesse acabado de ser mergulhado em seu peito. Por que Helena tinha de aparecer? Por que ela tinha de aparecer justo naquele momento? Era demais para ele. Ele se sentia como se o mundo estivesse chutando-o enquanto ele estava caído.

Apesar de si mesmo, Gareth ficou surpreso ao perceber que ele tinha alguns sentimentos profundos por Helena, porque quando ele ouviu as palavras sérias dela pedindo-lhe o divórcio, ele sentiu algo estranho dentro dele. Isso o perturbou. Apesar de si mesmo, ele percebeu que não queria divorciar-se dela. Se a ideia tivesse partido dele, seria diferente, mas a ideia veio dela. Ele não queria que ela conseguisse fazer suas vontades, não tão facilmente.

Acima de tudo, ele se perguntava como um divórcio iria influenciar o seu reinado. Um rei divorciado levantaria muitas perguntas. E, apesar de si mesmo, ele se encontrou com ciúmes do cavaleiro. Ele estava ressentido com ela por ela ter esfregado na cara dele sua falta de masculinidade. Ele queria vingança. Queria vingar-se dela e de seu amante.

“Você não pode contar com o divórcio.” Ele retrucou. “Você está unida a mim. Atada como minha esposa, para sempre. Eu nunca vou deixar você livre. E se eu encontrar esse cavaleiro com o qual você está me traindo, eu vou mandar torturá-lo e executá-lo.”

Helena rosou para ele.

“Eu *não* sou sua esposa! Você não é meu marido. Você não é homem. A nossa é uma união profana. Desde o dia em que foi forjada. Foi uma parceria organizada pelo poder. A coisa toda me repugna, sempre me deu nojo. Isso arruinou minha única chance de *realmente* estar casada.”

Ela respirava pesadamente, sua fúria era crescente.

“Você vai me dar o divórcio, ou eu vou revelar para todo o Reino a classe de homem que você é. Você decide.”

Com isso, Helena virou-lhe as costas, marchou pela sala e saiu pela porta aberta, sem nem mesmo se preocupar em fechá-la atrás de si.

Gareth ficou sozinho no quarto de pedra, ouvindo o eco dos passos de Helena e sentiu um intenso calafrio atravessar seu corpo, ele não podia parar de tremer. Havia ainda alguma coisa estável a qual ele pudesse apegar-se?

Enquanto Gareth ficou ali, tremendo, olhando a porta aberta, ele se surpreendeu ao ver alguém mais passar por ela. Ele mal teve tempo de processar a conversa com Helena, de analisar todas as

suas ameaças, quando entrou um rosto muito familiar: Firth. Seus habituais passos saltitantes mudaram quando ele entrou na sala timidamente, com um olhar de culpa no rosto.

“Gareth?” Ele perguntou, soando inseguro.

Firth olhou para ele com os olhos arregalados e Gareth podia ver que ele realmente se sentia muito mal. Ele devia se sentir mal, Gareth pensou. Afinal de contas, tinha sido Firth quem tinha lhe dado a ideia de empunhar a espada; quem finalmente, o tinha convencido; quem o fez pensar que ele era mais do que realmente era. Sem Firth sussurrando tudo isso em seus ouvidos, quem sabe? Talvez Gareth nem sequer tivesse tentado erguer a espada.

Gareth se virou para ele, fervendo. Em Firth ele finalmente encontrou um objeto ao qual dirigir toda a sua raiva. Afinal, Firth foi quem matou seu pai. Para começar a história, foi Firth, esse garoto estúpido dos estábulos, quem tinha causado toda aquela confusão. Agora ele era só mais um sucessor fracassado da linhagem dos MacGil.

“Eu odeio você.” Gareth enfureceu. “Que tal suas promessas agora? O que me diz de sua confiança em que eu levantaria a espada?”

Firth engoliu saliva, olhando muito nervoso. Ele estava sem palavras. Claramente, ele não tinha nada a dizer.

“Desculpe-me, meu senhor.” Ele disse. “Eu estava errado.”

“Você estava errado sobre muitas coisas.” Gareth retrucou.

Na verdade, quanto mais Gareth pensava nisso, mais ele percebia quão errado Firth tinha estado. Na verdade, se não fosse por Firth, seu pai ainda estaria vivo e Gareth não estaria no meio daquele caos. O peso do reinado não estaria sobre sua cabeça, todas as coisas não teriam resultado tão mal. Gareth ansiava por dias mais simples, quando ele não era o rei, quando seu pai estava vivo. Ele sentiu um súbito desejo de trazer aquele tempo de volta, sentiu saudades da forma como as coisas costumavam ser. Mas ele não podia. E ele tinha Firth para culpar por tudo isso.

“O que você está fazendo aqui?” Gareth pressionou.

Firth limpou a garganta, obviamente nervoso.

“Eu ouvi rumores... sussurros de servos falando. Ouvi falar que seu irmão e sua irmã estão fazendo perguntas. Eles foram vistos no quarto dos empregados examinando a rampa de resíduos em busca da arma do crime. Ou seja, o punhal que eu usei para matar seu pai.”

O corpo de Gareth ficou gelado com essas palavras. Ele ficou congelado, em estado de choque e medo. Será que o dia ainda poderia ficar pior?

Ele pigarreou.

“E o que eles descobriram?” Ele perguntou com a garganta seca, as palavras mal saíam de sua boca.

Firth balançou a cabeça.

“Não sei, meu senhor. Tudo o que sei é que eles suspeitam de algo.”

Gareth sentiu um ódio renovado por Firth, um ódio que ele não sabia que era capaz de ter. Se Firth não fosse um trapalhão, se tivesse descartado a arma corretamente, ele não estaria naquela posição. Firth o havia deixado totalmente vulnerável.

“Eu só vou dizer isto uma vez...” Disse Gareth, chegando perto de Firth, aproximando-se de seu rosto e olhando furiosamente para ele com o olhar mais duro que conseguiu dar. “... Eu não quero ver seu rosto novamente. Você me entende? Deixe a minha presença e nunca mais volte aqui. Vou relegar você a uma posição muito longe daqui. E se alguma vez pisar dentro das muralhas do castelo de novo, tenha a certeza de que eu vou mandar arrestá-lo.”

“AGORA VÁ EMBORA!” Gareth gritou com fúria.

Firth virou-se e fugiu do quarto com os olhos cheios de lágrimas, seus passos ecoaram por muito tempo depois que ele desceu pelo corredor.

Os pensamentos de Gareth se voltaram para a espada, para sua tentativa fracassada. Ele não podia evitar sentir que tinha posto em marcha uma grande calamidade contra si mesmo. Ele sentia como se tivesse acabado de se jogar por um penhasco e que daquele momento em diante, ele só estaria enfrentando sua caída.

Ele ficou ali, grudado ao chão de pedra no silêncio do quarto de seu pai, tremendo. Ele se perguntava que classe de situação ele

tinha criado. Ele nunca tinha se sentido tão só, tão inseguro.
Era isso o que significava governar?

*

Gareth se apressou pela escada de pedra em forma de espiral, percorrendo andar após andar, para chegar até o seu caminho no parapeito das muralhas mais altas do castelo. Ele precisava de ar fresco. Ele precisava de tempo e espaço para pensar. Ele precisava de uma vista apreciável do seu reino, de uma chance de ver a sua corte, o seu povo e de lembrar que tudo aquilo era seu. Ele precisava lembrar que apesar do pesadelo que tinham sido os eventos do dia, depois de tudo, ele ainda era rei.

Gareth tinha dispensado seus assistentes e corria sozinho, lance após lance respirando com dificuldade. Ele parou em um dos andares, inclinou-se e prendeu a respiração. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. Ele continuava vendo o rosto de seu pai, repreendendo-o em cada volta.

“Eu odeio você!” Ele gritou para o vazio.

Ele podia jurar que ele tinha ouvido um riso zombeteiro de volta. O riso de seu pai.

Gareth precisava ir embora dali. Ele virou-se e continuou correndo, correndo, até que finalmente chegou ao topo. Ele entrou pela porta e o ar fresco do verão golpeou seu rosto.

Ele respirou fundo recuperando o fôlego, deleitando-se com a luz do sol, com a brisa quente. Ele tirou o manto, o manto de seu pai e jogou-o no chão. Estava quente demais e ele já não queria mais usá-lo.

Ele correu para a beira do parapeito e agarrou-se ao muro de pedra, respirando com dificuldade, olhando para baixo para sua corte. Ele podia ver a multidão interminável deixando o castelo. Eles estavam saindo da cerimônia. Sua cerimônia. Ele quase podia sentir sua decepção dali onde estava. Eles pareciam tão pequenos. Ele se maravilhou com o fato de que todos eles estavam sob seu controle.

Mas por quanto tempo?

“Reinados são coisas curiosas.” Disse uma voz antiga.

Gareth virou-se e viu, para sua surpresa, Argon ali a metros de distância usando um manto branco com capuz e segurando seu

bastão. Argon olhava para ele com um sorriso no canto dos lábios, mas seus olhos não estavam sorrindo. Eles estavam brilhando, olhando através dele e eles deixavam Gareth nervoso. Eles viam demais.

Havia tantas coisas que Gareth tinha desejado dizer a Argon, que tinha desejado perguntar-lhe. Mas agora que ele já havia falhado em empunhar a espada, ele não conseguia se lembrar de uma única delas.

“Por que você não me contou?” Gareth suplicou com desespero em sua voz. “Você poderia ter me dito que eu não estava destinado a erguê-la. Você poderia ter me poupado dessa vergonha.”

“E por que eu faria isso?” Argon perguntou.

Gareth fez uma careta.

“Você não é um verdadeiro conselheiro do Rei.” Disse ele. “Você teria aconselhado meu pai lealmente. Mas não me aconselhou.”

“Talvez ele fosse merecedor de um conselheiro leal.” Argon replicou.

A fúria de Gareth aprofundou-se. Ele odiava aquele homem. E o culpava de tudo.

“Eu não quero você perto de mim.” Disse Gareth. “Não sei por que meu pai nomeou você, mas não quero você na corte do rei.”

Argon riu, era uma risada oca, apavorante.

“Seu pai não me nomeou, rapaz tolo.” Ele disse. “Nem o pai dele. Eu estava destinado a estar aqui. Na verdade, você pode dizer que eu *os* nomeei.”

Argon de repente deu um passo à frente e parecia que ele estava olhando para alma de Gareth.

“Será que eu poderia dizer o mesmo de você?” Argon perguntou. “Será que você está destinado a estar aqui?”

Suas palavras tocaram um nervo em Gareth, ele sentiu um calafrio percorrer seu corpo. Era o que Gareth tinha estado perguntando a si mesmo. Gareth se perguntava se elas eram uma ameaça.

“Aquele que reinar por sangue vai governar com sangue.” Argon proclamou e com essas palavras, ele rapidamente virou as costas e começou a se afastar.

“Espere!” Gareth gritou, não querendo mais que ele fosse embora, ele precisava de respostas. “O que quer dizer com isso?”

Gareth não podia evitar sentir que Argon estava dando-lhe uma mensagem: que ele não iria governar por muito tempo. Ele precisava saber se era isso que ele queria dizer.

Gareth correu atrás dele, mas quando ele se aproximou, Argon desapareceu bem diante de seus olhos.

Gareth virou-se, olhou ao seu redor, mas não viu nada. Ele ouviu apenas um riso oco, em algum lugar no ar.

“Argon!” Gareth gritava.

Ele virou-se novamente, em seguida, olhou para os céus, apoiou-se em um joelho, jogou a cabeça para trás e deu um grito estridente:

“ARGON!”

CAPÍTULO SETE

Erec marchava ao lado do Duque, de Brandt e de dezenas de homens da comitiva do Duque, pelas ruas sinuosas de Savária. À medida que eles prosseguiam a multidão crescia. Eles iam em direção à casa da jovem serva. Erec havia insistido em encontrá-la sem demora e o duque queria mostrar-lhe o caminho pessoalmente. E por onde o Duque passava, todos o seguiam. Erec olhava para a enorme e crescente comitiva e estava envergonhado, ele percebeu que chegaria à casa da moça com dezenas de pessoas a reboque.

Desde a primeira vez que ele a viu, Erec não foi capaz de pensar em mais nada. Ele se perguntava: quem era aquela garota que parecia tão nobre e ainda assim trabalhava como serva na corte do Duque? Por que ela fugiu dele tão apressadamente? Por que, em todos esses anos, de todas as mulheres nobres que ele conhecera, ela era a única que tinha capturado seu coração?

O fato de ter estado próximo da realeza toda a sua vida, perto do próprio filho do rei, deu a Erec a capacidade de detectar alguém da realeza em um instante. Por isso, nem bem ele viu a jovem, ele percebeu que ela era de uma posição muito mais nobre do que aquela que estava ocupando. Ele estava ardendo de curiosidade para saber quem ela era; de onde era; o que ela estava fazendo ali. Ele precisava de mais uma oportunidade para pôr seus olhos sobre ela para ver se ele estava imaginando tudo aquilo ou se seus sentimentos ainda eram os mesmos.

“Meus servos me disseram que ela vive na periferia da cidade. Explicou o Duque, conversando enquanto caminhavam. Enquanto eles prosseguiam, as pessoas de todos os lados das ruas abriam suas janelas e olhavam, estavam surpresas com a presença do Duque e de sua comitiva ali naquelas ruas tão humildes.

“Aparentemente, ela é uma das criadas do dono de uma hospedaria. Ninguém sabe sua origem, de onde ela veio. Tudo o

sabem é que um dia ela chegou a nossa cidade e foi contratada para trabalhar nessa hospedaria. Seu passado, pelo que parece, é um mistério.”

Todos dobraram por outra rua, o calçamento debaixo dos seus pés era cada vez mais esburacado. À medida que eles avançavam, podiam notar que as casas eram menores, estavam muito mais próximas umas das outras e estavam mais dilapidadas. O Duque pigarreou.

“Eu a empreguei como serva em minha corte durante ocasiões especiais. Ela é calma e reservada. Ninguém sabe muito sobre ela. Erec...” O Duque disse finalmente, voltando-se para Erec e colocando a mão em seu pulso. “... Você está seguro disso? Essa mulher, seja ela quem for, é apenas mais uma plebeia. Você pode ter qualquer mulher no reino a sua escolha.”

Erec olhou para ele com igual intensidade.

“Eu preciso rever essa jovem. Não importa quem ela é.”

O Duque balançou a cabeça em sinal de desaprovação e todos eles continuaram andando, seguindo rua após rua, passando por vielas estreitas. Enquanto eles seguiam, a vizinhança de Savária tornava-se ainda mais decrépita, as ruas estavam cheias de bêbados, havia sujeira por todos os lados, galinhas e cães vira-latas perambulavam por ali. Passaram por uma taverna após outra, os gritos dos clientes enchiam as ruas. Vários bêbados tropeçaram diante deles e quando a noite começou a cair, as tochas começaram a iluminar as ruas.

“Abram alas para o Duque.” Gritou seu assistente principal, correndo pela frente e empurrando os bêbados para fora do caminho. De uma ponta a outra da rua indivíduos repugnantes se afastavam e observavam espantados enquanto o Duque passava. Erec seguia ao lado dele.

Finalmente, chegaram a uma pequena e humilde pousada, feita de taipa e com um telhado de duas águas. A pousada tinha uma taverna no andar de baixo com capacidade para talvez cinquenta clientes e no andar de cima havia alguns quartos para os hóspedes. A porta da frente estava torta; uma janela estava quebrada e a lâmpada da entrada estava pendurada precariamente; a luz da sua

tocha bruxuleava já que a cera estava quase acabando. Os gritos dos bêbados se propagavam janelas afora, quando o Duque e sua comitiva pararam diante da porta.

Como podia uma jovem tão fina trabalhar em um lugar como aquele? Erec se perguntava horrorizado enquanto ouvia os gritos e vaias que vinham do interior. Seu coração se partiu quando ele pensou nisso, quando ele pensou na humilhação que ela deveria sofrer em um lugar assim. *Não é justo*, ele pensou. Ele sentia-se determinado a resgatá-la daquela miséria.

“Por que veio ao pior lugar possível para escolher uma noiva?” O Duque perguntou virando-se para Erec.

Brandt virou-se para ele também.

“Você ainda tem uma última chance, meu amigo.” Disse Brandt. “Há um castelo cheio de mulheres reais esperando por você lá.”

Mas Erec abanou a cabeça, determinado.

“Abra a porta.” Ele ordenou.

Um dos homens do Duque adiantou-se, puxou o trinco da porta e abriu-a. O cheiro de bebida rançosa saiu em ondas, fazendo-o recuar.

No interior, os homens já bêbados estavam debruçados sobre o bar, sentados junto a mesas de madeira, gritando muito alto, rindo, zombando e empurrando uns aos outros. Eram tipos brutos, Erec podia ver isso só com um olhar. Eles tinham barrigas muito grandes, eram barbudos e suas roupas estavam sujas. Nenhum deles era um guerreiro.

Erec deu vários passos pela taverna procurando pela jovem. Ele não podia imaginar que uma mulher como ela pudesse trabalhar em um lugar assim. Ele se perguntou se eles não teriam vindo para a hospedaria errada.

“Desculpe-me senhor, eu estou à procura de uma mulher.” Erec disse para o homem de pé ao lado dele, o homem era alto e corpulento tinha uma barriga grande e a barba por fazer.

“Ah é?” O homem gritou, zombando. “Bem, você veio ao lugar errado! Isto aqui não é um bordel. No entanto, há um do outro lado da rua — e eu ouvi dizer que as mulheres lá são bonitas e roliças!”

O homem começou a rir muito alto na cara de Erec e vários dos seus companheiros se juntaram a ele.

“Não é um bordel o que estou procurando.” Erec respondeu sério. “Mas apenas uma mulher, uma que trabalha aqui.”

“Então você deve estar se referindo à criada do taverneiro.” Gritou alguém, talvez outro homenzarrão bêbado. “Ela deve estar lá atrás em algum lugar, limpando o chão. Que pena! — eu queria que ela estivesse aqui, no meu colo!”

Os homens caíram todos na gargalhada, morrendo de rir com suas próprias piadas e Erec ficou vermelho de raiva ao pensar nas palavras do bêbado. Ele sentiu-se triste por ela. Por ela ter de servir todos aqueles indivíduos, a humilhação era demais para que ele pudesse contemplar.

“E quem é você?” Perguntou outra voz.

Um homem deu um passo adiante, ele era mais largo que os outros; sua barba e seus olhos eram escuros; tinha uma carranca profunda, queixo largo e estava acompanhado por vários homens de aspecto decadente. Ele era bastante musculoso. Ele se aproximou de Erec de uma maneira ameaçadora e claramente territorial.

“Você está tentando roubar minha criada?” Ele perguntou ameaçador. “Fora daqui!”

Ele se adiantou e estendeu a mão para agarrar Erec.

Mas Erec, já calejado por anos de treinamento e sendo o melhor cavaleiro do Reino, tinha reflexos muito além o que aquele homem poderia imaginar. Assim que o homem pôs suas mãos em Erec, ele entrou em ação, agarrou o pulso do homem o fez girar sobre si mesmo e com a velocidade de um raio, agarrou-o pela parte de trás da camisa e jogou-o do lado da sala.

O brutamontes saiu voando como uma bala de canhão e com ele arrastou vários homens, todos eles caíram no chão daquele pequeno lugar como se fossem pinos de boliche.

A sala inteira ficou em silêncio, quando todos os homens pararam para assistir.

“LUTA! LUTA!” Os homens gritavam em coro.

O estalajadeiro, atordoado, cambaleou e investiu contra Erec, dando um grito estridente.

Desta vez Erec não esperou. Ele rapidamente deu um passo à frente para encontrar seu agressor, levantou o braço e deu uma cotovelada no rosto do homem, quebrando seu nariz.

O dono da hospedaria cambaleou para trás, em seguida, arriou caindo de costas no chão.

Erec avançou, agarrou o homem e apesar de seu tamanho, o levantou bem alto por cima de sua cabeça. Ele deu vários passos e lançou o homem pelos ares, ele saiu voando e levando a metade da sala com ele.

Todos os homens na sala congelaram, pararam de gritar e ficaram em silêncio, começando a perceber que alguém especial estava entre eles. Porém, de repente, o taverneiro veio correndo com uma garrafa de vidro erguida sobre sua cabeça, ele apontava diretamente para Erec.

Erec tinha previsto isso e já tinha a mão em sua espada, mas antes que pudesse desembainhá-la, seu amigo Brandt deu um passo adiante, colocou-se ao lado dele, tirou uma adaga do cinto e apontou com ela para garganta do taverneiro.

O taverneiro correu direto para ele e parou frio, a lâmina estava prestes a perfurar sua pele. Ele ficou ali, com os olhos arregalados de medo, suando, paralisado com a garrafa no ar. A sala ficou em silêncio num impasse em que se poderia ouvir um alfinete cair.

“Solte-a.” Brandt ordenou.

O taverneiro soltou a garrafa e ela se espatifou no chão.

Erec desembainhou a espada com um ruído metálico retumbante e caminhou até o estalajadeiro, que estava gemendo no chão e apontou para a garganta dele.

“Só vou dizer isto uma vez,” Erec falou. “Limpe esta sala de toda essa ralé. Agora. Eu exijo ter uma conversa com a dama. Sozinho.”

“O Duque!” Alguém gritou.

A sala inteira virou-se e finalmente reconheceu o Duque que estava parado ali, na entrada, ladeado por seus homens. Todos eles correram para tirar seus gorros e curvar suas cabeças.

“Se a sala não estiver desocupada até eu terminar de falar...” O Duque exclamou: “... Cada um de vocês aqui será aprisionado de

uma vez.”

A sala rompeu em um frenesi, todos os homens se apressaram para desocupá-la. Eles passaram correndo pelo Duque e saíram pela porta da frente, deixando suas garrafas de cerveja pela metade no lugar onde haviam estado bebendo.

“E fora daqui você também.” Disse Brandt para o taverneiro, baixando a adaga, agarrando-o pelos cabelos e empurrando-o portas afora.

A sala, que momentos antes tinha estado tão turbulenta, agora estava quase vazia, silenciosa, ficaram ali unicamente Erec, Brandt, o Duque e uma dúzia de seus homens mais próximos. Eles fecharam a porta atrás de si com um estrondo retumbante.

Erec virou-se para o estalajadeiro que estava sentado no chão, ainda atordoado, limpando o sangue de seu nariz. Erec o agarrou pela camisa, ergueu-o com ambas as mãos e o fez sentar-se em um dos bancos vazios.

“Você arruinou a fêria da noite.” Lamentou-se o estalajadeiro.
“Você vai pagar por isso.”

O Duque deu um passo à frente e o esbofeteou.

“Eu poderia mandar matá-lo por tentar colocar uma mão sobre este homem.” Disse o Duque repreendendo-o. “Você não sabe quem é este homem? Este é Erec, o melhor cavaleiro do rei, o campeão do Exército Prata. Se ele quiser, poderá matá-lo aqui, agora mesmo.”

O estalajadeiro olhou para Erec e pela primeira vez, um medo real atravessou seu rosto. Ele estava quase tremendo em seu assento.

“Eu não tinha ideia. Você não se anunciou.”

“Onde está ela?” Erec exigiu impaciente.

“Ela está na parte de trás, esfregando a cozinha. O que é que você quer com ela? Ela roubou algo seu? Ela é só mais uma criada.”

Erec puxou seu punhal e apertou-o contra o pescoço do homem.

“Se você a chamar de criada de novo...” Erec advertiu. “... Poderá estar certo de que eu cortarei sua garganta. Está me entendendo?”
Erec perguntou firmemente enquanto ele segurava a lâmina contra a pele do homem.

Os olhos do homem se encheram de lágrimas, enquanto ele assentia lentamente.

“Traga-a até aqui e depressa!” Erec ordenou e puxou-o para que se levantasse, logo lhe deu um empurrão enviando-o para o outro lado da sala em direção à porta traseira.

Quando o estalajadeiro se foi, ouviu-se o barulho de painéis atrás da porta e gritos abafados, então, momentos depois a porta foi aberta e por ela saíram várias mulheres vestidas com blusas e gorros esfarrapados, cobertos de gordura. Havia três mulheres mais velhas, na faixa dos sessenta e Erec se perguntou por um momento se o estalajadeiro sabia de quem ele estava falando.

E então ela surgiu — o coração de Erec parou em seu peito.

Ele mal conseguia respirar. Era ela.

Ela usava um avental, coberto de manchas de gordura e mantinha a cabeça baixa com vergonha de olhar para cima. Seu cabelo estava amarrado, coberto por um pano, suas bochechas estavam cobertas de fuligem e, ainda assim, Erec ficou prendado por ela. Sua pele era tão jovem, tão perfeita. Seus pômulos e seu maxilar eram bem esculpidos, seu nariz era pequeno e coberto de sardas, seus lábios eram cheios. Ela tinha uma testa régia, larga e seu lindo cabelo loiro se desparramava por debaixo de sua touca.

Ela olhou para ele apenas por um momento e seus grandes e maravilhosos olhos verdes amendoados fizeram com que Erec ficasse imóvel, grudado ao chão. Os olhos dela mudaram de cor com a luz, ficaram azuis como o cristal para, em seguida, voltar à cor verde. Erec ficou surpreso ao perceber que estava ainda mais hipnotizado por ela naquele momento, do que havia estado quando ele a conheceu.

Atrás dela, saiu o estalajadeiro, carrancudo, ainda limpando o sangue de seu nariz. A garota avançou timidamente, cercada pelas outras mulheres mais velhas, em direção a Erec e fez uma reverência quando se aproximou dele. Erec ficou de pé diante dela junto com vários homens da comitiva do Duque.

“Meu senhor.” Ela disse com sua voz suave, doce, enchendo o coração de Erec. “Por favor, diga-me o que fiz para ofendê-lo. Não

sei o que foi, mas sinto muito por tudo o que tenho feito para justificar a presença da corte do Duque.”

Erec sorriu. As palavras dela, sua linguagem, o som da sua voz — tudo o fez sentir-se renovado. Ele desejou que ela nunca parasse de falar.

Erec estendeu a mão e com ela tocou-lhe o queixo, levantando-o até que seus olhos suaves encontraram os dele. Seu coração disparou quando ele olhou nos olhos dela. Era como se perder em um mar de azul.

“Minha senhora, a senhora não fez nada para ofender-me. Eu não creio que a senhora seja capaz de ofender. Venho aqui não por causa de ofensas, mas por causa do amor. Desde que a vi, não fui capaz de pensar em mais nada.”

A garota parecia confusa e imediatamente baixou os olhos para o chão, piscando várias vezes. Ela torcia as mãos, parecendo nervosa, atordoada. Era óbvio que ela não estava habituada a isso.

“Por favor, minha senhora, diga-me. Qual é o seu nome?”

“Alistair.” Ela respondeu, humildemente.

“Alistair.” Erec repetia embelezado. Era o nome mais lindo que ele já tinha ouvido.

“Mas eu não sei de que lhe serviria saber o meu nome.”

Acrescentou ela em voz baixa, ainda olhando para o chão. “O senhor é um Lorde e eu sou apenas uma criada.”

“Ela é *minha* criada, para ser exato.” Disse o estalajadeiro dando um passo à frente com ar arrogante. “Ela é dependente de mim. Ela assinou um contrato há alguns anos. Sete anos foi o que ela prometeu. Em troca, eu lhe dou casa e comida. Ela já leva três anos aqui. Então, como pode ver, você está perdendo o tempo. Ela é minha. Minha propriedade. Você não poderá levá-la. Ela é minha. Você entende?”

Erec sentiu um ódio pelo estalajadeiro superior a qualquer ódio que ele pudesse ter sentido por outro homem. Ele estava a ponto de desembainhar sua espada e com ela perfurar o coração daquele homem e acabar com ele. No entanto, por mais que aquele homem perverso merecesse, Erec não queria violar a lei do rei. Afinal, suas ações refletiam sobre o rei.

“A lei do Rei é a lei do Rei.” Erec disse para o homem, com firmeza. “Eu não pretendo violá-la. Dito isso, amanhã começam os torneios e eu tenho o direito, como qualquer homem, a escolher a minha noiva. Saibam todos os aqui presentes que eu escolho Alistair.”

Um suspiro espalhou-se pelo quarto quando todos se viraram uns para os outros, completamente chocados.

“Isto é...” Erec acrescentou. “... Se ela aceitar.”

Erec olhou para Alistair, seu coração batia descompassado enquanto ela continuava com o rosto baixo olhando para o chão. Ele podia ver que ela estava corando.

“A senhora aceita?” Ele perguntou.

O silêncio apoderou-se da sala.

“Meu Senhor...” Ela disse baixinho. “... O senhor não sabe nada sobre quem eu sou, de onde eu sou, por que eu estou aqui. E eu receio que eu não possa contar-lhe nada sobre essas coisas.”

Erec olhou para ela intrigado.

“Por que não pode me contar?”

“Eu nunca contei a ninguém desde a minha chegada. Eu fiz uma promessa.”

“Mas por quê?” Ele pressionou muito curioso.

Mas Alistair simplesmente manteve seu rosto baixo e ficou em silêncio.

“É verdade.” Uma das mulheres se intrometeu dizendo:

— Esta mulher nunca nos disse quem ela é, ou por que ela está aqui. Ela não quer. Já tentamos por anos.

Erec estava profundamente intrigado com ela, mas isso só aumentava seu mistério.

“Se eu não posso saber quem a senhora é, então não vou insistir.” Erec disse. “Eu respeito sua promessa. Mas isso não vai mudar o meu afeto pela senhora. Minha senhora, quem quer que seja, se eu ganhar estes torneios, então eu a escolherei como meu prêmio. Escolherei a senhora, entre todas as mulheres de todo o Reino. Pergunto mais uma vez: A senhora aceita?”

Alistair manteve seus olhos fixos no chão e enquanto Erec a observava, ele via as lágrimas rolando pelo rosto dela.

De repente, ela se virou e fugiu da sala correndo, fechando com força a porta atrás de si.

Erec ficou ali com os outros, no silêncio atordoante. Ele mal sabia como interpretar a resposta dela.

“Então, como você viu, você perdeu seu tempo e o meu.” Disse o estalajadeiro. “Ela disse que não. Então, caia fora.”

Erec franziu a testa.

“Ela não disse que não.” Brandt interrompeu. “Ela apenas não respondeu.”

“Ela tem o direito de tomar o seu tempo.” Erec disse em defesa dela. “Afinal, é muita coisa para considerar. Ela também não me conhece.”

Erec ficou ali, debatendo sobre o que fazer.

“Vou ficar aqui esta noite.” Erec finalmente anunciou. “Você vai me dar um quarto aqui, no corredor perto dela. Pela manhã, antes de começarem os torneios, eu vou perguntar para ela novamente. Se ela aceitar e se eu ganhar, ela será minha noiva. Se assim for, eu vou comprar o contrato de servidão dela de você e ela abandonará este lugar comigo.”

O dono da hospedaria claramente não queria Erec sob seu teto, mas não se atreveu a dizer nada. Então ele se virou e saiu da sala, batendo a porta atrás de si.

“Tem certeza de que deseja ficar aqui?” O Duque perguntou. “Volte para o castelo com a gente.”

Erec assentiu com a cabeça, sério.

“Eu nunca tive tanta certeza de algo em minha vida.”

CAPÍTULO OITO

Thor saltou através do ar e mergulhou, caindo de cabeça nas águas agitadas do Mar de Fogo.

Ele penetrou na água e afundou permanecendo submerso. Ele se surpreendeu ao sentir que a água estava quente.

Abaixo da superfície, Thor abriu os olhos brevemente e logo se arrependeu de ter feito isso. Ele deu uma olhada e viu todo tipo de criaturas marinhas estranhas, pequenas e grandes, com suas caras feias, grotescas e incomuns. O oceano estava infestado delas. Thor rezou para que elas não o atacassem antes que ele pudesse alcançar a segurança do barco.

Thor veio à tona com uma arfada, ele procurou imediatamente o menino que estava se afogando. Conseguiu vê-lo bem a tempo: o garoto estava debatendo-se e afundando, mais alguns segundos e ele certamente teria se afogado.

Thor se aproximou, agarrou o jovem passando um braço ao redor de sua clavícula e começou a nadar com ele, tratando de manter a cabeça dos dois acima da água. Thor ouviu um gemido, um ganido e quando se virou ficou admirado ao ver Krohn: ele devia ter pulado na água em sua ajuda. O leopardo nadava ao lado dele e ganhava enquanto tentava aproximar-se de Thor movendo suas patas para dar impulso. Thor sentia-se mal por ver Krohn assim, em perigo, mas suas mãos já estavam ocupadas e havia pouco que ele pudesse fazer.

Thor tentou não olhar para as águas vermelhas e agitadas ao seu redor, ele não queria ver as criaturas estranhas surgindo e desaparecendo ao redor dele. Uma criatura feia, roxa, com quatro braços e duas cabeças, surgiu nas proximidades e silvou para ele, logo depois ela submergiu, fazendo Thor estremecer.

Thor se virou e viu barco a remo a cerca de vinte metros de distância. Ele nadou freneticamente até o barco, usando seu braço

livre e as pernas, enquanto arrastava o garoto. O jovem se debatia e gritava, resistindo e Thor tinha medo de poder afundar junto com ele.

“Fique quieto!” Thor gritou duramente, esperando que o menino escutasse.

Finalmente, ele se acalmou. Thor estava momentaneamente aliviado — até que ele ouviu um estrondo e virou a cabeça para o outro lado: bem ao lado dele, outra criatura veio à tona, ela era pequena tinha uma cabeça amarela e quatro tentáculos. Sua cabeça era quadrada e ela nadava até ele, rosnando e sacudindo-se. Se a cabeça da criatura não fosse quadrada ela pareceria uma serpente marinha. Thor precaveu-se já que a criatura se aproximava cada vez mais, ele preparou-se para ser mordido, mas, de repente, a criatura abriu sua enorme boca e cuspiu água do mar para ele. Thor piscou, tentando eliminá-la de seus olhos.

A criatura nadava em círculos ao redor dele e Thor redobrou seus esforços, nadando mais rápido, tentando fugir.

Thor estava fazendo progressos e já se aproximava do barco, quando de repente, surgiu outra criatura do outro lado dele. Ela era longa, estreita e alaranjada, tinha duas pinças próximas da boca e dezenas de pequenas pernas. Ela também tinha uma longa cauda, que chicoteava a água em todas as direções. Parecia uma lagosta de pé. Ela ficou rodeando Thor, dando voltas como um besouro d'água, logo se encaminhou para bem perto de Thor, voltando-se para o lado e chicoteando sua cauda. A cauda chicoteou o braço de Thor e ele gritou de dor com a picada.

A criatura passava por ele zunindo em todas as direções e chicoteava uma e outra vez. Thor desejou que ele pudesse desembainhar a espada e atacá-la, mas ele só tinha uma mão livre e ele precisava nadar.

Krohn que estava nadando ao lado de Thor, virou-se e rosnou para a criatura, foi um barulho de arrepiar os cabelos. Krohn nadou destemidamente até o animal, assustando-o e fazendo-o desaparecer sob as águas. Thor suspirou de alívio, então, de repente a criatura reapareceu do outro lado e atacou-o novamente. Krohn

deu a volta e perseguiu-a por toda a parte, tentando pegá-la, ele tratava de mordê-la, mas sempre falhava.

Thor nadava por sua vida, percebendo que a única maneira sair daquela confusão era sair daquele mar. Depois do que pareceu uma eternidade e de nadar com a maior dificuldade, ele conseguiu chegar perto do barco, o qual balançava violentamente com as ondas. Enquanto Thor se aproximava, dois membros da Legião estavam esperando ali para ajudá-lo. Eles eram mais velhos e nunca tinham falado com Thor e seus colegas antes. Para seu crédito, eles se inclinaram e estenderam-lhe uma mão.

Thor ajudou o garoto primeiro, rodeando-o com os braços e levantando-o em direção ao barco. Os rapazes mais velhos agarraram o garoto pelos braços e o puxaram para dentro.

Thor em seguida aproximou-se de Krohn agarrou-o pela barriga e jogou-o para dentro do barco. Krohn aterrissou sobre as quatro patas, deslizou pelo fundo molhado do barco, escorregando e arranhando a madeira, a água escorria de sua pele e ele tremia. Em seguida, ele afirmou-se, virou-se e correu de volta para a borda, à procura de Thor. Ele ficou ali olhando para a água e ganindo.

Thor agarrou a mão estendida de um dos rapazes, ele já estava sendo puxado para o barco quando de repente sentiu algo forte e musculoso enroscando-se em seu tornozelo e em sua coxa. Ele virou-se e olhou para baixo, seu coração gelou quando ele viu uma criatura verde-limão, parecida com uma lula, enrolando um tentáculo em torno de sua perna.

Thor gritou de dor quando sentiu seus ferrões perfurando sua carne.

Thor percebeu que se ele não fizesse algo rápido, logo estaria liquidado. Com a mão livre ele tirou do seu cinto uma adaga curta, inclinou-se e tratou de cortar o tentáculo. Mas ele era tão grosso, o punhal não podia nem sequer perfurá-lo.

Isso o enfureceu. A cabeça verde da criatura de repente veio à tona, ela não tinha olhos, possuía duas mandíbulas em seu pescoço longo, uma sobre a outra, ela abriu as suas fileiras de dentes afiados e se inclinou em direção a Thor. Thor sentia o sangue parando de circular em sua perna e sabia que tinha de agir rápido. Apesar dos

esforços dos rapazes mais velhos para segurá-lo, a mão de Thor estava escorregando e ele estava afundando de volta na água.

Krohn gania e gania, o pelo de suas costas estava eriçado, ele se inclinou como se estivesse se preparando para dar o bote na água. Mas até mesmo Krohn sabia muito bem que seria inútil atacar aquela coisa monstruosa.

Um dos rapazes mais velhos se adiantou e gritou:

“ABAIXE-SE!”

Thor baixou a cabeça quando o rapaz atirou uma lança. Ela zumbiu pelo ar, mas não acertou o alvo, simplesmente voou inofensivamente e afundou na água. A criatura era muito magra, e rápida demais.

De repente, Krohn pulou para fora do barco, de volta para a água, caindo com suas mandíbulas abertas e os seus dentes afiados sobre a parte de trás do pescoço da criatura. Krohn sujeitava a criatura com suas mandíbulas balançando-a para a esquerda e para a direita, não a deixando escapar.

Mas era uma batalha perdida: a pele da criatura era muito grossa e ela era puro músculo. A criatura sacudia Krohn para todos os lados e finalmente o jogou na água. Enquanto isso, o tentáculo da criatura apertava cada vez mais a perna de Thor, era como um vício. Thor estava ficando sem oxigênio. Os tentáculos queimavam terrivelmente, Thor sentia que sua perna estava prestes a ser arrancada de seu corpo.

Em uma última tentativa desesperada, Thor soltou a mão do rapaz e com o mesmo movimento se virou e tentou pegar a espada curta que estava em seu cinto.

Mas ele não pôde agarrá-la a tempo. Ele escorregou, girou e caiu de cara na água.

Thor sentiu-se arrastado para mais longe do barco, a criatura puxava-o para o mar. Ele estava sendo arrastado para trás cada vez mais rápido e quando ele estendeu a mão sem poder fazer nada, ele viu o barco a remo desaparecer diante dele. A próxima coisa que ele sentiu foi que estava sendo puxado para baixo, bem abaixo da superfície da água, puxado para o fundo, para as profundezas do Mar de Fogo.

CAPÍTULO NOVE

Gwendolyn corria pelo campo aberto, seu pai, o rei MacGil, estava ao lado dela. Ela era jovem, talvez tivesse dez anos e seu pai era muito mais jovem também. A barba dele era curta, não tinha os fios grisalhos que teria mais tarde na vida. Sua pele estava livre de rugas, era jovem, brilhante. Ele estava feliz, despreocupado e ria relaxado enquanto segurava a mão de Gwen e corria com ela através dos campos. Era assim que ela recordava seu pai. Aquele era o pai que ela havia conhecido.

Ele levantou-a, colocou-a sobre os ombros e a girava vez após vez, rindo cada vez mais alto e ela ria histericamente. Ela sentia-se tão segura em seus braços, ela queria que aquele tempo que passavam juntos nunca acabasse.

Mas quando seu pai a colocou no chão, algo estranho aconteceu. De repente, o dia passou de uma tarde ensolarada para o crepúsculo. Quando os pés de Gwen tocaram o chão, eles já não estavam nas flores do prado, mas presos na lama até os tornozelos. Seu pai agora estava deitado de costas na lama, a poucos metros de distância dela. Ele estava ficando velho, muito velho, velho demais e ele estava preso na lama. Um pouco mais longe, também jogada na lama, sua coroa ainda brilhava.

"Gwendolyn." Ele dizia sufocado. "Minha filha. Ajude-me."

Ele levantou uma mão para fora da lama e a estendeu para ela, desesperado.

Ela foi invadida pela urgência de ajudá-lo e tentou ir ter com ele para pegar sua mão. Mas seus pés não se moviam. Ela olhou para baixo e viu a lama endurecendo ao redor dela, secando, rachando. Ela se mexia e se contorcia, tentando se libertar.

Gwen piscou os olhos e viu-se de pé sobre o parapeito do castelo, olhando para baixo na Corte do Rei. Alguma coisa estava errada: quando ela olhou para baixo, não viu o esplendor habitual e

as festividades, mas sim um cemitério alastrando-se. No lugar onde uma vez esteve o esplendor luminoso da Corte do Rei, havia agora sepulturas novas até onde a vista alcançava.

Ela ouviu um ruído de pés que se arrastavam e seu coração parou quando ela se virou para ver um assassino, vestindo uma capa preta e capuz. Ele aproximou-se dela. Ele correu para ela, puxou o capuz para trás, revelando um rosto grotesco no qual estava faltando um olho. No lugar dele havia uma horrenda cicatriz contornando a bacia orbital. O assassino rosnou, ergueu a mão e levantou um punhal reluzente, seu punho era vermelho brilhante.

Ele estava se movendo muito rápido e ela não conseguiu reagir a tempo. Ela se preparou, sabendo que estava prestes a ser morta quando o homem baixou o punhal com toda a força.

O assassino parou de repente, a poucos centímetros de seu rosto e ela abriu os olhos para ver seu pai ali, com um aspecto cadavérico, agarrando o pulso do homem no ar. Ele apertou a mão do homem até que ele deixou cair o punhal, em seguida, ergueu o homem sobre seus ombros e jogou-o pelo parapeito. Gwen ouvia seus gritos enquanto ele despencava pela borda.

Seu pai se virou e olhou para ela, ele agarrou os ombros dela firmemente com suas mãos em decomposição e tinha uma expressão severa.

“Este não é um lugar seguro para você.” Ele advertiu. “Não é seguro!” Ele gritou; suas mãos apertavam firmemente os ombros dela, seus dedos cravaram em seus ombros com a força do seu aperto, fazendo Gwen chorar.

Gwen acordou gritando. Ela sentou-se na cama, olhando ao redor de seu quarto, esperando um atacante.

Mas ela não encontrou mais que silêncio — o denso e tranquilo silêncio que precede o amanhecer.

Gwen estava suando e respirava com dificuldade quando pulou da cama e passeou por seu quarto, vestida com sua camisola rendada. Ela correu para uma pequena bacia de pedra e molhou seu rosto uma e outra vez. Ela apoiou-se contra a parede, sentiu a pedra fria sob seus pés descalços naquela manhã quente de verão e tentou se recompor.

O sonho parecia tão real. Ela sentia que era mais do que um sonho, que era um verdadeiro aviso de seu pai, uma mensagem. Ela sentiu a urgência de deixar a Corte do Rei naquele instante e nunca mais voltar.

Ela sabia que era algo que não podia fazer. Ela tinha de se recompor para recuperar seu raciocínio. Mas cada vez que ela piscava os olhos, ela via o rosto de seu pai, sentia sua advertência. Ela tinha de fazer alguma coisa para borrar aquele sonho da sua mente.

Gwen olhou para fora e viu o primeiro sol que começava a subir e pensou no único lugar que poderia ajudá-la a recuperar a compostura: o Rio Real. Sim, ela tinha de ir lá.

*

Gwendolyn mergulhou uma e outra vez nas nascentes frias do Rio Real. Ela prendeu a respiração e meteu a cabeça debaixo d'água. Ela sentou-se na pequena piscina natural esculpida na rocha, oculta nas fontes superiores, as quais ela tinha encontrado e frequentado desde que era criança. Ela manteve sua cabeça sob a água e permaneceu ali, sentindo as correntes frias correndo através de seu cabelo, ao longo do seu couro cabeludo, sentindo como elas lavavam e limpavam seu corpo nu.

Um dia ela tinha encontrado aquele lugar isolado, escondido no meio de um grupo de árvores, no alto da montanha, num pequeno planalto onde a corrente do rio se acalmava e criava uma piscina profunda e de águas tranquilas. As águas do rio acima escorriam para dentro da piscina e transbordavam, continuando a escorrer ainda ali, naquele planalto, onde a correnteza era bem mais suave. A piscina era funda, suas pedras eram lisas e o lugar estava tão bem escondido, que ela podia tomar banho nua com total tranquilidade. Ela ia ali quase todas as manhãs durante o verão, quando o sol ainda estava nascendo, para arejar sua cabeça. Era especialmente em dias como aquele, quando os sonhos a atormentavam, tal como eles sempre faziam, que ela encontrava um refúgio naquele lugar.

Era tão difícil para Gwen saber se tinha sido apenas um sonho, ou se seria algo mais. O que ela precisava fazer para saber quando um sonho era uma mensagem ou um presságio? O que fazer para

saber se era apenas sua mente brincando com ela, ou se ela estava recebendo uma oportunidade para tomar medidas?

Gwendolyn subiu em busca de ar, respirando na manhã quente de verão e ouvindo os pássaros gorjeando nas árvores ao seu redor. Ela sentou-se em uma borda natural da piscina e encostou-se na rocha, seu corpo estava imerso na água até o pescoço. Ela ficou ali pensando. Ela estendeu as mãos e jogou água em seu rosto, em seguida, passou as mãos pelo seu cabelo longo, e loiro. Ela olhou para a superfície cristalina da água que refletia o céu; o segundo sol que já estava começando a subir; as árvores que se curvavam sobre a água e o seu próprio rosto. Seus olhos amendoados e de um azul brilhante olharam de volta para ela a partir do reflexo ondulante da água. Ela podia ver algo de seu pai em si mesma. Ela virou-se, pensando outra vez em seu sonho.

Ela sabia que era perigoso para ela permanecer na Corte do Rei depois do assassinato de seu pai, com todos os espiões, todos os complots e especialmente, com Gareth como rei. Seu irmão era imprevisível. Vingativo. Paranóico. E muito, muito invejoso. Ele via a todos como uma ameaça, especialmente a ela. Tudo podia acontecer. Ela sabia que não estava segura ali. Ninguém estava.

Mas ela não era mulher de fugir. Ela precisava saber com certeza quem era o assassino de seu pai e se fosse Gareth, ela não podia fugir, até que ela o entregasse à justiça. Ela sabia que o espírito de seu pai não iria descansar até que seu assassino fosse capturado. Justiça tinha sido o seu grito de guerra toda a sua vida e seu pai, melhor que ninguém, merecia que se fizesse justiça por ele, mesmo depois que ele estivesse dormindo na morte.

Gwen pensou novamente no encontro dela e de Godfrey com Steffen. Ela tinha certeza de que Steffen estava escondendo alguma coisa e se perguntava o que seria. Uma parte dela sentia que ele poderia abrir-se no seu devido tempo. Mas e se ele não fizesse isso? Ela sentia a urgência de encontrar o assassino de seu pai, porém não sabia onde mais procurá-lo.

Gwendolyn finalmente se levantou de seu assento sob a água e subiu pela borda, ela estava nua e tremia com o ar da manhã, ela se escondeu atrás de uma árvore grossa e estendeu a mão para pegar

a toalha que havia deixado sobre um galho, tal como ela sempre fazia.

No entanto, quando ela chegou até o galho, ficou chocada ao descobrir que sua toalha não estava lá. Ela ficou ali, nua, molhada, sem conseguir entender nada. Ela estava certa de que tinha pendurado a toalha ali, como era seu costume.

Enquanto ela permanecia ali, desconcertada, tremendo, tentando entender o que tinha acontecido, de repente, ela sentiu um movimento atrás dela. Tudo aconteceu tão rápido, um borrão e um instante depois, seu coração quase parou quando ela percebeu que havia homem atrás dela.

Tudo aconteceu muito rápido. Em segundos, o homem estava atrás dela. Ele vestia uma capa preta e capuz, exatamente como em seu sonho. O homem agarrou-a por trás, estendeu uma mão ossuda e apertou-a sobre a boca de Gwen silenciando seus gritos enquanto a segurava com força. Com a outra mão ele a agarrou pela cintura, puxou-a para mais perto e levantou-a do chão.

Ela chutava o ar, tentando gritar, até que ele a colocou no chão, ainda segurando-a com força. Ela tentou libertar-se de suas mãos, mas o homem era muito forte. Ele estendeu a mão e Gwen viu que ele segurava um punhal com um punho brilhante e vermelho, o mesmo que ela havia visto em seu sonho. Tinha sido um aviso, depois de tudo.

Gwen sentiu a lâmina pressionando sua garganta, o homem a apertava com tanta força que se ela se movesse em qualquer direção, sua garganta seria cortada. As lágrimas rolaram por seu rosto enquanto ela lutava para respirar. Ela estava tão furiosa consigo mesma. Ela tinha sido tão estúpida. Ela deveria ter sido mais vigilante.

“Reconhece meu rosto?” Ele perguntou.

Ele se inclinou para a frente e ela sentiu seu bafo quente e horrível, ela viu o perfil dele. O coração dela parou — era o mesmo rosto do sonho dela, o homem que tinha um olho só e uma cicatriz.

“Sim.” Ela respondeu com voz trêmula.

Era um rosto que ela conhecia muito bem. Ela não sabia seu nome, mas sabia que ele era um matador. Um tipo de classe baixa,

um dos vários que vivia em torno de Gareth desde que ele era criança. Ele era o mensageiro de Gareth. Gareth sempre o enviava quando desejava assustar, torturar ou matar alguém.

“Você é o capacho de meu irmão.” Ela disse para ele desafiante.

Ele sorriu, revelando a falta de alguns dentes.

“Eu sou o mensageiro dele.” Disse ele. “E minha mensagem vem acompanhada por uma arma especial para ajudar você a se lembrar dela. A mensagem para você, hoje, é que pare de fazer perguntas. É uma mensagem que você vai saber de cor, porque quando eu terminar com você, a cicatriz que vou deixar nesse seu rosto lindo vai fazer com que você se lembre da mensagem pela vida inteira.”

Ele fungou, então, levantou a faca bem alto e começou a baixá-la em direção ao rosto dela.

“NÃO!” Gwen deu um grito.

Ela se preparou para o corte que mudaria sua vida.

Mas enquanto a lâmina descia algo aconteceu. De repente, um pássaro gritou, descendo do alto dos céus e mergulhando direto para o homem. Ela olhou para cima e o reconheceu no último segundo:

Estopheles.

O falcão desceu com suas garras projetadas para fora e arranhou o rosto do homem fazendo-o derrubar o punhal.

O punhal tinha apenas raspado o rosto de Gwen, que ardia de dor, quando de repente, mudou de direção; o homem gritou, deixando cair o punhal e levantando as mãos. Gwen viu um raio de luz branco no céu, o sol brilhava por trás dos galhos e quando Estopheles voou para longe, ela soube, ela simplesmente soube que o falcão tinha sido enviado por seu pai.

Gwen não perdeu tempo. Ela virou-se, inclinou-se para trás e tal como seus treinadores a tinham ensinado a fazer, chutou fortemente o homem no plexo solar, fazendo pontaria perfeita com o pé descalço. O homem tombou, sentindo a força de sua perna enquanto ela dirigia seu chute certo a ele. Graças às repetitivas lições de seus treinadores, Gwen tinha incorporado técnicas de combate desde que era mais jovem. Ela havia aprendido que não precisava ser forte para se defender de um atacante. Ela só

precisava usar seus músculos mais fortes, as coxas, e apontar com precisão.

Enquanto o homem estava ali, tombado, Gwen deu um passo à frente, agarrou a parte de trás do cabelo dele e levantou o joelho novamente e golpeou com precisão milimétrica o cavalete do nariz.

Ela ficou satisfeita quando ouviu um estalo e sentiu o sangue quente do homem jorrar e derramar-se sobre a perna dela, manchando-a. Quando ele caiu no chão, ela sabia que tinha quebrado o nariz dele.

Ela sabia que deveria acabar com aquele homem de uma vez por todas, pegar o punhal e mergulhá-lo no coração dele.

Porém ela estava ali nua e seu instinto foi o de vestir-se e sair rápido dali. Por mais que ele merecesse, Gwen não queria sujar suas mãos com o sangue dele.

Então, ao invés disso, Gwen se abaixou, pegou o punhal, atirou-o no rio e logo se cobriu com suas roupas. Ela preparou-se para fugir, mas antes disso, ela se virou para trás, se dobrou, e chutou o homem na virilha o mais forte que podia.

Ele gritou de dor e se enrolou como uma bola, como um animal ferido.

Ela estava tremendo interiormente, sentindo que tinha estado muito perto de ser morta, ou pelo menos de ser mutilada. Ela sentiu o corte ardendo-lhe no rosto e percebeu que ele provavelmente deixaria alguma cicatriz, porém ela seria leve. Gwen sentia-se traumatizada. Mas ela não demonstraria isso. Porque, ao mesmo tempo, ela também sentia uma nova força brotando dentro de si, a força de seu pai, a força de sete gerações de reis MacGil. Então, pela primeira vez, ela percebeu que também era forte. Tão forte quanto seus irmãos. Tão forte quanto qualquer um deles.

Antes que ela se virasse para ir embora, ela inclinou-se bem perto do homem para que ele pudesse ouvi-la em meio aos seus gemidos.

“Chegue perto de mim novamente...” Ela rosnou para o homem.
“... E eu mato você.”

CAPÍTULO DEZ

Thor sentia que estava sendo sugado para baixo d'água e sabia que dentro de instantes, ele mergulharia nas profundezas e se afogaria, isso se ele não fosse comido vivo primeiro. Ele orou com toda a sua alma.

Por favor, não me deixe morrer agora. Não aqui. Não neste lugar. Não pelas mãos desta criatura.

Thor tentou convocar seus poderes, quaisquer que fossem. Ele tentou com toda intensidade, desejando que a energia especial fluísse através dele, para ajudá-lo a derrotar aquela criatura. Ele fechou os olhos e desejou veementemente que os poderes funcionassem.

Mas os poderes não vieram quando ele os invocou. Não aconteceu nada. Ele era apenas um garoto normal, sem poderes, como todo mundo. Onde estavam seus poderes quando ele mais precisava deles? Seriam reais? Ou será que todas as outras vezes tinham sido apenas um golpe de sorte?

Enquanto ele estava começando a perder a consciência, uma série de imagens passou por sua mente. Ele viu o rei MacGil, como se ele estivesse ali ao seu lado, cuidando dele; ele viu Argon; e então viu Gwendolyn. Foi esse último rosto que lhe deu razão para viver.

De repente, Thor ouviu um ruído de água salpicando atrás dele, em seguida, ouviu o grito da criatura. Ele virou-se pouco antes de descer a superfície e viu Reece na água ao lado dele. Sua espada estava desembainhada e ele segurava a cabeça decepada da criatura na mão. A cabeça da criatura, separada de seu corpo, continuava a gritar, enquanto o sangue amarelo jorrava de seu corpo.

Lentamente, Thor sentiu afrouxar a pressão do aperto em sua perna. Logo, Reece estendeu a mão e ajudou-o a desvencilhar-se. Thor sentiu sua perna arder como se estivesse em fogo, ele

esperava e rezava para que ela não tivesse sofrido nenhum dano permanente.

Thor sentiu o braço de Reece em torno de seu ombro enquanto era arrastado de volta para o barco. Thor piscou os olhos, perdendo momentaneamente a consciência, ele mal podia ver as enormes ondas do mar agitado, mal podia senti-las subir e descer ao seu redor.

Eles conseguiram chegar até o barco e Thor sentiu que estava sendo levantado e colocado dentro dele, os outros rapazes puxaram Thor e Krohn a bordo. Reece subiu ao lado dele e, finalmente, todos estavam a salvo.

Thor estava lá, deitado no chão do barco, respirando com dificuldade, o barco subia e descia no mar, as ondas rompiam fortemente ao seu redor.

“Você está bem?” Reece perguntou sentando perto dele.

Thor olhou para cima e viu Krohn debruçado sobre ele, então o sentiu lambendo seu rosto. Thor estendeu a mão e acariciou seu pelo molhado. Thor agarrou a mão de Reece e puxou-a apoiando-se nela para poder sentar-se, enquanto tentava manter-se firme.

Ele olhou para sua perna e viu que a criatura tinha deixado marcas ao queimar através de suas roupas, uma perna de sua calça agora estava em farrapos. Ele podia ver as marcas redondas onde a criatura tinha grudado e ele esfregou-as, sentindo as pequenas depressões. Mas agora que ele estava livre do tentáculo, o ardor se dissipava a cada segundo. Ele tentou dobrar o joelho e conseguiu. Felizmente, tudo poderia ter sido muito pior e parecia que ele se curaria rapidamente.

“Eu lhe devo uma.” Thor disse sorrindo para Reece.

Reece sorriu de volta.

“Eu acho que estamos quites.”

Thor olhou em volta e viu vários dos rapazes mais velhos remando, tentando ganhar o controle enquanto o barco balançava violentamente sobre as ondas.

“SOCORRO!” Ouviu-se um grito.

Thor virou-se e olhou para trás, para o barco grande, ele viu vários rapazes pulando da amurada ou sendo empurrados para a

água por Kolk e por outros comandantes. Entre eles Thor avistou O'Connor, Elden e os gêmeos. Todos eles caíram nas águas com um esguicho e ficaram ali se debatendo. Alguns eram melhores nadadores do que outros. Criaturas de todas as cores, formas e tamanhos diferentes vinham à tona, nas águas ao redor deles.

"SOCORRO!" Um garoto gritou de novo, quando uma enorme criatura plana e escamosa se virou para o lado e o chicoteou com suas barbatanas.

Reece cruzou o barco, pegou um arco e flecha e apontou-a para baixo, para água, disparando para as criaturas. Ele errou o alvo.

Mas Reece deu uma ideia a Thor, quem logo entrou em ação. Thor olhou para baixo e ficou contente ao ver sua querida funda ainda presa a sua cintura; ele pegou-a, tirou uma pedra lisa de sua bolsa, colocou a pedra na funda, mirou e atirou.

A pedra voou pelos ares e atingiu a criatura bem na cabeça, fazendo com que ela se desprendesse do membro da Legião e nadasse para longe.

Thor ouviu outro grito e se virou para ver O'Connor com uma criatura diferente empoleirada em suas costas. A besta parecia um sapo, porém sua pele era preta com pontos brancos e seu tamanho era dez vezes maior. Sua longa língua saía de sua boca e deslizava pelo pescoço de O'Connor. Ela fazia um barulho estranho, rosnava e abria largamente suas mandíbulas. O'Connor olhava para trás, por cima do ombro aterrorizado.

Todos os rapazes ao redor de O'Connor estavam atirando flechas contra ela, mas erravam. Thor colocou uma pedra na funda, recostou-se, mirou e atirou.

Foi um golpe perfeito. A criatura fez um barulho estranho guinchando, depois se virou e olhou para Thor. Ela emitiu um chiado e então, para espanto de Thor, se virou e saltou diretamente em direção a ele.

Thor não podia acreditar como aquela criatura poderia saltar tão longe: ela saiu voando pelo ar com as pernas abertas, apontando direto para o rosto dele.

Thor imediatamente recarregou sua funda e atirou de novo.

Ele atingiu a criatura apenas um segundo antes que ela alcançasse o barco. A pedra a golpeou no meio do seu salto e ela despencou, afundando nas águas.

Thor respirava pesadamente.

“VEJAM!” Alguém gritou.

Thor girou bem a tempo de ver uma enorme onda que vinha do nada, desabar sobre o barco. Thor ergueu as mãos e gritou, mas era tarde demais. A onda engoliu todos eles.

Por um momento, Thor estava debaixo d’água. A onda cobriu seu barco, o balançou violentamente e em seguida, desapareceu com a mesma rapidez com que havia aparecido.

Eles vieram à tona para respirar, o barco ainda estava intacto, flutuando novamente na superfície. Thor engasgou, tossindo e cuspidando a água salgada, assim como outros ao redor dele. Felizmente, o barco era grande e a onda tinha sido principalmente espuma. Thor olhou em volta e viu Krohn, agarrando-se à borda e apressou-se para agarrá-lo, justo antes que ele escorregasse.

O barco se estabilizou novamente, Thor se virou e viu que eles estavam rumando em direção à ilha. Eles estavam perto da costa, a quase seis metros de distância, o que lhe deu uma sensação de alívio.

Mas, ao mesmo tempo, ele percebeu que a terra era composta virtualmente por um campo minado de rochedos irregulares. Não havia um lugar bom e seguro para ancorar. As ondas gigantes se encrespavam e colidiam estrondosamente com os rochedos. De repente, outra onda veio e levantou o barco bem alto. Todos os garotos gritaram ao mesmo tempo, pois eles iriam espatifar-se diretamente contra as rochas.

Não houve tempo para reagir. Um momento depois, o barco se despedaçou contra a rocha, estilhaçando-se inteiramente. O impacto foi forte o suficiente para jogar todos os rapazes para fora do barco, deixando Thor com a mandíbula trêmula.

Thor saiu voando descontroladamente e encontrou-se de volta na água, agitando o mar vermelho ao redor dele, debatendo-se, tentando se orientar. Desta vez Krohn estava perto dele e Thor

conseguiu alcançá-lo e agarrá-lo. Outra onda veio e os arrastou com violência.

Thor se esquivou e por pouco não chocou contra uma rocha afiada. Mas outra onda estava vindo e ele sabia que tinha de fazer algo rapidamente.

Ele viu um rochedo mais plano do que os outros e nadou até ele. Ele o alcançou justo quando uma onda estava recuando e tentou subir nele, mas o rochedo estava coberto com um musgo viscoso e Thor continuava escorregando. Outra onda veio e empurrou-o, amassando seu estômago contra a rocha, porém a onda o levantou a uma altura suficiente para que Thor atingisse o seu patamar.

Finalmente, Thor se encontrava no topo da rocha, ele se virou e procurou Reece nas águas. Ele o viu debatendo-se lá embaixo, correu para a borda da pedra e estendeu a mão para agarrá-lo. Mas Reece estava fora do seu alcance.

“Seu arco!” Thor gritou.

Reece entendeu a ideia de Thor, ele levou uma mão às costas, puxou seu arco e estendeu-o para Thor enquanto segurava a outra extremidade. Thor agarrou o arco e usou-o para puxar Reece para cima da rocha. Ele fez isso com cuidado, pouco antes que outra onda pudesse cair sobre ele.

“Obrigado.” Reece disse sorrindo. “Agora eu lhe devo uma.”

Thor sorriu de volta.

Os dois se viraram e Thor levantou Krohn e meteu-o na sua camisa. Thor e Reece saltaram para cima da próxima rocha e logo continuaram fazendo o mesmo com as rochas seguintes, saltando de rocha em rocha chegando cada vez mais perto da costa, até que finalmente Thor escorregou de uma e foi lançando dentro do mar. Mas ele estava perto da costa agora e quando a próxima onda veio, ela o levou ainda mais longe e ele foi capaz de ficar de pé, com água até a cintura. Ele nadou fazendo o seu caminho para a costa, uma pequena e estreita faixa de areia preta, então uma última onda bateu nas suas costas e o impulsou pelo caminho.

Thor desabou na areia, Reece estava ao lado dele, Krohn saltou de sua camisa e deitou-se também. Thor estava física e mentalmente exausto. Mas ele tinha conseguido chegar.

Ele sentou-se, logo se virou e viu seus colegas membros da Legião, na água, todos nadando para a costa, as ondas batendo em suas costas, arrastando-os. Alguns estavam seguindo seus passos, pulando de pedra em pedra; outros apenas se jogavam nas ondas e se preparavam fazendo o melhor que podiam para evitar as rochas. Ele pôde ver O'Connor, Elden, os gêmeos e outros garotos que ele conhecia e ficou aliviado ao ver que todos eles estavam bem.

Thor virou para o outro lado e olhou para os penhascos íngremes atrás dele, subindo direto para o céu, elevando a ilha a algum lugar lá em cima.

"E agora?" Ele perguntou para Reece, percebendo que eles estavam presos naquela faixa estreita e rochosa da costa.

"Nós escalaremos." Reece respondeu.

Thor examinou as falésias de novo; elas se elevavam a uma altura de trinta metros e pareciam úmidas, cobertas pela bruma do oceano. Ele não via de que maneira eles poderiam escalá-las.

"Mas como?" Thor perguntou.

Reece deu de ombros.

"Não temos muita escolha. Não podemos ficar aqui em baixo. Esta praia é muito estreita e a maré está subindo, vamos ser engolidos pelas ondas em breve se não nos movermos."

As ondas já estavam invadindo e estreitando a pequena faixa de praia e Thor sabia que ele estava certo: eles não tinham muito tempo a perder. Thor não tinha ideia de como eles subiriam aquele penhasco, mas sabia que tinha de tentar. Não havia outra opção.

Thor meteu Krohn de volta dentro de sua camisa, virou-se para a parede do penhasco e agarrou-se apoiando suas mãos em qualquer canto e recanto que podia encontrar, ele encontrou alguns rochedos para apoiar seus pés e começou a subir. Ao lado dele, Reece fazia o mesmo.

Era incrivelmente difícil, o penhasco era praticamente liso e tinha poucos pontos onde Thor podia afirmar-se com os dedos das mãos e dos pés. Às vezes, ele se via tendo de tomar impulso afirmando-se apenas com as pontas de alguns dedos e apoiando-se para subir apenas na ponta dos pés. Ele tinha avançado pouquíssimos metros, mas seus braços e pernas já tremiam. Ele olhou para cima e viu pelo

menos uns vinte e tantos metros acima dele; ele olhou para baixo e viu uma queda de três metros para a areia abaixo. Ele estava respirando com dificuldade e não sabia como ele conseguiria subir. Krohn gemeu e se remexeu dentro de sua camisa.

Reece subiu ao mesmo ritmo e descansava ao lado de Thor, ele também olhou para baixo e trocou o mesmo olhar perplexo com Thor.

Thor deu mais um passo e ao fazê-lo ele escorregou. Ele deslizou vários metros. Reece estendeu a mão para ele, mas já era tarde demais.

Thor foi lançado pelos ares e saiu voando de costas, preparando-se para um impacto brutal na areia. Krohn gritou, saltando para fora, voando pelo ar ao seu lado.

Thor ouviu uma onda romper e felizmente, a onda atingiu a areia pouco antes do impacto. Thor caiu na água, com um grande salpico, ele estava agradecido pelo fato de a água ter suavizado sua queda.

Thor sentou-se e viu como Reece, também, tinha perdido o controle e vinha caindo, ele pousou na água, não muito longe de Thor. Os dois ficaram ali pensando. Os outros rapazes ao redor deles, estavam chegando à costa e também olhavam para cima com temor.

Thor não via de que maneira eles poderiam chegar até o topo, como poderiam realmente chegar ao interior da ilha. O'Connor vadeou até a areia, se deteve lá e examinou o penhasco por um bom minuto antes de levar a mão às costas e retirar seu arco do ombro. Ele retirou um longo rolo de corda de sua cintura e enquanto Thor observava, ele amarrou uma flecha na ponta da corda.

Antes que Thor pudesse perguntar o que ele estava fazendo, O'Connor atirou.

A flecha elevou a corda cada vez mais alto no ar, até que ela chegou ao topo do penhasco e se enroscou em uma pequena árvore. Foi um tiro perfeito, a flecha caiu de forma certa por uma das extremidades e deslizou de volta para baixo da montanha. O'Connor puxou-a, certificando-se de que estava firme; a árvore curvou-se, mas não cedeu. Thor estava impressionado.

"Eu não sou um inútil." O'Connor disse com um sorriso orgulhoso.

Os outros membros da Legião se amontoaram em torno dele e de sua corda quando O'Connor começou a subir por ela.

Ele ganhava impulso com relativa rapidez e facilidade, subindo cada vez mais alto até alcançar o topo. Quando ele chegou lá ele fixou bem a corda com a flecha provendo uma corda segura para os demais.

"Um de cada vez!" O'Connor exclamou para todos abaixo.

"Você primeiro." Reece disse para Thor.

"Depois de Vossa Alteza." Disse Thor.

Reece subiu, Thor esperou até que ele chegasse ao topo e em seguida o seguiu. A subida era fácil se comparada com escalar a face da rocha e Thor logo chegou ao topo.

Ele estava suando, respirando com dificuldade, além de exausto; ele caiu na grama, na grama bem macia e depois de tudo que ele tinha passado, ele sentiu como se estivesse deitado no mais luxuoso dos leitos.

Thor ergueu a cabeça o suficiente para olhar para o pôr do sol ao redor dele, o qual lançava uma luz mística naquele lugar estranho. O lugar era escarpado, desolado, abandonado e coberto de uma névoa estranha e hostil. A névoa parecia manchar tudo, parecia ameaçar engoli-lo inteiro. Definitivamente, aquele não era um lugar que ele pudesse chamar de aconchegante.

Thor engoliu em seco. Aquele lugar deserto, no meio do nada, no topo do mundo, seria sua casa durante os próximos cem dias.

CAPÍTULO ONZE

Gwendolyn corria pelas ruas da periferia da corte do Rei, ela dava voltas e mais voltas, tentando se lembrar do caminho da taverna. Ela tinha estado ali apenas uma vez em sua vida, ao tentar buscar Godfrey em uma ocasião e desde então, ela nunca mais tinha frequentado aquela parte da Corte do Rei. Tudo ali era muito decadente para ela, ela se sentia incômoda com todos os olhares à medida que as ruas se enchiam de indivíduos ingovernáveis. Ela estava entristecida por ver que Godfrey tinha desperdiçado grande parte de sua vida ali, naquele lugar tão inferior a sua condição. Ele tinha manchado a honra da família real, no entanto, Gwen sabia que Godfrey era melhor do que ele mostrava ser.

As lágrimas ainda escorriam pelo seu rosto e seu coração ainda batia agitado enquanto ela repassava em sua mente, uma e outra vez, o que tinha acontecido no rio. Ela estendeu a mão e sentiu o pequeno corte em seu rosto ainda ardendo, ainda fresco e se perguntou se ele deixaria cicatriz. Gwen olhou para sua mão e viu que ela estava coberta de sangue. Ela não tinha tido tempo para um curativo, mas isso era o de menos agora. Ela percebeu como tinha tido a sorte de não ter sido morta ou mutilada. Ela pensou em Estopheles e teve certeza de que seu pai a havia salvado. Olhando para trás no tempo, ela devia ter prestado mais atenção ao seu sonho. Mas como? Sonhos ainda eram um mistério para ela. Ela nunca sabia que medidas deveria tomar, mesmo quando tudo parecia claro.

Ela sabia da reputação de açougueiro que o valentão contratado por Gareth tinha, sabia quantas pessoas ele tinha mutilado na vida e ela se admirava de ter podido escapar dele. Ela ficou gelada ao pensar que Gareth o tinha enviado a ela. Sua mente girava com as implicações. Obviamente, ele não teria enviado o assassino a menos que tivesse algo a esconder sobre o assassinato de seu pai. Ela tinha certeza disso mais do que nunca. A questão era como poderia provar

isso. Ela não iria desistir até que ela o fizesse, mesmo que isso significasse arriscar sua própria vida. Gareth deve ter pensado que aquele homem iria assustá-la, mas era exatamente o contrário. Gwen não era mulher de recuar diante de ameaças. E quando alguém tentava assustá-la ou ameaçá-la, ela sempre o enfrentava com uma determinação redobrada.

Ela virou mais uma esquina e finalmente viu a taverna, seu prédio estava inclinado, ruindo para um lado, para começar, sua estrutura era muito antiga e nunca havia sido bem edificada. A porta estava entreaberta e dois bêbados saíram por ela aos tropeções, um deles se entusiasmou ao vê-la.

“Ei, veja só!”, Disse ele dando uma cotovelada em seu amigo, o qual estava ainda mais bêbado do que ele, logo se virou e arrotou para ela.

“Ei, senhorita, vai pelo mesmo caminho que a gente?” Ele gritou e quase morreu de rir da própria piada.

Eles cambalearam em direção a ela, mas depois de tudo o que tinha passado, Gwen não tinha medo. Ela não estava de humor para suportar aqueles cretinos e os empurrou com força para fora de seu caminho. Os bêbados, totalmente pegos de surpresa, cambalearam para trás.

“Ei!” Gritou um deles indignado.

Mas Gwen passou por eles rapidamente, sem medo, indo direto para a taverna aberta. Ela estava com tanta raiva que se um deles a seguisse, ela iria encontrar um barril vazio e esmagá-lo em sua cabeça. Isso iria fazê-los pensar duas vezes antes de abordar um membro da família real tão desrespeitosamente.

Gwen entrou na taverna, o cheiro de bebida atingiu em cheio o rosto dela, a atmosfera turbulenta caiu em silêncio, todas as cabeças giraram para vê-la. Havia dezenas de indivíduos decadentes ali, todos bebendo, todos desleixados; ela mal podia acreditar quantas pessoas estavam tão empenhadas em beber tão cedo no dia. Não era um feriado, pelo menos não que ela pudesse se lembrar. Então, novamente, ela supôs que para aquelas pessoas, todos os dias seriam assim.

Um homem, sentado ao lado do bar, se virou mais lentamente do que os outros e quando o fez, seus olhos se arregalaram ao vê-la.

“Gwen!” Ele gritou com surpresa em sua voz.

Gwen correu para Godfrey, extravasando toda sua emoção. Godfrey olhou para ela seriamente preocupado, ele desceu tropegamente de sua banqueta e correu até ela, colocando um braço protetor ao seu redor.

Ele guiou-a para longe dos outros, para uma mesa pequena no canto da taverna. Seus dois amigos, Akorth e Fulton, mantiveram os outros à distância, eles se puseram lado a lado, formando uma parede para dar-lhes privacidade.

“O que aconteceu?” Ele perguntou em voz baixa ansioso, quando se sentou ao lado dela. “O que aconteceu com seu rosto?” Ele perguntou, aproximando-se para ver melhor o corte.

Ela estava sentada de costas para todos os outros, ao lado de seu irmão e finalmente sentiu toda a sua emoção derramar-se. Apesar de seus esforços, ela rompeu em soluços e cobriu o rosto com as mãos, envergonhada.

“Gareth tentou me matar.” Disse ela.

“O quê!?” Godfrey exclamou horrorizado.

“Ele enviou um de seus valentões atrás de mim. Eu estava tomando banho no Rio Real. Ele me surpreendeu. Eu deveria ter sido mais vigilante. Eu fui muito estúpida. Eu fui pega totalmente de surpresa.”

“Deixe-me ver.” Disse Godfrey retirando a mão dela do corte.

Ele olhou para seu rosto, em seguida, virou-se e estalou os dedos para Akorth quem correu para trás do bar e voltou logo com um pano úmido limpo. Ele entregou-o a Godfrey e ele limpou o rosto dela cuidadosamente. A água fria lhe causou ardor, mas ela estava grata por sua ajuda. Ele entregou-lhe o pano e ela o apertou contra a bochecha.

Ela viu sua genuína preocupação e pela primeira vez em sua vida, sentiu um amor fraternal e verdadeiro por ele; sentia orgulho de que Godfrey fosse seu irmão; sentia que ele era alguém em quem ela podia confiar. Seu coração estava partido por saber que ele sempre estava ali, naquele lugar.

“Por que você está aqui?” Ela perguntou. “Eu procurei você em todos os lugares e me disseram que você tinha vindo para cá. Você prometeu. Você prometeu que seus dias de bebedeiras tinham acabado.”

Godfrey olhou para a mesa, cabisbaixo.

“Eu tentei.” Ele disse sentindo-se esmagado pelo peso de sua consciência. “Eu realmente tentei. Mas a força do desejo de beber era muito forte. Depois do dia de ontem, depois de nosso fracasso na ala dos servos... eu não sei. Eu tinha tantas esperanças. Eu estava seguro de que Steffen nos daria as provas que precisávamos. Mas depois desse fracasso, eu perdi a esperança. Eu fiquei deprimido. Então eu ouvi as notícias de Kendrick e isso acabou comigo. Eu precisava de um drinque. Eu sinto muito. Eu não pude me controlar. Eu sei que eu não deveria ter vindo aqui. Mas eu vim.”

“Que notícias?” Gwen perguntou alarmada. “Que notícias de Kendrick?”

Ele olhou para ela surpreso.

“Você não soube?”

Ela balançou a cabeça dominada pela ansiedade.

“Gareth mandou arrestá-lo. Ele está sendo acusado do assassinato de nosso pai.”

“O quê?” Gwen exclamou horrorizada. “Gareth não vai se dar bem! Isso é ridículo!”

Godfrey olhou para baixo e balançou a cabeça lentamente.

“Ele já se deu bem. Ele é Rei — Ele pode fazer o que quiser agora. É uma heresia questionar as decisões do rei, não é? E pior ainda: Kendrick será executado.”

Gwen sentiu um buraco no estômago. Ela não achava que pudesse sentir-se pior do que tinha se sentido naquela manhã. Mas agora, ela realmente se sentia. Kendrick, a quem ela amava mais do que tudo estava preso, sujeito a ser morto. Isso a deixava doente só de pensar. Pensar que ele, um homem tão bom, estava apodrecendo no calabouço e poderia ser executado como um criminoso comum.

“Nós devemos impedir isso.” Gwen instou. “Nós não podemos permitir que ele morra!”

“Eu concordo.” Godfrey disse. “Não posso acreditar que Gareth tenha tentado causar-lhe dano.” Godfrey disse vendo-se realmente atordoado.

“Não acredita?” Gwen perguntou. “Parece que ele não vai parar até que estejamos todos mortos. Nós somos todos obstáculos, você não vê? Em sua mente nós todos somos obstáculos. Ele nos necessita fora do caminho. Porque nós conhecemos a sua verdadeira natureza. Ele é culpado do assassinato do nosso pai e ele não vai parar até que o resto de nós esteja morto.”

Godfrey ficou sentado ali, sacudindo sua cabeça.

“Quem dera nós pudéssemos fazer mais.” Godfrey disse. “Nós devemos detê-lo.”

“Nós dois devemos.” Gwen respondeu. “Não podemos esperar mais.”

“Eu estava me lembrando.” Disse Godfrey, sentando-se firme e com os olhos iluminados pela emoção. “... De algo que aconteceu outro dia, na floresta. Eu me encontrei com Gareth. Ele estava com Firth. Dizem que não muito longe dali, se encontra a cabana de uma bruxa. Eu me pergunto se não seria dali que ele estaria vindo. Eu estava pensando em ir lá para ver se poderia encontrar essa cabana. Talvez eu possa descobrir algo.”

“Você deveria ir.” Gwen respondeu. “É uma ótima ideia. Se não for agora, quando então?”

Godfrey assentiu com a cabeça.

“Mas primeiro, você precisa parar com tudo isso.” Ela disse olhando ao redor do bar.

Godfrey olhou em seus olhos e ele deve ter visto a determinação dela enquanto olhava ao redor da taverna. Ela quis dizer que era hora de ele parar com tudo aquilo. Estava na hora de ele deixar de beber, de uma vez por todas.

Algo mudou em seus olhos quando ele olhou para sua irmã, ela quase podia ver a transformação acontecendo diante de seus olhos. Gwen podia ver sua determinação. Parecia que dessa vez ela era real.

“Eu vou parar.” Disse ele, com uma confiança na voz, diferente de qualquer outra que ela já tinha ouvido. Ela sentia isso e realmente

acreditava nele.

“E eu irei visitar nosso irmão.” Gwen disse. “Eu vou encontrar uma maneira de chegar até Kendrick na masmorra e eu vou encontrar uma maneira de tirá-lo de lá. Eu farei o que for preciso para salvá-lo. Eu não posso deixá-lo morrer.”

Godfrey estendeu a mão e tomou o pulso dela.

“Proteja-se.” Ele exortou. “Gareth vai vir atrás de você novamente. Você é o elo mais fraco. Você não pode andar por aí sem proteção. Tome isto.”

Gwen ouviu um barulho, olhou para baixo e viu-o deslizar uma pequena peça de madeira sobre a mesa. Ela examinou-a intrigada.

Godfrey estendeu a mão e mostrou-lhe o truque para usá-la. Ele pegou a peça de madeira, ela tinha uma fenda quase invisível no meio, Godfrey puxou ambos os lados da peça com força, o objeto de madeira dividiu-se ao meio e dentro de uma das partes havia um punhal escondido.

“Esta é a arma preferida nas tavernas.” Ele explicou. “Fácil de ocultar e impossível de rastrear.”

Godfrey virou-se e olhou para ela com determinação.

“Mantenha-o consigo. E se alguém chegar perto de você novamente, não faça perguntas. Enfie-o direto em seu coração.”

CAPÍTULO DOZE

“De pé!”

Thor abriu os olhos com um sobressalto e olhou para cima, desorientado, tentando descobrir onde estava. Vários comandantes da Legião estavam de pé com as mãos nos quadris ao lado dele e dos outros rapazes, os quais estavam espalhados no chão, dormindo o mais profundo sono. Os comandantes cutucavam os garotos com os pés. Thor sentiu uma bota espetando suas costelas, ele olhou para ver Kolk ali cutucando-o. Krohn rosnou em defesa de Thor e Kolk dirigiu-se para o próximo garoto gritando, tirando seu machado de metal e batendo em seu escudo justo acima da cabeça de O’Connor. Ouvia-se um barulho retumbante e O’Connor ficou de pé de um salto, com os olhos arregalados.

Thor ficou de pé também, esfregando a cabeça, tentando processar tudo. Todos eles estavam em uma caverna, pelo que ele sabia. Com ele estava cerca de uma dúzia de outros membros da Legião, todos de sua faixa etária. Sua cabeça o estava matando e pela luz tênue que entrava na caverna Thor podia dizer que o dia estava raiando. Ele tentava se lembrar.

Tudo era tão nebuloso. Ele lembrou-se da noite anterior, de ter subido a falésia, de finalmente, ter chegado à ilha e ter se deitado ali. Logo depois os outros meninos chegaram também e todos haviam sido reunidos pelos comandantes da Legião. Os rapazes receberam a ordem de descansar durante a noite e preparar-se para a manhã seguinte. Eles haviam sido divididos em pequenos grupos, de acordo com suas idades e Thor tinha formado um grupo com Reece, O’Connor, Elden os gêmeos e mais outros quatro rapazes, os quais Thor ainda não conhecia. Eles haviam sido levados para pequenas cavernas na encosta escarpada da ilha desolada. A noite tinha caído rapidamente e uma espessa neblina tinha se instalado, então Thor não pôde ver mais nada do que o aguardava lá fora.

Eles mal haviam chegado à caverna quando a escuridão caiu sobre a ilha. Estavam totalmente molhados, duros de frio. Alguém tinha acendido uma fogueira, Thor se lembrava de ter se deitado ao lado dela e de logo ter caído em um sono profundo.

A próxima coisa da qual ele teve consciência foi que ele tinha sido despertado.

O estômago de Thor roncava na luz da manhã, mas ele não se atreveu a dizer nada. Ele tinha dormido com suas roupas e botas, tal como tinham feito os outros. Pelo menos, o fogo havia secado sua roupa e calçado.

Os comandantes forçavam um garoto após o outro para fora da caverna e Thor sentiu que era empurrado por trás até que ele tropeçou na luz forte da manhã. A névoa vermelha ainda pairava sobre a ilha, parecia erguer-se a partir dela mesma, mas, pelo menos, na luz da manhã Thor podia ver muito mais daquele lugar. A ilha era ainda mais estranha do que ele se lembrava, sua paisagem era desolada, composta por pedras e rochas, pequenas montanhas e grandes crateras. O horizonte se estendia interminavelmente e não havia árvores visíveis em nenhum lugar. Thor podia ouvir as ondas quebrando onipresentes, ele sabia que o mar estava abaixo em algum lugar ao longo da borda das falésias que demarcavam a ilha em todas as direções. Era um lembrete fatídico de que se alguém chegasse perto demais da borda, cairia ao encontro da própria morte.

Thor não podia imaginar como eles iriam treinar ali. A ilha era tão erma e não parecia haver nenhum campo de treinamento à vista, nem alvos, nem armas, nem armadura e tampouco cavalos.

Seus irmãos de armas haviam saído gradativamente da caverna e estavam com ele na luz da manhã, todos se acotovelando ao redor, apertando os olhos, levantando as mãos para bloquear o sol. Kolk marchava diante deles, tão mal humorado e severo como sempre.

“Não cantem vitória só porque conseguiram chegar até aqui.” Disse Kolk. “Você devem estar pensando que são fantásticos. Bem, fiquem sabendo que vocês não são.”

Kolk passeava diante deles.

“Estar nesta ilha é um privilégio.” Ele continuou. “Estar aqui não é um direito gratuito. Não é um presente. Vocês permanecerão aqui, se — e apenas se — conquistarem esse direito. A cada momento, cada dia. E isso começa, primeiramente, com a obtenção de permissão para estar aqui. Antes que seu treinamento possa começar, vocês devem obter a permissão dos seus habitantes.”

“Dos habitantes?” O’Connor perguntou.

“Esta ilha é habitada por uma antiga tribo guerreira. Os Kavos. Eles têm vivido e treinado aqui há milhares de anos. Todos os guerreiros que vierem aqui devem pedir e obter sua permissão. Se vocês não fizerem isso, serão enviados de volta para o Anel. Você membros da Legião foram divididos em pequenos grupos, cada um de vocês, precisa obter a permissão individualmente. Vocês não podem contar com toda a Legião, agora contam somente com os membros do seu grupo.” Thor olhou para seu grupo de oito e ficou pensando.

“Mas onde eles estão?” Elden perguntou esfregando os olhos, devido à luz da manhã. “Os Kavos?”

“Encontrá-los não será fácil.” Disse Kolk. “Eles não desejam ser encontrados. Eles não gostam de vocês. E muitos de vocês, recrutas, não vão se sair bem. Eles são um povo beligerante. Eles vão desafiá-los. É assim que o teste de masculinidade começa.”

“Mas como vamos encontrá-los?” Conven insistiu.

Kolk franziu a testa.

“Esta ilha é vasta e implacável. É possível que jamais possam encontrá-los. Vocês podem morrer de fome tentando chegar até eles. Vocês podem se perder. Talvez não possam regressar.”

Kolk colocou as mãos na cintura e sorriu.

“Bem-vindos à Centena.”

*

Thor se virou e olhou para o seu grupo: os oito estavam ali, de pé, no meio do nada, olhando uns aos outros, tontos e confusos. Esgotados. Estavam: O’Connor, Reece, Elden, os gêmeos e dois outros. Thor reconheceu um deles, o covarde, o garoto que ficou petrificado de medo ao ter de saltar do navio. Ele era o garoto que Thor tinha resgatado. Havia ainda outro, a quem Thor não conhecia.

Ele parecia ter sua idade e se destacava do resto, tinha cabelos e olhos escuros e nunca olhava de frente para os outros, seu rosto estava sempre carrancudo. Havia algo nele do qual Thor não gostava, algo que parecia sinistro. Alguma coisa... maligna.

"Então, aonde vamos agora?" O'Connor perguntou.

Os outros resmungaram e desviaram os olhos.

"Onde estão os Kavos?" Elden perguntou.

Reece deu de ombros.

"Não faço ideia."

"Bem, para Sul está o oceano, por isso não podemos ir para lá." Disse Reece. "Podemos ir para o Norte, para o Leste ou para o Oeste. Essa área deserta da qual Kolk falou parecia ser o Norte." Disse ele, olhando para o horizonte.

"Toda a ilha parece um deserto." Elden disse.

"Eu sugiro que nós nos dirijamos para o Norte e vejamos o que acontece." Reece disse.

Todos os outros pareciam estar de acordo e eles partiram, começando sua longa marcha. Krohn gania enquanto marchava ao lado de Thor.

"Eu sou William." Disse um rapaz e Thor se virou para ver o garoto que ele salvou das águas, aquele que teve medo de fazer o exercício com o escudo. Ele caminhava ao lado de Thor e olhava para ele com gratidão. "Eu nunca tive a chance de agradecer-lhe por ter salvado minha vida lá atrás, no mar."

"Eu sou Thor." Ele respondeu. "E você não tem nada pelo qual me agradecer."

Thor gostava dele; ele era um menino franzino, magro, com grandes olhos castanhos e cabelos compridos que caíam sobre os seus olhos. Havia algo em seu comportamento que preocupava Thor: o garoto parecia frágil. Ele não parecia tão forte quanto os outros, ele parecia muito nervoso. Thor sentia que ele não estava feito para estar ali.

Thor caminhava silenciosamente com os outros sete rapazes por uma área deserta, há horas, o único som que se ouvia era o de suas botas rangendo ao pisar as rochas e a poeira. Cada um estava perdido em seu próprio mundo de expectativas. Estava

excepcionalmente frio para ser uma manhã de verão, mesmo depois que o primeiro sol tinha começado a subir, a névoa ainda permanecia, até os tornozelos. Uma brisa fria persistente, que parecia nunca dissipar-se, varria aquele lugar. Os oito rapazes caminhavam em silêncio, lado a lado, marchando com nada mais do que as terras desertas na linha do horizonte. Thor engoliu saliva, sedento, nervoso, querendo saber se eles iriam encontrar o lugar — onde quer que fosse — para onde eles precisavam ir e ao mesmo tempo, ele não tinha certeza de querer chegar. Teria sido muito mais reconfortante ter dezenas de membros da Legião ao redor. Com apenas oito deles, Thor sentia-se mais propenso a ataques.

Thor ouviu o grito distante de um animal, era diferente de qualquer ruído animal que ele já tinha ouvido. Soou como se fosse o ruído emitido por uma águia cruzada com um urso. Os outros se voltaram e olharam também e Thor viu um medo real nos olhos de William. Thor olhou ao redor, tentando detectar de onde o barulho veio, mas era impossível. Não havia nada além da área deserta, sumindo na neblina.

Os outros pareciam nervosos, exceto o último rapaz, o único de cabelos escuros, cujo nome, Thor lembrou, era Malic. Ele ainda estava carrancudo e parecia preocupado, absorto em seu próprio mundo. Enquanto Thor o observava, começou a se lembrar vagamente de quem ele era. Lembrou-se de rumores que tinha ouvido sobre ele, sobre o rapaz que tinha entrado para a Legião por ter matado um homem. Segundo os rumores, os soldados haviam chegado a sua cidade para o alistamento e o haviam dispensado. Então ele correu para frente e matou um homem que era o dobro de seu tamanho, na frente de todos os soldados. Impressionados com isso, os soldados tinham decidido voltar atrás em sua decisão e o aceitaram na Legião. Aparentemente, em cada seleção da Legião, de acordo com o que Reece tinha lhe dito, os soldados gostavam de tomar uma pessoa que pusesse os demais nervosos, alguém que fosse um assassino treinado, cruel. Naquela seleção, esse lugar era ocupado por Malic.

Thor desviou o olhar e se concentrou novamente na paisagem dos arredores, tentando manter-se vigilante. Ele olhou para cima e

percebeu que havia um tom diferente no céu, um tom laranja esverdeado; havia uma estranha sensação de que a névoa ficava mais espessa, um cheiro diferente no ar, fresco e vivo. Tudo sobre aquele lugar parecia estranho. Qualquer que fosse o poder que habitava dentro de Thor, ele lhe dizia algo sobre aquele lugar, dizia-lhe que era diferente, primordial. Thor podia sentir a presença do dragão, a força de sua respiração.

Na verdade, enquanto caminhava, Thor não podia deixar de sentir que era como se estivessem dentro covil de um dragão, andando sobre a névoa criada por seu fôlego. O lugar parecia mágico. Ele sentia quase a mesma sensação que ele teve ao atravessar o Canyon, mas ali ela tinha uma qualidade mais sinistra. Thor estava certo de que outras criaturas viviam ali também e que nenhuma delas seria amigável.

“E o que sucederá se quando encontramos esses tais Kavos, eles disserem que não?” O’Connor exclamou para o grupo, pensando em voz alta a mesma coisa que estava na mente de todos.

“E se eles não nos derem permissão?” O’Connor continuou. “E então?”

“Então nós vamos *fazer* com que eles nos deem permissão.” Elden respondeu. Se não nos derem permissão, então nós vamos lutar por ela. Você acha que os nossos inimigos, no campo de batalha, vão nos conceder permissão para invadir suas cidades? É por isso que estamos aqui, não é? Não é disso que se trata tudo?”

Reece deu de ombros.

“Eu não sei de que se trata tudo isso.” Disse ele. “Tudo o que sei é que eu me lembro das histórias que ouvi de meu irmão mais velho, Kendrick. Ele me contou sobre a primeira vez que veio aqui. Seus dois melhores amigos morreram.”

Thor sentiu um calafrio ao ouvir suas palavras. Ele se virou e olhou para Reece e poderia dizer pela expressão de seu rosto, que ele estava falando sério. Os outros pareciam mais ansiosos do que antes.

“Como?” O’Connor perguntou.

Reece deu de ombros.

“Ele não me disse.”

“Mas você acha mesmo que eles deixariam os membros Legião morrerem aqui?” Conval perguntou.

“De que serviria isso? Exterminar seus próprios recrutas?” Conven acrescentou.

Reece deu de ombros ficou calado quando todos continuaram marchando.

“Você disse bem.” Malic disse repentinamente. “Recrutas.”

Todos se voltaram para ele surpresos. Sua voz era grave e gutural, e surpreendeu Thor, já que ele nunca a tinha ouvido antes. Malic não olhava para eles, mas olhava para a frente com a mão sempre no punho de seu punhal, ele brincava com ele como se o punhal fosse seu melhor amigo. Sua alça preta e prateada brilhava com o reflexo da luz.

“Recrutas.” Ele disse. “Todos nós somos recrutas. Nenhum de nós é membro. Ninguém é verdadeiramente um membro da Legião até se formar. Aos vinte anos. Temos seis anos pela frente. Eles estão tentando se livrar de todos nós. Eles querem uma força com os melhores cavaleiros de elite do mundo. Se não chegarmos a ser isso, eles nos querem mortos. Eles não se importam. Por que deveriam? Há mais de mil iguais a nós em cada aldeia do Anel.”

Thor pensou nisso depois que todos ficaram em silêncio e continuaram a marcha, fazendo ranger suas botas. Eles penetravam cada vez mais nas terras inóspitas daquele lugar e Thor se perguntava sobre os outros membros da Legião; sobre todos os outros grupos. Em que parte da ilha eles estariam, que obstáculos teriam de enfrentar? Ele estava feliz por estar na companhia daqueles rapazes.

O tempo foi passando e logo o primeiro sol alcançou seu ponto mais alto no céu, à medida que Thor ia desvanecendo, começando a perder o foco. De repente, ele ouviu um assobio alto e o barulho de algo borbulhando bem perto dele. Ele pulou para fora do caminho a tempo, quando a terra borbulhou ao lado dele. Ele viu quando o solo ficou cor de laranja, logo ficou vermelho brilhante, produziu um som sibilante e explodiu. A lava jorrou da terra, bem alto, queimando e soltando fumaça, enviando pequenas chamas em todas as direções. Uma pequena explosão de chamas ateou fogo à manga da camisa

de Thor, ele golpeou as chamas quando elas começaram a queimá-lo; felizmente, ele conseguiu extingui-las. No entanto, as chamas arderam durante o tempo suficiente para provocar-lhe uma queimadura. Krohn rosnou para o solo, pronto para atacar a lava.

Thor e os outros rapazes fugiram do jato de lava ardente, mantendo distância, já que ele parecia borbulhar cada vez mais alto. Eles fizeram bem, porque o solo ao redor do lugar da erupção logo começou a derreter.

“Que classe de lugar é este?” William perguntou com medo em sua voz.

“Sigamos em frente.” Disse Reece.

Todos se viraram e continuaram em direção ao Norte, correndo para longe da explosão de lava. Mas, justo quando eles tinham se distanciado, de repente, outro jato de lava irrompeu do solo de maneira totalmente inesperada, a poucos metros de distância, do outro lado deles.

William gritou e pulou quando as chamas quase o atingiram.

Todos corriam para afastar-se daquela erupção também. No entanto, repentinamente tudo ao seu redor, até onde eles podiam ver, eram fontes de lava em erupção. Ouviam-se os chiados e explosões por toda parte enquanto a terra explodia como se fosse um campo minado. Mesmo apavorado, Thor não pôde deixar de notar que tudo criava uma bela exibição de luzes.

Todos eles estavam grudados em seus lugares, com medo de dar um passo em qualquer direção. Os jatos de lava estavam espaçados mais ou menos a cada seis metros e seria complicado caminhar entre eles.

“Como se supõe que possamos continuar através disso?” William perguntou.

“Pelo menos eles já explodiram...” Disse Elden. “Agora tudo o que temos a fazer é caminhar entre eles.”

“Mas e se mais alguns explodirem?” William perguntou.

Estava claro que eles não tinham outra escolha.

Todos eles seguiram adiante pelo o campo de lava, contorcendo-se cuidadosamente entre os jatos candentes. Felizmente, não houve

explosões enquanto prosseguiam, porém Thor estava atento durante todo o tempo.

Justo quando o campo de lava parecia ter chegado ao fim, de repente, um último jato de lava jorrou, pegando todos desprevenidos. Ele explodiu bem perto de O'Connor, perto demais dele para que ele pudesse mover-se e evitá-lo a tempo.

Seus gritos encheram o ar, assim como o fedor de carne queimada. O bíceps esquerdo de O'Connor estava bastante chamuscado por uma bola de lava e ele gritava, a fumaça e as chamas subiam de sua túnica. Malic estava de pé ao lado dele e poderia facilmente tê-lo ajudado a apagar as chamas. Mas ele não fez nada para ajudar.

Thor e Reece saltaram sobre O'Connor, derrubando-o, apagando o fogo. O'Connor gritava e Thor viu que a queimadura era séria e parecia incrivelmente dolorosa.

Ele e Reece puxaram O'Connor ajudando-o a levantar-se e Thor rasgou um pedaço de pano de sua própria túnica para envolver o braço de O'Connor.

"Por que você não o ajudou?" Reece gritou com Malic. "Você estava justo ao lado dele. Você poderia ter apagado o fogo."

Thor tinha estado perguntando a mesma coisa para si mesmo.

Malic deu de ombros, indiferente, chegando até mesmo a dar um sorriso.

"E por que eu deveria ajudar?" Ele perguntou. "Por que deveria me importar com ele se queimando?"

Thor olhava para ele incrédulo.

"Você está dizendo que você não se importa com proteger seus irmãos?" Elden perguntou.

Malic sorriu de volta e Thor podia sentir o mal em seus olhos.

"Claro que não me importo. Na verdade, eu mataria cada um de vocês se eu achasse que isso me beneficiaria."

Seu sorriso nunca se desfez e Thor podia ver que ele realmente falava sério. Thor sentiu um calafrio só de olhar para ele e perceber quão profunda era sua maldade.

Os outros olharam para ele, pasmos.

"Nós devíamos matá-lo agora." Elden respondeu.

“Então faça isso.” Malic disse. “Dê-me um motivo para matá-lo.”

Elden estava furioso, deu um passo em direção a ele e desembainhou sua espada, mas de repente, os gêmeos se interpuseram entre eles.

“Não desperdice seu tempo.” Conven disse para Elden. “Ele não vale a pena.”

Elden parou franzindo o cenho, então, finalmente, virou-se.

Krohn estava ao lado de Thor e claramente tampouco gostava de Malic. Ele rosnou baixinho em sua direção, o pelo de suas costas estava eriçado quando ele olhou para Malic.

“Vamos sair deste lugar.” Reece disse. “Você pode caminhar?” Ele perguntou a O’Connor, Quem estava entre eles, respirando com dificuldade e agarrando o braço.

O’Connor acenou de volta.

“Dói como o inferno. Mas eu vou ficar bom.”

O grupo continuou em marcha através do deserto, todos estavam nervosos e cuidavam-se de mais jatos de lava. Finalmente, depois de uma hora, Thor sentiu-se confiante de que já havia passado o perigo e começou a baixar a guarda.

Enquanto continuavam andando, o sol crescia ainda mais no céu, Thor começou a se perguntar por quanto tempo isso continuaria e se alguma vez encontrariam os Kavos. Que tão perdidos eles estariam?

“Como sabemos se estamos indo na direção certa?” William de repente gritou para o grupo, expressando o que passava pela mente de todos.

Ele obteve apenas o silêncio como resposta, junto com o assobio do vento. Aquela era resposta suficiente — ninguém ali sabia.

As horas seguiam passando enquanto todos marchavam através do deserto, a terra e as pedras rangiam ao ser esmagadas sob seus pés. Thor estava ficando cansado, com fome e acima de tudo, com sede. A manhã fria tinha se transformado em um dia caloroso e o vento chicoteava trazendo apenas poeira e mais ar quente. Ele lambeu os lábios e percebeu que daria qualquer coisa por um odre de água.

Thor olhou para cima e piscou: ele pensou ter visto algo correndo à distância. Algo parecido com uma avestruz, porém como a coisa veio e se foi tão rápido, ele não tinha certeza. Seria possível? Um animal, naquele lugar, no meio do nada?

Ele apertou os olhos na luz, a névoa da manhã agora tinha praticamente se dissipado e ele pensou ter visto uma pequena nuvem de poeira.

“Viu aquilo?” Ele perguntou a Reece.

“Aquilo o quê?” Reece perguntou de volta.

“Eu vi.” Conval disse. “Parecia uma espécie de animal.”

Agora Thor estava intrigado. Todos eles continuaram a marchar, de repente, outro animal correu direto para eles. Eles sacaram suas espadas, mas o animal se movia muito rápido e se esquivou no último segundo.

“Que diabo era aquilo?” Conval perguntou.

Thor definitivamente tinha visto o animal dessa vez. Ele tinha um corpo brilhante amarelo e preto, sua barriga era redonda e suas pernas compridas e finas, ele tinha pelo menos três metros de altura e asas curtas e grossas no lugar dos braços além de uma cabeça enorme. Parecia um zangão correndo sobre pernas de pau.

De repente, outro animal apareceu correndo do nada, investindo direto contra eles. O animal deu um grito estridente enquanto seguia e fez um zumbido ao bater suas asas, parecia que ia diretamente atacar Thor. Thor, já tinha desembainhado sua espada e esquivou saindo do caminho no último segundo, quando a besta passou e roçou nele. Thor balançou sua espada, mas o animal era tão rápido, que ele não chegou nem perto. Ele apenas agitou a espada no ar. Krohn rosou e virou-se para o animal, mas também falhou. Thor não sabia como algo tão grande podia se mover rápido. O atrito com o animal deixou um hematoma em seu braço.

Os outros olham perplexos, mas Reece assentiu com a cabeça consciente da situação.

“Emas-zangão.” Reece disse, relaxando a guarda. “Elas são inofensivas, a menos que sejam provocadas.”

“Inofensivas?” O’Connor disse. “Aquela não parecia inofensiva.”

“Provocá-las como?” Elden perguntou. “Quer dizer, entrar em seu território? Pois é exatamente isso o que estamos fazendo.”

Thor estudou o horizonte e de repente surgiram à vista centenas de emas-zangão, correndo em grupos em todas as direções, suas asas batiam e vibravam, faziam um grande barulho tal como um ninho de vespas. As criaturas zigzagueavam para a esquerda e para a direita e todos os oito rapazes detiveram seus passos. Ficaram ali, petrificados, sem saber o que fazer. Estava claro que se eles continuassem a avançar, seriam atacados.

“Recuem lentamente.” Disse Reece. “Não tirem os seus olhos delas. Senão, elas interpretarão isso como um sinal de fraqueza.”

Cada um deles recuou cuidadosamente, um passo de cada vez e depois de alguns minutos, ganharam distância suficiente para estar em segurança, fora do alcance.

“Nós não podemos continuar nessa direção.” Conval disse.

“Vamos virar por esse caminho.” Conven disse.

Eles fizeram uma curva acentuada para a direita, tomando uma trilha estreita entre duas montanhas. Assim que eles estiveram em segurança, fora da vista, eles largaram-se a correr, tentando estabelecer a maior distância que podiam entre eles e as criaturas.

“Você acha que elas vão nos seguir?” O’Connor perguntou.

“Eu espero que não.” Disse William.

Eles correram pelo que pareceu ser uma hora, até que finalmente saíram do outro lado das montanhas e se encontraram em uma nova região deserta.

Eles reduziram o ritmo para uma caminhada, todos respiravam com dificuldade, Thor estava coberto de suor. O sol esquentava naquela hora da tarde e Thor daria qualquer coisa para beber água. Ele olhou em volta e viu que os outros estavam tão exaustos quanto ele.

“Isso é uma estupidez.” William finalmente disse. “Como vamos encontrá-los? Nós poderíamos estar indo na direção errada.”

“Nós simplesmente temos de seguir em frente.” Disse Reece.

“Seguir para onde?” Elden perguntou frustrado.

“Talvez tudo isso seja apenas um exercício.” Disse O’Connor.

“Para poder matar todos nós. Talvez esses tais Kavos nem sequer

existam. Talvez essa coisa toda seja um teste para ver por quanto tempo e até onde nós podemos prosseguir até que percebamos isso e voltemos. Talvez eles estejam todos esperando por nossa volta, lá onde começamos tudo.”

“Isso é ridículo.” Elden disse. “Nós temos uma missão. Não podemos desistir.”

William parou e todos eles pararam e olharam para ele.

“Eu acho que nós deveríamos voltar.” Disse ele.

“Se você não continuar caminhando...” Malic começou. “... Então eu vou...”

Antes que ele pudesse terminar suas palavras, de repente, todos ouviram o som de passos no chão do deserto.

Thor virou-se a tempo para ver uma dúzia dos guerreiros mais ferozes que ele já tinha visto, investindo diretamente contra eles. Eles estavam totalmente vestidos de negro e usavam grandes capacetes vermelhos em suas cabeças. Seus braços e pernas musculosas estavam abertos. Eram altos, largos e de músculos salientes, carregavam espadas, escudos e toda sorte de armas mortais. Eles deram um feroz grito de guerra.

“Eu creio que nós os encontramos.” Disse Malic.

Os Kavos. Eles apareceram do nada — e eles não pareciam estar contentes.

Thor e os outros se viraram e os encararam, mas quase não tiveram tempo suficiente para reagir. Nenhum deles sacou suas espadas, todos eles não sabiam se deviam provocá-los ou tentar fazer as pazes.

“Nós viemos aqui para pedir a sua permissão!” Reece exclamou quando os Kavos arremeteram tentando apaziguá-los.

“Nunca!” O seu líder respondeu.

Thor e os outros iam sacar suas armas, mas àquela altura, já era tarde demais.

Os Kavos lançaram-se sobre eles. Moviam-se mais rápido do que Thor poderia imaginar. Thor viu seus irmãos levantando suas espadas e escudos. Houve um grande estrondo de metal quando os Kavos bloquearam os golpes.

Thor levantou sua espada para aparar um golpe antes que ele atingisse seu ombro. A força era tão intensa e feroz que o fez cambalear por vários metros. Quando ele olhou para cima, o guerreiro Kavos baixou sua espada novamente, mas Thor conseguiu bloquear o golpe mais uma vez. Porém, o Kavos, um homem enorme, com uma longa barba selvagem, se inclinou para trás e chutou fortemente o peito de Thor. O golpe o fez voar para trás por vários metros. A força do impacto o nocauteou.

Krohn rosnou e lançou-se sobre o guerreiro, ele conseguiu fazê-lo retroceder e o impediu de atacar Thor enquanto ele se encontrava caído chão.

Os gêmeos foram derrubados também junto com William, Reece, e O'Connor. Elden, com a sua enorme força, era capaz de ir golpe a golpe, mas até ele estava levando a pior. Thor não conseguia entender como os Kavos eram tão fortes e por que eles eram tão hostis. Ele tinha pensado que iriam conceder-lhes a permissão. Agora ele percebeu que precisava lutar por ela.

Thor rolou para fora do alcance, enquanto uma espada descia até ele. A lâmina dela ficou presa na sujeira e Thor usou a oportunidade para mobilizar-se de um lado para outro e usar seu escudo para golpear seu atacante nas costelas. O homem deu um suspiro e caiu de joelhos. Thor ficou de pé e chutou o homem, fazendo-o cair de costas.

Mas então Thor foi atacado de lado por outro guerreiro e derrubado no chão com violência. Ele caiu com um estrondo, de cara no chão, sem fôlego. Ele tentou se virar, mas o guerreiro Kavos o sujeitava firmemente, o homem era três vezes maior do que Thor. O homem tentou arranhar o rosto de Thor, quem estendeu sua mão para impedi-lo. Mas o homem era muito forte. Então Thor rolou a cabeça para fora do seu alcance e no último segundo os dedos do homem passaram raspando por ele e mergulharam no chão poeirento.

Thor tentou rolar para poder tirar o homem de cima dele, porém o homem era muito forte. Rolaram várias vezes e o homem sempre ficava sobre Thor, prendendo-o ao chão. O homem estendeu a mão e Thor viu que ele empunhava uma adaga curva e estava baixando-a

em direção ao seu rosto. Não havia nada que Thor pudesse fazer a respeito. Ele se preparou para o golpe.

Krohn apareceu rosnando e mordeu o homem em um lado da cabeça. O homem gritou e soltou Thor. Então Elden apareceu e chutou fortemente as têmporas do guerreiro Kavos, o golpe o derrubou. Thor ficou de pé de um salto, ao lado de Elden, ele estava mais grato a Krohn e a Elden do que eles jamais poderiam imaginar.

“Eu lhe devo uma.” Ele disse.

Mais guerreiros atacaram e ambos giraram, levantaram suas espadas e bloquearam os golpes. Thor se esquivava, movendo-se para frente e para trás, batendo as espadas, recuando, mal capaz de sustentar a sua. Aqueles homens eram muito fortes, muito rápidos. Ele não podia detê-los por muito mais tempo.

Thor, desesperado, estava começando a sentir um poder, uma energia, brotando dentro dele. Ele sentiu um calor tremendo subir por suas pernas, braços e ombros e fluindo pra as palmas das suas mãos. De repente, sua espada foi derrubada de sua mão e ele se viu indefeso. O guerreiro Kavos recuou balançando e quando ele o fez, Thor positivamente sentiu as palmas das mãos queimando. Ele tinha de confiar em seus instintos. Ele se afirmou sobre os pés, estendeu a palma da mão e dirigiu sua energia para o homem.

Quando Thor apontou as palmas das mãos, uma bola dourada de energia voou delas e atingiu diretamente o Kavos no peito. Ele saiu voando para trás por uns bons seis metros, deu um grito e caiu de costas. Ele ficou ali, caído no chão, inconsciente.

Os outros devem ter notado o que sucedia porque todos eles se viraram e olharam para Thor atordoados. Thor estendeu as palmas das mãos, apontando para um Kavos de cada vez. Uma bola de energia dourada após outra voava para fora, derrubando cada um dos Kavos, fazendo-os cair de costas. Thor primeiro lançou sua energia contra o guerreiro que havia atacado Reece, logo contra os atacantes de Elden e O’Connor e, em seguida, contra todos os outros guerreiros. Ele salvou cada um de seus irmãos de armas, poupando-os de um terrível golpe por parte de seus respectivos atacantes.

Havia um Kavos maior do que os outros, com uma armadura de cor diferente, que parecia ser o líder. Ele lançou-se contra Thor e Thor virou-se e disparou uma bola de energia contra ele.

Mas Thor ficou chocado ao ver o homem afastá-la de um golpe antes que ela o atingisse.

O homem deu três passos para Thor, o agarrou pela camisa e o ergueu bem alto no ar por vários metros, até que ambos pudessem olhar nos olhos um do outro. Ele segurou Thor assim e ficou olhando para ele ameaçadoramente.

Thor sentiu uma tremenda energia que fluía através do homem e percebeu que sem importar quem ele fosse, estava indefeso em suas mãos. Thor sabia que se aquele homem quisesse matá-lo, poderia fazê-lo facilmente.

O homem segurava Thor no ar, depois de alguns segundos, lentamente sua expressão se suavizou e para a surpresa de Thor, ela se transformou em um sorriso.

“Eu gosto de você.” O homem rosnou, com uma voz profunda, antiga. “ Eu gostaria de tê-lo aqui.”

Ele se inclinou para trás e atirou Thor pelo ar, ele saiu voando, aterrissando com força rolando várias vezes no chão, novamente sem fôlego. Ele ficou ali, respirando com dificuldade e olhava para o guerreiro. O homem riu, logo, virou as costas e começou a se afastar.

“Bem-vindo à Ilha da Neblina.” Ele disse.

CAPÍTULO TREZE

Erec acordou de madrugada numa cama estranha e sentou-se, tentando se orientar. Então, ele lembrou-se: ele estava na taverna. Alistair.

Ele levantou-se e vestiu-se em instantes, preparando-se. Ele tinha estado desperto durante a maior parte da noite, mal pôde dormir, o sangue latejava em suas veias ao pensar em Alistair. Ele não poderia tirar o rosto dela de sua mente e mal podia suportar a ideia de que ela estava dormindo no final do corredor, sob o mesmo teto que ele. Ele também não pôde descansar, sabendo que ela ainda não havia dito se aceitava ou não sua proposta.

Enquanto ele punha sua cota de malha, enquanto observa o primeiro raio de luz irromper através da janela torta, ele sabia que aquele seria o dia. O dia em que começaria sua nova vida, o primeiro de cem dias de torneios para ganhar sua noiva. Agora ele tinha um motivo para vencer. Se Alistair o aceitasse, ele iria lutar por ela.

Enquanto Erec observava a primeira luz do sol iluminando lentamente o mundo; as árvores em silhueta; enquanto ele ouvia os primeiros pássaros cantar, ele foi atingido por um sentimento do qual ele não poderia mais se desfazer: se ela dissesse que sim, aquele seria o dia em que sua vida mudaria. Durante toda a sua vida, ele tinha conhecido outras mulheres, porém ele jamais tinha vivido um sentimento igual ao que sentiu quando conheceu Alistair. Quando ele a encontrou novamente na taverna, ele não esperava sentir-se assim outra vez. Ele ficou surpreso ao perceber que o que ele sentia era ainda mais forte. Não era algo passageiro. Era um sentimento instantâneo de lealdade a ela. A sensação de que ele não poderia estar ao lado de mais ninguém. Ele não sabia se ela sentia isso também. E ele não poderia dizer se era porque ela estava atordoada ou porque ela simplesmente não estava interessada nele.

Ele tinha de saber a resposta. Ele não poderia descansar até que ele soubesse.

Erec terminou de se vestir, reuniu suas armas e se apressou para sair do quarto, suas esporas tilintavam enquanto seus passos ecoavam pelo chão do corredor de madeira, que rangia sob seus pés. Ele desceu os degraus apressado, entrou na taverna que estava vazia, exceto por sua presença. Todos os demais ainda dormiam. Ele se sentou em uma das mesas vazias, esperando, abrigando esperanças. Ela estaria acordada? Ele se perguntava. Será que ela se importava com ele?

Momentos depois, a porta da cozinha foi aberta, o estalajadeiro meteu a cabeça para fora e olhou com desaprovação para Erec, e em seguida, fechou a porta rapidamente. Seguiu-se uma gritaria, um barulho de panelas atrás da porta fechada, e, momentos depois, a porta se abriu e ela apareceu.

A visão dela o deixou sem fôlego. Ela usava a mesma roupa da noite anterior, seu cabelo estava desgrenhado e ele podia ver que ela tinha sido despertada apressadamente. Ela também parecia cansada, como se não tivesse dormido muito bem. No entanto, ela parecia tão bonita como sempre. Seus grandes olhos azuis brilhavam na luz da manhã, deles emanava uma energia diferente de qualquer outra que ele havia encontrado antes.

Alistair se apressou em direção a sua mesa, segurando uma caneca de cerveja, sua cabeça estava baixa em sinal de humildade. Ela ficou diante dele, porém ainda não havia levantado a vista para encará-lo. Ele queria mais do que qualquer coisa olhar naqueles olhos para saber como ela se sentia com respeito a ele. Ele estava prestes a falar com ela, quando de repente o estalajadeiro apareceu atrás dela, dirigindo-se apressadamente até onde ela estava. Alistair ficou nervosa, esbarrou na mesa e acabou derramando um pouco de cerveja no chão.

“Olhe o que você fez!” O estalajadeiro gritou para ela. “Sua garota suja e estúpida! Limpe esse desastre!”

“Erec enrubesceu ao ouvir aquelas palavras duras, sua raiva foi crescendo.

Alistair virou-se nervosa e quando ela fez isso, por acidente, ela bateu na caneca de cerveja que passou deslizando por cima da mesa e caiu no chão com um estrondo. O líquido se espalhou por toda parte.

“Criada estúpida!” O estalajadeiro gritou. Ele estendeu sua mão enorme espalmada e desceu-a sobre o rosto de Alistair.

Mas Erec foi mais rápido, ele recorreu aos seus reflexos de soldado, saltou do banco e pegou a mão do estalajadeiro no meio do gesto. Ele agarrou o pulso do homem com firmeza, pouco antes que ele atingisse Alistair e o segurou.

O homem olhou com raiva para ele, mas Erec era mais forte e com uma mão ele inclinou-lhe o pulso para trás, fazendo-o girar até que o estalajadeiro caiu de joelhos.

“Se você alguma vez tentar colocar uma mão em cima dela de novo...” Disse Erec, ao tirar um punhal e apertá-lo contra a base da garganta do estalajadeiro: “... Eu juro por Deus que vou matar você.”

O estalajadeiro engoliu saliva, seus olhos se arregalaram de medo.

“Meu senhor, por favor, não o machuque.” Alistair disse baixinho.

Erec foi apaziguado pelo som da voz dela e ele abrandou um pouco, especialmente porque o estalajadeiro engoliu em seco e o suor brotou da testa dele.

“Eu não vou tocá-la.” Disse o estalajadeiro com sua voz rouca devido à pressão da ponta do punhal. “Eu prometo.”

Erec o soltou. O estalajadeiro baixou o braço e esfregou seu pulso, respirando com dificuldade.

“Você me acompanha?” Ele perguntou a Alistair, indicando-lhe o assento em frente a ele, de uma das mesas.

“Ela tem trabalho a fazer!” O estalajadeiro exclamou ao ficar de pé.

“Se eu ganhar os torneios e se ela concordar, então ela vai ser minha noiva.” Erec disse para o estalajadeiro. “Ela nunca mais vai ter de trabalhar novamente.”

“Ela poderá ser sua noiva.” O estalajadeiro retrucou. “Mas o simples fato de que ela esteja casada, não a isenta de suas

obrigações para comigo. Ela é minha criada. Ela ainda tem de cumprir mais quatro anos de contrato.”

Erec olhou para Alistair, ela olhou para ele e assentiu com um movimento de cabeça, seus olhos estavam úmidos.

“Isso é verdade, meu senhor. Como pode ver, eu não sou a noiva ideal. Eu estou atada a este lugar. Devo pagar a minha dívida, antes que eu seja livre para ir embora .”

Erec virou-se e franziu o cenho para o hospedeiro. Ele odiava aquele homem com um ódio que não pensava que fosse possível.

“Eu já lhe disse que pagaria o contrato se ela aceitasse se casar comigo. Qual é o valor do contrato dela?” Erec perguntou.

“Isso não é da sua conta.

“Responda-me!” Erec rosou, colocando uma mão no seu punhal.

O estalajadeiro deve ter detectado a seriedade de Erec, porque ele engoliu saliva e olhou para trás.

“O servo típico é pago com alojamento, alimentação e 100 tostões por um contrato de sete anos.” Disse ele.

“Se eu ganhar o torneio e se ela concordar em ser minha noiva, vou comprar o contrato dela de você. Na verdade, eu lhe pago o triplo.”

Erec tomou um saco de moedas de ouro de sua cintura e soltou-o em cima da mesa. Ele caiu com um estrondo.

“300 tostões de ouro do rei.” Erec anunciou.

O estalajadeiro olhou para baixo, com os olhos arregalados. Ele lambeu os lábios com ganância, olhando de Erec para Alistair. Então ele pegou o saco, o pesou na palma da mão e abriu-o, examinando o conteúdo.

Finalmente, ele meteu o saco no seu bolso. Ele deu de ombros.

“Leve-a então.” Ele disse. “É o seu dinheiro que se perde. Só um tolo iria jogar fora tanto ouro por uma criada.”

“Por favor, meu senhor, não faça isso.” Alistair exclamou para Erec. “É muito dinheiro! Eu não mereço tanto!”

O estalajadeiro estava prestes a ir embora, mas parou e virou-se.

“E se você não ganhar a competição? E se ela não aceitar ser sua noiva?” Ele perguntou.

“Contanto que ela seja livre...” Erec disse. “... O ouro é seu.”

O estalajadeiro sorriu, virou-se e saiu rápido da sala, batendo a porta da cozinha atrás dele.

Finalmente, Erec e Alistair estavam a sós no quarto.

Erec virou-se e olhou para ela.

“Aceita casar-se comigo?” Ele pediu a ela com a maior seriedade que ele podia expressar.

Alistair baixou a cabeça humildemente e o coração de Erec martelava enquanto ele aguardava a resposta. E se ela dissesse que não?

“Meu senhor...” Ela disse. “Eu não poderia pensar em nenhuma honra maior. Para qualquer donzela no reino não há um sonho melhor do que ser sua esposa. Mas eu não mereço isso. Eu sou apenas uma garota comum, uma criada. O senhor iria manchar o seu grande nome por estar comigo.”

O coração de Erec se encheu de amor por ela, naquele momento ele soube que não se importaria com o que os outros pensassem, ele queria passar o resto de sua vida com ela.

“A senhora se casaria comigo?” Ele pediu diretamente.

Ela baixou a cabeça e deu um passo adiante, Erec, gentilmente colocou a mão em seu queixo e levantou-o.

Ela olhou para ele, seus olhos estavam cheios de lágrimas.

“A senhora está chorando.” Ele disse destroçado. “Isso significa que não.”

Ela acenou com a cabeça.

“São lágrimas de alegria, meu senhor.” Disse ela. “A partir do momento em que meus olhos encontraram os seus, eu não desejei mais nada.” Disse ela. “Meu coração estava muito sobrecarregado para poder dizê-lo. Eu não me atrevia a sonhar com isso.”

Eles se abraçaram e ele a envolvia com firmeza em seus braços. A sensação do corpo dela envolto no dele era superior a qualquer coisa que ele já tinha sentido em sua vida.

“Por favor, meu senhor...” Ela sussurrou em seu ouvido. “Ganhe este torneio. Ganhe-o por mim.”

CAPÍTULO QUATORZE

Thor estava com os outros rapazes da Legião, tentando recuperar o fôlego e banhado em suor. O segundo sol estava no seu auge, batendo sobre suas cabeças. Aquele dia já havia sido realmente implacável.

Depois de ganhar a permissão da tribo dos Kavos e finalmente encontrar o seu caminho de volta para se reunir com outros membros da Legião na noite anterior, todos eles haviam desabado no chão do deserto. A sensação que Thor tinha era de que ele havia acabado de fechar seus olhos, quando ele foi acordado bem cedo, ao romper da aurora do dia seguinte, desde então, eles não tinham parado de treinar durante todo o dia.

Era o primeiro dia de treinamento da Centena e era mais cansativo do que qualquer coisa que ele pudesse imaginar. Eles tinham praticado luta desde de manhã cedo, dividindo-se em grupos de todas as idades. Eles praticavam atirando lanças em alvos móveis, os escudos estrondaram por horas; lutavam com espadas superpesadas; saltavam sobre barrancos e praticavam luta livre uns contra os outros. Quando ele virou-se e olhou em volta, viu que todos os garotos pareciam exaustos. Era como se tivessem acumulado a carga de uma semana de treinamento em um só dia, sem uma única pausa para descanso. Cada músculo de seu corpo doía. Ele não podia imaginar como eles poderiam manter aquele ritmo durante cem dias. Talvez essa fosse a ideia.

Finalmente, os comandantes haviam convocado a todos e ele ficou lá com os outros, recuperando o fôlego e olhando para Kolk, que passeava entre eles.

“Trouxemos vocês para esta ilha por uma razão...” Ele disse com voz retumbante. “... Treinar aqui é diferente de treinar em qualquer lugar do mundo. Se quiséssemos engajá-los em exercícios técnicos, teríamos mantido vocês lá no Anel. Aqui, há aspectos únicos para treinar, para se tornar um guerreiro, os quais vocês não vão

aprender em nenhum outro lugar do mundo. Esta ilha é conhecida como um campo de treinamento para os guerreiros de elite de cada reino e não apenas do Anel. Eles vêm aqui de todos os cantos do mundo para treinar, para aprender técnicas uns dos outros, para treinar uns com os outros. E agora é hora de expor vocês ao melhor dos melhores.

“EM FORMAÇÃO!” Kolk exclamou.

Os meninos ficaram uma fila dupla, lado a lado, Thor ficou ao lado de Reece. Todos começaram a marchar até uma colina íngreme, Krohn caminhava ao lado deles. Thor olhou para cima e viu que a colina parecia subir direto para o céu. A luz do sol batia em seus olhos. Ele mal podia acreditar que estavam marchando para o topo. Para poder alcançar o patamar no qual eles tinham estado lutando eram necessárias muitas horas; chegar ao topo daquela montanha provavelmente levaria muito mais horas.

Reece suspirava ao lado dele, sem fôlego.

“Sabe que nem todo mundo volta.” Disse Malic. Ele estava falando com William, que marchava ao seu lado. Thor podia ver o terror nos olhos de William e ele percebeu que a intenção de Malic era assustá-lo. Malic devia ter percebido que William era mais sensível do que os outros e parecia que Malic queria quebrantá-lo. Thor não entendia qual era o problema de Malic. Ele odiava todos? Ou ele simplesmente tinha nascido malvado?

“O que você quer dizer?” William perguntou temeroso.

“Há uma quota.” Disse Malic. “Para a Legião. Mesmo que nós nos saíamos bem, eles devem deixar alguns de nós atrás.”

“Isso não é verdade.” Reece disse.

“Isso foi o que eu ouvi.” Malic disse.

“Nem todo mundo entra para a Legião.” Elden corrigiu, virando-se. “Mas isso não é porque há uma cota. Isso é porque muitos falham. Tudo se trata de desempenho.”

“Eles não iriam nos deixar para trás aqui nesta ilha, não é?” Perguntou William com medo em sua voz.

“Claro que deixariam.” Malic respondeu.

William olhou ao seu redor com um novo sentido de medo. Logo, eles ouviram um terrível ruído parecido a um grasnado, eles olharam

para cima quando um enorme pássaro mergulhou sobre eles, circulando-os. Parecia um urubu, mas tinha três cabeças e uma cauda amarela, longa. Ele parecia olhar direito para William. A estranha ave gritou de novo e levantou a cauda.

“O que é isso?” William perguntou.

“Um galtross,” Reece disse. “Uma ave de rapina.”

“Dizem que ele aponta para os mortos,” Malic acrescentou.

“Aquele que for seguido por ele, será o próximo a morrer.”

A ave grasnou para William e Thor pôde ver o terror apoderar-se dele.

“Por que não o deixa em paz?” Thor disse para Malic.

“Eu vou tratá-lo como eu quiser.” Malic disse. “E quando eu terminar com ele, será a sua vez.”

Thor observou a mão de Malic escorregar e descansar no cinto, sobre seu punhal.

Krohn rosnou para Malic.

“Tente alguma coisa contra meu amigo será a minha faca o que você vai sentir nas suas costas.” Reece disse para Malic.

“E a minha.” O’Connor acrescentou.

Mas Malic, imperturbável, apenas sorriu. Ele na verdade soltou uma risada, voltou-se e continuou a marchar.

“Cem dias é muito tempo.” Ele disse ameaçadoramente, então se calou.

O grupo caiu em um silêncio tenso e continuou a marchar.

A inclinação da montanha tornou-se mais acentuada e logo eles tiveram praticamente de apoiar-se em suas mãos e joelhos e rastejar seu caminho até a parte de cima.

Depois do que pareceram horas, as pernas de Thor queimavam, finalmente, todos chegaram a um vasto planalto no topo da montanha. Todos os garotos desabaram no chão, entre eles Thor.

Ficaram lá, respirando com dificuldade, envoltos em uma verdadeira nuvem. Era impossível ver qualquer coisa, envoltos na névoa. Thor estava lá, ofegante, mais cansado do que ele jamais imaginou ser possível.

“TODOS DE PÉ!” Ouviu-se um grito.

De alguma forma, Thor obrigou-se a ficar de pé junto com os outros rapazes, ao fazê-lo a nuvem levantou. Thor ficou chocado ao ver ali, um grande grupo de guerreiros bem diferentes. Eles estavam chefiados pelo guerreiro de aparência mais feroz que Thor já tinha visto. Sua pele era de um tom verde claro, sua cabeça era calva, ele era três vezes maior do que qualquer homem. Ele estava sem camisa e usava calças curtas e seus músculos eram bem salientes. Ele tinha três cicatrizes em seu peito e lhe faltava um olho. Em seu cinto havia armas de todo tipo dependuradas. Ele, sozinho, formava um verdadeiro exército.

Atrás dele havia uma dúzia de guerreiros dos mais variados tamanhos, raças e formas. Eles eram de aparência exótica e Thor podia dizer que eles tinham vindo de países muito distantes, de dentro e de fora do Anel. Ele estava sem fôlego. Guerreiros reais. Aqueles homens eram os seus heróis. Ele nunca tinha conhecido ninguém de fora do Anel, muito menos guerreiros.

“Este é Kibotu,” Kolk anunciou. “Ele é o treinador residente nesta ilha. Os guerreiros o procuram de todas as partes do mundo. Ele tem treinado os melhores e ele próprio está entre os melhores.”

Kibotu deu a Kolk um breve aceno mostrando-lhe respeito, em seguida, ele olhou para os membros da Legião. Thor sentiu como se estivesse olhando diretamente através dele e se sentiu incômodo em sua presença.

“Todo ano eles nos trazem uma nova safra de jovens guerreiros. Todos os anos, alguns de vocês conseguem ter êxito e alguns de vocês não. O coração de um guerreiro é forte. Seu espírito é mais forte. Esta ilha está aqui para ensinar-lhe a ter o espírito de um guerreiro. É um lugar implacável. Não cometam erros. Respeitem-na e ela vai respeitá-los.”

Thor olhou sobre o ombro de Kibotu e mais além ele pôde distinguir um campo de treinamento. Havia várias estruturas, vastos campos de lutas e dezenas de guerreiros exercitando-se arduamente, treinando com todas as armas que se podia imaginar. Ele observou guerreiros atirando em alvos com arcos e flechas, atirando lanças, atacando manequins com espadas e investindo com

lanças uns contra os outros. Aquele lugar estava vivo com o espírito de guerreiro.

“Vocês treinarão aqui com a gente, hoje e todos os dias, até que os seus cem dias terminem, até que seus espíritos sejam dignos. Não percam tempo. Tomem seus lugares!”

Os rapazes se entreolharam perplexos.

“Dividam-se em grupos de oito!” Kolk ordenou. “Você sabe quem vocês são. Cada um vai explorar uma habilidade e não vai parar até que eu diga!”

A Legião se dispersou e correu para o campo de treinamento, logo Thor foi dirigido pelos comandantes, juntamente com o seu grupo de oito, para praticar o arremesso de lanças do outro lado do campo.

Thor ficou ali e esperou sua vez enquanto os sete rapazes pegavam uma lança, um de cada vez, e apontavam para um alvo à distância. O alvo estava feito com pedaço de madeira cortado na forma de um círculo e fixo a uma árvore. Todos os rapazes, um após o outro, erraram a pontaria. O alvo estava muito longe e era muito pequeno. Todas as lanças caíram bem antes de poder sequer chegar até a árvore.

Era a vez de Thor. Ele levantou a longa lança de bronze, mais longa e mais pesada do que qualquer lança que ele já havia sustentado e apontou para o alvo. Porém o alvo estava tão longe, mais longe do que qualquer alvo para o qual ele já tinha apontado; Thor não podia imaginar como ele iria atingi-lo.

Ele deu três passos e atirou. Ele ficou com vergonha de ter dado um arremesso tão curto, a flecha caiu no solo a poucos metros.

“Você atirou com seu corpo...” Disse uma voz duramente. “... Não com sua mente!”

Thor se virou para ver Kibotu justo ao lado dele, franzindo o cenho.

Kibotu adiantou-se, pegou uma lança como se ela fosse um palito de dentes, deu um passo e a lançou. Ela disparou pelo ar com a velocidade da luz e atingiu o centro do alvo.

Thor não podia acreditar. Ele sentia-se como um menino ao lado daquele guerreiro. Ele se perguntava por que Kibotu o havia

distinguido entre todos os garotos.

“Como fez aquilo?” Ele perguntou.

“Eu não fiz aquilo.” Kibotu respondeu secamente. “A lança fez. Esse é o seu problema. Você faz uma separação entre você e sua arma. Você e a arma devem ser um só.”

Kibotu enfiou outra lança na mão de Thor, puxou o ombro dele para trás, virou o pescoço dele e o posicionou para que ele pudesse mirar o alvo.

“Feche os olhos.” Ele ordenou.

Thor obedeceu.

“Quando você der um passo à frente, veja a lança entrando no alvo com os olhos de sua mente. Não solte a lança. Deixe que ela se solte de você.”

Thor se concentrou e sentiu a lança de uma maneira que ele nunca tinha sentido antes. Ele sentiu uma tremenda energia fluindo através de seu corpo. Então ele respirou fundo.

Ele abriu os olhos, deu vários passos e arremessou a lança. Dessa vez foi diferente quando ele a soltou. Ele a sentiu mais leve. Ele a sentiu perfeitamente.

Thor não precisa nem olhar para saber o resultado. Ele o sentiu. Ele viu o que ele já sabia: foi um lançamento perfeito. De todos os lançamentos, o seu foi o único que pôde realmente acertar o alvo.

Thor virou e sorriu para Kibotu à espera de elogios.

Mas, para sua surpresa, Kibotu já tinha se virado e ido embora. Thor não sabia se isso significava que ele estava satisfeito ou desapontado. E ele ainda não sabia por que ele o havia destacado.

Os exercícios continuaram durante todo o dia, indo de uma habilidade para outra, até que, finalmente, uma buzina soou, e o pandemônio eclodiu. Antes que Thor conseguisse entender o que estava acontecendo, os rapazes estavam cruzando o campo de treinamento em todas as direções. De repente, ele viu Malic avançando diretamente contra ele, com um punhal na mão. Malic fez uma careta e Thor pôde ver em seu rosto a intenção de matar. Ele investiu contra Thor, prestes a enfiar o punhal em seu coração.

Tudo aconteceu muito rapidamente e Thor não pôde reagir a tempo. Ele se preparou, pois sabia que estava prestes a ser morto.

De repente, apareceu Krohn, saltando pelos ares e cravando suas presas no peito de Malic. Malic cambaleou para trás, pego de surpresa, tentando se desvencilhar.

Antes que Thor pudesse reagir, de repente ele sentiu-se atacado e preso ao solo por trás, seu rosto estava sendo pressionado contra o solo.

Thor tentou levantar-se para descobrir o que estava acontecendo, todos os outros ao seu redor foram parar no chão também. Ele se virou e percebeu que havia alguém em cima dele. Era um guerreiro exótico de um reino distante. O guerreiro estava tentando imobilizá-lo.

Foi então que Thor percebeu que o som da buzina significava que os campos de treinamento tinham sido abertos para a luta livre. Mas então, por que Malic o atacou com uma faca? Nenhum dos outros estavam usando armas.

Thor nunca tinha sido ensinado a lutar e ele sentiu uma dor lancinante no ombro quando o guerreiro o torceu contra o chão e colocou um dos seus braços por trás das costas. Ele era mais forte do que Thor poderia imaginar e Thor sentia que seu braço se quebraria. Aquele jovem guerreiro, talvez tivesse dezoito anos, sua pele era marrom escura e seus grandes olhos eram amarelos, sua cabeça era calva e ele tinha uma cicatriz que se estendia sobre a sobrancelha.

Ele se contorcia e lutava, porém, não podia se libertar do aperto daquele homem.

“RENDA-SE!” Gritou o guerreiro.

Mas Thor não queria render-se tão rapidamente.

Justo quando Thor pensou que seu braço não poderia dobrar mais, justamente quando ele pensava que o braço estava prestes a quebrar, ele ouviu o ruído de algo em movimento, seguido de um golpe e sentiu o guerreiro sair voando de cima dele.

Thor olhou para cima, querendo agradecer a quem quer que fosse, mas estava confuso quando ele piscou na luz do sol para ver que era Malic.

Malic havia se libertado das garras de Krohn e derrubado o guerreiro que estava sobre Thor. Usando suas botas, ele chutou o

guerreiro com força na parte de trás da cabeça enquanto o homem estava no chão, em seguida, ele tirou um punhal, saltou para baixo e quando o guerreiro virou-se Malic o apunhalou no coração.

O guerreiro deixou escapar um grito horrível, sufocado, o sangue jorrava de seu peito, sobre o punhal. Thor ficou lá, horrorizado, mal acreditando no que estava acontecendo. Ele se sentia terrível. Tudo tinha acontecido rápido demais como para que ele reagisse. Claramente, as armas não deveriam ser usadas naquela sessão de treinamento. Então, por que Malic tinha matado o homem?

Antes que Thor pudesse processar o que ocorria, Malic correu até ele, enfiou a arma sangrenta na palma da sua mão e se foi.

Outra buzina soou e de repente, Thor foi cercado por dezenas de guerreiros que olhavam carrancudos para ele. Kibotu e Kolk se aproximaram e os outros guerreiros abriram caminho.

“O que você fez?” Kibotu gritou para ele. “Você matou um dos meus guerreiros! Em uma sessão de treinamento!”

“Eu não matei ninguém!” Thor protestou, olhando para o punhal ensanguentado em sua mão. “Eu não fiz isso!”

“Então por que você segura essa arma?” Kibotu gritou.

“Malic o matou!” Thor gritou.

Houve um suspiro e os outros se viraram e olharam para Malic.

Ele apareceu arrastado por dois guerreiros. Thor ficou de pé, logo, um número cada vez maior de guerreiros se reuniu em torno dele e Thor podia sentir que todos olhavam para ele.

“Eu não matei esse homem!” Malic mentia. “Eu vi Thor fazê-lo. Afinal de contas, é seu punhal. Ele foi atacado por aquele homem.”

“Você nega que foi atacado por aquele homem?” Kibotu pressionou Thor.

“Ele realmente me atacou. Nós estávamos lutando. Ele estava a ponto de quebrar meu braço.”

“Então você admite que o apunhalou.” Kibotu disse.

“Não! Eu não o matei. Eu juro.”

“Então eu pergunto novamente: por que está segurando essa arma?”

Um dos guerreiros se adiantou e pegou o punhal da mão de Thor e o entregou a Kibotu. Kibotu examinou-o e em seguida, o entregou

a Kolk.

Kolk ergueu-o para a luz, para verificá-lo. Ele balançou a cabeça tristemente.

“Este é o punhal de Thor.” Ele confirmou.

“Mas eu não o matei!” Thor declarou. “Malic o colocou em minha mão!”

Kibotu olhava para um e outro, para Thor e para Malic.

“Um de vocês está mentindo. Só o destino saberá. O assassino deve ser punido. Nesta ilha, há uma crença de que o Ciclope é o determinante de todas as coisas. Quem enfrenta o Ciclope e viver será aquele que é inocente. Quem morrer pelas mãos dele, para esse o destino reservará a culpa.”

Kibotu deu um passo adiante e suspirou.

“Vocês lutarão contra o Ciclope. Aquele que sobreviver é inocente. Aquele morrer, que assim seja. O sangue clama por sangue.”

Thor engoliu em seco. O Ciclope? Ele não podia imaginar enfrentando um monstro, mesmo que ele fosse inocente. Ele sentiu quando o agarraram por trás e o amarraram com uma corda. A corda machucava seus pulsos. O mesmo sucedeu a Malic. Eles foram empurrados por trás e o grupo de guerreiros os seguia enquanto eles eram levados através do planalto e desciam a montanha íngreme. Krohn marchava ao lado de Thor, choramingando, recusando-se a afastar-se de seu lado.

Enquanto eles prosseguiam, o segundo sol começava a se pôr. Thor podia ver a ilha estendida abaixo dele. Naquele ponto o céu estava coberto de belos tons de vermelho e violeta. Abaixo, lá embaixo, na base da montanha, havia dezenas de cavernas.

Ele ouviu um rugido de abalar a terra, sentiu o chão tremer debaixo dele e sabia, com uma sensação de desânimo, que ele estava sendo levado direto para a cova do monstro.

CAPÍTULO QUINZE

Gwendolyn corria pelos corredores do castelo, com os nervos à flor da pele, fora de si de tanta preocupação, ela tinha sido incapaz de pensar em outra coisa desde que ouviu falar na prisão de Kendrick e de sua execução iminente. Gareth tinha ido longe demais. Gwendolyn não podia ficar de braços cruzados. Ela sentia-se tão impotente; tinha de haver alguma coisa que ela pudesse fazer, deveria haver alguma maneira de ajudar Kendrick e ela iria descobrir qual seria.

Gwen descia a escada de pedra em espiral, avançando cada vez mais fundo nas entranhas do castelo. Passou até mesmo pelo andar dos criados, depois de mais alguns andares, ela finalmente, chegou a uma porta grande, de ferro. Gwen não perdeu tempo, correu até a porta e bateu com os punhos.

Ela esperou, sem fôlego, com o coração batendo forte, finalmente, vários guardas abriram a porta. Um deles segurava uma tocha na escuridão.

“Minha senhora.” Disse o guarda do centro.

“É a princesa, a filha do rei?” Perguntou outro.

“Do falecido rei.” Corrigiu outro.

“Do atual e sempre rei.” Ela corrigiu severamente, dando um passo à frente. “Sou eu.”

“O que está fazendo aqui embaixo?” Alguém perguntou com os olhos arregalados. “Este não é lugar para uma dama.”

“Eu preciso ver meu irmão. Kendrick.”

Os guardas se entreolharam atrapalhados.

“Sinto muito minha senhora, mas Kendrick está proibido de receber visitantes. Estamos sob ordens estritas do Rei.”

Gwendolyn olhou para o guarda firmemente. Ela estava determinada, ela sentiu uma força apoderar-se dela. A força do seu pai.

“Olhe bem para meu rosto.” Ela disse. “Você me conhece desde que eu era criança. Eu sou conhecida por você como uma serva fiel e obediente ao meu pai.”

O rosto do guarda principal, já marcado por muitas rugas, se suavizou.

“Isso é verdade minha senhora.”

“Você acha que meu pai teria me impedido de ver meu irmão, Kendrick?”

Ele piscou várias vezes, pensando.

“Seu pai não teria impedido Vossa Alteza de nada.” Ele disse. “Ele tinha um espaço infinito em seu coração dedicado a Vossa Alteza. Sua ordem sempre era: “Que Gwendolyn obtenha tudo o que ela quiser.”

Gwen assentiu com a cabeça.

“Assim são as coisas...” Ela disse. “... Agora me deixe entrar.”

“No entanto...” Disse o guarda, bloqueando seu caminho. “... Eu tenho certeza de que seu pai não desejaria que seu assassino tivesse algum visitante.”

Gwen se enfureceu.

“Você deveria envergonhar-se.” Ela disse firmemente. “Você conhece Kendrick há muito mais tempo do que eu e sabe muito bem que não havia ninguém que amasse meu pai mais do que ele. Você realmente acredita que a mão dele está por trás disso?”

O guarda olhou de volta e ela podia vê-lo pensando. Finalmente, o rosto dele se abrandou.

“Não.” Ele disse. “Eu não creio.”

“Então está tudo dito.” Ela falou. “Agora afaste-se e deixe-me entrar. Vamos deixar de conversa fiada. Eu estou aqui para ver o meu irmão e eu vou vê-lo.” Ela disse com uma força em sua voz que surpreendeu até a si mesma. Era uma ordem — e não havia margem para a dúvida.

O guarda hesitou apenas por um momento, então ele finalmente, fez um sinal para os outros guardas, curvou a cabeça e deu um passo para o lado. Ele abriu a porta larga e quando Gwen passou por ela apressada, ele bateu a porta atrás dela.

“Siga-me e seja rápida ao fazê-lo, Alteza.” Ele exortou. “Este lugar tem muitos espiões. Não posso permitir que permaneça aqui por muito tempo. Se eu for apanhado, logo eu mesmo estarei aqui, preso nesta masmorra.”

Gwen o seguia enquanto se apressavam pelo corredor, seus passos ecoavam naquele lugar mal iluminado pelas tochas. Ela passava por uma cela após outra. Ela via os presos nas sombras, metendo seus rostos entre as barras de suas celas, rostos que tinham estado ali por muito tempo. Eram rostos lascivos, maus e alguns deles assobiavam para ela enquanto ela passava. Ela dobrou sua velocidade, tentando não olhar muito de perto para aqueles homens.

Finalmente, depois de descer por vários outros corredores, o guarda levou-a até uma cela individual, a última do lado esquerdo. Ele ficou atrás dela, esperando.

“Deixe-nos a sós.” Gwen ordenou.

O guarda olhou para ela, hesitou por um momento, depois se virou e saiu, deixando-a sozinha. Gwen olhou para dentro da cela com o coração batendo ansioso e se aproximou. Finalmente, Kendrick apareceu, ele se via muito pálido. Ele abriu um sorriso ao vê-la.

“Minha irmã.” Ela disse.

Ele estendeu a mão e agarrou a mão dela através das grades.

Ela sorriu de volta quando o rosto de Kendrick se iluminou. Era tão bom vê-lo, ver que ele estava vivo, que ele estava bem. Seu coração se partiu ao vê-lo ali, ao ver a indignidade sofrida por ele naquele lugar. Ele havia sido tratado injustamente. E ainda assim, ele era capaz de brindar um sorriso nobre, compassivo. Ele era o melhor homem que ela conhecia.

“Minha irmã.” Ele disse. “Você me dá uma enorme alegria vindo aqui.”

“A alegria é minha.” Ela respondeu. “É uma honra falar com você. Eu lamento não ter vindo antes.”

“Eu estou totalmente surpreso de ver que você conseguiu vir.” Ele disse envolvendo as mãos dela com as suas. Sua voz era fraca e rouca e ela enfiou a mão na sua blusa e tirou dela guloseimas que

tinha escondido para ele. Ela deslizou as guloseimas entre as barras da cela e ele olhou com surpresa.

“Carne seca de cervo.” Ela disse. “Sua favorita. Suficiente para dar-lhe força.”

Ele pegou a carne e imediatamente deu-lhe uma mordida, arrancando-a do espeto. Ele engoliu-a, faminto.

Gwen enfiou a mão no bolso e tirou dele um pequeno odre de água e Kendrick bebeu dele. Em seguida, ela enfiou a mão na cintura e pegou uma bolsinha.

“Eu queria que você tivesse algo doce.” Ela disse sorrindo. “Pães de mel. Eu mesma os amassei.”

Ela entregou-lhe a bolsa e os olhos dele se encheram de lágrimas.

“Você presta uma grande honra ao nosso pai.” Ele disse. “Você sabe que eu não o matei, não sabe?” Ele perguntou desesperadamente.

Ela assentiu com a cabeça.

“Claro que eu sei. Do contrário, eu não estaria aqui.”

Kendrick concordou com um gesto de cabeça. A visão dele ali embaixo quase trouxe lágrimas aos olhos de Gwen e fez com que ela ficasse mais furiosa com Gareth do que antes. Ela queimava por dentro com a injustiça de toda a situação.

“Gareth nos considera uma ameaça.” Ela disse. “É por isso que você está aqui.”

Kendrick olhou para ela.

“Isso tem sido sempre bem próprio dele.” Ele disse. “A ambição da sua vida inteira tem sido o trono do nosso pai. E por que ele se sentiria ameaçado por todos ao seu redor, se suas próprias mãos não estivessem por trás do assassinato?”

Gwen olhou para Kendrick significativamente.

“Eu tenho estado pensando a mesma coisa.” Disse ela. “Afinal, quem mais teria a ganhar?”

“Mas você deve provar isso. Você deve encontrar a arma do crime.” Disse Kendrick. “O punhal que foi utilizado para matá-lo. O que está faltando. Ele será a chave.”

“Você tem uma ideia de onde devo buscar?” Ela perguntou.

Ele balançou a cabeça, desanimado.

“Gareth provavelmente desfez-se dele, ou mandou alguém desfazer-se dele.” Ele respondeu. “E sem ele, vai ser muito difícil poder provar qualquer coisa. É tudo circunstancial. E até que eu consiga provar alguma coisa, poderei permanecer aqui até minha execução.”

Gwen sentiu o coração partir ao pensar nisso, ela sentiu um calafrio percorrer seu corpo.

“Eu não vou permitir que isso aconteça!” Gwen exclamou. “Eu encontrarei uma maneira de detê-lo. Eu prometo. Eu vou encontrar um jeito.”

Kendrick sacudiu a cabeça.

“Eu gostaria de compartilhar seu otimismo, mas você está lutando contra forças muito superiores ao que você possa imaginar. Há uma conspiração para encobrir a morte de nosso pai, e eu tenho a certeza de que suas ramificações são bem profundas. Tenha cuidado por onde você anda. Não subestime a vilania de Gareth. Lembre-se, você está lutando contra o dragão.”

“O dragão?” Gwen perguntou.

“Existem muitos tipos de dragões neste mundo. A maldade do sorriso dos homens pode ser mais traiçoeira que o dragão mais feroz da natureza.”

Gwen suspirou ao pensar sobre isso. Ela sabia que ele estava certo.

“Deve haver alguma maneira, alguém que possa nos ajudar a tirá-lo daqui.” Disse ela.

Enquanto estava ali abanando a cabeça, de repente, ela teve uma faísca de inspiração.

“Minha mãe.” Ela disse temerosa, mesmo enquanto falava essas palavras. Se havia alguém que odiava mais ainda Gareth, esse alguém era sua mãe e a única coisa boa que tinha resultado da morte de seu pai era o estado catatônico dela. Gwen jurou nunca mais ver a mãe novamente e a ideia de falar com ela fazia com que ela se sentisse doente. Mas por Kendrick, ela iria fazer o esforço.

“Não sei como ela poderia ajudar.” Kendrick disse. “Ela tem sido incapaz de falar desde a morte de nosso pai. E mesmo que o fizesse,

Gareth é rei agora. Ela não é mais rainha. Sua influência atual, se houver, é limitada.”

“Mas ela era rainha há apenas alguns dias.” Gwen lembrou.
“Muitas pessoas ainda respondem a ela, ainda a temem, a respeitam e acatam seus desejos, especialmente aquelas leais ao nosso pai.”

Kendrick assentiu em resposta.

“Eu reconheço que há uma possibilidade.” Ele disse.

Ele estendeu as mãos e tomou as mãos de Gwen entre as suas.

“Aconteça o que acontecer, eu quero que você saiba que o nosso pai estava certo ao escolher você como sua sucessora ao trono. Eu não vi isso antes, mas eu vejo isso agora. Ele estava certo o tempo todo.”

Gwen olhou para ele com o coração cheio de gratidão.

“Também quero que saiba que eu a amo.” Ele falou.

“Eu também o amo.” Ela disse com seus olhos cheios de lágrimas. “Saiba que não vou deixá-lo morrer aqui. Eu prefiro morrer primeiro.”

CAPÍTULO DEZESSEIS

Thor desceu a montanha em direção às cavernas do Ciclope. A luz do pôr-do-sol se derramava em volta dele, iluminando o mundo em um milhão de tons de vermelho. Ele sentia que estava sendo levado para a morte, como se ele estivesse descendo para o próprio inferno.

Thor marchava acompanhado por Krohn, os membros da Legião o seguiam a uma distância segura, Malic marchava ao seu lado, ambos ainda estavam amarrados. Os gritos da besta, escondida na caverna eram cada vez mais altos. A terra tremia enquanto caminhavam e Thor apenas podia imaginar a ira daquela criatura.

Thor odiava Malic com uma intensidade que não estava reservada para mais ninguém. Ele tinha sido colocado naquela situação horrível, injustamente, por causa dele. Tinha sido injustamente acusado, arrastado para sua morte potencial. Thor só rezava para que a lenda do Ciclope fosse certa ao afirmar que apenas o culpado seria morto.

Thor voltou a pensar naquela cena no campo de treino, quando Malic primeiro tentou matá-lo. Ele ainda não entendia o que tinha acontecido, ou por quê.

“Antes que sejamos enviados para a nossa morte...” Thor disse para Malic, caminhando lado a lado. “... Diga-me uma coisa. Por que você fez isso? Por que você tentou me matar lá no campo? E quando você não conseguiu, por que você, em seguida, matou aquele homem?”

Malic continuou andando e para surpresa de Thor, mesmo sabendo que estava marchando para sua morte, Malic sorria como se ele gostasse disso. Aquele garoto era realmente demente.

“Eu nunca gostei de você.” Malic disse. “Desde o momento em que eu o vi. Mas esse não foi o motivo. Eu fui pago generosamente para isso — pago para matar você.”

Thor estava horrorizado.

“Pago?” Ele perguntou.

“Você tem inimigos muito ricos. Eu aceitei de bom grado o pagamento, para tentar fazer por eles o que eu também queria fazer por mim mesmo.”

“Então por que você matou aquele homem com quem eu estava lutando?” Thor perguntou. “O que ele tinha a ver comigo?”

“Quando eu perdi minha chance de matá-lo...” Malic Disse: “... Eu percebi que minha próxima melhor chance era matá-lo e culpar você. Então os guerreiros matariam você e isso me pouparia o trabalho.”

Thor franziu a testa.

“Bem, não funcionou dessa forma, não foi?” Thor perguntou.

“Você vai morrer pela mão do Ciclope.” Malic disse.

“Mas você também vai morrer.” Thor ponderou.

Malic deu de ombros.

“Todo mundo tem de morrer um dia.” Ele disse e em seguida ficou em silêncio.

Thor não podia compreendê-lo, ele realmente parecia apático diante da vida. Thor tentava imaginar que mal a vida lhe havia feito para que ele fosse assim.

“Apenas me diga mais uma coisa antes de sua morte. “Thor pediu. “Quem lhe pagou? Quem são meus inimigos?”

Malic continuou a andar silencioso. Ele já não diria mais nada.

“Bem.” Thor concluiu. “Espero que esteja satisfeito. Agora ambos morreremos.”

“Errado.” Malic disse. “Eu não acredito em lendas e contos de fadas. O monstro não vai me matar. Eu sou mais forte do que qualquer monstro. Ele só vai matar um de nós. E esse é você.”

Thor olhou para ele com um ódio incalculável.

“Eu mataria você agora mesmo se eu pudesse.” Disse Thor.

Malic sorriu.

“Nesse caso, é uma pena que os dois estejamos amarrados.”

Eles continuaram a marchar em silêncio, estavam chegando cada vez mais perto, o céu ficava cada vez mais escuro e os rugidos do monstro cada vez mais altos.

“Eu gosto de você.” Malic disse surpreendendo Thor. “Em outra vida, nós seríamos amigos.”

Thor olhou para ele, descrente.

“Você é demente.” Thor disse. “Eu não entendo você. Você disse que me odiava. Nós nunca poderíamos ser amigos. Não sou amigo de mentirosos, nem de assassinos.”

Malic jogou sua cabeça para trás e riu alto.

“Mentir e assassinar é normal no mundo.” Ele respondeu. “Pelo menos eu sou corajoso o suficiente para admiti-lo. Todo mundo se esconde e se recolhe atrás de uma fachada.”

Os dois continuaram a marchar cada vez mais longe, colina abaixo, chegando mais perto da caverna do Ciclope. O céu se transformou em um brilhante e intenso vermelho, parecia que estava pegando fogo. Thor não podia evitar sentir que estava andando em direção ao próprio abismo do inferno.

Finalmente, Thor e Malic pisaram terreno nivelado, eles se achavam agora a quase trinta metros da caverna. Ambos se detiveram. Dois guerreiros vieram por trás deles e cortaram suas cordas, liberando suas mãos. Os guerreiros se viraram e correram de volta para cima, para a grande multidão de membros da Legião que assistiam a uma distância segura na parte alta da colina.

Thor e Malic se entreolharam, então Thor se virou e marchou corajosamente até a enorme caverna. Malic o seguiu. Se Thor ia morrer, ele iria fazê-lo com coragem. Krohn caminhava ao lado dele, rosnando.

“Volte Krohn!” Thor ordenou, desejando poupá-lo.

Mas Krohn se recusou a sair do lado dele.

Houve outro rugido de abalar a terra, o suficiente para fazer Thor querer parar sobre seus passos. Ao lado dele, Malic continuava marchando, relaxado, com um sorriso no rosto, como se estivesse feliz por conhecer o monstro. Talvez ele estivesse feliz por encontrar a morte, Thor pensava. Ele parecia um suicida.

A mente de Thor voava enquanto eles se aproximavam da caverna. A abertura era tão alta, se elevava pelo menos por nove metros, era sinistra; Thor estava admirado com o tamanho da criatura que vivia dentro dela. Ele se perguntava se aqueles seriam

seus últimos momentos na terra, se ele iria morrer daquela maneira, ali, naquela caverna, naquela ilha. Tudo por causa de um crime que ele não tinha cometido. Tudo por causa de Malic. Ele se perguntava sobre sua sina e seu destino, se tudo estava errado. Afinal, Argon nunca tinha previsto aquilo, nunca tinha previsto o seu encontro com o Ciclope, ou pelo menos nunca o havia avisado sobre isso. E o próprio Thor nunca tinha previsto sua atual situação. Seu poder não seria tão forte quanto ele pensava? Seria ali onde tudo acabaria? Ou será que de alguma maneira, seu destino tinha mudado?

Pela primeira vez desde que ele havia embarcado, Thor considerou a ideia de que ele poderia não regressar. Por alguma razão, ele pensou em Gwendolyn. Saber que ela estava esperando por ele, sem que ele pudesse regressar para ela, partia seu coração.

Antes que Thor pudesse terminar seus pensamentos, de repente, surgiu de dentro da caverna a maior besta que ele já tinha visto. Apesar da abertura da caverna ter cerca de nove metros de altura, por incrível que pareça, o Ciclope teve de agachar-se para poder passar. Ele deu três passos enormes e uma vez que se encontrou do lado de fora da caverna, conseguiu erguer-se totalmente. Era enorme, olhar para ele era como estar olhando para uma montanha.

Quando ele saiu, a terra tremeu. Ele se inclinou para trás e rugiu, Thor teve a sensação de que seus tímpanos haviam rompido. Seu corpo ficou paralisado de medo. Finalmente, Malic se amedrontou também. Ele ficou lá, de boca aberta, olhando para cima, com a espada pendurada frouxamente na mão. Krohn rosou, destemido.

O Ciclope devia ter uns quinze metros de altura. Era mais amplo e mais grosso do que um elefante, seus músculos sobressaíam de sua pele cinza, seu único olho piscava descontroladamente. Ele tinha duas presas enormes, cada uma delas era do tamanho de Thor. Ele inclinou a cabeça para trás e rugiu de novo, com as os punhos fechados, seus braços subiam e desciam muito rápido, pareciam troncos de árvores, balançando direto para Thor e Malic.

Thor pulou para fora do caminho bem na hora, os punhos do monstro golpearam fortemente a terra, criando uma enorme cratera, fazendo o chão tremer com tanta força que Thor tropeçou. Malic escapou por pouco, também.

Thor olhou para a espada curta em sua mão, olhou para a funda em sua cintura e se perguntou como ele poderia combater aquela criatura. Ele era um pontinho minúsculo ao lado daquela besta. Thor até mesmo duvidou que sua espada pudesse perfurar-lhe a pele. Seria preciso pelo menos um exército e um arsenal de armas para tentar matá-la.

Malic mandou a cautela ao diabo. Ele levantou a espada e com um grito de guerra investiu contra a criatura, tentando ferir a besta em sua perna. Mas ele nem sequer chegou perto: a besta simplesmente deu-lhe um safanão e Malic saiu voando, caindo com força no chão, rolando e tombando.

A criatura virou-se para Thor e arremeteu contra ele fazendo o chão tremer. Thor estava paralisado, com medo de se mover. Ele queria virar-se e correr, mas forçou-se a ficar no lugar, para manter sua posição. Havia muitos olhos observando-o e ele não podia desapontar seus irmãos da Legião. Ele lembrou-se do que um de seus treinadores tinha lhe ensinado: que estava bem sentir medo, porém não era bom ceder a ele. Esse era o código de um guerreiro.

Então, ao invés disso, Thor se obrigou a ser forte. Ele se forçou a desembainhar a espada, a avançar, balançar e aplicar um golpe na panturrilha do monstro. Foi um golpe direto.

Mas a pele do monstro era tão grossa, a espada simplesmente ricocheteou, caindo das mãos de Thor. Era como golpear uma pedra. Thor correu para pegar a espada novamente. A criatura, irritada, balançou seu enorme punho em direção a ele; Thor conseguiu esquivar e viu uma oportunidade. Ele correu para a frente, ergueu a espada bem alto e meteu-a no dedo mínimo do pé da criatura.

A criatura gritou quando rios de sangue brotaram de seu dedo. Foi um barulho horrível, mas tão horrível, que sacudiu Thor até o âmago. Thor quase desejou nunca ter atacado aquela besta.

A besta era muito mais rápida do que Thor tinha previsto. Antes que Thor pudesse reagir, ela baixou novamente uma mão e desta vez agarrou-o e levantou-o bem alto. Ela apertava Thor com tanta força que ele mal podia respirar.

A besta levantou Thor o mais alto que pôde.

Krohn, abaixo, rosnou e lançou-se contra o Ciclope. Ele cravou os dentes com força em seu dedo do pé, sacudindo-o até que finalmente, o Ciclope, enfurecido, jogou Thor para baixo.

Thor sentiu-se voando pelos ares e em seguida desabou no chão, rolando várias vezes, coberto de poeira, sem fôlego.

A besta rugiu novamente, então se abaixou e tentou dar um safanão em Krohn, que saiu do caminho justo a tempo. Em seguida, ele arrancou a espada curta de Thor do dedo do pé como se ela fosse um palito e logo, partiu-a ao meio com apenas uma mão.

A besta deu um passo em direção a ele e Thor ficou ali, observando, impotente, ele tinha certeza de que logo estaria morto.

No entanto, a besta o surpreendeu. Em vez de atacar Thor, ela parou, virou-se e olhou para Malic. Com um movimento rápido ela se abaixou, agarrou Malic e levantou-o para o alto, apertando-o mais fortemente do que tinha feito com Thor. Malic gritava e Thor podia ouvir as costelas dele quebrando, dali mesmo onde ele estava.

A besta segurava Malic junto ao seu rosto, como se o estivesse saboreando. Malic se contorcia em seus braços, mas era inútil.

A criatura, de repente puxou Malic para si e abriu a boca, revelando fileiras de dentes pontiagudos, em seguida, ela meteu a cabeça de Malic em sua boca. Ela mordeu e mastigou a cabeça dele. O sangue jorrou como um rio. Tudo aconteceu tão rápido, Thor mal conseguia processar o que estava presenciando.

O ciclope deixou cair no chão o que restava do corpo de Malic.

Em seguida, a criatura parou e virou-se para Thor, olhando para ele fixamente, o coração de Thor martelava em seu peito. Ele orou para que a lenda fosse certa ao afirmar que o monstro só mataria o culpado.

Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, o animal virou-se lentamente e marchou para a sua caverna. Thor prendeu a respiração começando a perceber que o pesadelo tinha acabado.

Thor não podia acreditar. O julgamento havia tido lugar aos olhos dos seus irmãos e ele tinha sido vindicado. Ele viveria.

CAPÍTULO DEZESSETE

Gareth caminhava lentamente pela sala do trono, ele precisava de tempo para ficar sozinho, para dedicar-se aos seus pensamentos, para recordar por que ele quis ser rei. Ele entrou na sala imensa, com os seus tetos abobadados, seu chão e paredes de pedra e cruzou-a lentamente, de cabeça baixa, sua mente dava voltas enquanto ele percorria o mesmo caminho que seu pai tinha feito tantas vezes.

Ao cruzar a metade da sala, Gareth olhou para cima e parou ficando ali, grudado ao chão.

Para sua surpresa, o trono tinha sido girado no meio da noite e agora seu espaldar se encontrava voltado para ele. Ainda mais surpreendente, era o fato de que havia alguém sentado nele. Em *seu* trono.

Gareth podia ver o contorno de um corpo, os braços de alguém estavam apoiados nos braços do trono, ele fervia de raiva, imaginando quem poderia ser tão descarado como para sentar-se no trono de um rei. Ele também estava confuso a respeito de como tinham conseguido girar o trono, aquele assento antigo que tinha estado fixo ao seu lugar por uns mil anos.

Gareth caminhou rapidamente até o trono, preparado para enfrentar o intruso.

Quando chegou à base da escada, para sua surpresa, o trono de repente girou. Sentado ali, de frente para ele, olhando para baixo, estava seu pai, com os olhos abertos em sinal de desaprovação.

Gareth ficou imóvel, sem fôlego, sentindo como se uma espada tivesse sido enfiada em seu peito. Seus pés estavam presos ao chão: ele não conseguia recompor-se e movê-los, não podia colocar um após o outro e subir as escadas. Afinal de contas, era o trono de seu pai. E agora o pai estava sentado nele. Ele não sabia como isso era possível.

“O peso do meu sangue paira sobre você.” Proclamou o pai. “É um peso do qual você não vai se livrar. O sangue clama por sangue.”

Gareth piscou várias vezes e quando ele abriu os olhos novamente, o trono encontrava-se vazio. Ele respirou fundo, olhando ao redor, querendo saber o que tinha acontecido. Ele sentia uma presença persistente no ar, mas o pai estava longe de ser visto.

Gareth subiu os degraus de marfim, um de cada vez, com as pernas tremendo, hesitante, até que finalmente chegou ao trono. Ele sentou-se nele devagar, com medo de inclinar-se para trás. Aos poucos ele se inclinou e olhou para a sala vazia.

De repente, ele sentiu uma dor terrível nas mãos, nos antebraços, nas coxas e até mesmo na parte de trás de sua cabeça. Ele olhou para baixo e viu que o trono agora estava coberto de espinhos, os quais engrossavam a cada momento e se erguiam como uma videira imparável. Os espinhos o envolveram e o prenderam ao trono, crescendo descontroladamente, abraçando-o, apertando-o, até fazê-lo sangrar por todo o corpo. Ele lutou, inclinou-se para trás e gritou de dor, até que finalmente, os espinhos foram subindo e cobriram totalmente sua boca.

Gareth acordou gritando.

Ele saltou de sua cama na luz tênue da madrugada e passeou pelo seu quarto, respirando com dificuldade. Ele foi até a parede do outro lado do quarto, apoiou a palma da mão contra a pedra e inclinou-se com falta de ar.

Tudo aquilo parecia tão real. Ele dava voltas em seu quarto, quase esperando que o pai estivesse ali. Mas seu pai não estava. Ele estava sozinho.

Gareth sentiu-se aterrorizado. Ele tinha uma horrível sensação que o oprimia: a sensação de que o espírito de seu pai não o deixaria descansar. Nunca iria deixá-lo descansar.

Ele precisava de respostas. Ele precisava saber o seu futuro, precisava saber como tudo isso iria acabar. Ele andava pelo quarto ruminando as ideias em seu cérebro quando uma figura surgiu em sua mente: a bruxa.

É claro. Ela deveria saber.

Gareth correu pela sala, parando apenas para colocar sua coroa, seu manto e seu cetro, sem o qual ele não iria a lugar nenhum. Ele precisava de respostas e rápido.

*

Gareth marchava rapidamente pela trilha da floresta, penetrando cada vez mais no Bosque Negro, tentando afastar os pensamentos sombrios que o acometiam e pareciam pairar sobre ele como um véu. Sua mente não tinha parado de dar voltas desde o seu pesadelo e ele não encontrava descanso em nenhum lugar do castelo. Em todos os lugares, ele via outro monumento ao seu pai, sentia outra repreensão silenciosa por seu fracasso como um filho e agora por seu fracasso como rei. Ele sentia, cada vez mais, que o castelo era como um grande túmulo, um monumento de fantasmas e que um dia seria sua tumba também.

O Sangue clama por sangue.

A voz de seu pai ressoava em seus ouvidos enquanto ele se via revivendo o pesadelo, uma e outra vez.

Enquanto refletia sobre tudo aquilo e ponderava o seu fracasso ao tentar erguer a Espada da Dinastia, Gareth, repentinamente chegou à conclusão de que talvez, afinal de contas, ele não estivesse destinado a ser rei. Talvez, nem agora, nem nunca.

Ele precisava de uma profecia, tal como um homem no deserto precisava de água. A bruxa tinha visto o seu futuro quando ele a tinha visitado anteriormente. Ela teria as respostas que ele tanto necessitava, ela lhe diria honestamente qual era o seu destino. Até que ele soubesse essas respostas, ele não poderia descansar.

Gareth marchava ao longo da trilha da floresta, penetrando cada vez mais nela, ele ignorava o céu que tinha ficado totalmente negro, logo nuvens espessas se precipitaram repentinamente como uma chuva de verão, chicoteando-o. Ele dava voltas e seguia através das trilhas do Bosque Negro, tentando lembrar o caminho de volta. Ele tinha desejado nunca mais ter de regressar àquele lugar e estava desagradavelmente surpreendido ao encontrar-se de volta ali tão rapidamente.

O ar ficou mais frio e ele sentiu uma energia maligna se aproximando. Não havia dúvida de que aquele era o lugar. Ele podia

sentir a energia pairando no ar, escorrendo por sua pele, como um lodo, ali mesmo onde estava.

Quando Gareth se meteu na floresta mais profundamente, cruzando apressado por entre um grupo de árvores grossas, ele viu ali, na clareira, a pequena casa de pedra da bruxa. Até as árvores ao redor da clareira eram reconhecíveis: torcidas em formas não naturais. Três árvores vermelhas rodeavam a casa, situando-se uma em cada direção.

Gareth atravessou a clareira apressando-se em direção à casa da bruxa e quando ele chegou até a porta, levantou a aldrava de bronze e bateu várias vezes. Ela ecoou com um baque surdo e ele esperou um bom tempo em vão, debaixo da chuva até ficar todo encharcado. Apesar de ser ainda de manhã, o céu estava agora quase tão negro como a noite.

Gareth bateu a aldrava de novo.

“ABRA ESTA PORTA!” Ele gritou.

Ele foi invadido pelo pânico ao imaginar o que ele faria se a bruxa tivesse ido embora daquele lugar.

Ele esperou o que pareceu uma eternidade e estava prestes a dar a volta quando a porta abriu de repente.

Gareth virou-se e olhou dentro.

Ele não podia ver ninguém, nada além de escuridão, o brilho tênue de uma vela vindo de dentro. Ele se virou, examinou o bosque, para assegurar-se de que ninguém estava olhando, então correu para dentro, batendo a porta atrás de si.

Estava tranquilo ali, o único som que se ouvia era o da chuva batendo no telhado de pedra e pingando no chão em uma pequena poça. Ele olhou ao redor, dando a seus olhos tempo para se adaptar. A penumbra mal lhe permitia ver a bruxa do outro lado da sala, ele quase não podia distinguir a silhueta dela. Curvada, brincando com alguma coisa, ela parecia mais assustadora e sinistra do que antes. A sala estava cheia do seu fedor típico de carne podre, em decomposição. Ele mal podia respirar e já tinha se arrependido de ir ali. Teria sido um erro?

“Então...” Disse a bruxa com sua voz rouca e zombeteira. Nosso novo rei veio de visita!” Ela gargalhou, divertida com a sua própria

declaração. Gareth não conseguia entender o que era tão engraçado. Ele odiava sua risada. Ele odiava tudo sobre ela.

“Eu venho em busca de respostas.” Ele disse dando um passo em direção a ela, tentando soar confiante, tentando soar como um rei, no entanto ouviu apenas o tremor em sua própria voz.

“Eu sei por que você veio, rapaz.” Ela cuspiu as palavras. “Para garantir que você vai governar para sempre. Que você não vai ser morto, tal como você matou os outros. Nós sempre queremos para nós mesmos o que negamos aos outros, não é mesmo?”

Houve um longo silêncio enquanto ela fazia seu caminho lentamente para mais perto dele. Gareth não sabia se devia correr dela ou repreendê-la. Ela segurava uma vela perto do seu rosto coberto de verrugas e sulcado por muitas rugas.

“Eu não posso lhe dar o que você não tem.” Disse ela lentamente, abrindo um sorriso maligno, revelando dentes pequenos e podres.

Gareth sentiu um calafrio percorrer suas costas.

“O que quer dizer com... ‘você não tem’?” Ele perguntou.

“O destino é o que é, rapaz.” Disse ela.

“O que significa isso?” Ele pressionou com urgência, sentindo-se invadido pelo desânimo. “Por acaso está dizendo que eu não estou destinado a ser rei?”

“Há muitos reis neste mundo. Há aqueles maiores do que os reis também. Aqueles com maiores destinos, destinos que ofuscam seu.”

“Maiores do que o meu?” Ele perguntou. “Mas eu sou o Rei do Reino Ocidental do Anel! A maior terra livre que existe no Império. Quem poderia ser maior do que eu?”

“Thorgrin.” Ela respondeu diretamente.

O nome atingiu-o como um punhal.

“Thorgrin será maior do que você. Maior que todos os Reis MacGil. Maior do que qualquer rei que já viveu. E um dia, você vai se curvar diante dele e pedir-lhe misericórdia.” Ela disse-lhe com sua voz cacarejante.

Gareth se sentiu doente com as declarações dela, acima de tudo, porque elas pareciam tão reais. Ele mal podia conceber que isso poderia ser possível. Thor? Um jovem forasteiro? Um mero membro

da Legião? Maior do que ele? Ele poderia mandar prendê-lo e executá-lo com apenas um gesto de sua mão. Como poderia Thor, realmente, ser maior do que ele?

“Então mude o meu destino!” Ele ordenou frenético. “Faça de MIM o maior! Faça com que EU erga a espada!”

A bruxa inclinou-se para trás fez um gesto sarcástico e gargalhou até que Gareth já não pôde mais suportar.

“Você seria esmagado sob o peso daquela espada.” Disse ela. “Você é o rei, por enquanto. Isso deve ser suficiente. Aproveite o suficiente. Porque isso é tudo o que você terá. E quando o que você tem se acabar, você vai pagar o preço. O sangue clama por sangue.”

Ele sentiu um calafrio.

“De que vale ser rei, se o reinado não durará?” Gareth perguntou.

“De que vale viver, se um dia a morte chegará?” Ela respondeu.

“Eu sou seu rei!” Ele gritou. “EU LHE ORDENO! AJUDE-ME!”

Ele investiu contra ela, com o objetivo de agarrá-la pelos ombros, sacudi-la e sujeitá-la, mas quando ele estendeu as mãos, encontrou a si mesmo agarrando nada mais do que o ar.

Ele girou ao redor e procurou por toda a cabana — mas ela estava vazia.

Gareth deu a volta e saiu da cabana aos tropeções. Ele ergueu o rosto para o céu, estava encharcado, a água gelada escorria pelo seu rosto e pescoço. Ele desfrutou a chuva desejando que ela lavasse seus pesadelos, aquele encontro e todo o mal que ele já tinha feito. Ele não queria ser rei. Ele só queria outra oportunidade na vida.

“PAI!” Ele gritou.

Sua voz se levantou bem alto, mais alto até mesmo do que o som da chuva que caía no Bosque Negro e ela foi respondida com o grito de um pássaro distante.

*

Godfrey caminhava rapidamente pela trilha da floresta quando o céu escureceu e um vento fresco começou a soprar. Ele seguiu por uma bifurcação da trilha que levava ao Bosque Negro. O vento uivava e o céu ficava mais escuro à medida que ele prosseguia. Ele

podia sentir o mal naquele lugar e isso lhe provocou um arrepio na nuca. Quando os céus se abriram e a chuva copiosa começou a cair, mais do que nunca ele desejou poder tomar um drinque. Ou dois.

Ele começou a tomar consciência da seriedade do que ele estava fazendo e começou a desanimar, uma parte dele ficou com medo. Afinal, o que aconteceria se ele encontrasse aquela bruxa, que tal se ele não gostasse das respostas dela. O que ele poderia realmente fazer? A bruxa seria perigosa? E se Gareth o pegasse perguntando, ele não mandaria prendê-lo também, junto com Kendrick?

Godfrey dobrou seu ritmo e quando ele fez uma pequena curva, ele levantou a cabeça e ficou chocado com a visão. Ele parou no meio do caminho, congelado. Caminhando em direção a ele, de cabeça baixa, murmurando para si mesmo, não havia mais ninguém senão seu irmão: Gareth.

Vestido com as melhores prendas de seu pai, além de estar usando sua coroa e levando seu cetro, Gareth marchava em sua direção, sozinho, saindo do Bosque negro. O que ele estava fazendo ali?

Um momento depois, quando estava apenas a poucos metros de distância, Gareth olhou para cima e soltou um pequeno grito. Ele estava surpreso ao ver alguém ali no bosque, surpreso ao ver ninguém menos que seu irmão.

“Godfrey!” Gareth exclamou. “O que você está fazendo aqui?”

“Eu faço-lhe a mesma pergunta.” Godfrey respondeu com voz sombria.

Gareth fez uma careta e Godfrey podia sentir sua antiga rivalidade reacendendo.

“Você não tem nada a perguntar.” Gareth disse entre dentes. “Você é meu irmão mais novo. E eu sou seu rei, a menos que você tenha esquecido.” Ele disse com sua voz mais severa.

Godfrey soltou uma risada irônica, rouca devido aos anos de bebida e tabaco.

“Você não é o rei de nada.” Godfrey revidou. “Você é apenas um porco. A mesma pessoa que sempre foi. Você pode enganar os outros, mas não a mim. Eu nunca cedi às ordens de nosso pai, você realmente acha que eu iria ceder às suas?”

Gareth ficou vermelho, de vermelho foi passando para um tom roxo, mas Godfrey podia ver que ele o tinha apanhado. Gareth conhecia bem seu próprio irmão e sabia que Godfrey jamais se curvaria diante dele.

“Você não respondeu a minha pergunta.” Gareth disse. “O que o traz aqui?”

Godfrey sorriu, vendo quão nervoso Gareth estava e percebendo que ele o havia descoberto.

“Bem, sua pergunta é estranha.” Godfrey respondeu. “Lembrei-me de minha caminhada no outro dia, quando eu encontrei você e seu comparsa, Firth. Na época, eu não pensei em nada do que você estaria fazendo aqui no Bosque Negro. Eu devo ter suposto que vocês dois estavam dando um passeio típico de amantes.”

Godfrey respirou profundamente.

“Mas quando eu pensei de volta no assassinato de nosso pai, eu lembrei-me daquele dia. E quando eu pensei no frasco de veneno usado na tentativa de matá-lo, ocorreu-me que talvez você tivesse feito todo o caminho até aqui por algo mais. Talvez não fosse apenas um passeio inocente. Talvez você tivesse vindo aqui por uma razão mais sinistra. Talvez você buscasse algo poderoso o suficiente para matar o nosso pai. Talvez a poção de uma bruxa. Talvez, o mesmo veneno supostamente encontrado no quarto de nosso irmão Kendrick.” Disse Godfrey, orgulhoso de si mesmo por juntar todas as peças do quebra-cabeça e sentindo mais certeza do que dizia agora, do que nunca.

Godfrey observava os olhos de Gareth bem de perto enquanto ele pronunciava cada palavra, ele podia vê-los movendo-se inquietos, podia ver muito bem como Gareth tentava esconder sua reação. Mas naqueles olhos, Godfrey podia ver que ele havia descoberto Gareth. Tudo o que ele tinha dito era verdade.

“Você é um bêbado paranóico, um inútil.” Gareth repreendeu. “Você sempre foi. Você não tem nenhum propósito na vida, então você imagina fantasias para os outros. Eu posso ver que você tenta fazer de si mesmo alguém importante com esses enredos fantasiosos, tenta ser o herói de nosso pai morto, mas você não é. Você é tão inferior como as massas. Na verdade, você é ainda mais

inferior, porque você tinha o potencial para ser muito mais. O nosso pai o odiava e ninguém neste reino leva você a sério. Como você ousa tentar me envolver no assassinato de nosso pai? O verdadeiro assassino está metido no calabouço e todo o reino sabe disso, as palavras balbuciantes de um bêbado não vão mudar a mente de ninguém.”

Godfrey podia notar pelo excesso de entusiasmo do tom de Gareth, que ele estava nervoso. Que ele sabia que tinha sido descoberto.

Godfrey sorriu de volta.

“É engraçado como um reino pode acreditar em um bêbado...” Disse ele. “Quando esse bêbado fala a verdade.”

Gareth fez uma careta em resposta.

“Se você caluniar seu Rei...” Gareth ameaçou. “... É melhor que esteja preparado para provar isso. Do contrário, terei de mandar executá-lo junto com Kendrick.”

“E a quem mais você vai mandar prender?” Godfrey perguntou. “Quantas almas você pode aniquilar até que o nosso reino perceba que eu estou certo?”

Gareth ficou vermelho e de repente, passou por Godfrey, esbarrando nele com força, logo se apressou para descer a trilha.

Godfrey virou-se e o observou ir embora até que ele desapareceu na floresta escura. Godfrey estava convencido agora. E mais determinado do que nunca.

Ele se virou e olhou para a trilha que conduzia até uma clareira à distância. Ele sabia que ali se encontrava a casa da bruxa. Ele estava a poucos metros de encontrar a prova de que ele precisava. Godfrey se virou e seguiu pela trilha, quase correndo, tropeçando nas raízes, indo tão rápido quanto podia, enquanto o céu ficava mais escuro e o vento uivava.

Finalmente, ele avançou pelo meio das árvores e entrou na clareira. Ele correu até lá, preparado para derrubar a porta da bruxa, para confrontá-la, para obter a prova de que precisava.

Mas quando ele entrou na clareira, ele ficou ali congelado no meio do caminho. Ele não entendia nada. Ele tinha estado naquela clareira antes, ele tinha visto a cabana dela. Mas enquanto ele

estava ali, naquele momento, a clareira estava completamente vazia. Não havia nenhuma casa, nenhum edifício, nada além de grama. O lugar da cabana estava vazio, cercado por árvores retorcidas, três delas eram vermelhas. A cabana tinha desaparecido?

O céu brilhou e um raio atingiu a clareira, Godfrey ficou ali observando, perplexo, perguntando-se que forças escuras estariam em jogo, que força maligna amparava seu irmão.

CAPÍTULO DEZOITO

Gwendolyn estava diante dos aposentos de sua mãe, com o braço levantado diante da porta grande de carvalho, ela agarrou a aldrava de ferro, hesitante. Lembrou-se da última vez que tinha visto sua mãe, de como tudo tinha sido tão ruim, lembrou-se das ameaças de ambos os lados. Ela lembrou que sua mãe tinha proibido que ela visse Thor novamente e lembrou-se de seu próprio voto de nunca mais ver a mãe outra vez. Ambas sempre tinham desejado fazer suas vontades a qualquer custo. Era assim que tinha sido sempre entre elas. Gwen sempre era a menina dos olhos de seu pai e isso tinha provocado a ira e os ciúmes de sua mãe.

Quando ela saiu do quarto de sua mãe naquele dia, Gwen tinha certeza de que ela nunca mais iria vê-la novamente. Gwen se considerava uma pessoa perdoadora, tolerante, mas ela também tinha seu orgulho. De certa forma, ela era como o seu pai. Uma vez que alguém ferisse seu orgulho, Gwen jamais falaria com essa pessoa de novo, em nenhuma circunstância.

E, no entanto, ali estava ela, segurando a fria aldrava de ferro, preparando-se para bater à porta e pedir permissão para falar com sua mãe e implorar por sua ajuda para libertar Kendrick da prisão. Encontrar-se naquela posição, vendo-se forçada a humilhar-se; a abordar a mãe; a falar com ela de novo; pior ainda, forçada a pedir-lhe ajuda, lhe causava muita vergonha. Era como se Gwen tivesse de admitir para sua mãe que ela havia vencido. Gwen sentia que estava rasgando-se em pedaços, e desejava que ela estivesse em qualquer lugar, menos ali. Se não fosse por Kendrick, ela nunca dedicaria um momento de seu tempo à mãe novamente.

Sem importar o que sua mãe dissesse, Gwen jamais mudaria de ideia com respeito a Thor. Porém, ela sabia que sua mãe nunca iria deixar passar isso em branco.

No entanto, desde a morte de seu pai, sua mãe tinha sido uma pessoa verdadeiramente diferente. Algo tinha acontecido dentro dela. Talvez tivesse sido um acidente vascular cerebral ou talvez fosse algo psicológico. Ela não tinha dirigido uma palavra a ninguém desde aquele dia fatídico e estava em um estado quase catatônico. Gwen não sabia o que esperar. Talvez sua mãe não fosse sequer capaz de falar com ela. Talvez tudo isso fosse uma perda de tempo.

Gwen sabia que deveria compadecer-se de sua mãe, mas apesar de si mesma, ela era incapaz de fazê-lo. A nova situação de sua mãe tinha sido conveniente para ela, finalmente agora Gwen estava fora de seu jugo. Finalmente, já não teria de viver com medo de toda a sua vingança. Antes que tudo isso acontecesse, Gwen tinha certeza de que começaria a sentir a pressão de todos os lados para nunca mais ver Thor outra vez e que seria obrigada a casar-se com algum cretino. Ela se perguntava se a morte de seu pai tinha realmente mudado sua mãe. Talvez a tivesse tornado mais humilde, também.

Gwen respirou fundo, levantou a aldrava e bateu à porta. Ela tentou pensar apenas em Kendrick, seu irmão, a quem ela tanto amava, apodrecendo lá longe, no calabouço.

Ela bateu a aldrava de ferro uma e outra vez e ela ecoou bem alto nos corredores vazios. Ela esperou por um tempo que pareceu uma eternidade, até que finalmente uma serva abriu a porta e a olhou com cautela. Era Hafold, a antiga enfermeira que tinha sido assistido sua mãe desde que Gwen conseguia se lembrar. Ela era mais velha do que o próprio Anel e olhava para Gwen com desaprovação. Ela era a pessoa mais leal a sua mãe que alguém pudesse conhecer e as duas eram como unha e carne.

“O que deseja?” Ela perguntou, com voz cortante.

“Eu estou aqui para ver minha mãe.” Gwen respondeu.

Hafold olhou para ela com desaprovação.

“E por que iria querer fazer isso? Vossa Alteza sabe que sua mãe não deseja vê-la. Vossa Alteza deixou bem claro que não deseja vê-la, também.”

Gwen olhou de volta para Hafold e era a sua vez de dar um olhar de desaprovação. Gwen estava sentindo a força de seu pai brotando dentro dela mais uma vez. Sentia cada vez menos tolerância para

com toda aquela gente autoritária e arrogante que usava sua desaprovação sobre a geração mais jovem, como se fosse uma arma. O que lhes dava o direito de sentirem-se tão superiores, de reprovar tudo e todos?

“Você não está em posição de me questionar e eu não tenho obrigação de me explicar para você.” Gwen retrucou com firmeza. “Você é uma serva desta família real. Eu sou da realeza, é bom que não se esqueça disso. Agora saia do meu caminho. Estou aqui para ver minha mãe. Eu não estou pedindo a você, eu estou *informando* a você.”

O rosto de Hafold foi inundado pela surpresa; ela ficou ali hesitante, então, saiu do caminho. Gwen passou rapidamente por ela, pisando firme.

Gwen deu vários passos para dentro do quarto e quando o fez, ela viu sua mãe sentada do outro lado dele. Ela podia ver as peças de xadrez quebradas, ainda jogadas no chão e a mesa ao lado delas. Gwen ficou surpresa ao ver que sua mãe havia deixado tudo assim. Então, ela percebeu que sua mãe provavelmente queria que isso fosse um lembrete. Talvez fosse um lembrete para puni-la. Ou talvez sua discussão tivesse realmente lhe afetado, depois de tudo.

Gwen viu sua mãe sentada ali, na sua delicada cadeira de veludo amarelo, ao lado da janela. Ela olhava para fora, a luz solar atingia em cheio o seu rosto. Ela não usava maquiagem e ainda estava vestida com as roupas do dia anterior. Seu cabelo parecia não ter sido arrumado há vários dias. Seu rosto parecia mais velho e flácido, marcado por linhas que Gwen não tinha notado antes. Gwen mal podia acreditar o quanto ela tinha envelhecido desde o assassinato e quase não a reconhecia. Ela podia sentir que a morte de seu pai tinha afetado duramente sua mãe e apesar de si mesma, Gwen sentia algo de compaixão por ela. Pelo menos elas tinham uma coisa em comum: o amor por seu pai.

“Sua mãe não está bem.” Disse Hafold com voz áspera, enquanto caminhava ao lado dela. “Eu não deixarei que a perturbe. Sem importar o assunto que deseja tratar.”

Gwen virou-se.

“Deixe-nos a sós.” Gwen ordenou.

Hafold olhou de volta horrorizada.

“Eu não vou deixar sua mãe desatendida. É meu dever..”

“Eu disse: Deixe-nos a sós!” Gwen gritou, apontando para a porta. Ela se sentia mais forte, mais dura do que ela jamais tinha sido e ela podia realmente ouvir a autoridade da voz de seu pai vindo através dela.

Hafold deve ter percebido isso também, deve ter percebido que Gwen não era mais a menina que ela conhecera antes. Ela arregalou os olhos, surpresa, talvez assustada. Ela fez uma careta, virou-se e deixou rapidamente a sala, batendo a porta atrás de si.

Gwen cruzou o quarto e trancou a porta. Ela não queria mais espiões para escutar o que estava prestes a dizer.

Ela virou-se e voltou para o lado de sua mãe. A rainha não tinha se movido, não tinha reagido a qualquer intercâmbio entre Gwen e Hafold. Ela permanecia ali, sentada, olhando para fora da janela. Gwen se perguntou se ela ainda poderia falar alguma coisa, se aquele não seria apenas um desperdício de tempo.

Gwen ajoelhou-se ao lado dela, estendeu a mão e tomou a mão de sua mãe entre as suas suavemente.

“Mãe?” Ela perguntou com sua voz mais amável.

Para decepção de Gwen, não houve nenhuma resposta. Ela sentiu seu coração partir. Ela não sabia por que, mas sentiu uma enorme tristeza apoderar-se dela. Pela primeira vez, de alguma maneira, Gwen sentia-se capaz de compreender sua mãe e até mesmo capaz de perdoá-la.

“Eu a amo mãe.” Ela disse. “Peço desculpas por tudo que aconteceu. Eu realmente lamento.”

Apesar de si mesma, Gwen sentiu as lágrimas rolando. Ela não sabia se estava chorando pela perda de seu pai, ou pela chance perdida de uma relação entre ela e sua mãe, ou ainda se era devido a toda a tristeza reprimida que ela sentira desde que ela e sua mãe tinham brigado. Fosse o que fosse, tudo tinha vindo à tona agora, Gwen chorou profundamente por um bom tempo.

Não havia nada mais que o seu choro preenchendo silêncio do quarto enorme. Depois do que pareceu uma eternidade, para a surpresa de Gwen, sua mãe virou-se e olhou para ela. Seu rosto era

inexpressivo, seus olhos azuis gélidos estavam bem abertos, mas Gwen viu um tremor leve, alguma coisa e pensou que ela podia ver uma parte de sua mãe vindo de volta à vida.

“Seu pai está morto.” Disse sua mãe.

As palavras saíram como uma proclamação sombria e mesmo sabendo que elas eram verdadeiras, ouvi-las era doloroso demais para Gwen.

Gwen assentiu lentamente de volta.

“Sim, ele está.” Ela respondeu.

“E nada pode trazê-lo de volta.” Sua mãe acrescentou.

“Nada.” Concordou Gwen.

A mãe voltou-se para a janela. Ela suspirou.

“Nunca achei que terminaria assim.” Disse ela.

E então ela ficou em silêncio de novo, olhando para uma nuvem distante que passava. Um longo tempo passou, logo, Gwen começou a recear que pudesse estar perdendo-a novamente, então estendeu a mão e tomou o pulso de sua mãe.

“Mãe.” Ela insistiu, enxugando as lágrimas com as costas da mão. “Eu preciso de sua ajuda. Seu filho, Kendrick, está apodrecendo na masmorra. Ele foi colocado lá por seu outro filho, Gareth. Ele foi acusado do assassinato do pai. A senhora sabe que Kendrick não cometeria esse assassinato. Kendrick está condenado a ser executado. Mãe, a senhora não deve deixar que isso aconteça.”

Gwen se ajoelhou ali, apertando a mão de sua mãe, esperando urgentemente por uma resposta.

Ela esperou um longo tempo e estava prestes a perder a esperança, quando de repente os olhos de sua mãe piscaram.

“Kendrick não é meu filho.” Ela disse com total naturalidade, ainda olhando para o céu. “Ele é o filho de seu pai. O filho seu pai... com outra mulher.”

“Isso é verdade.” Gwen disse nervosa. “Mas a senhora o criou como seu fosse seu filho. Seu marido o amava como um filho legítimo. A senhora sabe disso. E se ele era legítimo ou não, Kendrick sempre a viu como uma mãe. Ele não tem mais ninguém. Como a senhora disse, o nosso pai está morto. Cabe a senhora defendê-lo. Se a senhora não fizer nada, se a senhora não agir, no

dia seguinte, ele estará morto por causa de um assassinato que ele não cometeu. O assassinato de seu esposo. Sua execução mancharia a memória do seu marido.”

Gwen sentiu-se orgulhosa de si mesma por colocar tudo para fora e ela sentiu que sua mãe ouvia cada palavra que ela dizia. Depois que ela terminou de falar seguiu-se um longo silêncio.

“Eu não reino sobre esta terra.” Disse a mãe. “Eu sou apenas mais uma ex-rainha, sem nenhum poder, impotente como o resto. Os homens governam este reino.”

“A senhora *não* é impotente.” Gwen insistiu. “ A senhora é a mãe do atual rei. A senhora é a ex-rainha do ex-rei, que morreu há apenas poucos dias. Nosso país ainda o ama e todos ainda estão de luto por sua morte. Todos os seus conselheiros e assessores ainda a escutam. Eles confiam na senhora. Eles a amam, pela mesma razão que o amavam. Uma ordem sua teria muito peso. Ela poderia impedir a morte de Kendrick.”

Sua mãe ficou lá, olhando para fora, com sua expressão quase inalterada. Gwen olhava nos olhos dela, mas não podia dizer o quanto ela era realmente capaz de compreender, o quanto ela era capaz de processar. Ela parecia tão suspicaz como sempre, mas era evidente que algo tinha mudado dentro dela.

“Não gostaria de encontrar o assassino do seu marido?” Gwen perguntou.

Sua mãe deu de ombros.

“Não é de minha incumbência intervir no governo do meu filho. Ele é o Rei agora. O destino deve encarregar-se de fazer sua parte.”

“Então vai simplesmente ficar aí sentada e não vai fazer nada enquanto o seu filho inocente morre?”

Lentamente, a ex-rainha abanou a cabeça.

“Gareth sempre foi um menino voluntarioso. Meu filho primogênito.” Disse a rainha. “Eu creio que ele herdou todos os meus pecados. Sua natureza nunca pôde ser corrigida. Talvez ele tenha matado seu pai. Talvez não. Mas os reis estão destinados a serem mortos. Eles foram feitos para serem depostos. Seu pai sabia disso. É um risco que se corre ao assumir o trono”.

“É claro que eu sinto pesar por meu marido.” Ela acrescentou.
“Mas essa é a dança das coroas.”

Gwen se irritou. Ela olhou fixamente para sua mãe, viu sua determinação e sentiu um ódio recém-descoberto por ela.

Gwen levantou-se e fez uma careta para ela, preparando-se desta vez, para jamais vê-la novamente. Ela deu uma última olhada para a mãe, para fixar o rosto dela em sua memória. Era um rosto que ela nunca queria esquecer, um rosto ao qual ela jamais queria assemelhar-se.

“Nosso pai olha para a senhora envergonhado.” Disse Gwen, sentindo-se como se estivesse canalizando a voz do pai.

Com isso, ela virou-se, atravessou a sala, abriu a porta e bateu-a atrás de si, seu eco fez estremecer todo o castelo.

CAPÍTULO DEZENOVE

Thor sentou-se com Krohn e os outros membros da Legião no chão de seu acampamento improvisado no alto do penhasco. Sua fogueira crepitante fazia muito pouco para afastar a escuridão da noite. Dezenas de rapazes sentavam-se espalhados em torno dela, todos estavam esgotados e olhavam melancolicamente para as chamas. Thor olhou para trás e viu o céu iluminado com milhares de estrelas vermelhas, amarelas e verdes, posicionadas de uma forma que Thor nunca tinha visto antes naquela parte do mundo. A exceção do fogo que crepitava, a noite estava silenciosa.

Eles tinham estado sentados ali por horas, imóveis devido à exaustão, meditando sobre seus destinos depois daquele dia cansativo de treinamento. Thor, em particular, estava afetado por seu encontro com o Ciclope. Ele se sentiu vindicado aos olhos dos seus irmãos em armas, os quais agora olhavam para ele com um novo respeito. Mas ele também se sentia abalado. Ele pensou em quão perto ele tinha estado de morrer e se perguntou pela milionésima vez sobre o mistério da vida. Ainda ontem, Malic estava sentado ali com todos eles, agora, ele estava morto. Para onde ele teria ido? Quem seria o próximo a ir-se?

Kolk limpou a garganta e os rapazes se viraram e olharam para ele. Ele sentou-se ali, no círculo, junto com os outros, com as costas eretas e apoiando os antebraços nos joelhos, franzindo a testa para o fogo. Seus olhos estavam abertos e parecia que ele estava recordando algo vividamente. Haviam prometido aos rapazes que eles ouviriam um relato sobre as conquistas e glórias passadas, ali ao lado do fogo. Mas eles estavam esperando por horas, e ninguém tinha chegado. Thor tinha calculado que não iam vir. Mas quando Kolk pigarreou, Thor se instalou e preparou-se para ouvir. Ao lado dele, Reece, O'Connor, Elden e os gêmeos fizeram o mesmo.

“Há vinte ciclos solares atrás...” Kolk começou, olhando para as chamas, com a voz sombria. “... Antes de a maioria de vocês nascerem; quando eu tinha a idade do mais velho de vocês e o rei MacGil ainda estava vivo; quando ele era apenas um príncipe e nós lutávamos lado a lado, aconteceu a batalha que me deu essa cicatriz.” Disse ele, virando a face para revelar a cicatriz longa e irregular que contornava seu maxilar.

“Aquele dia começou como qualquer outro. MacGil, Brom e eu, junto com uma dúzia de outros membros da legião, estávamos em uma patrulha no fundo do vale dos Nevaruns. Os Nevaruns são separatistas: vivem nos confins das províncias do Sul do Anel. Eles são rebeldes, devem fidelidade aos MacGils, mas estão sempre ameaçando se alinhar com um lorde ou outro e romper com o reino. Eles também são rudes, pessoas cruéis, que não cedem diante da autoridade. Eles têm sido uma pedra no sapato do lado dos MacGils durante séculos. Eles são de uma raça híbrida, metade humana e metade alguma outra coisa. Eles têm oito dedos nas mãos e nos pés e são duas vezes mais largos que um homem de tamanho médio. Diz-se que os seres humanos se acasalaram com alguma outra espécie para criá-los, há séculos atrás. Ninguém sabe qual foi a espécie.

“Os Nevaruns são um povo feroz.” Continuou Kolk. “Eles não respeitam o nosso código de ética, as leis, ou o cavalheirismo. Eles lutam para vencer e a qualquer custo.”

Kolk respirou e ficou com os olhos fechados, lembrando.

“Era um dia frio e ventoso. Nós caminhávamos através de um vale estreito e depois de dias de uma patrulha tranquila, nós fomos emboscados. Vários deles saltaram por trás sobre nós e me derrubaram do cavalo. Um deles me atingiu com uma lança, enquanto outro veio por trás, me apunhalou pelas costas e depois usou sua faca para fazer essa obra.” Disse ele, apontando para o queixo.

Thor engoliu em seco ao pensar na cena, ele pensou no que Kolk devia ter passado. Mesmo agora, vinte ciclos solares mais tarde, enquanto Kolk olhava para as chamas, parecia que ele estava revivendo tudo.

“Eu teria morrido se não fosse por MacGil, quem, felizmente, tinha ficado atrás e ido ao banheiro, ele nos alcançou depois. Ele estava a cinquenta passos atrás de mim e não tinha sido visto. Ele atirou flecha nas costas dos inimigos.”

Kolk suspirou.

“Eu fui tolo, até este ponto deste relato. Eu esperava que o inimigo lutasse nos meus termos. Que me encontrasse em campo aberto. Que me desafiasse e me enfrentasse como um homem, como qualquer guerreiro devia fazer. Eu não esperava que fosse atacado covardemente; que saltassem por trás de mim; não esperava que dois homens lutassem apenas contra um; não esperava que eles aguardassem para me atacar até que eu estivesse em um espaço tão estreito que não pudesse manobrar. É disso que vocês devem se lembrar: o inimigo nunca vai lutar nos seus termos. Ele vai lutar nos termos dele. A guerra significa uma coisa para vocês e outra bem diferente para ele. O que vocês consideram justo e nobre, ele não. Vocês devem estar preparados, em todo momento, para qualquer coisa.

“Isso não significa que vocês devam baixar ao nível deles. Vocês devem lutar em todo momento com o nosso código de honra e cavalheirismo, senão vocês vão perder o espírito de guerreiro, que é o que nos sustenta. No dia em que vocês começarem a lutar como eles, esse será o dia em que vocês perderão a sua alma. É melhor morrer com honra do que ganhar com desgraça.”

Com isso, Kolk calou-se. Um silêncio profundo envolveu todos os rapazes ao seu redor. Durante muito tempo os únicos sons que se ouviam eram o do açoite do vento forte sobre a falésia e o som distante do oceano agitando-se em algum lugar no horizonte.

E então, algum tempo depois, ouviu-se o som de um rugido distante, era como um trovão. Thor voltou-se junto com os outros e viu algo iluminar o horizonte. Ele se levantou com Reece e alguns outros para ir olhar.

Thor foi até a beira do penhasco e olhou para a noite escura, o horizonte iluminado por um mundo de estrelas, sua luz era forte o suficiente para iluminar as águas vermelhas e turbulentas do oceano abaixo deles. Ao longe, muito longe, Thor podia ver um brilho

vermelho. Ele vinha em jatos curtos, depois parou, parecia um vulcão jorrando lava, iluminando a noite, para em seguida, desaparecer com a mesma rapidez. Logo seguiu outro estrondo.

“O grito do dragão.” Disse uma voz.

Thor olhou para ver Argon ali, separado dos outros, de costas para ele, olhando para o precipício e segurando seu bastão. Thor ficou admirado ao vê-lo.

Thor se afastou dos outros garotos e caminhou até ele, ficando ao seu lado e esperando até que ele estivesse pronto. Thor sabia que era melhor não perturbá-lo.

“Como chegou até aqui?” Thor perguntou, espantado. “O que faz aqui?”

Argon estava ali, impassível, ignorando Thor, enquanto continuava olhando para o horizonte.

Thor finalmente virou-se e olhou para o horizonte com ele, ficando de pé ao seu lado, esperando, tentando ser paciente e aceitar conversar nos termos de Argon.

“A respiração do Dragão.” Argon observou. “Este é um dragão que prefere viver sozinho. Você está em suas terras. Ele não está contente.”

Thor pensou em suas palavras.

“Mas vamos ficar aqui por cem dias.” Thor disse preocupado.

Argon se virou e olhou para ele.

“Se ele quiser permitir que fiquem.” Ele respondeu. “Toda a extensão destas praias está repleta de ossos de guerreiros que pensavam que podiam conquistar o dragão. O orgulho do homem é o banquete dos dragões.”

Thor engoliu saliva, começando a perceber a precariedade da Centena.

“Eu vou sobreviver?” Ele perguntou, esperando por uma resposta.

“Ainda não chegou sua hora de morrer.” Argon respondeu lentamente.

Thor sentiu-se imensamente aliviado ao ouvir isso e se surpreendeu por ver que Argon tinha lhe dado uma resposta direta. Ele decidiu forçar sua sorte.

“Eu também me tornarei um membro da Legião?” Ele perguntou.
“Isso e muito mais.” Argon replicou.

O ânimo de Thor se elevou ainda mais alto. Ele não podia acreditar que estava recebendo respostas de Argon. Ele sentia uma curiosidade ardente, súbita de saber por Argon estava ali. Thor sabia que ele não teria ido ali, que não estaria falando com ele, a menos que tivesse algo importante a dizer.

“Você vê o horizonte?” Perguntou Argon. “Além da respiração do dragão? Passando as chamas? Lá fora, na escuridão, está o seu destino.”

Thor se deu conta do que ele estava falando. Lembrou-se das últimas palavras de MacGil, sobre seu destino, sobre sua mãe.

“Minha mãe?” Thor perguntou.

Lentamente, Argon assentiu com a cabeça.

“Ela está viva? Ela está lá fora? Na terra dos Druidas? É isso?”

Argon virou-se para ele, seus olhos brilhavam.

“Sim.” Ele respondeu. “Ela aguarda você mesmo agora. Você tem um grande destino a cumprir.”

Thor estava emocionado muito além do que podia crer com a ideia de que sua mãe estivesse viva em algum lugar no mundo; com a ideia de conhecê-la, de descobrir quem ela era. Ele estava animado com a ideia de que alguém estivesse esperando por ele; que alguém se importasse com ele. Mas ele também estava confuso.

“Mas eu pensei que meu destino estivesse lá, de volta, no Anel?” Thor perguntou.

Argon balançou sua cabeça.

“A maior parte espera por você lá fora. Ela é maior do que você possa imaginar. O destino do Anel repousa sobre ela. Há uma grande agitação em casa. O Anel precisa de você.”

Thor mal conseguia compreendê-lo. Como poderia o Anel precisar dele, ele que era apenas um garoto?

“Diga-me, Thor, o que você vê? Olhe para a escuridão. Feche os olhos. O que você vê no Anel do feiticeiro?”

Thor fez conforme foi instruído, fechando os olhos e respirando profundamente. Ele tentou se concentrar para permitir que algo, o que quer que fosse chegasse até ele.

Mas qualquer que fosse o poder que ele tivesse, ele não conseguiu invocá-lo. Ele não conseguia se concentrar.

“Seja paciente.” Ele ouviu a voz de Argon. “Não o force. Deixe-o vir até você. Você pode vê-lo. Eu sei que você pode.”

Thor manteve os olhos fechados e respirava uma e outra vez e tentou parar de controlar o poder.

Então, ele ficou chocado. Ele começou a ver alguma coisa. Grandes visões, vívidas, como se ele estivesse testemunhando-as. Viu destruição no Anel. Assassinatos. Incêndios. Escombros. Ele ficou horrorizado.

“Vejo uma grande calamidade.” Disse ele, lutando para compreender suas visões. “Eu vejo morte. Batalhas. Destruição. Eu vejo o reino colapsando.”

“Muito bem.” Argon disse. “Sim, diga-me mais.”

Thor franziu a testa.

“Vejo uma grande escuridão em Gareth.”

“Sim.” Argon disse.

Thor abriu os olhos e olhou para Argon, perturbado.

“Gwendolyn.” Ele disse. “O que vai ser dela? Eu não posso ver isso claramente. Mas eu sinto alguma coisa. Algo escuro. Uma coisa que eu não gostei. Diga-me que não é verdade.”

Argon se virou e olhou para a escuridão.

“Todos nós temos o nosso próprio destino, eu receio...” Ele suspirou.

“Mas eu tenho de salvá-la!” Thor exclamou. “Do perigo que for, de qualquer coisa sinistra que possa acontecer com ela.”

“Você a salvará.” Argon disse. “E ao mesmo tempo não a salvará.”

“O que isso significa?” Thor rogou. “Por favor, diga-me. Eu lhe imploro. Não mais charadas.”

Argon balançou lentamente a cabeça.

“Você veio aqui para aprender a ser um guerreiro. No entanto, o físico é apenas uma faceta de um guerreiro. Você deve aprender a desenvolver suas habilidades interiores. Seus poderes. Sua capacidade de ver. Não fixe sua atenção apenas em espadas e lanças. Esse é o caminho mais fácil.”

Argon virou-se e deu um passo aproximando-se bem dele e olhou-o nos olhos com ardente intensidade.

“A maior batalha que você enfrentará está dentro de você mesmo.”

100 DIAS DEPOIS

CAPÍTULO VINTE

Gareth estava sentado na sala do trono de seu pai, em seu trono e olhava para as dezenas de conselheiros, lordes e plebeus diante dele. Todos com seus próprios problemas e ele se sentia péssimo. Haviam passado meses desde que ele tinha assumido o trono e cada dia que passava, ele se sentia mais torturado, mais paranóico e mais sozinho. Ele havia expulsado seu melhor amigo e conselheiro Firth tempo atrás e o havia relegado às cavaliças, proibindo-o de vê-lo, Gareth sentia falta dele. A remoção de Firth foi a coisa certa a fazer, ele era imprudente e tinha se tornado muito inconveniente. Afinal, ele continuava sendo o único que poderia conectá-lo com o assassinato de seu pai e Gareth não desejava mais associar-se com ele.

Gareth havia trazido uma meia dúzia de amigos para serem seus mentores e eram essas pessoas que o cercavam ultimamente. Eram do tipo cruel, ambicioso e aristocrático e isso era exatamente o que ele queria. Gareth não necessariamente confiava neles, mas pelo menos eles eram de sua idade e tão cínicos e cruéis como ele. Eles eram o tipo de pessoas das quais ele gostava de estar rodeado. Eles viam o mundo como ele o via e ele precisava da jovem guarda para neutralizar a velha. Os homens de seu pai ainda estavam entrincheirados como uma instituição e ele se sentia cada vez mais oprimido por eles. Se ele pudesse, arrasaria a Corte do Rei e construiria a coisa toda de novo. Tudo novo. Ele não tinha nenhum respeito pela história, ele desprezava a história. Para ele, o ideal era começar de novo, reescrever a história em uma página em branco e a destruição de todos os livros de história que alguma vez existiram.

“Majestade.” Disse outro plebeu ao dar um passo à frente e curvar-se diante dele.

Gareth suspirou, preparando-se para mais uma petição. Durante o dia inteiro, haviam trazido assuntos maçantes à sua atenção. Ele não tinha ideia de que governar um reino poderia ser tão banal, essa

nunca tinha sido a maneira como ele havia imaginado ser rei. Uma pessoa após outra entrava, todas querendo respostas e julgamentos, um fluxo interminável de decisões que precisavam ser tomadas. Todo mundo queria alguma coisa e tudo parecia tão trivial. Gareth tinha imaginado que ser rei seria bem mais glorioso.

Gareth olhou para o vitral, acima de sua cabeça, ele desejava estar lá fora, estar em qualquer lugar, menos ali. Ele estava profundamente entediado. Ele sentia algo se agitando dentro dele e sempre que ele se sentia assim, sabia que tinha de romper a monotonia de sua vida e fazer alguns estragos, criar algum problema para aqueles ao seu redor.

“Majestade...” O plebeu continuou. “... A terra tinha sido de minha família por mil anos.”

Gareth suspirou, tentando acompanhar tudo. Aqueles camponeses estúpidos vinham discutindo sobre alguma disputa de terras, ele não sabia por quanto tempo. Ele mal conseguia seguir a história e já tinha tido o suficiente. Ele simplesmente queria que eles estivessem fora de sua vista. Queria tempo para ficar sozinho, para pensar sobre seu pai e sobre alguns detalhes do assassinato que poderiam ser descobertos e sobre se a bruxa iria delatá-lo. Ele se sentia profundamente inquieto desde o seu confronto com ela e estava se sentindo cada vez mais paranóico com a ideia de que uma conspiração estava se fechando ao redor dele. Ele perguntava-se incessantemente se seria descoberto. Enviar Firth longe havia dissipado um pouco seus medos, mas não totalmente.

“Majestade, isso não é verdade.” Disse outro súdito. “Essa vinha foi plantada pelos ancestrais de meu pai. Ela invadiu o seu território apenas por meio do crescimento. Mas o nosso território, por sua vez, foi invadido por seu gado.”

Gareth olhou para os dois, ele agora estava irritado por ter sido afastado de seus pensamentos. Ele não sabia como seu pai havia aturado tudo aquilo. Para ele já tinha sido mais que suficiente.

“Nenhum dos dois terá a terra.” Gareth finalmente disse aborrecido. “Declaro sua terra confiscada. Ela agora é propriedade do Rei. Vocês tratem de encontrar novos lares. Isso é tudo, agora se retirem.”

Os plebeus olharam para ele em silêncio atordoados, boquiabertos, em estado de choque.

“Majestade.” Disse Aberthol, seu conselheiro antigo, que estava sentado com os outros membros do Conselho junto à mesa semicircular. “Algo assim nunca foi feito na história dos MacGils. Essa não é terra real, com toda certeza. Não podemos confiscar terras de...”

“Eu disse para vocês se retirarem!” Gareth gritou.

“Mas Majestade, se Vossa Majestade tomar a minha terra, aonde eu e minha família iremos?” Perguntou o camponês. “Temos vivido naquela terra por gerações!”

“Vocês podem ser ‘sem-teto’.” Gareth estalou, em seguida, acenou para os guardas, que se dirigiram apressadamente para a frente e arrastaram os camponeses, levando-os para fora de sua vista.

“Majestade! Espere!” Um deles gritou.

Mas eles foram arrastados da sala e bateram a porta atrás deles.

O quarto foi preenchido com um silêncio pesado.

“Quem mais?” Gareth gritou impaciente por terminar.

Um grupo de nobres ficou nas alas, olhando hesitante.

Finalmente, eles deram um passo à frente.

Havia seis deles, os barões da Província do Norte, os aristocratas, todos vestidos com a seda azul de seu clã. Gareth os reconheceu de imediato: eram os lordes irritantes que tinham sobrecarregado seu pai durante todo o seu reinado. Eles controlavam os exércitos do Norte e sempre mantinham a família real como refém, exigindo dela o máximo que podiam.

“Meu soberano.” Disse um deles, um homem alto, magro e calvo, na casa dos cinquenta, a quem Gareth se lembrava de ter visto desde o tempo que era menino. “Temos duas questões a apresentar hoje. A primeira é referente aos McClouds. Relatórios estão se espalhando sobre ataques a nossas aldeias. Eles nunca atacaram tão ao Norte e isso é preocupante. Pode ser prelúdio de um ataque maior, de uma invasão em larga escala.”

“Bobagem!” Exclamou Orsefain, um dos novos conselheiros de Gareth, que estava sentado a sua direita. “Os McClouds nunca nos

invadiram e eles nunca fariam isso!”

“Com todo o respeito...” O lorde respondeu. “... Você é muito jovem para se lembrar, mas de fato, temos registrado tentativas de invasão por parte dos McCloud, há muito tempo atrás. Eu me lembro delas. É possível, Majestade. Em todo caso, o nosso povo está alarmado. Nós pedimos que redobrem as forças em nossa área, mesmo que seja apenas para apaziguar o povo.”

Gareth ficou ali sentado em silêncio, impaciente. Ele confiava em seu jovem conselheiro e também duvidava que os McClouds fossem invadir. Ele via aquela solicitação apenas como uma maneira ideal para que os nobres do Norte tentassem manipulá-lo junto com suas forças. Era hora de mostrar-lhes quem dirigia o reino.

“Petição denegada.” Gareth declarou. “O que mais?”

Os nobres se entreolharam descontentes. Outro deles limpou a garganta e deu um passo adiante.

“Durante o tempo do seu pai, meu soberano, os impostos em nossa província foram aumentados para mobilizar os exércitos do Norte em tempos de dificuldade. Seu pai sempre tinha prometido reduzir os impostos de volta para o que eram e antes de sua morte, a lei estava prestes a entrar em vigor. Mas nunca foi homologada. Por isso, pedimos a Vossa Majestade para cumprir a vontade de seu pai e reduzir os impostos sobre o nosso povo.”

Gareth se ressentia desses barões que pensavam que poderiam ditar-lhe como levar o seu reino. Gostassem eles ou não, ele ainda era o rei. Ele tinha de mostrar-lhes quem exercia o poder ali. Ele se virou para Amrold, outro novo conselheiro.

“E o que acha Amrold?” Ele perguntou.

Amrold estava sentado ali, estreitando os olhos para os senhores, franzindo o cenho. Ele era uma pessoa eternamente infeliz e essa era uma das razões pelas quais Gareth o amava.

“Vossa Majestade não deve baixar os impostos.” Disse Amrold. “... Mas sim aumentá-los. É hora de que o Norte saiba quem controla este Anel.”

Os nobres, juntamente com os membros mais velhos do Conselho de Gareth, engasgaram de indignação.

“Meu soberano, quem são estes jovens a quem Vossa Majestade recorre em busca de conselho?” Perguntou Aberthol.

“Estes homens que você vê atrás de mim fazem parte do meu novo conselho. Eles devem ser inclusos em todas as decisões que tomarmos.” Disse Gareth.

“Mas Majestade, isso é um ultraje!” Kelvin disse. “Sempre houve doze membros do Conselho para aconselhar o rei ao longo dos séculos. Isso nunca foi modificado por nenhum MacGil. Era a forma como o seu pai procedia e a forma como sempre se procedeu. Vossa Majestade está alterando a própria natureza do reinado. Nós temos sido provados com anos de sabedoria. Essa gente nova, trazida por Vossa Majestade, não tem nenhuma sabedoria ou experiência!”

“É o meu reino, posso mudá-lo como eu quiser.” Gareth retrucou firmemente. Ele percebeu que aquele era o momento para colocar toda aquela gente de idade em seu devido lugar. De uma maneira ou de outra, todos se inclinavam por seu pai, todos eles sempre odiaram Gareth. Ele podia ver o ressentimento em cada um de seus olhares.

“Eu preencheri o meu conselho com uma centena de pessoas, se eu achar por bem.” Gareth acrescentou. “E recorrerei ao conselho de quem eu quiser. Se vocês estiverem insatisfeitos, podem retirar-se agora.”

Os antigos conselheiros estavam sentados à mesa, de frente para ele e ele podia ver o olhar de surpresa nos seus rostos, isso era exatamente o que ele queria. Ele queria que aqueles novos conselheiros os mantivessem sob controle. Ele estava enviando-lhes uma mensagem: eles eram a velha guarda e não eram mais necessários.

Kelvin levantou-se da mesa do Conselho.

“Eu renuncio Majestade.” Ele disse.

“Eu também.” Duwayne ecoou levantando-se junto com ele.

Eles viraram as costas para ele e se retiraram da sala.

Gareth os observava enquanto se retiravam, com o rosto ardendo de indignação.

“Guardas, prendam-nos!” Gareth exclamou.

Os guardas os detiveram na porta, os algemaram e os levaram dali. Gareth podia ouvir os gritos abafados dos membros do Conselho do lado de fora da sala.

Os outros membros do Conselho se levantaram.

“Majestade, isso é um ultraje! Como pode arrestá-los? Vossa Majestade disse que podiam retirar-se!”

“Eu disse a eles que eles eram livres para optar por retirar-se do conselho.” Gareth disse. “Mas, claro, isso seria traição ao rei. Eu não vou tolerar traidores. Alguém mais de vocês gostaria de retirar-se?”

Os conselheiros se entreolharam, perturbados; agora tinham dúvidas e um medo genuíno em seus olhos. Todos eles pareciam homens quebrantados e era exatamente assim que Gareth os queria. Ele sorria por dentro. Ele estava dismantelando as instituições de seu pai, uma pessoa de cada vez.

“Sentem-se.” Gareth ordenou.

Os membros do Conselho sentaram-se lentamente, relutantes.

Gareth voltou-se para os nobres que ainda estavam ali à espera de sua resposta. Agora eles é que precisavam ser colocados em seu lugar.

“A respeito de seus impostos...” Gareth disse para eles. “... Não somente eu não vou baixá-los, como também eu vou aumentá-los. A partir de hoje, os seus impostos serão dobrados. Não venham aqui de novo, a menos que eu os convoque. Isso é tudo.”

O rosto do barão estremeceu e em seguida, assumiu um tom vermelho. Gareth podia ver que aquele homem não estava acostumado a ser tratado daquela forma e desfrutava vendo como ele o havia aborrecido.

“Meu soberano, nosso povo não vai sofrer este tipo de maltrato.”

Gareth levantou-se ficando vermelho.

“Oh sim, eles *vão* sofrê-lo. Porque eu sou o Rei agora. E não o meu pai. E vocês respondem a mim. Agora retirem-se e não apareçam aqui novamente!”

Os lordes olhavam fixamente para Gareth, boquiabertos, em estado de choque. A sala ficou em completo silêncio, era possível ouvir até mesmo um alfinete cair no chão. Nenhuma palavra foi

proferida entre as dezenas de atendentes, conselheiros ou nobres sentados e de pé em todos os lugares.

O grupo de nobres lentamente virou-se e retirou-se da sala, suas botas ecoavam no chão de pedra. Eles bateram a porta atrás de si.

Enquanto eles se retiravam, Gareth percebeu seus olhares conspiratórios. Ele podia ver em seus olhos o seu desejo de derrubá-lo. Ele já podia perceber todos os inimigos em sua Corte, todos os planos para depô-lo. Ele lidaria com cada um deles, um de cada vez. Ele iria prender cada um se tivesse de fazê-lo.

“Então isso é tudo?” Gareth perguntou apressado aos membros do Conselho restantes, os quais estavam lentamente, sentando-se de volta.

“Meu soberano.” Aberthol disse, cansado, com a voz quebrada. “Tudo o que temos pendente é a investigação sobre a morte de seu pai.”

“Do que está falando?” Gareth perguntou em tom autoritário. “A investigação está encerrada. Meu irmão Kendrick foi aprisionado.”

“Receio que não seja tão simples, Majestade.” Disse Aberthol. “O Exército Prata é ferozmente leal a Kendrick. Eles estão insatisfeitos com sua prisão. O adiamento da execução ajudou, mas isso não vai satisfazê-los por muito mais tempo. Há uma grande insatisfação entre as fileiras, especialmente depois que seu salário foi cortado. Eles pedem uma nova investigação. Corremos o risco de uma revolta se não prosseguirmos com a investigação.”

“Mas o frasco de veneno foi encontrado no quarto de Kendrick.” Gareth protestou com o coração aos pulos.

“Mesmo assim, não temos nenhuma prova definitiva ligando Kendrick ao assassinato.”

“A partir de hoje, eu declaro a investigação encerrada.” Gareth anunciou. “Kendrick vai chafurdar naquela masmorra todos os dias de sua vida.”

“Mas, Majestade...”

“Não toque neste assunto comigo novamente.” Gareth retrucou. “Agora deixem-me sozinho! Todos vocês!”

Rapidamente, os membros do Conselho saíram da sala e Gareth se viu sozinho, sentado no trono, no silêncio profundo.

Gareth ficou lá, com o coração batendo forte, fervendo; ele tinha temido que algo assim pudesse acontecer se Kendrick não fosse executado imediatamente. Ele irritou-se ao lembrar-se da interferência repentina de sua mãe, de como ela tentou usar seus poderes para impedi-lo de executar Kendrick, há alguns meses. Ele tinha ouvido que Gwen tinha recorrido a ela, que elas tinham se unido para detê-lo. Ele fervia de ódio por ambas. Ele não poderia estar seguro, enquanto elas duas estivessem vivas.

Ele lembrou-se de sua tentativa atrapalhada de fazer com que seu matador torturasse Gwen, meses atrás. Não tinha funcionado. Talvez agora fosse a hora de tentar de novo. Desta vez, ele poderia matá-la sem rodeios.

Gareth sorriu, enquanto um plano tomava forma em sua mente. Sim, desta vez o plano iria funcionar.

CAPÍTULO VINTE E UM

Thor estava sozinho ao leme de um grande barco vazio, no meio do oceano, as correntes o puxavam com uma velocidade tremenda. As velas estavam infladas pelo vento, apesar de não haver ninguém além dele no barco. Era um navio fantasma e ele permanecia ao leme, olhando para o horizonte que estava coberto por uma névoa sobrenatural. Tons dourados, amarelos e brancos faiscavam no sol da manhã.

À medida que a névoa se dissipava, a silhueta de uma ilha ia tomando forma. Ela parecia mais uma montanha que se erguia do mar do que uma ilha, seu único pico se elevava em direção ao céu. Ela se elevava mais alto do que qualquer montanha que Thor já tinha visto e na sua parte superior havia um castelo emergindo da rocha, construído na borda de um precipício. O céu era expansivo, cheio de tons de verde e amarelo pálido, uma enorme lua crescente se pendurava no seu canto. O lugar era estranho e místico. Parecia vivo.

Thor permaneceu ali, seu barco se agitava, de certa forma, ele não sentia temor. Ele sentia o oceano levando-o até a ilha. Ele sabia que aquele era o lugar ao qual ele estava destinado. Ele sabia que de alguma forma, seu destino o esperava lá. Aquele era o seu lugar. Aquele lugar, de uma forma estranha, era seu lar.

Thor não conseguia se lembrar de ter zarpado, ou de como tinha abordado aquele barco, mas ele sabia que era uma viagem que ele estava destinado a fazer. De alguma forma, aquele lugar tinha estado sempre em seus sonhos, em algum lugar lá no fundo, nos recônditos de sua consciência. Ele tinha a certeza de que sua mãe morava lá.

Thor nunca havia contemplado sua mãe antes. Durante toda sua vida tinham lhe dito que ela havia falecido no parto e ele sempre sentia uma enorme culpa por causa disso. Mas agora, enquanto ele

se aproximava daquela ilha, ele sentia a presença dela. Ele sentia que ela estava esperando por ele.

De repente, uma onda enorme levantou o barco, ergueu-o cada vez mais alto no ar e Thor se encontrou subindo cada vez mais alto sobre o oceano. A onda ganhou velocidade como um tsunami e Thor navegou sobre ela durante todo o seu trajeto enquanto ela o levava velozmente em direção a ilha, cada vez mais rápido.

Quando ele chegou perto da ilha, ele viu uma figura solitária, de pé em cima de um penhasco. Era uma mulher. Ela usava vestes azuis esvoaçantes, seu rosto estava inclinado para baixo e as palmas de suas mãos estavam voltadas para fora. Uma luz intensa brilhava por trás dela, irradiando de suas palmas, fluindo como um relâmpago. A luz brilhava tão intensamente, que quando Thor olhou para cima, tentando vê-la, ele teve de proteger os olhos. Ele não conseguia distinguir o rosto da mulher.

Ele sentiu que era ela. Mais do que tudo, ele queria ver o rosto dela, para ver se ela se parecia com ele.

“Mãe!” Ele chamou.

“Meu filho.” Disse uma voz suave que provinha de algum lugar. Era a voz mais gentil e mais reconfortante que ele tinha ouvido na vida. Ele desejou ouvi-la novamente.

De repente, a onda desabou e arrastou o barco para baixo junto com ela e Thor preparou-se enquanto se dirigia para as rochas.

Thor acordou com um sobressalto e sentou-se na cama, respirando com dificuldade.

A madrugada estava rompendo sobre o horizonte. Os membros da Legião dormiam espalhados ao redor de Thor. Sua mente dava voltas com o sonho: ele parecia tão real.

Quando Thor se orientou novamente, ele percebeu que aquele era o dia. O último dia da Centena. O dia que todos haviam estado temendo.

Ele se sentia cem anos mais velho do que era quando ele tinha chegado ali, cem dias atrás. Ele não podia acreditar que tinha conseguido, que aquele era o seu último dia. Seu tempo ali tinha excedido muito a sua imaginação. Cada dia tinha sido mais difícil do que o outro, cada treinamento mais cansativo, forçando seus irmãos

cada vez mais duramente. Os dias haviam se tornado cada vez mais longos enquanto ele aprendia a treinar com todas as armas conhecidas — e com algumas até mesmo desconhecidas pelo homem. Eles tinham sido forçados a treinar em todos os terrenos possíveis, desde pântanos a geleiras e os comandantes tinham gritado com eles desde de manhã cedo até tarde da noite. Mais de um de seus irmãos havia saído da Legião e tinha sido enviado para casa sozinho em um pequeno navio. Muitos tinham sido feridos. Dois morreram acidentalmente, escorregando de um penhasco em um dia particularmente tempestuoso. Eles tinham enfrentado provações e tribulações juntos, todos lutaram contra monstros e sobreviveram a todo tipo de clima. Aquela ilha era implacável, seu clima tinha passado de quente para frio, sem aviso prévio, parecia que ela tinha apenas duas estações.

Enquanto Thor estava sentado ali com Krohn ao seu lado, uma parte dele temia aquele último dia, uma parte queria apenas deitar-se para voltar a dormir, mas ele sabia que não podia. Aqueles últimos cem dias tinham feito dele uma pessoa diferente, ele agora estava pronto para enfrentar qualquer coisa que lançassem contra ele.

Thor ficou sentado ali, na luz do amanhecer, esperando. Em breve, todos iriam levantar-se, equipar-se e embarcar em sua missão final. Mas enquanto eles não faziam isso, ele poderia deleitar-se em ser o primeiro a levantar-se, sentar-se ali e desfrutar do silêncio, vendo o sol raiar uma última vez sobre aquele lugar que ele tinha chegado a amar.

*

Thor estava de pé, com as mãos nos quadris, junto com os outros na praia estreita e rochosa. Ele olhava para o mar tempestuoso, sentindo o frio no ar da nova estação. Ele tinha aprendido a adaptar-se às condições meteorológicas adversas e já não tremia quando um vendaval gélido golpeava seu corpo. Ele olhava fixamente para o mar, seus olhos cinzentos brilhavam, ele sentia-se endurecido, impávido. Sentia-se como um homem adulto.

Seus irmãos de armas estavam por perto, Krohn se encontrava, como sempre, ao lado dele, perto da frota de pequenos barcos de

madeira que se preparavam para zarpar para o teste final da Centena. Eles esperavam, todos ansiosos, enquanto Kolk passeava entre eles, parecendo tão insatisfeito e intenso como sempre.

“Aqueles de vocês que tiveram êxito até hoje, podem desejar parabenizar a si mesmos. Não façam isso. Vocês têm um último dia restante e este dia é o que se destacará dos outros. Se vocês sobreviverem a este dia, cada um de vocês vai voltar como um membro da Legião. Todas as provas pelas quais vocês já passaram, todas elas têm sido apenas uma preparação para o que vocês estão prestes a fazer.”

Kolk parou e virou-se, apontando para o horizonte.

“Naquela ilha, lá no horizonte...” Disse ele. “... Vive um dragão solitário, um pária da terra dos dragões. Temos vivido a sombra dele nos últimos cem dias e tivemos a sorte de que ele não nos atacou. Os guerreiros fazem todo o possível para evitar o lugar. Hoje, nós vamos fazer-lhe uma visita.

“Esse dragão guarda zelosamente um tesouro. Um antigo cetro de ouro. Dizem que o dragão o esconde no fundo de seu covil. Vocês devem encontrar o desfiladeiro, descer por ele, encontrar o cetro e voltar com ele.”

Ouviu-se um murmúrio nervoso no meio do grupo quando os garotos se viraram e se entreolharam com os olhos cheios de pavor. O coração de Thor martelava enquanto ele olhava para o mar rompendo na ilha ao longe, coberta por uma névoa surreal, mesmo naquele dia claro. Ele podia sentir sua energia, mesmo dali onde estava. Ao longo dos últimos cem dias seu poder tinha se desenvolvido e sua sensibilidade era mais intensa, ele era capaz de sentir energias, mesmo à distância. Ele podia sentir que uma criatura formidável vivia na ilha, uma criatura antiga, primordial. Ele sentia que todos estavam indo em direção a um grande perigo.

“Todos os homens aos botes e movam-se!” Kolk ordenou.

Todos correram para os pequenos barcos a remo que balançavam freneticamente nas águas da costa e subiram um de cada vez. Cada barco comportava cerca de uma dúzia de rapazes. Thor subiu junto a Krohn, ficando perto de Reece, O'Connor, Elden e os gêmeos, cada um sentou-se em um banco e pegou um remo.

Antes que eles partissem, Thor olhou para a costa e viu William de pé ali com medo em seus olhos. Thor realmente tinha ficado surpreso ao ver que William tinha chegado tão longe e pensou que ele abandonaria a Legião durante cada etapa do caminho. Mas agora, aquele exercício final devia ter sido demais para ele.

“Eu disse para entrar no bote!” Kolk gritou, dirigindo-se a ele rapidamente, o último rapaz que tinha ficado na praia.

William olhava de volta com os olhos arregalados.

“Peço desculpas senhor, mas eu não posso fazê-lo.” Ele disse humildemente.

Thor ficou ali, seu barco balançava descontroladamente e seu coração estava pesaroso por William. Ele não queria vê-lo ir embora, não depois de tudo o que tinham passado.

“Eu não vou dizer de novo.” Advertiu Kolk. “Se você não entrar nesse barco agora, estará fora da Legião. Tudo que você fez não serviu de nada. Isso é irreversível, definitivo.”

William ficou parado ali e balançou a cabeça.

“Sinto muito.” Disse William. “Quem me dera poder fazer isso. No entanto, isso é algo que eu não posso fazer.”

“Eu tampouco.” Exclamou uma voz.

Thor olhou e viu outro garoto, um dos mais antigos, saltar de um dos outros barcos e ficar em terra. Os dois ficaram ali na areia, cabisbaixos, com vergonha.

Kolk fez um gesto de desprezo, agarrou cada um por trás e empurrou-os para a frente, para longe dos outros rapazes. Thor se sentia muito mal por eles. Ele sabia que seriam colocados no pequeno barco e enviados de volta para o Anel e levariam esse estigma consigo pelo resto de suas vidas.

Antes que Thor pudesse pensar nisso mais profundamente, os comandantes da Legião surgiram atrás de cada um dos barcos e os empurraram com força, lançando-os ao mar. Thor sentiu o barco movendo-se sob ele e momentos depois ele estava tomando o remo junto com os outros rapazes.

A agitação do mar ficou mais forte à medida que avançavam e logo eles estavam longe da costa, presos a correntes fortes que os puxavam para a Ilha do Dragão.

Quando se aproximaram da ilha, Thor tentou obter uma melhor vista, porém a vista era constantemente obscurecida pela névoa que pairava sobre sua costa.

“Ouvi dizer que o dragão que vive lá come um homem por dia no café da manhã.” Disse O’Connor.

“É claro que iriam reservar algo assim para o último dia.” Disse Elden. “Justamente quando pensávamos que estávamos saindo daqui.”

Reece olhou para o horizonte.

“Já ouvi histórias sobre este lugar contadas por meus irmãos.” Disse ele. “O poder do dragão é insondável. Não há nenhuma maneira de que nós possamos derrotá-lo atacando-o de frente, mesmo juntos. Nós apenas temos de esperar, cuidar nossos passos e não acordá-lo. A ilha é grande o suficiente e ele pode estar dormindo. Tudo o que temos a fazer é sobreviver o dia.”

“E quais são as chances de que consigamos?” O’Connor perguntou.

Reece deu de ombros.

“Ouvi dizer que nem todos os garotos sobreviveram nos últimos anos.” Disse ele. “Mas um bom número conseguiu.”

A ansiedade de Thor aumentava à medida que as correntes o puxavam em direção à ilha. O remo ficou mais leve e logo ele pôde distinguir o contorno singular da costa formado por rochas vermelhas de formas e tamanhos de uma variedade infinita. Elas brilhavam e resplandeciam como se estivessem em chamas. Elas brilhavam na luz como uma praia de rubis. Ele nunca tinha visto nada assim.

“Oretistas.” Conval disse olhando para as pedras. “Diz a lenda que se você der uma delas a alguém que você ama, ela vai salvar a vida da pessoa amada.”

Momentos depois, o barco atracou na costa, Thor pulou com Krohn e os outros e o puxaram por todo o caminho para as rochas. Seus pés rangiam ao redor delas; os rapazes olhavam para baixo e recolhiam as brilhantes pedras vermelhas.

Thor fez o mesmo. Ele segurou uma pedra contra a luz, examinando-a. Ela brilhava como uma jóia rara na luz da manhã. Ele

fechou a mão e os olhos e sentiu uma brisa surgir quando ele se concentrou. Ele podia sentir o poder da pedra pulsar através de seu corpo. Conval estava certo: aquela era uma pedra mágica.

Ele viu os outros meninos colocando no bolso a maior quantidade de pedras que podiam carregar como lembranças; Thor pegou uma e colocou-a no fundo de seu bolso. Apenas uma delas era o suficiente para ele. Ele não precisava de uma para si mesmo, só havia alguém no mundo a quem ele desejava dar uma: Gwendolyn. Isso, se por acaso ele conseguisse voltar para ela.

Todos eles começaram a subir o barranco, a única entrada que conduzia até os penhascos íngremes. A névoa ia e vinha, dificultando ver algo mais adiante, mas Thor pôde enxergar um caminho estreito quase que formado por degraus naturais, que dava para o lado do penhasco, o caminho estava coberto de musgo.

Eles subiam pelo caminho em fila indiana, Thor escorregava quando as ondas do mar borrifavam tudo, tornando o caminho escorregadio. Thor se esforçava para manter o equilíbrio quando uma forte rajada de vento os golpeou.

Finalmente, eles chegaram ao topo. Thor estava na colina coberta pela grama, junto com os outros, no pico da Ilha do Dragão. Ele olhou em volta, um musgo verde escuro cobria a ilha até onde ele podia ver e a névoa pairava sobre ele. Era um lugar assustador, sombrio e enquanto Thor olhava ao seu redor, de repente ele ouviu um rugido profundo. Parecia que a própria terra estava borbulhando e ao longe, chamas e fumaça subiram na névoa para logo desaparecer. Um cheiro estranho pairava naquele lugar, era como o cheiro de cinzas misturadas com enxofre. Ele impregnava tudo ali. Krohn choramingou.

Thor engoliu em seco. Os garotos se viraram e se entreolharam, até mesmo o mais corajoso deles tinha medo em seus olhos. Todos eles haviam passado por muitas coisas juntos, mas nada como aquilo. Eles estavam realmente ali. Não era mais um simples exercício repetitivo, agora era uma questão de vida ou morte.

Todos eles partiram em grupo atravessando aquela parte erma da ilha, andando sobre o musgo escorregadio, todos em guarda, todos com as mãos sobre as suas espadas.

Depois do que pareceram horas, os rapazes ouviram um som sibilante e, em seguida, um forte barulho que ecoava cada vez mais alto. A névoa girava em torno deles. Finalmente, o ar ficou mais frio, mais úmido, eles chegaram à beira de uma cachoeira. Thor olhou para baixo ao longo da borda; ela parecia cair interminavelmente.

Eles continuaram por uma trilha ao redor da circunferência da cachoeira e seguiram através de um terreno pantanoso, encharcado pelas gotas da queda d'água, os seus pés afundavam no solo. Eles andaram e andaram através das nuvens de névoa que se tornavam tão espessas que eles mal podiam ver uns aos outros; o rugido do dragão se ouvia a cada poucos minutos e parecia ficar cada vez mais alto. Thor virou-se para ver por onde eles tinham vindo, mas a névoa agora era muito grossa para que ele pudesse ver através dela. Ele começou a se perguntar como eles fariam para encontrar o caminho de volta.

Enquanto marchavam, Reece quem ia ao lado de Thor, subitamente perdeu o equilíbrio e começou a cair. Thor usou seus reflexos recém-descobertos para alcançá-lo e agarrá-lo justo um momento antes que ele caísse. Ele agarrou-o com força pela parte de trás da camisa e puxou-o de volta. Quando Thor se aproximou e olhou, percebeu que tinha acabado de salvar a vida de Reece: abaixo deles, o chão se abria para o que parecia um cânion enorme que se precipitava por centenas de metros.

Reece virou-se e olhou para Thor com um olhar de gratidão por ele ter salvado sua vida.

"Eu estou em dívida com você." Disse ele.

Thor sacudiu sua cabeça. "Não, não está."

Os rapazes todos reunidos em torno dele, olhavam para o imenso cânion, afundando centenas de metros dentro da terra, eles se perguntavam.

"O que é isso?" Elden perguntou.

"Parece um desfiladeiro." Conval disse.

"Não." Reece disse. "Não é."

"Então o que é isso?" Conven perguntou

"É uma pegada." Disse Reece.

"Uma pegada?" Conven perguntou.

“Olhe para a depressão, como ela é irregular. E olhe para a forma ao redor das bordas. Isso não é um desfiladeiro, meu amigo. Essa é uma pegada de Dragão.”

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Erec trotava em seu cavalo na luz da manhã pelo velho e marcado caminho. Ele estava acompanhado por um contingente de cavaleiros do Duque, entre os quais se encontrava seu amigo Brandt. Enquanto eles seguiam em direção as pistas do torneio, eram recepcionados por milhares de espectadores que aplaudiam freneticamente, de ambos os lados da estrada.

Tinham sido cem longos dias de justas e Erec tinha vencido todas as competições até aquele momento. Aquele era o último dia, todos se reuniram para celebrar o final e enquanto Erec trotava, ele só conseguia pensar em uma coisa: Alistair. O rosto dela permanecia gravado em sua mente, cada vez que apertava sua lança ele sabia que estava lutando por ela. Se ele vencesse hoje, poderia finalmente tomá-la como sua noiva. E ele estava determinado a não permitir que nenhum homem, de nenhuma província do reino, pudesse derrotá-lo.

Eles cavalgaram através dos imensos portões de pedra arqueados, rumo à arena e foram recebidos com vivas por milhares de espectadores, que se encontravam já sentados nas arquibancadas de pedra do Coliseu, olhando para o centro do campo de torneios. As pessoas se levantaram e atiraram flores quando Erec entrou. Ele sentiu uma onda de orgulho. Ele tinha dedicado sua vida a desenvolver suas habilidades de luta e em momentos como aquele, quando todos torciam por ele, ele sentia que todo seu esforço valia a pena. Erec jamais havia sido derrotado por um homem no campo de batalha.

A multidão vibrava enquanto ele trotava. Ele prosseguiu até chegar ao centro das pistas, uma vez ali, ele virou-se e inclinou a cabeça para o Duque, quem estava entre a multidão, ladeado por seu contingente de soldados. O Duque devolveu-lhe a reverência com um sorriso no rosto. Erec virou-se e dirigiu-se para a linha

lateral. Ao longo de toda a linha havia pequenos contingentes de cavaleiros, centenas deles, todos vestindo armaduras diferentes, de diversas formas e cores, montados em uma ampla variedade de cavalos e empunhando armas exóticas. Eles tinham se reunido, procedentes de todos os cantos do Anel, cada grupo era mais exótico do que o outro. Tinham estado treinando o ano inteiro para a ocasião e a competição tinha sido formidável. Mas Erec tinha consistentemente superado todos eles e quando ele pensou em Alistair, ele sabia que encontraria uma maneira de ganhar naquele dia.

Erec esperou e observou quando uma buzina soou e dois cavaleiros saíram de lados opostos do estádio, um deles usava uma armadura verde escura e o outro usava uma de cor amarelo brilhante, cada um segurava sua respectiva lança. O cavaleiro de armadura verde derrubou o de armadura amarela de seu cavalo e a multidão aplaudiu freneticamente.

Um combate após outro tinha lugar e cada vez mais cavaleiros eram eliminados. Erec, sendo o campeão, teve a honra de ocupar o último posto do primeiro turno.

Quando a buzina soou, ele investiu sem hesitar nem um momento. Erec e seu adversário estavam em igualdade de condições. Erec iria lutar contra um dos melhores cavaleiros, um homem corpulento, equipado com uma armadura preta e cujo tórax era duas vezes mais largo que o dele. O seu adversário montava um cavalo cuja expressão era zombeteira, horrível e a lança do homem parecia ser duas vezes maior que a de Erec.

Mas Erec não permitiu que isso o perturbasse. Ele se concentrou no peitoral do homem, no ângulo de sua cabeça, na forma como as placas de sua armadura se moviam. Ele identificou o ponto fraco de imediato pela forma como o homem baixou seu ombro esquerdo. Erec esperou até o último momento, apontou a lança exatamente para o ponto certo e segurou-a até que eles se confrontaram.

Um suspiro sobressaltado propagou-se no seio da multidão quando o cavaleiro opositor saiu voando de seu cavalo, caindo no chão em meio a um tinido de metais.

A multidão gritou em delírio enquanto Erec cavalgava para o outro lado do estádio e esperava a sua vez para a segunda rodada. Ainda restavam dezenas de rodadas.

O dia se prolongava. Os cavaleiros lutavam um após o outro, rodada após rodada, até que restava apenas um punhado de guerreiros. Quando eles chegaram aos últimos dez, a buzina soou e foi estabelecida uma pausa. Então o Duque foi até o meio para dirigir-se ao seu povo. Erec aproveitou a oportunidade, assim como os outros, para levantar sua armadura, remover seu capacete e respirar fundo. Um escudeiro apareceu com um balde de água e Erec bebeu um pouco, depois ele derramou resto sobre sua cabeça e barba. Embora fosse outono, ele estava pingando de suor e respirava com dificuldade devido às horas de luta. Ele já se sentia dolorido, mas quando olhou em volta para os outros cavaleiros, ele pôde ver que eles estavam ainda mais cansados do que ele. Eles não tiveram o treinamento que ele tinha. Erec fazia questão de treinar todos os dias de sua vida e nunca perdeu um dia. Ele estava preparado para lutar até a exaustão. Aqueles homens não estavam.

O Duque levantou os dois braços para a multidão e lentamente, ela silenciou.

“Meus companheiros e amigos presentes.” O Duque gritou. “Nossas províncias enviaram os seus melhores e mais brilhantes cavaleiros de todos os cantos do Anel para competir nestes cem dias pela melhor e mais bela noiva que o nosso reino possa oferecer. Cada guerreiro aqui escolheu uma mulher e aquele que ganhar hoje, terá o direito de se casar com tal mulher, se ela aceitar. Para estes cavaleiros finais, o ataque vai mudar de duelo à luta a mão armada. Cada guerreiro irá escolher uma arma e todos eles vão lutar entre si. Não haverá mortes, mas a exceção disso, tudo vale. O último homem a permanecer de pé ganhará. Guerreiros, boa sorte!” Ele gritou enquanto se retirava. A torcida rugiu atrás dele.

Erec colocou o capacete de volta e olhou para o carrinho de armas que seu escudeiro tinha levado até ele. Ele já sabia que arma queria: ela estava em sua cintura. Ele pegou seu velho e confiável mangual cujo cabo de madeira já estava bastante desgastado, ele media cerca de sessenta centímetros de comprimento e tinha em

sua ponta uma bola de metal com puas. Ele o havia empunhado desde seus dias na Legião e não conhecia nenhuma arma melhor.

A buzina soou e de repente, os dez homens arremeteram uns contra os outros, encontrando-se no centro da arena.

Um grande cavaleiro apontava diretamente para Erec, seus olhos eram azuis e ele tinha uma barba loira brilhante, ele era uma cabeça mais alto do que Erec e estava sem capacete. Ele atirou uma clava enorme direto para a cabeça de Erec, com uma velocidade que o surpreendeu.

Erec esquivou no último segundo e a clava saiu voando pelos ares.

Erec aproveitou a oportunidade para girar ao redor e golpear duramente o homem na parte de trás da cabeça com o cabo de madeira de seu mangual, poupando-o do golpe com a bola de metal, evitando assim matá-lo. O homem tropeçou e caiu inconsciente. Ele foi o primeiro homem a ser abatido.

A multidão rugiu.

Todos os cavaleiros ao redor de Erec lutavam e mais de um o havia escolhido. Ele era visto, claramente, como o homem a ser abatido. Erec se agachou e se esquivou, quando um deles veio até ele com um machado, outro veio com uma alabarda e um terceiro veio com uma lança. Por mais que o Duque tivesse exortado a não tentar matar uns aos outros, Erec pensou, era óbvio que aqueles cavaleiros não tomavam isso em consideração.

Erec encontrou-se girando e contorcendo-se, combatendo um após o outro. Um apontou para ele com uma longa alabarda cravejada, Erec arrancou-a das mãos de seu oponente e a usou para espetar o atacante à direita na base do pescoço com sua ponta de madeira, encontrando o ponto fraco acima de sua armadura e derrubando-o de costas.

Erec, em seguida, virou-se e girou a ponta da alabarda, cortando uma lança pela metade, justo antes que ela o atingisse.

Logo, ele virou-se outra vez, sacou seu mangual e com ele derrubou um punhal das mãos de outro adversário. Ele virou o mangual de lado e com a ponta do cabo de madeira golpeou o rosto

de seu atacante, quebrando o cavalete de seu nariz e derrubando-o no chão.

Outro cavaleiro o atacou com um martelo, Erec se abaixou e deu um soco no plexo solar dele com sua luva. O cavaleiro tombou, deixando cair seu martelo na metade do golpe.

Restava agora apenas um cavaleiro em oposição a Erec e multidão saltava, gritando enlouquecida, enquanto eles rodeavam um ao outro lentamente. Ambos respiravam ofegantes. Ao redor deles estavam os corpos inconscientes dos outros que haviam sido derrotados.

Esse último cavaleiro era de uma província que Erec não conhecia. Ele trajava uma armadura vermelha e brilhante cheia de puas, como um porco-espinho. Ele segurava uma arma que se assemelhava a um tridente, tinha três pontas longas e estava pintada com uma cor estranha que brilhava na luz e encadeava Erec. Ele apontava continuamente para o ar, dificultando a concentração de Erec.

De repente, o cavaleiro atacou tentando estocar Erec com seu tridente, Erec bloqueou o golpe no último segundo com o seu mangual. Os dois se travaram em luta, empurrando-se para trás e para a frente em um cabo-de-guerra. Erec escorregou no sangue de um de seus oponentes e perdeu o equilíbrio.

Erec caiu de costas e seu adversário não perdeu tempo. Ele desceu o tridente direto para baixo, para o rosto de Erec, Erec bloqueou-o e segurou-o com a ponta de sua maça. Ele conseguiu mantê-lo a margem, mas estava perdendo terreno rapidamente.

A multidão ficou boquiaberta.

“RENDA-SE!” Gritou o cavaleiro adversário.

Erec estava lá, lutando, perdendo as forças, foi quando ele viu o rosto de Alistair em sua mente. Ele viu a expressão dela quando ela olhou em seus olhos e pediu-lhe para ganhar. E, de repente, ele sentiu-se invadido por uma nova força. Ele não podia deixar-se abater. Não ali. Não naquele dia.

Com uma explosão final de força, Erec rolou para fora do caminho, puxou o tridente para baixo e mergulhou-o na terra ao lado dele. Ele rolou de novo e chutou o cavaleiro com força, no

estômago. O cavaleiro caiu de joelhos e Erec ficou de pé e chutou-o novamente, derrubando-o de costas.

A multidão rugia.

Erec sacou sua adaga, ajoelhou-se e pressionou-a contra o pescoço do cavaleiro. Ele empurrou a ponta firmemente contra a garganta, até que o cavaleiro entendeu.

“EU ME RENDO!” Exclamou o cavaleiro.

A multidão rugiu e gritou de alegria.

Erec levantou-se lentamente, respirando com dificuldade.

Ele agora tinha apenas uma coisa em sua mente.

Alistair.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Thor olhou com temor para a pegada do dragão, afundando centenas de metros na terra, ela era do tamanho de um cânion. A névoa dissipou-se mais abaixo ao fundo e Thor viu algo. Havia uma gruta na outra extremidade e dentro dela, ele pensou ter visto algo brilhando. O objeto brilhou e depois desapareceu na neblina.

“Ali.” Disse Thor apontando. “Vocês viram aquilo?”

Os rapazes tentaram enxergar.

“Eu não vejo nada.” Elden disse.

“Acho que vi algo brilhando.” Thor disse.

“Poderia ser o cetro.” Reece disse.

Ao redor deles, dezenas de membros da Legião surgiram entre a névoa e um deles encontrou uma maneira de entrar no cânion, descendo por uma borda íngreme do penhasco. Thor e os outros o seguiam, Krohn ia com eles e todos começaram a descer em fila indiana.

À medida que eles avançavam a trilha, ela tornava-se mais íngreme e Thor logo se viu lutando para preservar sua preciosa vida enquanto desciam cada vez mais pela pegada do dragão.

Eles finalmente alcançaram o fundo e Thor olhou para cima, perguntando como eles poderiam realmente sair dali.

Ali embaixo o chão estava coberto com uma areia fina e preta. Enquanto eles caminhavam, seus pés afundavam nela. O rugido do dragão não tinha sido ouvido há algum tempo e tudo estava estranhamente silencioso. Estavam todos em guarda enquanto seguiam atravessando o chão do cânion em direção à entrada da caverna. A névoa tinha clareado e tudo era visível novamente.

“Ali!” Thor exclamou.

Os outros viram que desta vez, um brilho provinha de dentro.

“Eu estou vendo.” Reece disse.

Todos eles prosseguiram pela caverna, a névoa retornava à medida que eles avançavam. Thor tinha uma sensação cada vez mais sinistra. Ele não podia deixar de sentir que eles estavam sendo observados enquanto se metiam cada vez mais fundo na toca do dragão. Ele esperava e rezava para que eles pudessem encontrar o cetro e sair rapidamente dali.

De repente, Thor ouviu um barulho estridente e familiar, então ele virou-se e esticou o pescoço para o céu, ele ficou emocionado ao ver Estopheles voando lá no alto. Ele não sabia quanto tempo tinha passado desde que ele o tinha visto. Thor se perguntou o que ele estaria fazendo ali, naquele momento. Ele não podia deixar de sentir que a ave estava querendo avisá-lo de alguma coisa.

Ela gritou novamente, subindo em círculos.

O grande grupo de membros da Legião convergiu para a caverna, Thor se virou e mostrou o caminho. O mundo tornou-se negro quando eles entraram nela, longas estacas de gelo penduravam do teto, ouvia-se o som da água escorrendo e de morcegos sobrevoando o lugar. Enquanto caminhavam penetrando cada vez mais no interior da caverna, suas vozes reverberavam, eram os sussurros nervosos dos membros da Legião. A única coisa que iluminava a caverna era uma luz brilhante, não muito longe da entrada, ela provinha de um único objeto.

Quando a névoa se dissipou, Thor finalmente viu o que era — e todos eles engasgaram.

Ali, emergindo do solo, estava o cetro de ouro. Com seus cerca de noventa centímetros de comprimento, ele brilhava e resplandecia, lançando uma luz tão brilhante que iluminava a maior parte da caverna, cortando a névoa. Todos os membros da Legião pararam no meio do caminho, espantados. Thor podia sentir mesmo dali onde estava, a intensa energia que irradiava do cetro.

“Você o viu primeiro.” Reece disse para Thor. “Tome-o. Leve-o para a Legião.”

Thor deu um passo adiante, os outros o seguiram de perto, ele sabia que deveria sentir-se aliviado. Eles haviam encontrado o cetro. Agora todos poderiam regressar. Mas, por alguma razão, ao meter-se mais e mais na caverna Thor sentia que seu nervosismo

aumentava. Seus sentidos se agitavam e uma parte dele, que ele não compreendia bem qual era, gritava para ele que todos estavam se aproximando cada vez mais do perigo.

Mas com todos os rapazes ali, observando-o, Thor dificilmente poderia voltar atrás. Ele caminhou para a frente, estendeu a mão e pegou o cetro. Ele sentiu uma emoção eletrizante percorrer seu corpo quando tomou o cetro entre suas mãos. Ele era a coisa mais linda e poderosa que ele já havia tocado.

Todos se viraram e apressadamente se aglomeraram em torno de Thor, querendo dar uma boa olhada no cetro. Havia uma sensação de alívio no ar: sua missão estava cumprida. Agora eles poderiam voltar para casa. O grupo se organizou formando um bloco e começou a esgueirar-se para o lado de fora da caverna, preparando-se para deixar aquele lugar.

Mas no momento em que todos se encontraram fora da caverna, seu mundo mudou. Do nada, um rugido horrível se ouviu e quando todos olharam para cima, Thor viu a cena mais aterrorizante de sua vida.

O dragão. Sua cabeça sobressaía do cânion e ele olhava para baixo, para eles. Thor teve de se perguntar se aquela visão era real ou apenas um pesadelo. Ele nunca tinha visto um dragão de verdade antes e jamais pensou que o veria algum dia. Era a coisa maior e mais terrível que Thor já tinha posto os olhos em cima. Quando o dragão levantou seu pescoço longo e elevou sua cabeça enorme sobre eles, ele bloqueou o sol, lançando uma sombra sobre todos eles. Somente uma de suas escamas era maior do que Thor, o dragão estava coberto de milhares delas, todas eram de um tom avermelhado matizado de verde. Ele levantou suas duas patas dianteiras e estendeu-as para o céu, cada uma delas era do tamanho de cinquenta homens. Thor pôde ver suas enormes garras, três em cada pata, cada qual tão afiada como uma espada e tão comprida como uma árvore.

O mais aterrorizante de tudo, porém, era o seu rosto, cuja mandíbula era alargada, longa e reta e por trás de sua boca aberta, havia fileiras intermináveis de dentes, cada um tão grande quanto

uma casa, eles eram mais penetrantes do que qualquer arma que Thor já tinha visto.

O dragão jogou a cabeça para trás e rugiu. O som de seu rugido era forte o suficiente para partir um homem ao meio.

Cada membro da Legião tampou os seus ouvidos e Thor fez o mesmo enquanto tratava de segurar o cetro. O chão tremia e Thor pensou que sua cabeça fosse explodir. Krohn choramingou e rosnou.

Quando o dragão terminou o seu rugido, ele abaixou a cabeça, afastou o pescoço para trás, abriu a boca e respirou.

O fogo desceu, saraivando como um tornado, chamuscando o lado da parede do desfiladeiro. Quando o dragão moveu seu pescoço o fogo se espalhou e então foi quando Thor ouviu os gritos.

Vários membros da Legião gritaram horrivelmente de dor ao serem queimados vivos. Thor assistiu a tudo impotente antes de poder virar-se e correr com o resto dos rapazes, correr por suas vidas.

O dragão baixou uma pata e quando ela pisou o chão, deixou outro buraco do tamanho do cânion e fez a terra sacudir tão forte que Thor e os membros da Legião foram jogados para o ar por uns bons três metros. Thor aterrissou de lado com um forte golpe e rolou várias vezes pelo chão.

Thor pôs-se de pé de um salto, olhou para cima e viu o dragão aproximando-se enquanto o resto dos rapazes corria. Alguns dos garotos mais velhos entraram em ação. Um deles tinha levado consigo uma longa corda e um arpéu, ele distribuiu as cordas entre vários outros e logo o grupo corria em círculos em torno do dragão, enrolando as cordas em torno de suas patas, tentando derrubá-lo.

Era um esforço heróico e os rapazes se moviam rapidamente e sem medo, conseguindo enrolar a corda firmemente em torno das patas do dragão duas vezes, para surpresa de Thor. Eles esperavam que o dragão tropeçasse e caísse quando fosse dar seu próximo passo.

Mas todos eles ficaram simplesmente horrorizados quando o dragão simplesmente olhou para baixo, se deu conta da corda e arrancou-a de um safanão, como se ela não existisse. Em seguida, ele levantou uma pata e baixou-a sobre vários dos rapazes mais

velhos esmagando-os totalmente contra o solo, logo, com um só movimento de suas garras cortou ao meio outra quantidade de jovens.

Thor assistiu horrorizado quando O'Connor foi atingido pelo golpe, ele havia escapado da garra, mas a força do impacto da pata do dragão enviou O'Connor pelos ares jogando-o brutalmente contra a parede do desfiladeiro. Thor orou para que ele não estivesse morto.

Os outros rapazes começaram a fugir de novo, todas as suas opções estavam esgotadas e Thor sabia que tinha de fazer alguma coisa rapidamente. Se as coisas seguissem assim, todos eles seriam mortos em minutos. Não havia nenhuma maneira de sair daquele cânion e o dragão os mantinha presos.

Enquanto todos a sua volta continuaram a correr, Thor reuniu sua coragem e parou. Ele ficou ali, no centro do chão do cânion, virou-se e enfrentou o dragão. Seu coração batia forte e ele sabia que isso poderia significar sua morte, mas ele tinha de fazer isso.

Thor tentou evocar tudo o que Argon havia lhe ensinado, tentou invocar o seu poder espiritual, qualquer que ele fosse. Se ele realmente tinha algum poder inato, aquele era o momento de utilizá-lo. Aquela era o momento em que Thor mais precisava dele.

O dragão de repente parou e dirigiu sua atenção para Thor. Ele jogou a cabeça para trás e rugiu como se estivesse furioso por ter sido desafiado, naquele momento Thor desejou ter corrido com os outros rapazes.

Thor ficou ali sozinho, de frente para o dragão, então ele ergueu uma mão com a palma virada para cima, determinado a usar qualquer poder sobrenatural que ele tivesse para combater a besta.

Por favor, Deus, por favor.

O dragão puxou o pescoço para trás, abriu sua boca e lançou suas chamas direto para Thor.

Thor manteve a palma da mão virada para fora, rezando e esperando que funcionasse.

Enquanto as chamas se derramavam por todo o seu redor, Thor ficou surpreso ao ver que a palma da mão tinha criado um escudo

de energia em volta dele. As chamas inofensivas se afastavam em torno de sua mão, deixando-o a salvo.

Os outros meninos pararam e assistiam.

O dragão estava enfurecido. Ele levantou uma pata começou a baixá-la, preparando-se para esmagar Thor.

Mas Thor manteve a palma da mão voltada para cima e enquanto a pata do dragão descia, ele foi capaz de usar sua força energética para detê-la, a pata do dragão ficou pairando no ar, vários metros acima de sua cabeça.

Thor podia sentir a energia e a força do animal e o intenso desejo que a criatura tinha de matá-lo. O corpo inteiro de Thor estava tremendo quando ele usou todo seu poder para manter a criatura sob controle. Mas ele não podia mantê-la assim por muito mais tempo.

Finalmente, incapaz de continuar por mais um momento, Thor liberou o escudo de energia e correu. Assim que ele fez isso, a pata do dragão desabou a escassos centímetros dele, falhando o alvo e mergulhando na terra.

O dragão rugiu, enfurecido.

Os outros membros da Legião pararam e assistiam, com admiração.

O dragão, mais furioso do que nunca, investiu contra Thor. Ele se lançou direto para ele, abrindo suas fileiras de dentes, com o objetivo de engoli-lo inteiro.

Thor sentiu um calor subindo dentro de si e ele invocou sua energia novamente. Desta vez, ele usou-a para dar o salto mais alto que ele já tinha dado e quando o dragão abaixou-se para atacá-lo, Thor pulou sobre a cabeça dele e pousou em suas costas.

Thor agarrou suas escamas e se sujeitou a elas com toda a sua alma, enquanto o dragão resistia. Era como cavalgar uma montanha. Thor podia sentir a energia do dragão e era a coisa mais poderosa que ele já havia sentido. Thor usou seu poder para tentar direcionar a energia do dragão. Ele implantou na mente do dragão a ideia de voar para longe.

E foi exatamente isso o que o dragão fez.

De repente, o dragão levantou-se e voou para fora do cânion. Thor controlava sua mente enquanto ele continuava a voar para cada vez mais longe. Thor se aferrava a ele com todas suas forças, o vento e a névoa chicoteavam seu rosto enquanto o dragão subia cada vez mais alto e voava cada vez mais rápido. Logo, o chão era apenas um pontinho abaixo deles.

Thor orientou o dragão para virar-se sobre o mar e eles continuaram a voar. Thor sussurrou para o dragão ordenando-lhe que descesse para perto da costa e rezou para que ele assim o fizesse.

O dragão assim o fez. Assim que ele sobrevoou a costa, Thor aproveitou a oportunidade. Prendeu a respiração e pulou das costas do dragão, lançando-se no ar, esperando não se machucar com a queda.

Thor caiu profundamente sobre as ondas, no mar revolto. Ele veio à tona ofegante e se virou para ver como o dragão voava para longe, sobre o mar, para cada vez mais longe.

Com suas últimas forças, Thor nadou até a costa e caiu na areia, incapaz de mover-se nem mesmo por um centímetro. Ele ainda estava segurando o cetro. Ele não podia acreditar.

Ele havia conseguido.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Andronicus estava sentado em seu trono, rodeado por uma dúzia de servas nuas e acorrentadas ao chão, elas o abanavam e colocavam frutas em sua boca. Ele se inclinou para trás com um sorriso e observou as festividades desdobrando-se diante dele. No piso circular da sala de seu imponente trono, os jogos da noite estavam começando.

Espalhados por toda a sala havia centenas de seus mais íntimos seguidores e multidões que haviam chegado de todos os lugares do império, usando todas as cores possíveis, para prestar homenagem a Andronicus. Eles festejavam, dançavam, bebiam e se drogavam naquela sala, tal como vinham fazendo noite após noite. Havia um fluxo interminável de dignitários que queriam prestar homenagem a ele. Se não o fizessem, ele mandaria seus exércitos aniquilá-los em um instante. Aqueles jogos eram o centro das festividades da noite além de ser o perfeito complemento para um longo dia de beber e banquetear-se.

O primeiro jogo da noite era sempre o mais emocionante e aquele prometia não ser a exceção. Eles tinham encontrado um Spokebull maciço, com três chifres, cujo queixo tinha o dobro da largura normal e oito conjuntos de longas presas. Ele tinha como adversário a um Livara, uma enorme criatura de aspecto leonino que tinha quatro conjuntos de asas. No ringue, o Spokebull arremeteu rugindo contra o Livara e o Livara devolveu o ataque. Aquela prometia ser uma boa disputa.

As duas criaturas, ambas enfurecidas, se encontraram no meio do ringue rosnando, cada qual afundou suas presas no couro da outra. Elas se batiam no chão e rolavam, a sala logo ficou cheia com os sons de seus rosnados ferozes. Dentro de minutos, o sangue e a saliva foram salpicados por toda a sala. Andronicus abriu um sorriso largo ficando agitado com a emoção, quando um pouco da mistura

jorrou através do portão e atingiu seu rosto. Inspirado, ele estendeu o braço, colocou uma das mãos em torno de uma das garotas nuas e puxou-a para o seu colo. Antes que ela percebesse o que estava acontecendo ele estendeu suas enormes presas e mergulhou-as na garganta da jovem.

Ela gritou enquanto ele bebia o sangue dela, sentindo o jato de líquido quente descer pela sua garganta. Andronicus segurava a jovem com força até que ela finalmente parou de se contorcer. Finalmente, ela caiu ali, morta, em seus braços. Ele limpou a parte de trás de sua boca e deixou a jovem ali. Havia pouquíssimas coisas que ele desfrutava mais na vida do que segurar um cadáver recém-morto em seu colo. Aquela estava resultando ser, de fato, uma grande noite.

Um uivo de agonia soou e a multidão se levantou de um salto, rugindo, quando um dos animais levou a pior do outro. Andronicus se levantou e olhou para baixo para ver que o Spokebull havia vencido, ele tinha perfurado o peito do Livara com seu terceiro chifre e agora estava sobre ele, bufando, batendo o pé.

A multidão aplaudiu quando um assistente abriu o portão, preparando a próxima luta.

No entanto, enquanto o assistente fazia os preparativos, algo saiu errado: o Spokebull, enfurecido, arremeteu direto contra ele. O homem não pôde sair do caminho rápido o suficiente e o animal o calçou com seus chifres, perfurando seu estômago e jogando-o para o alto, sobre a sua cabeça e incrustando-o entre as barras da jaula da arena. Em vez de correr para ajudá-lo, a multidão gritou em delírio quando ele ficou ali pendurado agonizando. Ninguém foi em seu auxílio; ao contrário, todos eles desfrutavam a cena.

Três outros atendentes entraram correndo, segurando suas lanças e tentaram manter a besta afastada enquanto eles iam tentar resgatar seu colega de trabalho. A besta lançou-se contra eles, mordendo suas lanças e quebrando-as até que finalmente, outro atendente se adiantou com um enorme machado duplo e com um golpe certeiro, cortou sua cabeça. O cadáver da besta caiu para o lado, jorrando sangue por toda parte. A multidão gritou agitada de emoção ao ver a cena.

Vários outros atendentes correram para limpar a sujeira sangrenta. Logo uma porta foi aberta do outro lado da arena e mais dois animais foram conduzidos por ela, para a próxima rodada. Eram idênticos. Pareciam rinocerontes, porém seu tamanho era três vezes maior. Cada um deles foi levado para um lado do ringue, grunhindo e rosnando. Os quatro atendentes que os conduziam mal podiam contê-los com suas cordas.

Assim que os cadáveres foram retirados e o portão se fechou, um apito soou e os dois animais foram liberados de suas cordas. Sem hesitar, atacaram-se mutuamente, chocando suas cabeças quando se encontraram no meio do ringue. Houve um estrondo terrível quando suas cabeças bateram, suas couraças tão duras como ferro, sacudiram junto com a sala inteira.

A multidão aplaudia deleitada.

Andronicus sentou-se lentamente, ele ainda segurava o cadáver fresco em seu colo e estava divertindo-se com os jogos. Hoje eles estavam indo ainda melhor do que ele esperava, ele não sabia quando tinha sido a última vez que seu astral esteve tão alto.

“Meu soberano. Perdoe-me.” Disse uma voz.

Andronicus se virou para ver um de seus mensageiros de pé ao seu lado, sussurrando em seu ouvido.

“Perdoe minha interrupção amo, mas eu trago notícias importantes.”

“Fale então.” Andronicus rosnou, ainda olhando para a frente, tentando ignorar o homem. Andronicus tinha a sensação desagradável de que o assunto, qualquer que fosse, interromperia seu humor. E ele não queria ser interrompido.

“Foi divulgada a notícia de que o exército McCloud invadiu a outra metade do Anel. Nossos espiões nos informam que o reino dos MacGils pode ser conquistado em poucos dias e que os McClouds irão controlar o Anel.”

Andronicus balançou a cabeça lentamente, absorvendo a informação com uma raiva fervente que ele não tinha deixado transparecer, então ele estendeu os braços, pegou o mensageiro com as duas mãos, levantou-se e jogou-o pela sala com uma força sobre-humana. O mensageiro, um homem pequeno e frágil que

provinha dos Sertões, saiu voando pelo ar, gritando. A multidão observou paralisada quando ele passou por cima da cerca da arena e caiu lá dentro junto aos animais selvagens.

Os dois animais se sobressaltaram deixaram de golpear-se entre si e voltaram-se para o mensageiro. Ambos investiram contra ele, o mensageiro se virou e correu, gritando, tentando fugir. Mas não havia lugar para onde ele pudesse ir. Enquanto subia pela parede, tentando escapar, um dos animais perfurou suas costas com seu chifre grosso, prendendo-o na jaula.

O mensageiro gritou, o sangue estava jorrando pela sua boca, ele tentou agarrar-se à parede com as unhas, mas logo ele morreu.

A multidão levantou-se de um salto, gritando de alegria.

Andronicus ponderava as notícias. Elas realmente o haviam deixado de mau humor. O rei McCloud o havia desafiado, não tinha aceitado sua oferta, nem tinha cedido diante dos seus desejos de deixá-lo atravessar o Canyon para atacar os MacGils juntos. Aquele rei McCloud era mais cabeça-dura do que Andronicus tinha antecipado. Ele estava fora do alcance de Andronicus. E Andronicus odiava coisas que ele não podia controlar.

Andronicus esperava um momento como aquele. O anel não tinha sido mais que uma pedra no sapato, no seu lado, no lado de todo o Império, o único território livre deixado nele, desde o tempo em que seus ancestrais podiam lembrar. Ele estava determinado a mudar isso. Ele havia conquistado praticamente todos os recantos do Império e sua vitória não poderia ser completa sem invadir o Anel e fazer com que todas as terras se sujeitassem à sua vontade.

Andronicus tinha uma estratégia em mente para notícias como essa e agora era hora de empregá-la.

De repente, Andronicus levantou-se e a sala inteira caiu de joelhos e curvou-se diante dele como sempre o fazia. Ele livrou-se do corpo sem vida e agora frio da jovem e marchou pela sala, seguido por sua comitiva de assessores leais, enquanto centenas de seus súditos faziam-lhe reverências e prostravam-se diante dele. Os conselheiros sabiam muito bem que não deveriam indagar sobre para onde eles estavam indo, eles eram conscientes de que deveriam segui-lo obedientemente, até que ele dissesse o contrário.

Andronicus deixou a sala e os seus homens o seguiam de perto enquanto ele percorria os corredores do seu castelo.

Andronicus marchava, fervendo de raiva, penetrando nas entranhas do seu castelo, fazendo o seu caminho em direção às câmaras de tortura. Os corredores eram circulares e suas paredes estavam iluminadas por uma série de tochas. Ele os percorria dando várias voltas até que finalmente, chegou a uma porta de metal quadrada, totalmente coberta com puas de ferro. Ao vê-lo aproximar-se, três atendentes correram para abri-la, inclinando suas cabeças em reverência.

Andronicus marchou através da porta, seguido de perto por seus homens.

Havia dois prisioneiros na câmara, eram membros do reino McCloud, eram homens que tinham sido capturados anos atrás em um dos navios de McCloud. Andronicus examinou os homens acorrentados contra a parede oposta com as mãos e pés atados e decidiu que eles estavam prontos. Ele havia mantido aqueles homens acorrentados ali há anos, fazendo-os passar fome, torturando-os uma vez por dia, quebrando-os totalmente, completamente, para um momento como aquele. Para o momento em que os McCloud o desafiassem. Agora era a vez de Andronicus usá-los para extrair as informações que durante toda sua vida ele tinha tido a necessidade de saber. Ele só tinha uma carta na manga e precisava usá-la muito bem para ganhar a jogada.

Andronicus se adiantou, pegou um gancho longo e afiado que estava na parede, aproximou-se de um dos homens e pressionou o gancho contra o queixo dele. Ele começou a levantar mais o gancho, apertando-o contra a parte mais suave e frágil das cordas vocais do prisioneiro, até que a ponta perfurasse a sua pele.

Os olhos do homem se encheram de lágrimas e ele gritou em agonia.

“O que quer de mim?” O homem gritou.

Andronicus sorriu zombeteiramente.

“O Canyon.” Ele rosou, lentamente. “Você tem apenas uma chance de me dar as respostas. Como podemos cruzá-lo. Qual é o seu segredo? Como é o escudo de energia? Quem o controla?”

O homem piscou várias vezes, suando profusamente.

“Eu não sei.” Disse ele. “Eu juro.”

Andronicus não estava de humor para negativas: ele levantou a arma bem alto e o homem gritou em agonia quando ela cortou sua garganta, decapitando sua cabeça. Um momento depois, a cabeça dele desprendeceu-se de seu corpo e rolou pelo chão.

Andronicus virou-se e olhou para o outro prisioneiro, acorrentado à parede oposta, o outro McCloud. O homem olhou para ele e piscou várias vezes; ele começou a gemer e tremer quando Andronicus aproximou-se com o gancho.

“Por favor!” O homem gritou com voz estridente: “Por favor, não me mate! Por favor, eu imploro!”

Andronicus chegou perto dele e segurou o gancho contra o seu pescoço, encostando-o ali.

“Você já sabe quais são as perguntas.” Andronicus disse.

“Responda se quiser. Senão, você poderá juntar-se ao seu amigo. Eu lhe dou três segundos, um... dois...”

Andronicus começou a subir o gancho.

“Está bem!” O homem exclamou. “Está bem! Eu vou lhe dizer! Eu vou lhe dizer tudo!”

Andronicus olhava fixamente para o prisioneiro, bem de perto, tentando ver se ele estava mentindo. Depois de ter matado tantas pessoas em sua vida, ele era um verdadeiro perito nisso. Enquanto olhava profundamente para as pupilas dilatadas do homem, Andronicus viu que ele estava dizendo a verdade.

Lentamente, ele sorriu relaxado. Finalmente, o Anel seria dele.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Gwendolyn estava no parapeito superior do castelo, naquele frio dia de outono, o vento soprava o seu cabelo para trás e ela olhava para o campo brilhante. As fazendas diante dela estavam cheias de trabalhadores ocupados com a colheita do outono, dezenas de mulheres colhiam os frutos em cestas. Tudo ao seu redor estava mudando, todas as folhas se vestiam com uma miríade de tons roxos, verdes, laranjas e amarelos. Os dois sóis estavam mudando também, tal como sempre faziam no outono, agora eles derramavam um matiz amarelo e roxo sobre os campos. Era um dia magnífico e ao olhar para a vista à sua frente, parecia que tudo estava bem no mundo.

Pela primeira vez desde a morte de seu pai, ela tinha uma sensação de otimismo. Ela havia acordado antes do amanhecer e esperava ansiosa pelo badalar dos sinos que anunciavam o retorno da Legião. Ela esperou e observou o horizonte durante horas. Quando o dia clareou, ela pôde ver as multidões que já começavam a se formar nas ruas abaixo, preparando-se para os desfiles organizados para recebê-los de volta.

Gwen estava radiante de emoção. Aquele era o dia em que Thor voltaria para ela.

Ela tinha estado acordada a noite toda, contando os minutos até o amanhecer. Ela mal podia acreditar que o dia finalmente havia chegado. Naquele dia, Thor estava voltando. Tudo estaria bem no mundo de novo.

Além disso, ela sentia uma sensação de alegria, de realização, já que Kendrick não tinha sido executado. De alguma forma, seu encontro tinha tido efeito sobre sua mãe. Ela odiava saber que ele ainda estava mofando ali na masmorra e cada dia ela pensava em maneiras de tirá-lo dali, mas, pelo menos por enquanto, ela havia conseguido mantê-lo vivo.

Ela estava determinada a provar quem havia assassinado seu pai. No entanto, apesar de seus esforços durante os últimos cem dias, ela não tinha conseguido obter novas pistas. Godfrey também tinha chegado a um beco sem saída. Ambos estavam bloqueados em cada volta que davam. Gwendolyn sentia-se cada vez mais ameaçada sob o olhar atento de Gareth e sua multidão de espiões; ela se sentia menos segura no castelo à medida que os dias passavam. Ela estremeceu quando pensou na cicatriz que o capanga de Gareth tinha deixado em seu rosto; a cicatriz era leve, difícil de ver, exceto na luz solar direta, parecia mais um arranhão, mas mesmo assim, ela estava ali. Toda vez que ela se olhava no espelho, ela a via e recordava tudo. Ela sabia que tinha de fazer uma mudança em breve. Gareth estava se tornando mais desequilibrado a cada dia que passava e era impossível prever o que ele seria capaz de fazer.

Mas agora que Thor estava voltando, agora que a Legião estaria em casa, incluindo seu irmão mais novo Reece, ela já não se sentia tão sozinha com tudo isso. Um clima de mudança estava no ar, o status quo não permaneceria o mesmo. Ela sentia que seria apenas uma questão de tempo encontrar uma maneira de libertar seu irmão. E o mais importante, agora ela poderia estar com Thor permanentemente. Ela não tinha falado com sua mãe desde a última reunião fatídica e suspeitava que não falaria com ela novamente, pelo menos sua mãe já era não um obstáculo entre ela e Thor.

Gwen observava o horizonte. Ao longe, além do Canyon, ela podia vislumbrar o oceano e buscava qualquer sinal das velas dos barcos da Legião. Ela sabia que era otimista demais para ser capaz de identificá-las desde tão longe. Mesmo depois de desembarcar, os membros da Legião ainda teriam de fazer uma viagem de cerca de meio dia para chegar até a Corte. Mas ela simplesmente não podia deixar de observar. Os sinos dobravam ao seu redor. Ela estava usando suas melhores sedas brancas naquele dia. Uma parte dela queria que Thor a levasse para longe dali, para longe daquele castelo de manipulações, para um lugar onde eles pudessem estar seguros. Para que pudessem ter uma nova vida em algum lugar. Juntos. Ela não sabia como ou onde. Mas ela sabia que precisava começar de novo.

“Gwendolyn?” Ela ouviu uma voz dizer.

Ela virou-se, sacudida de seus pensamentos e para sua surpresa, viu um homem parado ali, a poucos metros de distância. Ele havia chegado sorrateiramente até ela, e pior ainda, ele era um homem a quem ela desprezava. Ele não era um homem, era um garoto.

Alton. A própria face da falsidade, da aristocracia, de tudo de errado que havia naquele lugar. Ele ficou lá, olhando, tão arrogante, tão pedante, vestido com suas roupas ridículas usando um lenço, mesmo no outono, ela o desprezou mais do que nunca. Ele era tudo o que ela odiava em um homem. Gwen ainda estava furiosa com ele por ele tê-la enganado, por ter lhe dito todas aquelas mentiras sobre Thor, mentiras que quase os separaram. Ele a tinha posto em ridículo. Ela jurou nunca mais pôr os olhos nele de novo, para começar, ela nem sequer gostava dele.

Até o momento ela tinha sido bem sucedida. Meses se passaram desde que ela o tinha visto pela última vez. Ela não podia acreditar que ele tinha tido a ousadia de dar as caras agora, de estar ali. Ela se perguntou como ele havia chegado até aquela parte alta do castelo, como ele tinha passado pelos guardas. Ele deve ter usado seu argumento estúpido de que ele era da realeza e os guardas deviam ter acreditado. Ele podia ser muito convincente, mesmo quando mentia.

“O que você está fazendo aqui?” Ela perguntou com autoridade na voz.

Ele deu um passo para mais perto dela, para muito perto dela. Havia apenas alguns centímetros entre eles e ela sentiu o seu corpo ficar tenso.

Ele sorriu ignorando sua hostilidade.

“Eu vim aqui para dar-lhe uma segunda chance.” Disse ele.

Ela riu em voz alta de suas palavras absurdas.

“A *mim*? Uma segunda chance?” Ela perguntou incrédula. “Como se eu por acaso, realmente desejasse uma segunda chance. E quem é *você* para estar dando chances a alguém? Em todo caso, seria *você* quem precisaria ter uma segunda chance. Mas como eu disse, você não tem nenhuma chance. Você não significa nada para mim.

Nunca significou. Você parece nunca aceitar isso. Você vive em um mundo de ilusão.”

Ele continuou transpirando sua arrogância.

“Eu entendo que quando os sentimentos de uma mulher por um homem são tão fortes, ela pode, por vezes, viver em negação, então eu perdoo suas palavras precipitadas. Você sabe desde que éramos crianças, que você e eu estamos feitos um para o outro. Você pode tentar resistir a isso, mas você sabe tão bem quanto eu que nada vai nos separar.”

Ela riu.

“Separar-nos?” Ela burlou-se. “Você realmente está louco. Nós nunca estivemos juntos. Nós nunca vamos ficar juntos. Portanto, não há nada a separar. Exceto suas mentiras. Como se atreve a mentir para mim sobre Thor.” Ela gritou levantando cada vez mais a voz, indignada.

Alton apenas deu de ombros.

“Detalhes bobos.” Ele disse. “Ele é apenas um plebeu. Quem se importa com ele?”

“Eu me importo... e muito. Você espalhou mentiras sobre ele e me fez de idiota.”

“Se eu tomei a liberdade de enfeitar os fatos, isso não faz diferença. Se ele não for culpado de um vício, com certeza ele será de outro. O fato é que ele é um cidadão comum e inferior a você e você sabe muito bem que eu estou certo. Ele nunca será bom o suficiente para você.

“Eu, por outro lado, estou pronto para aceitá-la como minha esposa. Eu vim a você para confirmar que deseja que eu faça os preparativos do casamento antes que eu comece a fazê-los. Afinal, os casamentos são caros. Minha família é quem vai pagar por tudo isso.”

Gwen olhava para ele, incrédula. Ela nunca tinha conhecido alguém tão fora de contato com a realidade, tão pomposo. Ela não podia acreditar que ele realmente parecesse sincero. Isso a deixava doente.

“Eu não sei de quantas maneiras eu posso lhe dizer, Alton: eu não tenho amor por você. Eu nem sequer tenho qualquer afeto por

“você. Na verdade, eu tenho o maior ódio. E eu sempre terei. Então eu sugiro que você me deixe agora. Eu nunca me casaria com você. Eu nunca seria nem mesmo sua amiga. Além disso, eu tenho outros planos.”

Alton sorriu implacável.

“Se com isso você quer se referir ao seu suposto casamento com Thor, é bom que você pense duas vezes.” Disse ele, confiante, com um sorriso malicioso em seus lábios.

Gwen sentiu seu sangue esfriar.

“De que você está falando?” Ela disse entre dentes.

Alton ficou ali, sorrindo, divertindo-se com o momento.

“Seu amorzinho, Thor, não está retornando. Eu tenho informação de boa fonte que ele foi morto na Ilha da Neblina. Em um acidente fatal, eu receio. Assim, você pode parar de suspirar por seu retorno para casa. Isso não vai acontecer.”

Gwen viu a confiança no rosto dele e sentiu seu coração falhar. Será que ele estava dizendo a verdade? Se assim fosse, ela queria matá-lo com suas próprias mãos.

Alton deu um passo à frente, olhando nos olhos dela.

“Então como você vê, Gwendolyn, finalmente o destino está de nosso lado. Pare de resistir. Aceite minha mão agora e declaremos o assunto oficial. Vamos parar de lutar contra o que já sabemos que é verdadeiro.”

Alton estendeu a mão, seu sorriso se alargava enquanto olhava para ela. Mas ela também podia ver gotas de suor formando-se na testa dele.

“Ainda não tem resposta?” Perguntou ele. “Então, permita-me acrescentar mais um ponto.” Acrescentou ele, enquanto mantinha sua mão lá, tremendo. “Eu soube de boa fonte que sua família planeja casar você em breve, como fizeram com sua irmã mais velha. Afinal, eles não podem dar-se ao luxo de ter uma MacGil solteira por aí. Você pode escolher a minha mão em casamento agora, ou do contrário, permitir que a casem com um estranho. E devo acrescentar que poderia ser um estranho brutal, um selvagem de algum canto do Anel. Você estaria muito melhor com alguém como eu, alguém que você conhece.”

“Você está mentindo.” Gwen praticamente cuspiu as palavras, sentindo todo seu corpo tremer. “Eu não posso ser obrigada a casar-me. Nem por minha família. Nem por ninguém.”

“Não podem obrigá-la, não é? Mas a sua irmã foi obrigada.”

“Isso foi quando meu pai estava vivo. Quando ele era o rei.”

“E não temos um rei agora?” Ele perguntou, com um sorriso irônico. “A lei do Rei é a lei do Rei.”

O coração de Gwen estava em disparada enquanto ela ponderava suas palavras. Gareth? Seu irmão? Casá-la? Ele poderia ser tão doente, tão cruel? Será que ele ainda tinha o direito de fazê-lo? Afinal, ele podia até ser o rei, mas ele não era o pai dela.

Ela não queria ponderar mais nada daquilo, estava revoltada com Alton e não tinha ideia de em que acreditar. Ela deu um passo para mais perto dele e mostrou-lhe sua expressão mais dura.

“Deixe-me explicar isso para você da melhor forma possível.” Ela enunciou lentamente, com a voz tão fria quanto o aço. “Se você chegar perto de mim de novo, eu farei com que a Guarda Real, os guardas reais da verdadeira família real, aprisionem você. Eles vão jogá-lo no calabouço e você nunca vai sair de lá de novo. Posso garantir-lhe isso. Agora saia da minha presença de uma vez por todas.”

Alton ficou ali, olhando e, lentamente, seu sorriso desmoronou, seu semblante ficou caído. Então seu rosto começou a tremer e Gwen viu como a expressão de seu rosto mudava, ele estava fervendo de raiva.

“Não esqueça.” Disse ele. “Você mesma buscou tudo isso.”

Ela nunca o tinha visto falar com tanta raiva antes. Então ele girou sobre os calcanhares, deixou o parapeito e desceu as escadas pisando firme, bufando de raiva.

Ela ficou ali sozinha, tremendo por dentro, ouvindo os passos dele desaparecerem, por um tempo muito longo. Ela rezou para que nunca mais tivesse de vê-lo novamente.

Gwen voltou-se para o parapeito, caminhou até a borda e olhou por ela. Será que algo do que Alton tinha dito era verdade? Ela rezou para que não fosse. Esse era o problema com Alton, ele tinha

uma maneira de implantar os piores pensamentos em sua cabeça, pensamentos que ela não podia afastar.

Ela fechou os olhos e tentou afastá-lo da memória. Ele era uma criatura horrível, a personificação de tudo o que ela odiava naquele lugar, o epítome de tudo o que ela sentia que estava errado com o mundo.

Ela abriu os olhos, olhou para corte do Rei e tentou fazer com que tudo desaparecesse. Ela tentou voltar para o lugar onde tinha estado antes que Alton aparecesse para poder pensar em Thor e em sua chegada a casa naquele dia, em estar de volta em seus braços. Ver Alton tinha servido para algo, simplesmente a ajudou a perceber o quanto ela amava Thor. Thor era o oposto de Alton em todos os sentidos: ele era um guerreiro orgulhoso nobre, com um coração puro. Ele era mais real do que Alton jamais seria.

Isso a fez perceber o quanto ela queria estar com Thor, como ela faria qualquer coisa para estar apenas com ele, os dois sozinhos muito longe daquele lugar. Ela sentia-se mais determinada do que nunca a não permitir que nada se interpusesse entre eles.

Mas enquanto Gwen estava ali, ela tentava, sem sucesso, recuperar sua paz para formar a imagem do rosto de Thor; visualizar a forma de seu queixo, a cor de seus olhos, a curva de seus lábios, a raiva queimava em suas veias. Sua paz tinha sido arruinada. Ela não conseguia mais pensar claramente e ela queria pensar claramente antes que Thor chegasse.

Gwen girou nos calcanhares e atravessou o parapeito, deixando o telhado, entrando na escada em espiral e começando a descê-la. Ela precisava de uma mudança de ares. Ela iria entrar nos jardins reais e fazer uma longa caminhada no meio das flores. Isso iria arejar sua cabeça, tal como sempre ocorria.

Enquanto descia a velha escada que ela conhecia desde criança, lance após lance, ela sentiu que algo andava errado. Era como um calafrio, uma energia fria, como se uma nuvem tivesse passado subitamente sobre ela.

Então ela viu, com o canto do olho, um movimento, escuridão. Um borrão. Tudo aconteceu tão rapidamente.

E então ela sentiu algo.

Gwen foi empurrada por trás por mãos grossas que a agarraram pela cintura, derrubando-a no chão.

Ela chocou duramente com os degraus de pedra ao cair rolando pela escada, lance após lance.

O mundo girava, era um apenas borrão enquanto Gwen batia contra a pedra arranhando os joelhos, cotovelos e antebraços. Ela instintivamente cobria a cabeça enquanto rolava, tal como seus instrutores lhe ensinaram quando ela era criança, protegendo sua cabeça contra o pior do impacto.

Depois de vários degraus, ela já não sabia quantos, Gwen rolou sobre um descanso em um dos corredores que levavam para fora da escada. Ela ficou lá em posição fetal, respirando com dificuldade, tentando recuperar o fôlego, sem ar.

Não havia tempo para descansar. Ela ouviu passos descendo rápido, muito rápido, passos fortes, pesados. Gwen sabia que seu atacante, quem quer que fosse, estava em seus calcanhares. Ela forçou seu corpo a levantar-se, a ficar de pé e o esforço tomou cada grama de energia que ela tinha.

De alguma forma, ela conseguiu apoiar-se em suas mãos e joelhos, justo quando seu atacante ficou visível. Era o capanga de Gareth novamente. Desta vez, ele usava apenas uma única luva de couro, seus dedos enluvados estavam metidos em uma soqueira.

Gwen levou a mão até a cintura rapidamente e puxou a arma que Godfrey lhe dera. Ela puxou a bainha de madeira, revelando o punhal e avançou para o homem. Ela foi rápida mais rápida do que ela imaginava que poderia ser e apontou o punhal direto para o coração de seu atacante.

Mas ele foi ainda mais rápido do que ela. Ele golpeou-lhe o pulso e o pequeno punhal saiu voando, caindo no chão de pedra e derrapando através dele.

Gwen virou-se e observou o punhal voar, sentindo que todas as suas esperanças voavam junto com ele. Agora, ela estava indefesa.

O capanga de Gareth colocou a soqueira em seu punho e a balançou direto para seu rosto. Tudo aconteceu muito rápido para que ela pudesse reagir. Ela viu a soqueira, seus aros de metal, descendo direto para sua face e sabia que em apenas um momento

eles iriam perfurar seu rosto e deixá-la terrivelmente desfigurada, com cicatrizes permanentes. Ela fechou os olhos e se preparou para a iminente dor que mudaria sua vida.

De repente, houve um ruído e para surpresa de Gwendolyn, o golpe do atacante parou em pleno ar, a poucos centímetros do rosto dela. Era o barulho de metal chocando contra metal. Ela olhou para ver um homem de pé ao lado dela, um homem grande, corcunda, segurando um bastão curto de metal. Ele estava a centímetros do seu rosto e seu bastão havia bloqueado o golpe do punho do homem.

Steffen. Ele a salvou do golpe. Mas o que ele estava fazendo ali?

Steffen segurava seu bastão ali com a mão trêmula, detendo o punho do atacante e impedindo que Gwen fosse ferida. Em seguida, ele se inclinou para a frente e golpeou fortemente o homem, bem no rosto, com o bastão. O golpe quebrou-lhe o nariz e o derrubou, de costas, no frio chão de pedra

O jagunço de Gareth ficou estirado ali no chão enquanto Steffen segurava seu bastão, de pé ao lado dele, vigiando-o.

Steffen virou-se por um momento e olhou para Gwen com preocupação em seus olhos.

“Vossa Alteza se sente bem?” Ele perguntou.

“Cuidado!” Gwen gritou.

Steffen virou-se, mas já era tarde demais. Ele tinha tirado os olhos do capanga de Gareth por um momento muito longo; o assassino traiçoeiro estendeu a mão e derrubou Steffen, chutando-o detrás do joelho e derrubando-o, de costas, no chão.

O bastão de metal bateu na pedra e rolou pelo corredor, quando o homem pulou em cima de Steffen e prendeu-o. Ele estendeu a mão, pegou o punhal de Gwen do chão, levantou-o bem alto e com um movimento rápido, desceu-o em direção à garganta de Steffen.

“Conheça seu criador, você, seu monstruoso desperdício da criação.” O homem rosou.

Mas, quando ele desceu o punhal, ouviu-se um gemido horrível e não foi o gemido de Steffen. Aquele foi o gemido do capanga de Gareth.

Gwen estava ali, com as mãos tremendo, mal acreditando no que ela havia acabado de fazer. Ela nem sequer tinha pensado. Ela simplesmente tinha reagido e agora ela olhava para a cena como uma expectadora externa, como se ela estivesse desconectada de si mesma. Quando o bastão de ferro caiu no chão, ela agarrou-o e golpeou o jagunço de Gareth na têmpora, justo antes que ele esfaqueasse Steffen. Ela bateu no atacante com tanta força, que ele tombou totalmente flácido no chão. Foi um golpe fatal, um golpe perfeito.

Ele ficou estirado ali no chão, o sangue escorria de sua cabeça, seus olhos estavam congelados. Ele estava morto.

Gwen olhou para o bastão de ferro em suas mãos, tão pesado, o ferro tão frio, de repente ele caiu e bateu na pedra com um tinido. Ela sentiu vontade de chorar. Steffen tinha salvado sua vida. E ela tinha salvado a dele.

“Minha senhora?” Disse uma voz.

Ela olhou para cima e viu Steffen ali de pé, ao seu lado, olhando para ela com preocupação.

“Meu objetivo era salvar sua vida.” Disse ele. “Mas Vossa Alteza salvou a minha. Eu estou em grande dívida com Vossa Alteza.”

Ele curvou-se ligeiramente em reconhecimento.

“Eu devo-lhe a minha vida.” Disse ela. “Se não fosse por você, eu estaria morta. O que você está fazendo aqui?”

Steffen olhou para o chão e em seguida, voltou-se para ela. Desta vez, ele não evitava o olhar de Gwen. Desta vez, ele olhava diretamente para ela. Ele já não estava inquieto, não estava mais evasivo. Agora ele parecia uma pessoa diferente.

“Eu estava procurando Vossa Alteza para me desculpar.” Disse ele. “Eu estava mentindo para Vossa Alteza e para o seu irmão. Eu vim aqui para dizer a verdade sobre o seu pai. Disseram-me que eu poderia encontrá-la aqui e eu vim procurá-la. Eu me deparei com o seu encontro com esse homem. Eu dou graças a Deus por ter vindo até aqui!”

Gwen olhou para Steffen com um novo e total sentido de gratidão e admiração. Ela também sentia uma curiosidade ardente por saber mais.

Ela estava prestes a perguntar a ele, mas desta vez, Steffen não precisava de nenhum estímulo para falar.

“De fato, naquela noite alguém jogou uma arma pela rampa.” Disse ele. “Era um punhal. Eu o encontrei e o guardei comigo. Não é todos os dias que algo assim cai. Ele foi jogado na fossa, então eu não vi mal nenhum ficar com ele.”

Ele pigarreou.

“Mas, o destino quis que meu mestre me batesse muito naquela noite. Ele me batia todas as noites, desde o momento em que comecei a trabalhar lá, por trinta anos. Ele era um homem horrível cruel. Eu aguentava seus castigos todas as noites. Mas, naquela noite, o castigo foi demais para mim. Vossa Alteza vê essas marcas de chicotadas em minhas costas?”

Ele virou-se, levantou a camisa e Gwen se encolheu com a visão: ele estava coberto de cicatrizes laceradas.

Steffen deu a volta.

“Eu não aguentei mais, e aquele punhal, ele estava em minhas mãos. Sem pensar, eu tomei a minha vingança. Eu me defendi.”

Ele declarou para ela tentando defender-se.

“Minha senhora, Eu não sou um assassino. Vossa Alteza deve acreditar em mim.”

O coração dela se comoveu com ele.

“Eu acredito em você.” Ela disse tomando suas mãos.

Ele olhou para cima com os olhos cheios de lágrimas de gratidão.

“Acredita mesmo?” Ele perguntou parecendo um garotinho.

Ela acenou novamente com a cabeça.

“Eu não lhe disse nada antes...” Ele acrescentou. “... Porque temi que me mandassem preso pela morte de meu amo. Mas Vossa alteza deve entender que foi em defesa própria. Vossa Alteza uma vez me prometeu que se eu lhe dissesse tudo o que eu sabia, eu não iria para a prisão.”

“E eu mantenho minha promessa.” Gwen disse com seriedade. “Você não vai para a prisão. Mas você tem de me ajudar a encontrar o proprietário do punhal. Eu preciso colocar o assassino do meu pai atrás das grades.”

Steffen enfiou a mão na sua cintura e tirou dali, um objeto enrolado em um pano. Ele estendeu a mão e o entregou para ela, colocando-o na palma da sua mão.

Lentamente, ela desenrolou o pano, revelando a arma que ele tinha encontrado. Gwen sentia o peso dela na palma da mão e seu coração batia descompassado. Ela sentiu um calafrio. Ela estava segurando a arma usada para assassinar o seu pai. Ela queria jogá-la fora, queria ficar tão longe dela quanto fosse possível.

Mas, ao mesmo tempo, ela estava paralisada. Ela viu as manchas sobre o punhal, viu o cabo. Ela girou-o bem devagar em todas as direções.

“Eu não vejo nenhuma marca nele, minha senhora.” Disse Steffen. “Nada que indique quem é o seu proprietário.”

Mas, a diferença de Steffen, Gwen tinha sido criada ao redor de armas reais toda a sua vida. Ela sabia onde olhar e o que procurar. Ela virou o punhal de cabeça para baixo e olhou para a parte de baixo do punho para poder ver se, por um acaso, o punhal pertencia a um membro da família real.

Quando ela o fez, seu coração parou. Ali estavam as iniciais: GAM.

Gareth Andrew MacGil.

Era o punhal de seu irmão.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Gwen caminhava ao lado de Godfrey, sua mente ainda tratava de recuperar-se de seus encontros com o capanga de Gareth e com Steffen. Ela ainda podia sentir os arranhões nos joelhos e cotovelos e se sentia traumatizada enquanto pensava em como ela tinha estado tão perto de morrer. Ela também se sentia traumatizada ao pensar que tinha acabado de matar um homem. Suas mãos ainda tremiam enquanto ela revivia vez após vez, a visão daquele bastão de ferro golpeando.

No entanto, ao mesmo tempo, ela também se sentia profundamente grata por estar viva e profundamente agradecida a Steffen por ter salvado sua vida. Ela o havia subestimado terrivelmente, não havia sabido reconhecer que detrás de sua aparência, havia uma boa pessoa. O papel dele no assassinato de seu amo foi claramente justificado e em defesa própria. Ela tinha vergonha de si mesma por julgá-lo com base em sua aparência. Ele havia encontrado nela um amigo para toda a vida. Quando tudo isso acabasse, ela estava determinada a não deixá-lo mais mofando nos porões do castelo. Ela estava determinada a recompensá-lo, a melhorar sua vida de alguma forma. Ele era um personagem trágico. Ela iria encontrar uma maneira de ajudá-lo.

Godfrey parecia mais preocupado do que nunca enquanto os dois marchavam pelos corredores do castelo. Ele ficou horrorizado quando ela contou-lhe como ela própria tinha sido quase assassinada; como Steffen a salvou da morte e sobre a revelação que Steffen havia feito sobre o punhal. Ela havia mostrado o punhal para ele e Godfrey examinou-o também, ele tinha confirmado que o punhal era de Gareth.

Agora que eles tinham a arma do crime, os dois sabiam exatamente o que deviam fazer antes de levar tudo isso adiante e ir até o Conselho: eles tinham de reunir as testemunhas necessárias.

Godfrey tinha recordado o envolvimento de Firth, já que ele sido visto junto com Gareth naquela trilha do bosque. Então ele percebeu que primeiro era preciso encurralar Firth e fazê-lo confessar. Logo, de posse da arma do crime e apresentando uma testemunha, eles poderiam levar o caso até a justiça do Conselho e derrubar seu irmão de uma vez por todas. Gwen tinha concordado e os dois tinham saído para encontrar Firth nos estábulos. Eles tinham estado caminhando para lá, desde então.

Enquanto eles prosseguiam, Gwen ainda segurava o punhal em suas mãos, a arma que havia assassinado seu pai, ainda manchada com seu sangue. Ela sentia vontade de chorar. Ela tinha perdido seu pai terrivelmente e a dor que ela sentia era inefável, pensar que ele tinha morrido daquela forma cruel, que aquela era a arma que tinha sido metida em seu peito...

Mas suas emoções oscilaram entre a tristeza e a raiva quando ela percebeu o papel de Gareth em tudo aquilo. Suas piores suspeitas tinham sido confirmadas. Uma parte dela haviam se agarrado à ideia de que talvez, no fundo, Gareth não fosse tão ruim assim, que talvez ele fosse resgatável. Mas depois daquele último atentado contra sua vida e de ver a arma do crime, ela sabia que aquele não era o caso, Gareth era um caso perdido. Era pura maldade. E ele era seu irmão. Como isso a afetava? Afinal, ela carregava seu mesmo sangue. Isso significaria que o mal se escondia em algum lugar dentro dela, também? Poderiam um irmão e uma irmã ser tão diferentes?

“Eu ainda não posso conceber que Gareth seja capaz de tudo isso.” Disse ela para Godfrey enquanto caminhavam rapidamente, lado a lado, percorrendo as voltas do caminho pelos corredores do castelo, indo em direção aos estábulos distantes.

“Você não pode?” Godfrey perguntou duvidoso. “Você conhece Gareth. O trono sempre foi tudo o que ele quis na vida.”

“Mas matar nosso pai só por poder? Apenas por um título?”

Godfrey virou-se e olhou para ela.

“Você é muito ingênua, não é? O que mais pode haver? O que mais alguém pode querer ao ser rei, além de ter esse tipo de poder?”

Ela olhou para ele e corou.

“Eu acho que você é que é o ingênuo aqui.” Disse ela. “Há muito mais na vida do que o poder. Na verdade, o poder, em última instância, é a coisa menos atraente. Você acha que o nosso pai era feliz? Ele estava infeliz dirigindo este reino. Tudo o que ele fez fazia era reclamar e suspirar por mais tempo para passar com a gente.”

Godfrey deu de ombros.

“Você mantém uma visão otimista dele. Eu e ele não nos dávamos bem, de jeito nenhum. A meu ver, ele era tão sedento de poder como todos os demais. Se ele tivesse querido passar mais tempo com a gente, ele poderia ter feito isso. Ele não quis. Além disso, eu me sentia aliviado quando ele não passava tempo comigo. Ele me odiava.”

Gwen examinou seu irmão enquanto caminhavam e pela primeira vez ela percebeu como suas infâncias tinham sido diferentes. Era como se ele tivesse crescido com um pai diferente do dela. Ela se perguntava se isso era porque ele era um menino e ela uma garota, ou se era apenas devido a um choque de personalidades. Enquanto pensava nisso, Gwen percebeu que ele estava certo: seu pai não tinha sido amável com Godfrey. Ela não sabia por que não tinha sido capaz de perceber tudo isso antes. No entanto, agora que ela compreendia melhor a situação, de repente ela se sentia muito mal por Godfrey. Ela entendia agora por que ele passava todo o seu tempo na taverna. Ela sempre tinha suposto que seu pai desaprovava Godfrey porque ele desperdiçava seu tempo na taverna bebendo. Mas talvez tudo fosse muito mais complexo do que isso. Talvez Godfrey se refugiasse na taverna, principalmente porque ele não contava com a aprovação de seu pai.

“Você nunca conseguiu ganhar a aprovação do nosso pai, não é?” Ela perguntou, com compaixão, começando a entender. “Então, depois de um tempo, você nem sequer se incomodou em tentar.”

Godfrey deu de ombros, tentando parecer indiferente, mas ela podia ver a tristeza em seu rosto.

“Ele e eu éramos pessoas diferentes.” Ele disse. “E ele nunca pôde aceitar isso.”

Enquanto Gwen o estudava, ela via Godfrey sob uma luz diferente. Pela primeira vez, ela não o via como um bêbado

desleixado; ela o via como uma criança com um grande potencial, cuja criação foi negligenciada. Ela sentiu raiva de seu pai por isso. Na verdade, ela podia até ver traços de seu pai em seu irmão.

“Aposto que se ele tivesse tratado você de outra maneira, você seria uma pessoa bem diferente.” Disse ela. “Eu acho que todo o seu comportamento era apenas uma forma de chamar a atenção. Se tão somente ele tivesse aceitado você, do seu jeito, eu acho que, de todos nós, de todos os filhos, você teria sido o mais parecido com ele.”

Godfrey olhou para Gwen surpreso e logo desviou o olhar. Ele olhou para baixo, com o cenho franzido e parecia ponderar as palavras dela.

Eles continuaram caminhando em silêncio, abrindo uma porta após a outra através dos longos e sinuosos corredores. Finalmente, eles saíram do castelo para o ar frio de outono. Gwen entrecerrou os olhos ao sentir a luz forte do dia.

O pátio estava fervilhando com as atividades, as massas animadas, movimentando-se para lá e para cá, as pessoas bebendo nas ruas, era uma celebração adiantada.

“O que está acontecendo?” Godfrey perguntou.

De repente, Gwen lembrou-se.

“A Legião regressa hoje.” Ela respondeu.

Com tudo o que tinha acontecido, ela tinha se esquecido completamente da chegada da Legião. Seu coração pulou descompassado quando ela pensou novamente em Thor. Seu navio estaria voltando para casa em breve. Ela ansiava vê-lo.

“Será uma grande festa.” Gwen acrescentou alegremente.

Godfrey deu de ombros.

“Eles nunca me aceitaram na Legião. Por que eu deveria me preocupar?”

Ela olhou para ele chateada.

“Você *deveria* se importar.” Ela ralhou. “Reece estará voltando para casa. E também Thor.”

Godfrey virou-se e olhou para ela.

“Você gosta daquele plebeu, não gosta?” Ele perguntou.

Gwen corou silenciosa.

“Eu posso ver o porquê.” Godfrey disse. “Há algo de nobre nele. Algo puro.”

Gwen pensou sobre isso e percebeu que era verdade. Godfrey era mais perspicaz do que ela tinha percebido antes.

Eles marchavam através das terras do castelo e enquanto eles seguiam, Gwen sentia o punhal queimando sua mão, ela desejava jogá-lo o mais longe possível. Ela viu os estábulos à distância e apressou o passo. Firth não estava muito longe agora.

“Gareth vai encontrar alguma maneira de sair dessa.” Godfrey Disse. “Você sabe disso, não sabe? Ele sempre dá um jeito de se sair bem.”

“Não se conseguirmos fazer com que Firth admita seu envolvimento e aceite ser testemunha.”

“E se isso realmente acontecer, então o que ocorrerá?” Godfrey perguntou. “Você acha mesmo que ele vai descer do trono, assim tão facilmente?”

“Claro que não. Mas vamos forçá-lo. Nós faremos com que o Conselho o obrigue a fazê-lo. De posse das provas, nós mesmos podemos chamar os guardas.”

Godfrey deu de ombros, cético.

“E mesmo que isso funcionasse, mesmo que devêssemos depô-lo, então o que faríamos depois? Então, quem governaria? Um dos nobres poderia apressar-se para preencher a vaga no poder. A menos que um de nós subisse ao trono.”

“Kendrick deveria governar.” Gwen disse.

Godfrey abanou a cabeça.

“Não. *Você* deve governar. Essa era a vontade de nosso pai.”

Gwen corou.

“Mas eu não quero governar.” Ela disse. “Não é esse o motivo pelo qual eu estou fazendo tudo isso. Eu desejo apenas fazer justiça por nosso pai.”

“Você pode, afinal, obter justiça para ele. Mas você também deve assumir o trono. Fazer o contrário seria desrespeitá-lo. E se você disser que não, então o próximo filho legítimo mais velho serei eu e eu não vou governar. Jamais.” Ele insistiu firmemente.

O coração de Gwen bateu forte enquanto ela pensava nisso. Ela não conseguia pensar em nada que desejasse menos na vida.

Atravessaram a grama macia do terreno e chegaram à grande entrada ao ar livre que dava acesso aos estábulos. Dirigiram-se para dentro, estava mais escuro ali. Eles caminhavam passando por várias fileiras de cavalos, cada um era mais elegante do que o outro. Os cavalos empinavam seu corpo e relinchavam à medida que eles passavam. Eles caminharam sobre um chão coberto de feno, o cheiro dos cavalos penetrava pelo nariz de Gwen e continuava por todo caminho. Eles deram a volta por um corredor, desceram por outro e finalmente, chegaram ao lugar onde a família real mantinha seus cavalos.

Eles correram para o setor de Gareth, viram todos os seus cavalos. Logo depois, Gwen examinou as armas da prateleira que estava contra a parede. Havia um lugar vazio na fileira de punhais, um deles estava faltando.

Gwen desembrulhou lentamente o punhal, levantou-o cuidadosamente e colocou-o no local vazio na parede. O punhal encaixava perfeitamente ali. Ela estava sem fôlego.

“Bravo.” Godfrey disse. “Mas isso ainda não prova que Gareth usou essa faca ou que ele ordenou o assassinato.” Disse ele. “Ele poderia argumentar que alguém o roubou.”

“Isso não prova o que você disse.” Contestou ela. “Mas ajuda. E com uma testemunha, o caso está encerrado.”

Gwen envolveu a faca de volta em seu pano e guardou-a novamente em sua cintura. Eles continuaram através dos estábulos até que chegaram até o zelador.

“Meus senhores.” Ele disse olhando para cima, surpreso com a presença de dois membros da família real ali. “O que os traz aqui? Estão aqui por seus cavalos? Nós não fomos informados de nada sobre isso.”

“Está tudo bem.” Gwen disse colocando uma mão tranquilizadora em seu pulso. “Não estamos aqui por nossos cavalos. Viemos aqui por um razão diferente. Nós estamos buscando o rapaz que cuida dos cavalos de Gareth aqui no estábulo. Seu nome é Firth.”

“Sim, ele está aqui hoje. Procurem nos arredores, na pilha de feno.”

Eles caminharam rapidamente pelo corredor, para fora dos estábulos e depois se dirigiram para os fundos do prédio.

Lá, no grande espaço aberto, estava Firth empilhando o feno com uma forquilha. Parecia haver tristeza em seu rosto.

Quando eles se aproximaram, Firth parou e olhou para eles, seus olhos se arregalaram de surpresa. Havia algo mais em seus olhos, talvez medo.

Gwen pôde ver tudo o que ela precisava naquele olhar. Ele tinha algo a esconder.

“Foi Gareth quem os enviou?” Firth perguntou.

Gwen e Godfrey trocaram um olhar.

“E por que nosso irmão faria isso?” Godfrey perguntou.

“Eu só estou perguntando.” Firth disse.

“Não.” Gwen disse. “Ele não nos enviou. Você esperava que fosse assim?”

Firth estreitou os olhos, seu olhar inquieto alternava entre Gwen e Godfrey. Ele balançou a cabeça lentamente, depois ficou em silêncio.

Gwen trocou um olhar com Godfrey e, em seguida, voltou-se para Firth.

“Nós viemos aqui por nossa conta.” Disse ela. “Para fazer-lhe algumas perguntas sobre o assassinato de nosso pai.”

Ela observava Firth com atenção e poderia dizer que ele estava nervoso. Ele se remexia e mexia a forquilha.

“Por que Vossa Alteza me pergunta sobre isso?”

“Porque você sabe quem fez isso.” Godfrey disse sem rodeios.

Firth parou de se remexer e olhou para ele com verdadeiro terror em seu rosto. Ele engoliu em seco.

“Se eu soubesse disso, Alteza, seria uma traição da minha parte ocultá-lo. Eu poderia ser executado por isso. Portanto, a resposta é não. Eu não sei quem fez isso.”

Gwen podia ver como ele estava nervoso e deu um passo para mais perto dele.

“O que você está fazendo aqui, empilhando feno?” Ela perguntou, percebendo sua atual situação. “Há alguns meses, você estava sempre ao lado de Gareth. Na verdade, depois que ele se tornou rei, ele o promoveu, se eu não me engano.”

“É verdade Alteza.” Firth disse humildemente.

“Então por que ele o expulsou, porque ele o relegou a isto? Vocês dois brigaram?”

Os olhos de Firth se moviam inquietos, ele engoliu em seco, olhando de Gwen para Godfrey.

No entanto, ele permanecia em silêncio.

“E por que vocês brigaram?” Gwen insistiu, seguindo sua intuição. “Eu me pergunto se isso teria algo a ver com o assassinato do meu pai? Algo a ver com encobri-lo, talvez?”

“Nós não tivemos nenhuma desavença, Alteza. Eu escolhi vir e trabalhar aqui.”

Godfrey riu.

“Você escolheu?” Godfrey perguntou. “Você estava cansado de estar no castelo do rei, de modo que você preferiu vir aqui e limpar o esterco dos estábulos?”

Firth desviou o olhar, vermelho.

“Vou lhe perguntar só mais uma vez.” Gwen Disse com firmeza. “Por que meu irmão o mandou para cá? Por que vocês dois se desentenderam?”

Firth limpou a garganta.

“Seu irmão estava chateado porque ele não foi capaz de erguer a Espada da Dinastia. Isso foi tudo. Eu fui uma vítima de sua ira. Não houve nada mais, Alteza.”

Gwen e Godfrey trocaram um olhar. Ela sentia que havia alguma verdade nas palavras dele, porém ela ainda sentia que ele estava escondendo algo.

“E o que você sabe sobre o punhal que está faltando no setor de Gareth do estábulo?” Godfrey perguntou.

Firth engoliu em seco.

“Eu não sei da falta de nenhum punhal, Alteza.”

“Não sabe? Só há quatro na parede. Onde está o quinto?”

“Talvez Gareth o tenha usado para algo. Talvez esteja perdido?”
Firth disse com voz fraca.

Gwen e Godfrey trocaram olhares.

“É estranho você dizer isso.” Gwen Disse. “Porque eu acabei de falar com um certo servo, quem nos contou uma história bem diferente. Ele nos contou sobre a noite do assassinato de nosso pai. Um punhal foi jogado para baixo, para o poço de dejetos e ele o recuperou. Você o reconhece?”

Ela se abaixou, desembalhou o punhal e o mostrou para ele.

Os olhos dele se arregalaram e ele desviou o olhar.

“Por que carrega isso, Alteza?”

“É interessante que você haja perguntado.” Gwen disse, “Porque o servo nos contou algo mais.” Gwen mentiu, blefando. “Ele viu o rosto do homem que jogou o punhal pela rampa. E era o seu.”

Firth arregalou ainda mais os olhos.

“Ele também tem uma testemunha.” Godfrey acrescentou.

“Ambos viram seu rosto.”

Firth parecia tão ansioso, parecia estar com os nervos à flor da pele.

Gwen deu um passo para mais perto. Ele era culpado, ela podia senti-lo e desejava prendê-lo.

“Eu vou perguntar-lhe pela última vez.” Ela disse com a voz fria como o aço. “Quem matou o nosso pai? Foi Gareth?”

Firth engoliu em seco claramente sentindo-se apanhado.

“Mesmo que eu soubesse alguma coisa sobre o assassinato de seu pai...” Firth disse. “... Não seria nada bom para mim que eu falasse sobre isso. Como eu disse, a punição é a execução. O que eu teria a ganhar?”

Gwen e Godfrey se entreolharam.

“Se você nos disser quem foi o responsável pelo assassinato e admitir que Gareth está por trás disso, mesmo que você tenha tido alguma parte no crime, nós buscaríamos a forma de que fosse indultado.” Gwen disse.

Firth olhou para ela, seus olhos se estreitaram.

“O perdão total?” Ele perguntou. “Mesmo que eu tivesse tido alguma participação?”

“Sim.” Gwen respondeu. “Se você concordar em servir de testemunha contra o nosso irmão, será perdoado. Mesmo que tenha sido você quem empunhou o punhal. Afinal de contas, nosso irmão era quem tinha a ganhar com o assassinato, e não você. Você era apenas o laçao dele.

“Então, diga-nos.” Gwen insistiu. “Esta é sua última chance. Nós já temos a prova ligando você ao assassinato. Se você permanecer em silêncio, certamente vai chafurdar na prisão para o resto de sua vida. A decisão é sua.”

Enquanto falava, Gwen sentia a força do pai brotando por seu corpo. A força da justiça. Naquele momento, pela primeira vez, ela realmente sentia que poderia ser capaz de governar.

Firth olhou por um longo tempo, para Gwen e para Godfrey, sua mente estava claramente debatendo-se entre as dúvidas.

Então, finalmente, Firth irrompeu em lágrimas.

“Eu pensei que era o que seu irmão queria...” Ele disse, chorando. “... Ele me encarregou de conseguir o veneno. Essa foi sua primeira tentativa. Quando ele falhou, eu pensei... bem... eu apenas pensei que eu poderia terminar o trabalho para ele. Eu não tinha nenhuma raiva de seu pai. Eu juro. Sinto muito. Eu só estava tentando agradar a Gareth. Ele queria tanto. Quando ele falhou, eu não pude aguentar vê-lo. Sinto muito. “Ele disse, chorando, caindo no chão, sentado, com as mãos na cabeça.

Para surpresa de Gwen, Godfrey correu e agarrou Firth pela camisa e puxou-o com violência, fazendo com que ele ficasse de pé. Ele segurava-o com força, olhando para ele com uma expressão furiosa.

“Seu pedaço de merda.” Ele disse. “Eu mesmo deveria matá-lo.”

Gwen ficou surpresa ao ver como Godfrey estava zangado, especialmente considerando seu relacionamento com seu pai. Talvez, no fundo, Godfrey abrigava sentimentos mais fortes por seu pai do que ele mesmo podia perceber.

“Mas eu não vou fazer isso.” Godfrey acrescentou. “Eu quero ver Gareth enforcado primeiro.”

“Nós prometemos-lhe o indulto e você vai tê-lo...” Gwen acrescentou. “... Contanto que você testemunhe perante o conselho,

contra Gareth. Você fará isso?"

Firth assentiu com a cabeça humildemente, olhando para baixo, evitando o seu olhar, ainda choramingando.

"Claro que vai." Acrescentou Godfrey. "Se ele não o fizer, nós mesmos o mataremos."

Godfrey soltou Firth e ele caiu de volta no chão.

"Eu sinto muito." Ele dizia uma e outra vez. "Eu sinto muito."

Gwen olhava para ele desgostosa. Sentia-se sobrecarregada com tanta tristeza, pensava em seu pai, um homem galante, nobre e teve de morrer na mão daquela criatura patética. O punhal, ainda em sua mão, definitivamente a perturbava e ela queria mergulhá-lo no coração de Firth.

Mas ela não fez isso. Ela embrulhou o punhal com cuidado e o guardou em uma faixa na sua cintura. Ela precisava de provas.

Agora eles tinham sua testemunha.

E agora havia chegado a hora de derrubar seu irmão.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Thor estava no comando do navio, o barco cruzava o oceano com suas velas completamente infladas e o coração de Thor se encheu de alegria quando ele viu, no horizonte, sua terra natal aparecendo. O Anel. Tinha sido uma longa viagem para casa, ele e a Legião tinham deixado a Ilha da Neblina, navegado por águas agitadas, lutado para chegar até o mar e aberto caminho através da muralha de água. Eles haviam entrado nas águas abertas no meio de uma espessa neblina que os havia envolvido durante quase todo o caminho de casa. No entanto, a neblina evitou que eles fossem detectados pelo Império em todo o caminho de volta.

Agora, o Anel estava à vista, seus dois sóis raiando, revelando um dia claro e perfeito. As velas pegaram vento, o que permitiu a todos pausar os remos, contentes. Thor estava de pé ali, Krohn, como sempre, estava ao seu lado. Thor havia crescido bastante, suas pernas eram maiores, mais robustas e o sustentavam fortemente sobre a madeira, ele tinha ficado bem mais alto; mais ereto, seus ombros eram mais largos e o queixo mais proeminente. Ele olhava com seus olhos cinzentos e entrecerrados para sua terra natal, o vento soprava seus cabelos.

Na palma de sua mão ele segurava a faiscante pedra Oretista que ele tinha recolhido na costa da Ilha do Dragão. Ele podia sentir seu poder pulsando através dela e sorriu por antecipado ao imaginar o momento em que ele a daria a Gwen. Ele tinha sido incapaz de afastá-la de seus pensamentos durante toda a viagem para casa e percebia agora que ela era o que mais lhe importava naquele momento, mais do que qualquer outra coisa que ele pudesse reencontrar ao voltar para casa. Ele esperava que ela ainda se importasse com ele. Talvez ela tivesse seguido em frente com sua vida. Afinal, ela era um membro da realeza e era possível que tivesse sido apresentada a centenas de outros rapazes durante sua

ausência. Ele apertou a jóia com mais força, fechou os olhos e orou em silêncio para que ela ainda se importasse com ele, pelo menos uma fração do quanto ele o fazia por ela.

Ele abriu os olhos e avistou no horizonte a densa floresta que delineava as margens do Anel. Ele respirava ansioso. Tinham sido longos cem dias, os mais longos de sua vida e ele ainda não conseguia acreditar que tinha sobrevivido. Sentia-se orgulhoso de estar voltando para casa, orgulhoso de ter sobrevivido e orgulhava-se de ser um verdadeiro membro da Legião. Ele lembrou-se da viagem, de deixar a floresta, de marchar através do Canyon, de deixar atrás o escudo de energia do Anel. Lembrou-se de como a princípio, ele tinha ficado assustado depois de deixar o Canyon. Ele estava admirado ao perceber como se sentia diferente agora. Ele já não temia mais nada. Depois de seus cem dias de treinamento exaustivo; de travar todo tipo de combate; depois de enfrentar o Ciclope e acima de tudo, o dragão, nada mais o assustava. Ele estava começando a se sentir como um verdadeiro guerreiro.

Thor ouviu um barulho estridente, familiar e olhou para cima para ver Estopheles. Ele estava voando em círculos acima dele, seguindo o navio. Ele desceu e pousou sobre a amurada do navio, ali por perto. Ele virou-se e gritou, olhando diretamente para Thor.

Thor estava feliz por voltar a vê-lo, era um lembrete de que se encontrava bem perto de casa.

Com a mesma rapidez, o falcão elevou-se no ar, batendo as asas largas. Thor sabia que ele o veria novamente.

Thor abaixou-se e colocou a mão livre no cabo de sua nova espada. Quando eles terminaram A Centena, antes de terem embarcado nos navios para voltar para casa, os comandantes da Legião tinham dado a cada um dos sobreviventes uma arma como lembrança, para simbolizar o fato de que eles agora eram verdadeiros membros da Legião. Reece tinha recebido um escudo cravejado com pedras preciosas; O'Connor, que agora caminhava coxeando e ainda se recuperava do golpe do dragão, tinha recebido um arco e flecha de mogno; Elden tinha recebido um mangual com uma bola de prata e Thor: aquela espada. O punho da espada estava envolto com o mais fino brocado de seda, sua lâmina era

mais afiada e mais suave do que qualquer outra que ele já tinha visto. Ao segurá-la, parecia que ele segurava o ar em suas mãos.

Enquanto Thor apertava com força o punho da espada, ele sentia que era agora parte da Legião, uma parte daquele grupo de irmãos de armas, para sempre. Eles haviam passado por coisas juntos que ninguém jamais poderia imaginar. Thor olhava para seus camaradas e podia ver que eles pareciam mais velhos, também. Pareciam mais fortes, mais aguerridos. Sua aparência dava a impressão de que todos tinham passado por um verdadeiro inferno. E eles realmente tinham feito isso. Ele pensava em todos os irmãos que tinham ficado atrás. Pensava naqueles garotos que tinham começado naquele mesmo barco, mas que não estavam retornando; alguns tinham caído ao longo do caminho devido à covardia e alguns haviam sido mortos. Era decepcionante. Aquele dia era motivo de comemoração, mas também era motivo de luto. O peso dessa carga era levado por todos os membros da Legião e Thor podia detectar um novo olhar mais sério, mais maduro de parte deles. O vigor jovem que tinham apenas alguns meses atrás tinha sido substituído por outra coisa. Por um senso de mortalidade.

Thor faria qualquer coisa por aqueles rapazes agora, seus irmãos *de verdade*. E depois que todos eles foram salvos do dragão, olhavam agora para Thor com um novo respeito. Talvez até mesmo um sentimento de temor reverente. Até mesmo Kolk olhava para ele de maneira diferente, demonstrando algo como respeito e desde aquele dia, ele não havia repreendido Thor.

Finalmente, Thor sentia que *pertencia* a algo. Quaisquer que fossem os inimigos a enfrentar em terra, isso já não o assustava. Na verdade, agora ele recebia o combate de braços abertos.

Agora ele compreendia bem o que significava ser um guerreiro.

*

Thor andava a cavalo com a Legião, Reece ia de um lado, O'Connor, Elden e os gêmeos iam do outro. Krohn os seguia enquanto todos eles percorriam o caminho para a corte do Rei. Ele mal podia acreditar em seus olhos: diante dele, estendendo-se até onde a vista alcançava, havia milhares de pessoas, ao longo da estrada, gritando de júbilo por seu retorno. Elas acenavam

bandeiras, lançavam caramelos para eles e jogavam pétalas de flores em seu caminho. Os tambores militares rufavam com precisão, músicos tocavam címbalos e a música soava. Era o desfile mais grandioso jamais visto por Thor e ele cavalgava no centro de tudo, rodeado por todos os seus irmãos.

Thor não esperava uma recepção de boas-vindas como aquela. Felizmente, sua jornada de volta através do Canyon tinha sido tranquila. Ele tinha ficado surpreso quando todos atravessaram a ponte e as centenas de soldados do rei haviam baixado a cabeça em reverência a eles. *A eles*. Os rapazes. Os guardas tinham estendido a mão e baixado as alabardas, uma de cada vez, em sinal de honra e respeito. Enquanto Thor andava entre eles, ele nunca em sua vida, tinha se sentido mais aceito, sentido que realmente pertencia a algo. Isso o fez sentir que cada minuto de todas as dificuldades que ele havia passado tinha valido a pena. Ali estava ele, respeitado por aqueles grandes homens, agora ele fazia parte de suas fileiras. Isso era o que ele mais tinha desejado na vida.

Quando todos já haviam posto os pés de volta na segurança de seu lado do Canyon se depararam com outra surpresa: havia uma frota de cavalos esperando por eles, os mais belos cavalos que Thor já tinha visto. Agora, em vez de ter de cuidar dos cavalos de outros, de limpar seus excrementos, Thor montaria seu próprio cavalo. Era um cavalo esplêndido, seu couro era preto e seu nariz era longo e branco. Thor deu-lhe o nome de Percival.

Eles tinham cavalgado durante a maior parte do dia, subindo por uma pequena colina antes de chegar à Corte do Rei. Quando eles tinham atingido o topo da colina, a respiração de Thor se cortou: as massas contornavam a Estrada Real até onde a vista alcançava, aplaudindo-os. O horizonte estava repleto de folhagem e flores e era um dia perfeito. Eles haviam partido durante o verão e regressado no outono e a mudança era chocante.

Todos eles montavam seus cavalos e agora desfilavam na Corte do Rei. O sol começava a se pôr e Thor sentia como se estivesse em um sonho.

“Você pode acreditar que tudo isso é por nossa causa?” O’Connor perguntou enquanto cavalgava ao lado de Thor.

“Somos membros da Legião agora.” Elden Disse. “Membros da Legião Real. Se houver uma guerra, seremos chamados como reservas. Nós não somos mais apenas recrutas em treinamento: agora somos soldados, também.”

As massas vibravam enquanto eles desfilavam, mas enquanto Thor olhava para os rostos, ele estava buscando unicamente uma pessoa: Gwendolyn. Ela era tudo em que ele pensava. Ele não pensava em riquezas, nem em fama, nem em honra, ou em nada disso. Ele só queria vê-la, saber que ela ainda estava ali, que ela ainda se importava com ele.

Os gritos atingiram seu volume mais alto quando o grupo se aproximou do Portão Real e cruzou a ponte de madeira, fazendo com que ela rangesse sob o peso dos cascos dos cavalos. Eles continuaram através da imponente entrada de pedra em forma de arco, passaram por baixo das fileiras de puas de ferro. Eles prosseguiram pela parte escura do túnel, para em seguida, sair do outro lado, na Corte do Rei.

Quando chegaram, eles foram recebidos com vivas pelas massas que inundavam a praça em todas as direções, gritando seus nomes. Thor estava ainda mais espantado ao ouvir algumas pessoas chamarem o seu nome, ele mal podia crer que alguém pudesse saber quem ele era.

Eles continuaram pela praça, Thor viu que haviam preparado as mesas de banquete para as festividades. Ele estava começando a perceber que aquele dia tinha sido declarado feriado e que todas aquelas festas simplesmente eram para eles. Era difícil de compreender.

Eles chegaram ao centro da praça e ali, esperando para cumprimentá-los, estava Brom, o general líder de todas as forças armadas. Ele estava rodeado por seus generais mais destacados e dezenas de membros do Exército Prata. Os rapazes apearam e dirigiram-se a ele, um por vez, parando em posição de sentido e formando filas.

Kolk caminhou ao redor e posicionou-se ao lado de Brom, os dois lado a lado, de frente para os rapazes. A multidão ficou em silêncio.

“Homens!” Brom gritou. “De agora em diante vocês serão chamados homens. Nós lhe damos as boas-vindas ao lar como membros da Legião!”

A multidão os aclamava, à medida que os cavaleiros do Exército Prata se adiantavam e colocavam no peito esquerdo de cada um dos rapazes, um pouco acima de seus corações, uma insígnia com um falcão preto segurando uma espada. Era o emblema da Legião. Cada membro da Legião recebia a insígnia do cavaleiro a quem ele servia como escudeiro e Thor estava triste ao ver que nem Erec nem Kendrick estavam ali para colocar o seu distintivo. Kolk os substituiu, aproximando-se de Thor e colocando a insígnia. Ele olhou para Thor e para surpresa dele, Kolk lentamente abriu um sorriso.

“Você não está tão mal assim.” Disse ele.

Era a primeira vez que Thor o via sorrir. Então Kolk rapidamente franziu a testa e se foi.

As massas aplaudiram e os músicos começaram a subir com seus tambores, alaúdes, címbalos e harpas. A multidão começou a celebração.

Barris de cerveja foram trazidos rolando pelos campos e logo uma caneca de cerveja espumante foi posta na mão de Thor. Dentro de instantes, o clima era de festa total.

Alguém veio por trás de Thor e levantou-o sobre seus ombros, Thor se viu jogado no ar, juntamente com seus irmãos, ele tratou de segurar a jarra de cerveja, que acabou derramando. Ele ria enquanto era jogado no ar. Thor se aproximou e tilintou sua jarra com Reece, que também estava sobre os ombros de um estranho, tentando se equilibrar e rindo. Ele balançou e eventualmente caiu de pé com os outros.

Canções e danças eclodiram por toda parte e Thor se encontrou de braços dados com uma mulher que ele não conhecia. Era uma estranha que o havia agarrado pelo braço e dançava com ele em círculos, girando em torno dele várias vezes, em uma direção e depois noutra. Thor foi pego de surpresa, finalmente ele se separou; ele não queria dançar com ela. Apesar de todos os outros membros da Legião estarem dançando alternadamente com estranhas Thor

não queria estar com mais ninguém. Ele só queria estar com Gwendolyn.

Ele procurava por ela freneticamente no meio da multidão. Será que ela tinha vindo? Ela ainda estaria interessada nele?

A multidão ficou mais agitada e o sol começou a se pôr, as tochas foram acesas e a bebida ficou mais forte. Malabaristas apareceram, lançando tochas de fogo, eventos esportivos se seguiam e carne eram assadas em enormes espetos. Thor estava emocionado por estar no meio de tudo, mas algo estava faltando: ele continuava sem ver Gwendolyn.

“Ei, aquela era minha garota!” Alguém gritou ameaçadoramente.

Thor se virou e viu O’Connor, que mesmo mancando, dançava com uma garota. Logo, ele viu um estranho já bêbado aproximar-se e empurrar O’Connor com força. O homem era alto e musculoso e O’Connor cambaleou para trás alguns metros, pego de surpresa.

O valentão continuou em direção a O’Connor, mas antes que ele pudesse dar mais um passo Thor, reagindo instintivamente, entrou em ação e o mesmo fizeram os outros membros da Legião ao seu redor. Em poucos segundos, Thor, Reece, Elden e os gêmeos se lançaram sobre o homem, derrubando-o no chão.

O homem correu, havia medo em seus olhos e ele fugiu.

Thor voltou-se para O’Connor que estava bem, apesar de atordoado. Ele olhou para seus irmãos e percebeu que eles tinham agido rápido em defesa de um deles. Thor sentia que agora todos eles eram realmente um por todos e todos por um, e esse, era um sentimento muito bom.

Thor via todas as pessoas dançando e os seus pensamentos voltaram para Gwendolyn. Ele procurava por ela em todos os lugares e saiu da pista de baile para deixar seus irmãos e percorrer de cima a baixo as fileiras de mesas de banquete. Ele tinha de encontrá-la.

Ele pulou sobre um banco, tentando olhar por cima da multidão. Mas ele não viu nenhum sinal dela e seu coração se entristeceu profundamente.

Ele pulou para baixo e viu uma serva do castelo, uma garota que ele conhecia: uma menina bonita, talvez de dezessete anos, ele

correu até ela. Ela virou-se para vê-lo e seus olhos se iluminaram lançando-lhe um olhar provocativo. Ela estava flertando com ele.

“Thorgrin!” Ela exclamou.

Ela abraçou-o e ele gentilmente separou-se dela.

“Você viu Gwendolyn?” Ele perguntou.

Ela balançou a cabeça e olhou em seus olhos.

“Não, eu não a vi.” Disse ela. “Mas eu estou aqui. Você gostaria de dançar comigo?”

Thor sacudiu gentilmente a cabeça e apressou-se para deixá-la, não querendo se envolver com mais ninguém.

Ele procurou por Gwen em todos os lugares, em todos os setores do campo e estava começando a pensar o pior. Talvez ela tivesse fugido com outra pessoa. Talvez a mãe dela tivesse descoberto tudo e havia proibido seu relacionamento. Talvez ela já não sentisse o mesmo por ele.

De repente, Thor sentiu um toque em seu ombro.

Ele se virou e seu mundo derreteu.

Ali, a poucos metros de distância, sorrindo para ele, estava o amor de sua vida.

Gwendolyn.

*

Thor estava hipnotizado. Gwendolyn se via mais bonita que nunca. Ela olhava para ele com seu sorriso largo, sua pele perfeita, seu cabelo longo, loiro, seus grandes olhos azuis. Era como se ele a estivesse encontrando pela primeira vez. Ele não podia olhar mais para nenhum outro lugar. Seu coração batia forte. Ele sentia que agora, realmente estava de volta.

Gwendolyn pulou em seus braços, abraçando-o firmemente e ele a abraçou de volta. Ele mal podia acreditar que alguém como ela poderia amá-lo, ele a amava com toda a sua alma. Ele a abraçou por um bom tempo e ela não queria soltar-se.

“Estou tão feliz por você ter voltado.” Ela sussurrou com seriedade em seu ouvido.

“Tanto como eu.” Ele respondeu.

Ele sentiu as lágrimas quentes escorrendo por seu pescoço e lentamente se separou. Ele se inclinou e beijou-a. Os dois ficaram

beijando-se por um longo tempo enquanto as pessoas passavam por eles acotovelando-se em todas as direções. Eles ouviam os gritos e aplausos de todos ao seu redor, enquanto a multidão girava.

Eles ouviram um ganido e Gwen olhou para baixo deleitada ao ver Krohn pulando para cima dela, choramingando. Ela estendeu a mão e acariciou-o, beijando-o e rindo enquanto ele pulava sobre ela e lambia seu rosto.

“Eu senti saudades de você.” Ela disse.

Krohn ganiu.

Gwen ficou ali, de pé, sorrindo e olhando para Thor, os últimos raios de sol iluminavam os olhos dela, ela tomou a mão de Thor entre as suas.

“Venha comigo.” Disse ela.

Ele não precisava que ela dissesse isso duas vezes. Ela levou-o através da multidão, zigzagueando pelo caminho enquanto Krohn os seguia, até que finalmente ela o guiou através de um portão antigo, para os jardins reais.

Eles estavam de volta ao labirinto dos jardins reais, onde era mais tranquilo e os aplausos das massas estavam silenciados. Finalmente eles teriam privacidade, eles deram as mãos quando ela ficou de frente para ele.

Eles se beijaram novamente, por um longo tempo.

Finalmente ela se afastou.

“Não houve um só dia no qual eu não pensasse em você.” Thor disse para ela.

Ela sorriu.

“E eu em você.” Ela disse olhando nos olhos dele. “Rezei todos os dias para que você tivesse um retorno seguro.”

Thor sorriu quando enfiou a mão no bolso e lentamente puxou a pedra que ele estava morrendo de vontade de dar para ela.

“Feche os olhos.” Disse Thor. “... E abra sua mão.”

Ela fechou os olhos, sorriu e timidamente estendeu a mão

“Não é uma cobra, não é?” Ela perguntou.

Ele riu.

“Não, eu não creio que seja.” Disse ele.

Thor estendeu a mão e com todo cuidado, colocou a pedra de Oretista ele havia encontrado na Ilha do Dragão, na palma da mão dela.

Gwen abriu os olhos e examinou a pedra, fascinada.

A pedra estava na palma de sua mão, brilhando como uma coisa viva, presa a uma corrente de prata que Thor tinha forjado.

“É linda!” Ela exclamou.

“É uma Oretista. Uma pedra da costa da Ilha do Dragão. Dizem que ela tem poderes mágicos. Diz a lenda que se você der essa pedra para alguém que ama, ela vai salvar a vida dessa pessoa.”

Gwen olhou para baixo e corou quando ele disse a palavra “ama.”

“Você a trouxe por todo o caminho, para mim?” Ela perguntou.

Ela olhou para ele com admiração quando Thor pegou o colar, caminhou por trás dela, colocou o colar em seu pescoço e o abotoou. Ela estendeu a mão e o tocou, em seguida, virou-se e abraçou Thor apertadamente.

“É a coisa mais linda que alguém já me deu.” Ela disse. “Eu apreciarei isso para sempre.”

Ela pegou sua mão e levou-o cada vez mais profundamente pelos caminhos sinuosos dos jardins.

“Eu receio que eu não tenha nada para dar-lhe em troca.” Disse ela.

“Você me deu tudo.” Ele disse. “Você ainda está aqui.”

Ela sorriu segurando sua mão.

“Nós podemos estar juntos agora.” Ela disse. “Minha mãe... ela não está muito bem da cabeça. Eu sinto muita pena dela. Mas estou feliz por nós dois. Já não há mais obstáculos entre nós.”

“Eu tenho de admitir que eu receava que quando eu retornasse você pudesse estar com outro alguém.” Disse ele.

“Como pôde pensar em uma coisa dessas?” Ela ralhou.

Thor encolheu os ombros, envergonhado.

“Eu não sei. Você tem tantos outros pretendentes para escolher.”

Ela abanou com a cabeça.

“Você não entende. Eu já escolhi. Eu quero ficar com você para sempre.”

Ele parou, virou-se e a beijou, foi um beijo que durou uma eternidade, sob a luz fraca do crepúsculo. Ao ouvir as palavras dela, Thor ficou mais feliz do que nunca. Porque isso era exatamente o que ele também queria.

Ela parecia envergonhada.

“E eu tenho de admitir uma coisa também.” Ela disse.

Thor olhou para ela, confuso.

“Eu tinha medo de que você nunca mais me achasse bonita novamente.” Ela disse baixando o olhar. “... Por causa da minha cicatriz.”

“Que cicatriz?” Thor perguntou.

“Aqui, na bochecha.” Ela disse apontando para a marca que o jagunço de Gareth tinha deixado em seu rosto.

Thor estreitou os olhos para ver a cicatriz, perplexo.

“Eu nem sequer posso vê-la.” Disse ele.

“Isso é porque já está quase escuro. À luz do dia ela é mais visível.”

Ele abanou a cabeça.

“Você a imagina como algo muito maior do que realmente é.”

“Ele disse. “É apenas um traço, tem poucos centímetros, eu mal posso vê-la. “Além disso, ela não diminui em nada sua beleza, muito pelo contrário, só faz com que ela aumente.”

Ela sentiu seu coração aquecer, sentia-se mais tranquila ao perceber que ele era sincero. Ela inclinou-se e beijou-o.

“Eu fui atacada.” Ela disse enquanto se afastava.

O rosto de Thor ficou sombrio e ele instintivamente levou a mão ao punho da espada.

“Por quem?” Ele perguntou com insistência. “Diga-me quem foi e eu vou matá-lo agora.”

Ela abanou a cabeça.

“Isso não importa agora.” Ela disse enquanto seu rosto ficava sombrio. “Ele já está morto. O que importa agora é que você deve saber que há grandes mudanças a ponto de acontecer aqui.” Disse ela. “A Corte do Rei nunca mais será a mesma.”

“O que quer dizer?” Ele perguntou preocupado. “Está tudo bem?”

Ela abanou lentamente a cabeça.

“Está e não está. Meu irmão, Kendrick, foi aprisionado.”

“O quê!?” Thor exclamou indignado.

“Gareth o acusa de ter assassinado meu pai. É tudo mentira. O assassino de meu pai foi descoberto. Finalmente, nós temos provas.”

Olhos de Thor se arregalaram.

“Foi Gareth.” Ela disse.

Thor sentiu seu corpo ficar frio com a notícia. Ele mal sabia o que dizer. Ele tentou pensar no que isso significava para o Exército do Rei; para a Legião; para o reino; para Kendrick. Tudo era complexo demais para processar. Ele odiava pensar que estava jurando lealdade a um rei que era um assassino.

“O que você fará?” Ele perguntou para ela.

“Temos uma testemunha do crime. Amanhã, meu irmão Godfrey e eu vamos enfrentar Gareth. Vamos levá-lo à justiça. A Corte do Rei ficará sem um rei.”

Thor tentou processar tudo aquilo. Sua mente girava com as implicações. Ele estava feliz pelo fato de que o assassino de MacGil finalmente havia sido encontrado, mas ele estava preocupado com a segurança de Gwen.

“Isso significa que você vai libertar Kendrick amanhã?”

“Sim.” Ela disse. “Amanhã, tudo vai mudar. Nós só encontramos nossa testemunha há algumas horas e estávamos aguardando o seu retorno. Queríamos que a Legião estivesse aqui, para dar-nos apoio quando nos confrontarmos com Gareth, caso haja uma revolta. Ele não vai se deixar vencer facilmente.”

Thor inspirou profundamente.

“Eu vou fazer o que eu puder, minha senhora, para garantir que seja feita justiça para com o seu pai, além de mantê-la a salvo e segura.”

Ela se inclinou e beijou-o e ele a beijou de volta. Uma brisa outonal os acariciava e ele quis que aquela noite nunca acabasse.

“Eu amo você.” Ela disse.

Ele sentiu um arrepio de emoção ao ouvir suas palavras. Era a primeira vez que ela dizia que o amava. Era a primeira vez que uma garota havia lhe dito aquelas palavras.

Ele olhou nos olhos azuis brilhantes dela iluminados pela luz do crepúsculo e viu neles o seu próprio reflexo. Era um rosto que ele quase não reconhecia. Todos os dias, ele sentia que estava se tornando alguém novo.

“Eu também a amo.” Ele respondeu.

Eles se beijaram novamente e pela primeira vez em tanto tempo quanto ele podia se lembrar, tudo parecia estar bem no mundo.

CAPÍTULO VINTE E OITO

O Rei McCloud mal podia acreditar na sua boa sorte e em como os seus homens estavam penetrando cada vez mais no território MacGil. Havia passado mais de três meses, uma temporada inteira, de estupro de pilhagem e assassinato, deixando um rastro de destruição de Leste a Oeste, enquanto chegavam ao coração do Reino ocidental do Anel. Tinha sido uma centena de dias consecutivos, um intervalo maior do que qualquer outro em sua vida, cheio de glória, cheio de vitórias. Ele se havia fartado com vinho, gado, despojos, cabeças e mulheres.

McCloud fechou os olhos enquanto galopava cada vez mais longe para o Oeste, enquanto o segundo sol se punha; ele sorria enquanto visualizava em sua mente os rostos de todos os homens que havia assassinado. Lá estavam os moradores inocentes, pegos de surpresa, tentando montar suas lamentáveis defesas; havia soldados profissionais da Guarda do Rei, porém eles estavam terrivelmente superados em número, mal equipados e despreparados. Essas mortes eram as mais prazenteiras, pelo menos eles tinham proporcionado uma espécie de luta. No entanto, eles jamais tiveram uma chance. Os homens de McCloud eram muito motivados, muito disciplinados. Em cada batalha eles lutavam até a morte. Porque se eles perdessem, ou não lutassem o bastante, o próprio McCloud mandaria matá-los. Ele tinha treinado bem os seus soldados.

O exército McCloud tinha sido uma verdadeira máquina de matar enquanto ia de cidade em cidade, ocupando território, tomando posse das terras. Eram como uma violenta nuvem de gafanhotos que passava pelas terras e arrasava tudo, nada tinha sido capaz de detê-los.

McCloud também tinha tido como prioridade cercar cada aldeia e bloquear todas as saídas, impedindo assim a saída de qualquer mensageiro que pudesse escapar para a Corte do Rei e alertar o

grande exército dos MacGil sobre a invasão. Ele tinha conseguido matar todos eles e manter a invasão em segredo por bastante tempo. Ele esperava surpreender o exército dos MacGil e aniquilá-lo por completo antes que tivessem tempo de montar uma defesa. Então ele poderia marchar para a Corte do Rei, obrigar Gareth a render-se e reivindicar todo o Anel para si.

Eles galopavam, a comitiva de McCloud havia se incrementado com todos os escravos que ele tinha capturado, com todos os homens jovens e idosos que ele havia forçado a participar de sua tropa. Ele agora atacava com pelo menos mil homens, todos eles guerreiros aguerridos, uma enorme máquina assassina. À distância já se podia ver o próximo vilarejo, suas torres eram visíveis, mesmo a partir dali. Aquele vilarejo, como ele bem podia ver, era maior do que a maioria, uma pequena cidade, um sinal claro de que eles estavam se aproximando da Corte do Rei.

Quando se aproximaram dela, McCloud poderia dizer por seus muros que aquela era a última grande cidade antes dos caminhos de acesso à corte do rei. Eles ainda estavam a uns bons três dias de viagem da Corte, longe o suficiente para que os MacGils não pudessem conseguir reforços rapidamente. Eles não tinham chances contra o exército de McCloud.

Eles galopavam mais rápido. O som dos cascos dos cavalos subia aos seus ouvidos, a poeira levantava pela estrada enchendo suas narinas e eles podiam ver os vigias correndo para fechar o portão e baixar as enormes barras de ferro. McCloud estava quase impressionado. A maioria das outras cidades não tinha muros de pedra, nem portões de ferro, apenas uns poucos elementos demarcando o seu perímetro. Aquela cidade era maior, mais sofisticada e estava preparada para um cerco.

Mas, enquanto McCloud estudava os muros com o seu olho clínico de soldado, ele viu o detalhe mais importante, o muro estava desprovido de soldados. Estava guardado por apenas um punhado de rapazes e homens mais velhos, distribuídos em postos espalhados pelo muro demasiado longe uns dos outros. Os espaços vazios eram abundantes. McCloud poderia dizer que eles dominariam a cidade em poucos minutos.

Os guardas poderiam tentar render-se, como outros tinham feito. Mas ele não lhes daria essa chance. Isso tiraria a metade da diversão.

“Atacar!” Ele gritou.

Atrás dele, seus homens gritaram de volta em aprovação e juntos, eles correram para a cidade, McCloud cavalgava na frente como sempre fazia. Quando eles chegaram perto da porta da cidade, McCloud se abaixou, tirou uma enorme lança dos arreios do cavalo e atirou-a.

Foi um golpe perfeito, a lança se incrustou nas costas de um rapaz que tinha estado correndo através do pátio, tentando fechar o portão. Ele havia conseguido fechar o portão, mas essa foi a última ação de sua jovem vida.

Aquele portão de ferro não poderia mantê-los do lado fora. Os homens de McCloud, bem treinados, cavalgaram até o portão, pararam seus cavalos ali enquanto outros desmontavam e pulavam de cima do cavalo de seu companheiro, ganhando altura e jogando-se por cima do muro. Um de cada vez, os homens de McCloud pousaram do outro lado e destrancaram o portão, permitindo assim a passagem dos demais.

O exército irrompeu pelo portão, cerca de mil homens fortes, espalhando-se através da pequena abertura.

McCloud foi o primeiro a galopar através do portão, determinado a ser o primeiro a derramar sangue. Ele sacou a espada e perseguiu homens e mulheres enquanto corriam. Quantos homens, em quantas cidades, ele pensou, teriam fugido dele assim? Era a mesma cena em todos os lugares que ele visitava. Nada no Anel poderia detê-lo agora.

Como de costume, McCloud pegou um pequeno machado de arremesso de sua cintura, inclinou-se para trás, mirou o centro das costas de um homem de quem ele não tinha gostado e atirou. O machado deu várias voltas no ar e atingiu o homem com um ruído agradável, com um ruído igual ao produzido por uma lança ao cravar-se em uma árvore.

O homem gritou e caiu de cara no chão e McCloud o pisoteou com seu cavalo, certificando-se de passar por cima de sua cabeça.

McCloud sentiu um arrepio de satisfação ao fazer isso. Ele voltaria para buscar o seu machado mais tarde.

McCloud notou uma mulher particularmente jovem e bonita, talvez de vinte anos, enquanto ela corria para casa. Ele esporou seu cavalo em pleno galope e investiu contra ela. Quando ele se encontrou ao lado da jovem, ele pulou e caiu em cima dela, imobilizando-a no chão, seu corpo macio e seus seios fartos amorteceram sua queda.

Ela gritava e berrava aturdida pelo ataque enquanto eles rolavam no chão. Ele a esbofeteou fazendo-a calar-se.

Então ele ficou de pé, levantou a jovem, colocou-a sobre seu ombro e logo se dirigiu para a primeira residência vazia que pudesse encontrar. Ele sorria enquanto seu exército galopava passando por ele, enquanto ouvia os gritos e via o derramamento de sangue ao seu redor. Aquela seria uma noite maravilhosa.

*

Luanda chorava enquanto montava o cavalo de Bronson em direção à cidade amuralhada de sua terra natal, a cidade da irmã de sua mãe, ela chorava enquanto via os McClouds devastá-la tal como eles tinham feito com tantas cidades ao longo do caminho. Ela não tinha outra escolha senão andar junto com eles, durante todos esses dias. Ela tinha aprendido a manter a boca fechada, ela tinha sido disciplinada umas quantas vezes pelo McCloud mais velho. Ela tinha feito o máximo para manter a calma e tentar encaixar no clã McCloud, para justificar para si mesma o ataque e a pilhagem de sua terra natal. Mas finalmente, ela não aguentou mais: algo dentro de sua cabeça explodiu. Ela reconheceu aquela cidade, na qual ela tinha passado uns tempos quando era criança. A cidade estava a alguns dias de viagem da Corte do Rei, ao vê-la seus joelhos enfraqueceram e ela sentiu uma onda de emoção. Finalmente, ela já tinha visto o suficiente.

Ela se sentiu indefesa diante da força de um exército estrangeiro, mas agora que ela encontrava-se em sua terra natal e tão perto de casa, ela sentiu que ganhava novas forças. Ela sentiu um renovado dever de parar com tudo aquilo. Ela não podia deixar as coisas

assim. Em poucos dias eles iriam chegar à Corte do Rei e quem poderia saber o dano que aqueles selvagens fariam lá?

Ela havia se apaixonado por Bronson, apesar de tudo. Ele não era nada parecido com o pai dele, de fato, ele até mesmo o desprezava também. Mas ela tinha percebido que tinha sido um erro casar-se com um membro do clã McCloud. Eles não eram como o seu povo. Todos eles se encolhiam sob o punho de ferro do McCloud mais velho.

Pelo menos seu marido não tinha participado na selvageria como os outros tinham feito. Ele tinha feito uma grande representação para o pai, mas Luanda o conhecia bem, já. Quando eles tinham entrado naquela nova cidade, ele foi cavalgando devagar, ficando para trás enquanto os outros faziam os estragos. Ele apeou e mexia com seu cavalo, fingindo que estava ferido, tentando parecer ocupado enquanto fazia de tudo para não machucar ninguém.

Ele ajudou Luanda a desmontar, tal como ele sempre o fazia e ela chorou e correu para os seus braços, apertando-o com força.

“Faça com que eles parem!” Ela clamou em seu ouvido.

Ele segurou-a firmemente e ela podia sentir que ele a amava.

“Eu sinto muito meu amor.” Disse ele. “Quem dera eu pudesse.”

“Sentir muito não é suficiente.” Ela gritou afastando-se e olhando nos seus olhos, reunindo toda a ferocidade de seu próprio pai. Afinal de contas, ela também vinha de uma longa linhagem de reis. “Vocês estão matando meu povo!”

“Eu não.” Ele disse olhando para baixo. “Meu pai está.”

“Você e seu pai são da mesma família! Da mesma dinastia. Você é o seguinte.”

Ele olhou para cima nervoso.

“Você conhece meu pai. Como se supõe que eu vou conseguir detê-lo? Esse exército? Eu não posso controlá-lo.” Ele disse com pesar.

Ela podia ver em seus olhos o quanto ele queria acabar com tudo aquilo, mas ele não tinha nenhum poder para enfrentar o pai.

“Qualquer um pode ser detido.” Ela disse. “Ninguém é imbatível. Olhe para ele, aí vai ele de novo.” Ela disse virando-se e apontando,

observando revoltada como o McCloud pai levava outra jovem inocente desmaiada para ser o seu brinquedinho da noite.

“Seu pai vai ficar indefeso lá.” Ela disse. “Eu não preciso de você. Eu mesma posso me aproximar dele quando ele estiver dormindo e golpear seu crânio com uma estaca.”

Encorajada por sua própria ideia, ela enfiou a mão nos arreios do cavalo e tirou uma longa e afiada estaca. Sem pensar, ela se virou para ir, determinada a fazer exatamente isso, a matar ela mesma, o patriarca McCloud.

Mas quando ela estava a ponto de ir, uma mão forte agarrou o seu braço e a deteve no lugar.

Ela virou-se e viu Bronson olhando para ela fixamente.

“Você não conhece o meu pai.” Ele disse. “Ele é invencível. Ele tem a força de dez homens e é mais astuto do que uma raposa. Ele vai perceber sua aproximação desde um quilômetro de distância. Ele vai tirar a arma de você e matá-la, antes mesmo que você possa passar pela porta. Essa não é a maneira.” Disse ele. “Existem outras maneiras.”

Ela o olhou-o bem de perto, perscrutando-o, querendo saber o que ele estava dizendo.

“Você está dizendo que vai me ajudar?”

“Eu odeio meu pai, tanto quanto você.” Ele disse. “Eu não posso deter o seu exército enquanto ele avança. Mas se o seu exército falhar, eu estou preparado para tomar medidas.”

Ele olhou para ela com ar decidido e ela podia dizer que ele falava sério, no entanto, ela não poderia dizer se ele realmente estava decidido a seguir adiante. Ele era um bom homem, mas quando se tratava de seu pai, ele era um fraco.

Ela abanou a cabeça.

“Isso não basta.” Ela disse. “O meu povo está morrendo agora. Eles não podem esperar. E nem eu. Eu vou matá-lo agora, sozinha. E se eu falhar, pelo menos eu morrerei tentando.”

Com essas palavras, Luanda livrou-se das mãos dele, virou-se e marchou em direção à tenda, segurando a estaca de ferro, tremendo de medo, mas determinada a matar aquele monstro de uma vez por todas.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Gwendolyn caminhava rapidamente, lado a lado com Thor no início da manhã, percorrendo seu caminho pelos corredores sinuosos do castelo, Krohn os seguia. Eles caminhavam com determinação, iam para a sala do Conselho. Gwen respirou fundo, preparando-se para o seu confronto com Gareth. A hora da verdade havia chegado e ela estava nervosa, mas ao mesmo tempo ela sentia uma grande sensação de alívio. Finalmente, depois de todos aqueles meses, ela tinha a prova de que precisava para levar o assassino de seu pai à justiça.

Ela tinha planejado encontrar-se com Godfrey e Firth do lado de fora da câmara, de modo que os três pudessem marchar e confrontar Gareth naquela sessão, diante de todos os membros do Conselho e assim provar publicamente sua culpa. Thor se ofereceu para acompanhá-la e essa foi uma oferta que ela aceitou de bom grado. Depois da noite anterior, uma noite longa e mágica juntos, ela não queria sair do lado dele. Ela se sentia bem mais segura contando com o apoio e proteção dele. Claro que a câmara estaria repleta de membros do Conselho e de guardas, os quais não teriam outra opção a não ser apoiá-la e prender Gareth uma vez que as provas viessem à luz. Mas o fato de ter Thor ali ao seu lado, dava-lhe muito mais segurança.

Eles viraram outra esquina e Gwen sorriu para si mesma enquanto pensava em sua noite com Thor. Ela tinha dormido em seus braços no meio das flores, nos jardins reais, com a brisa do outono acariciando-os durante toda a noite. Eles haviam adormecido olhando para as estrelas e tinha sido divino. Sua vida tinha virado de cabeça para baixo desde a morte de seu pai, tudo estava em um constante estado de ansiedade e agitação. Mas agora, com o retorno de Thor, com Gareth prestes a ser deposto e Kendrick prestes a ser liberto, ela sentiu que as coisas finalmente voltariam à normalidade.

Enquanto marchavam até o final do longo corredor que levava à sala do Conselho, seu coração estava batendo agitado. Ela não podia subestimar Gareth e sabia que ele não tomaria isso muito bem. Ele tinha vivido toda a sua vida para governar e faria qualquer coisa que pudesse para manter o poder, para aferrar-se ao seu trono. Ele poderia ser um mentiroso muito convincente e ela tentou preparar-se para suas negações, suas recriminações. Ela simplesmente rezava para que Firth fosse consistente, ele seria uma testemunha forte contra Gareth. Ela calculava que o seu testemunho, juntamente com a apresentação da arma do crime, a qual ela mantinha em sua cintura, não deixariam margem para dúvidas.

“Você está bem?” Thor perguntou docemente, aproximando-se e tomando-lhe a mão. Ele devia ter sentido o nervosismo dela.

Gwen acenou com a cabeça, apertando sua mão e em seguida a soltou.

Os dois continuaram a descer pelo corredor, seus passos ecoavam ao passar por fileiras de janelas abertas, a luz do amanhecer penetrava por elas. Ela sentia como seria caminhar por algum lugar com Thor ao seu lado como se fossem um casal. Ela sentia que era bom. Natural. Ela sentia uma sensação de paz em sua presença. Sentia-se mais forte.

Chegaram ao fim do corredor, deram a volta e se depararam com as enormes portas de carvalho em forma de arco, da sala do Conselho. Ela ouviu vozes abafadas por trás delas. De pé, diante das portas havia vários guardas.

Gwen estava confusa enquanto permanecia ali. Godfrey e Firth deveriam estar ali, esperando por ela para encontrá-la e ingressar juntos. Ela tinha repassado o plano com Godfrey várias vezes e não conseguia entender onde ele estava. Ambos tinham sido bem claros sobre isso. Como ela poderia proceder sem a presença deles?

“Alteza?” Um guarda perguntou. “Receio que uma sessão do Conselho esteja em andamento.”

“Meu irmão esteve aqui? Godfrey?” Ela perguntou.

Os guardas se entreolharam perplexos.

“Não, Alteza.”

O coração de Gwen martelava. Alguma coisa estava errada. Godfrey não iria aparecer. Onde ele poderia estar? Teria ele voltado as suas andanças, teria voltado para as tavernas? Estaria bebendo? E onde estava Firth? Ela percebeu que havia algo errado. Muito, muito errado.

Ela ficou ali destroçada e debatia sobre o que fazer. Ela não podia ir embora. Não naquele momento. Havia muito em jogo e não havia tempo a perder. Se ela tivesse de fazer tudo por conta própria, então ela o faria.

Ela estava a ponto de ordenar os guardas que a deixassem passar, quando de repente se ouviu um grande estrondo de passos que provinham do corredor oposto. Ela e Thor se viraram e viram um contingente de uma dúzia de soldados aproximando-se, Brom os liderava. Seu semblante estava sisudo e seu olhar revelava uma grande preocupação. Ele marchava rapidamente, seguido pelos demais, todos membros do Exército Prata, cada um deles era um famoso guerreiro.

“Abram as portas de uma vez.” Brom ordenou aos guardas.

“Mas senhor, os membros do Conselho estão em sessão.” Disse um dos guardas timidamente, parecendo muito nervoso.

Rapidamente Brom colocou uma mão no punho da espada, ameaçadoramente.

“Eu não vou dizer-lhe duas vezes.” Ele rosnou.

Os guardas trocaram olhares, em seguida deram um passo para o lado e abriram rapidamente as portas.

Brom, furioso, marchou passando por eles, direto para a sala do Conselho, seguido por seus homens.

Gwen e Thor trocaram um olhar perplexo e em seguida, seguiram-no também.

Gwen estava confusa, nada estava saindo como ela tinha planejado. Ela tinha de descobrir o que estava acontecendo para decidir se aquele era o momento adequado para enfrentar Gareth.

Depois que Brom ingressou na sala, seguido por seus homens, por Gwen e Thor, as enormes portas foram fechadas atrás deles com um golpe forte. Uma dúzia de membros do Conselho estava sentada formando um amplo semicírculo, em antigas cadeiras de carvalho,

todos eles se viraram. Gareth estava sentado em seu trono no centro da sala e olhou surpreso. Ele fez uma careta de desagrado.

“Ora vejam...” Gareth disse. “... Se não é Brom. Se eu me lembro bem, você renunciou a este Conselho.”

“Eu trago comigo notícias terríveis.” Brom disse apressadamente. “Nossos homens nos falam de uma invasão às Highlands. Uma invasão total dos McClouds. Aldeias inteiras exterminadas. Parece que os McClouds encontraram sua oportunidade no seu reinado. Eles estão matando nosso povo, agora mesmo enquanto falamos. A guerra já começou.”

Gwen ficou sem ar, ela mal podia acreditar naquela notícia. Ela estava ali, detrás deles de pé a vários metros de distância, vendo toda a situação. Ela observou o rosto de Gareth transformar-se, ficar em estado de choque. Ele ficou sentado ali, paralisado, incapaz de reagir.

“O que propões que façamos?” Brom o incitou.

“O que quer dizer?” Gareth perguntou nervoso.

“Quero dizer, quais são suas ordens? Qual é a sua estratégia? Como planeja encontrar suas forças? Que formações vai escolher? Que exércitos vai enviar? Qual deles vai ficar em casa? E qual será o nosso contra-ataque? Quantas fortificações serão formadas? E como propõe que defendamos as aldeias?”

Gareth ficou lá, abrindo a boca várias vezes para falar, para em seguida, fechá-la. Ele parecia perplexo, confuso, claramente tudo isso era demais para sua cabeça.

“Eu...” Ele começou, pigarreou e depois parou. “Eu creio... Talvez não seja tão ruim quanto você pensa. Vamos esperar e ver o que acontece.”

“Esperar e ver o que acontece?” Brom ecoou, horrorizado.

“Nós sempre podemos lidar com eles mais tarde, caso eles cheguem muito perto.” Gareth Disse. “Provavelmente é apenas um ataque e eles vão voltar para casa em breve. Além disso, temos um festival aproximando-se e eu não quero que os preparativos para as nossas festas sejam interrompidos.”

Brom olhou para ele com um olhar de choque e repugnância. Gradualmente, seu rosto foi ficando arroxeadado.

“Você desgraça a memória de seu pai.” Brom disse.

Com isso, Brom se virou abruptamente e atravessou a sala, seguido por seus homens.

Gareth levantou-se e fechou punhos, seu rosto estava vermelho como um tomate.

“Você volte aqui!” Gareth gritou. “Não se atreva a dar as costas para o seu Rei! Isso é traição. Eu vou mandar prendê-lo! Você fará o que eu ordenar! Brom! BROM! PRENDAM-NO!”

Mas os guardas ficaram parados, paralisados, com medo de aproximar-se de Brom.

Brom saiu da câmara, seus homens o seguiram e Gwen e Thor se viraram e saíram correndo atrás deles.

Quando regressaram para o corredor aberto, as portas se fecharam fortemente atrás deles, Gwen correu para Brom quando ele começou a retirar-se.

“Sire!” Ela gritou...

Brom parou e virou-se, ainda acalorado.

“Minha senhora. “Ele disse com deferência, mas ao mesmo tempo com impaciência. “Seu pai nunca aceitaria isso.” Ele acrescentou ainda furioso.

“Eu sei.” Ela respondeu. “Meu pai nunca teria aceitado muitas coisas que estão acontecendo aqui. O que pretende fazer? Sobre a invasão?”

“Eu devo atuar. Que alternativa eu tenho? Eu não posso ficar sentado aqui assistindo à destruição de minha pátria. Eu vou agir com ou sem a autoridade do rei. Vou mobilizar nossas forças por minha própria conta. Eu vou assumir o controle do exército. É uma heresia, mas eu não tenho escolha. Devemos nos defender.”

“Isso é exatamente o que deve fazer.” Ela disse.

Ele olhou para ela e parecia que se acalmava momentaneamente.

“Eu estou contente de ouvir um membro da família real dizer isso.” Disse ele. “É uma pena que não seja você quem ocupa o trono.”

“Há outro membro da família real com quem deve se preocupar.” Ela Disse. “Meu irmão Kendrick está no calabouço. Ele seria um

aporte valioso para suas forças. Os homens o amam e se reuniram em torno dele. E como um membro da família real, ele lhes daria a autoridade e a confiança que tanto necessitam para atacar.”

Ele a estudava parecendo estar impressionado.

“Mas Kendrick foi preso por assassinato. Por traição.”

Gwen abanou a cabeça.

“Mentiras. São todas mentiras. Ele é inocente. Na verdade, eu encontrei a prova absolvendo Kendrick de culpa. Ele foi vítima de um complot criado pelo verdadeiro assassino.”

Brom olhou para ela com os olhos arregalados.

“E quem é o assassino?” Ele perguntou.

“Gareth.” Ela respondeu.

Os olhos de Brom se arregalaram com espanto. Finalmente, ele acenou de volta, aquiescente.

“Vamos cuidar de Gareth quando retornarmos da batalha.” Ele Disse. “Eu devo dizer que você está certa. Vamos libertar Kendrick e ele vai ajudar-nos a conduzir a batalha. Para as masmorras!”

O grupo de soldados se virou e correu pelos corredores sinuosos do castelo, seus passos ecoavam como um trovão. Eles desceram pela escada em espiral, lance após lance, dando voltas até o fim dela e chegando até o nível mais baixo do castelo.

Vários guardas bloqueavam o portão de ferro que dava acesso às celas, eles ficaram em posição de sentido ao ver Brom e todos os soldados do Exército Prata.

“Abra essa porta de uma vez!” Brom ordenou.

“Meu senhor.” Disse o guarda com voz trêmula. “Eu receio que eu só possa abri-la com uma ordem real.”

“Eu sou o comandante das sete legiões do Reino Ocidental do Anel!” Brom ameaçou, descansando a mão no punho da espada. “Eu digo que abra a porta de uma vez por todas!”

Os guardas ficaram ali, vacilantes, olhando uns para os outros, nervosos.

Gwen podia ver que um confronto estava prestes a acontecer, então ela deu um passo à frente no silêncio tenso e se colocou entre eles.

“Eu sou da família real.” Gwen disse calmamente. “Meu pai, que Deus abençoe sua memória, era o rei não muito tempo atrás. Eu ajo com a sua autoridade. Abra essa porta.”

Os guardas se entreolharam, então assentiram com a cabeça e lentamente, estenderam a mão e destrancaram porta.

Brom e seu grupo marcharam até o fim do corredor e pararam na frente da cela de Kendrick.

Kendrick correu para a porta e apertou o rosto pálido e magro contra as barras. Gwen sentiu o coração partido ao vê-lo assim e por sentir que ela não tinha sido capaz de libertá-lo mais cedo.

“Abra a porta.” Gwen ordenou ao guarda que os acompanhava.

O guarda deu um passo adiante e abriu a cela. A porta se abriu lentamente e Kendrick saiu.

Kendrick deu um grande abraço em Gwendolyn e ela o abraçou de volta, com força.

Kendrick virou-se olhou para Brom. Ele bateu continência a Brom e Brom o saudou de volta.

“Os McClouds atacaram.” Disse Brom. “Você vai levar uma das nossas forças ao combate. Devemos ir-nos de uma vez.”

Kendrick assentiu sombrio.

“Senhor, será uma honra.”

“Deseja ter seu escudeiro de volta?” Thor perguntou com um sorriso.

Kendrick virou-se olhou para o Thor e seu rosto se iluminou com um sorriso.

“Acabo de regressar da Centena, senhor.” Disse Thor. “Eu estou pronto. E seria uma honra cavalgar ao seu lado.”

Kendrick estendeu o braço e colocou a mão no ombro de Thor. Ele o olhou de cima para baixo e balançou a cabeça em aprovação.

“Eu vejo que você está. Eu não teria mais ninguém ao meu lado.”

“Vamos nos mover.” Disse Brom. “Já era hora de ensinar a esses McClouds o que significa invadir o nosso lado do Anel.”

O grupo se virou e começou a voltar para o corredor. Logo estavam no andar de cima e marchavam em direção às principais portas de entrada do castelo. Quando eles saíram e estavam de pé sobre a ponte do castelo, Thor parou e olhou para Gwen.

Ele olhou para ela com um olhar de preocupação e saudade.

“Eu devo juntar-me a meus irmãos.” Ele disse com ar culpado.

“Eu odeio deixá-la. Mas tenho de defender nosso Anel.”

No fundo, Gwen estava com o coração partido, mas ela não demonstrou nada. Ela acenou de volta.

“Eu sei.” Ela disse tentando soar forte. “Você deve ir.”

Egoisticamente ela queria que ele ficasse, mas ela sabia que sua ida era a coisa certa a fazer.

Thor estendeu o braço e tocou-lhe o colar, em seguida, estendeu a mão e acariciou-lhe o rosto. Ele se inclinou e beijou-a e ela o abraçou enquanto pôde.

“Vou pensar em você cada minuto.” Thor Disse. “Eu vou voltar assim que eu puder. E quando isso acontecer, eu quero lhe fazer uma pergunta.”

Gwen sorriu intrigada.

“Que pergunta?”

Thor sorriu de volta.

“É uma pergunta que eu creio que vai mudar nossas vidas. Dependendo, é claro, de sua resposta.”

Ele pegou a mão dela, tomou-a entre as suas e beijou as pontas dos seus dedos, em seguida, virou-se com um sorriso e trotou para se juntar aos outros homens, Krohn já o seguia, correndo até os cavalos.

Gwen observou-o ir com um sentimento de saudade e admiração. Ela rezou com toda sua alma para que ela pudesse vê-lo novamente.

CAPÍTULO TRINTA

Erec galopava pelas ruas da periferia de Savária, correndo para a taverna. Ele estava ansioso para buscar Alistair, para resgatá-la daquele lugar e cavalgar com ela. Ele estava exausto da batalha do dia, coberto de hematomas e cortes, fraco de fome e sede, mas, ainda assim, ele não conseguia pensar em mais nada a não ser nela. Ele não podia parar, não podia descansar, até que ela estivesse junto dele.

Vestido com sua cota de malha, Erec parou diante da taverna, saltou de seu cavalo e correu pela porta. Ele a abriu e entrou com a expectativa de ver Alistair lá, esperando por ele.

Mas ele ficou perplexo ao ver que ela não estava. Em vez disso, ele viu apenas o taverneiro, mal humorado, de pé atrás do bar. Dez indivíduos grandes e de aspecto decadente estavam sentados no bar diante dele.

Erec olhou em todos os lugares, mas não viu nenhum sinal dela. Os clientes ficaram quietos, no entanto, o ambiente na sala ficou denso com a tensão. Erec não entendia o que estava acontecendo.

O taverneiro fez um sinal para um atendente, o qual se virou e correu pela porta em direção ao quarto dos fundos. Um momento depois, o estalajadeiro surgiu caminhando com seu gingado arrogante e um sorriso torto no rosto. Erec não gostou do que via.

“Onde está minha noiva?” Ele exigiu dando um passo à frente.

O estalajadeiro caminhou até ele com passo firme.

“Ora vejam só quem está por aqui.” Ele disse.

Enquanto marchava em direção a ele, Erec notou que vários dos meliantes corpulentos se levantaram e ficaram atrás dele.

“Se não é o mesmíssimo cavaleiro de armadura brilhante.” O estalajadeiro zombou.

“Eu não vou lhe perguntar de novo.” Erec Disse. “Onde ela está?” Ele insistiu, sua raiva ia aumentando cada vez mais.

O sorriso do estalajadeiro se alargou.

“Bem, é engraçado que você me pergunte. Como bem pode ver, a grande soma de dinheiro que você me pagou me deu uma ideia. Eu concluí que se Alistair valia alguma coisa para você, talvez ela valesse alguma coisa para alguém mais também. E eu estava certo. Provavelmente foi um dos melhores negócios que eu fiz.” Ele disse lambendo os lábios e rindo, os homens ao seu redor riram junto com ele.

Erec estava fervendo, ficando roxo de indignação.

Com os dentes cerrados, ele rosou: — Esta é sua última chance. Onde— está — ela?

O estalajadeiro sorriu, divertindo-se com o momento.

“Bem, parece que ela ainda era mais valiosa para outro alguém do que ela era para você. Vendi-a para um comerciante de escravos, que esteve disposto a comprá-la por quinhentos tostões. Ele tinha estado pela cidade à procura de algumas prostitutas para adicionar aos seus negócios com sexo. Desculpe. Você chegou muito tarde. Mas obrigado pela ideia. E eu vou conservar seu saco de ouro mesmo assim, como compensação por insultar os meus amigos naquela noite.”

O estalajadeiro ficou lá com as mãos nos quadris, sorrindo.

“Agora você pode seguir seu caminho...” Ele acrescentou. “... Antes que todos nós lhe façamos mais mal do que você deseja.”

Enquanto Erec estudava os olhos cheios de satisfação daquele cretino, ele podia ver que, infelizmente, tudo o que ele estava dizendo era verdade. Ele não podia acreditar. Sua Alistair. Tirada dele. Vendida como escrava sexual. E tudo por causa daquele ser humano nojento que estava diante dele.

Erec não aguentou mais. Ele foi dominado por um desejo não só de brigar, mas também por um forte desejo de vingança.

Os homens do estalajadeiro investiram contra Erec e ele não perdeu tempo. Ele tinha sido treinado para lutar contra vários homens, em várias ocasiões e estava acostumado a situações como aquela. Aqueles homens não tinham ideia de quem eles estavam atacando.

Um homem enorme o agarrou, Erec abaixou-se, agarrou seu braço e jogou-o por cima do ombro. Sem hesitar, Erec girou e chutou outro na virilha, girou e deu uma cotovelada no rosto de um terceiro, então se inclinou para frente e deu uma cabeçada num quarto homem, era o taverneiro. Os quatro homens ficaram caídos no chão.

Erec ouviu o som clássico de uma espada sendo desembainhada e olhou para ver mais três meliantes que vinham para ele com suas espadas desembainhadas.

Ele não perdeu tempo: estendeu a mão e tirou um punhal da sua cintura e quando o primeiro homem investiu contra ele com sua espada, ele meteu o punhal em sua garganta. O homem gritou, borbulhando sangue e Erec tirou a espada de sua mão. Ele virou-se, cortou a cabeça de outro homem, em seguida, voltou-se para o terceiro e mergulhou a espada no coração dele.

Os três homens caíram mortos.

Sete homens estavam no chão, imóveis, e o estalajadeiro, o último que restava, olhava para Erec agora com medo.

Ele deu dois passos para trás cambaleando, agora ele percebia que tinha cometido um grave erro, mas já era tarde demais. Erec agora investia contra ele, saltando para o ar para chutá-lo com tanta força que ele saiu voando para trás sobre as mesas, caindo estrondosamente no chão.

Erec tomou um banco de madeira, levantou-o bem alto e quebrou-o em pedaços sobre a cabeça do homem. O estalajadeiro colapsou, o sangue jorrava de sua cabeça. Erec pulou em cima dele.

O homem tentou puxar uma adaga de sua cintura, mas Erec antecipou seus movimentos e pisou seu pulso até que ele gritou, em seguida, chutou o punhal para longe com o outro pé.

Erec inclinou-se para baixo e começou a estrangulá-lo. O homem ficou sufocado.

“Onde ela está?” Erec exigiu uma resposta. “Para onde exatamente o traficante de escravos estava indo?”

“Eu nunca vou lhe dizer.” O homem engasgou.

Erec apertava com mais força, até que o homem começou a ficar roxo. Ele pegou o punhal, encostou-o entre as pernas do homem e

começou a pressionar cada vez mais fortemente, até que o estalajadeiro gritou fazendo um ruído agudo.

“Esta é sua última chance.” Advertiu Erec. Ele apertava cada vez com mais força, o homem emitia gritos estridentes até que finalmente exclamou.

“Está bem! O homem estava indo para o Sul, pela via do Sul. Ele estava indo em direção a Baluster. Ele saiu ontem, de manhã cedo. Isso é tudo que eu sei. Eu juro!”

Erec fez uma careta para ele, satisfeito agora que ele tinha dito a verdade, logo depois ele puxou o punhal.

Então, com um movimento rápido, ele o enfiou no coração do estalajadeiro.

O estalajadeiro sentou-se, seus olhos estavam esbugalhados e ele estava com falta de ar. Erec meteu o punhal cada vez mais fundo, puxou o homem para bem perto, olhando em seus olhos enquanto ele morria.

“Isso foi por Alistair.”

CAPÍTULO TRINTA E UM

Gwen não tinha tempo a perder. Ela tinha de ver se Godfrey e Firth estavam esperando por ela do lado de fora da sala do Conselho, para entrar e confrontar Gareth. Talvez tivessem se atrasado antes e agora já estivessem ali. Ela não podia deixá-los entrar sozinhos. Eles tinham de levar o seu caso adiante, imediatamente, enquanto o Conselho ainda estava em sessão. Se Kendrick, Thor, Brom e todos os outros podiam arriscar suas vidas no campo de batalha por sua terra natal, o mínimo que ela podia fazer era dar um exemplo de coragem e arriscar sua segurança no campo de batalha local e assim poder deter Gareth. Afinal, se um novo governante fosse coroado, isso ajudaria muitíssimo o exército. Ajudaria inclusive o próprio Thor.

Gwen subiu correndo os degraus, em seguida ela desceu pelos corredores do castelo até chegar às enormes portas da sala. Para sua surpresa, Godfrey e Firth ainda não estavam lá. Ela não tinha ideia do que poderia ter acontecido com eles. As portas da sala do Conselho estavam abertas e quando ela olhou para dentro, viu que o Conselho já havia se retirado, a sessão havia terminado. A única pessoa que permanecia na vasta câmara vazia era Gareth. Ele estava sentado sozinho em seu trono, na sala cavernosa, esfregando os braços.

Estavam apenas eles dois ali e Gwen decidiu que aquele era o momento. Talvez ficando a sós com Gareth ela poderia inculcar-lhe bom senso e levá-lo a demitir-se pacificamente. Os homens que ela amava estavam lá fora, no campo de batalha, lutando por ela e por todos os demais. Ela tinha de lutar também. Ela não podia esperar. Ela iria confrontá-lo com o que ela sabia e esperava que ele renunciasse voluntariamente. Ela não se importava se ele fizesse isso discretamente, sem alarde; ela apenas queria vê-lo fora do trono.

Gwen atravessou as portas, seus passos ecoavam quando ela entrou na sala enorme e antiga, enquanto caminhava em direção ao seu irmão. A luz entrava pelos vitrais coloridos, atrás de Gareth. Ele olhou para ela friamente com seus olhos negros, desalmados. Gwen podia perceber o ódio que ele abrigava por ela. Ela podia ver naquele olhar paranóico que ela representava uma séria ameaça para ele. Talvez fosse porque seu pai a amou mais que a todos. Ou talvez fosse apenas porque Gareth tinha nascido para odiar.

“Eu gostaria de ter uma palavra com você.” Gwen anunciou, com voz muito alta, ecoando naquele lugar tão político que ela tanto odiava. Era estranho ver seu irmão sentado ali, no trono de seu pai. Ela não gostava da sensação. Parecia errado. Os olhos dele eram inexpressivos, parecia que ele tinha envelhecido cem anos. Ele não parecia em nada com o seu pai quando ele se sentava ali naquele trono. O pai dela se sentava ali com naturalidade, ele se via nobre, valente, orgulhoso, como se o trono tivesse sido feito para ele. Gareth, por outro lado, se sentava sobre o trono de uma maneira desesperada, exagerada, como se estivesse sentado em uma cadeira grande demais para que ele pudesse preencher. Talvez ela estivesse captando os sentimentos do pai morto, brotando através dela. A fúria aumentou dentro dela devido ao que Gareth tinha feito a seu pai. Ele o havia tirado dela.

Ao mesmo tempo, ela estava com medo. Ela sabia o quanto Gareth poderia ser vingativo e sabia que isso poderia não terminar nada bem.

Gareth olhou em volta sem palavras. Ela esperou, mas ele não disse nada.

Finalmente, ela limpou sua garganta e continuou, seu coração batia acelerado.

“Eu sei que você mandou assassinar o nosso pai.” Ela disse querendo acabar com tudo aquilo. “Eu sei que Firth o apunhalou. Nós temos a arma do crime. Temos o punhal.”

Houve um longo silêncio e Gareth, para seu crédito, permaneceu inexpressivo o tempo todo.

Finalmente, ele soltou um ronco curto, irônico.

“Você é uma jovem tola e fantasiosa.” Disse ele. “Você sempre foi. Ninguém acredita em você. Ninguém nunca vai acreditar. Você me inveja porque eu me sento no trono, em vez de você. Essa é a sua única motivação. Você só fala bobagem.”

“É mesmo?” Ela perguntou.

“Você forçou o nosso pai a nomeá-la sua herdeira em vez de mim.” Gareth rebateu. “Você o manipulou em sua ganância pelo poder. Eu vi isso em você desde que você era uma criança. Mas não deu certo. Agora *eu* estou aqui. E você não pode suportar isso.”

Gwen balançou a cabeça, surpresa ao notar como Gareth era patético. Ele projetava seus próprios sentimentos sobre todo mundo. Ele era patológico. Ela estremeceu ao pensar que ela estava relacionada com ele.

“O povo vai decidir o quanto eu sou fantasiosa.” Disse ela. “Eu imaginei esta arma na minha mão?” Ela perguntou, levando a mão à cintura e extraindo o punhal. Ela estendeu-o para que ele o visse e os olhos dele se arregalaram pela primeira vez.

Pela primeira vez, ele sentou-se ereto, segurando os lados do trono.

“Onde você conseguiu isso?” Ele perguntou.

Finalmente, ele foi apanhado. Ela podia ver isso na cara dele, era tão claro como o dia. Ela ainda não podia acreditar. Ele havia matado seu pai.

“Você me dá nojo.” Disse ela. “Você é um ser humano patético. Como eu gostaria que meu pai estivesse aqui para tomar sua própria vingança. Mas ele não está. Então eu vou buscar a justiça no lugar dele. Você vai ser julgado e condenado e você vai ser morto. E assim, a alma de nosso pai poderá descansar em paz.”

“E eu posso saber exatamente como você vai fazer isso?” Ele perguntou. “Você acha realmente que as massas vão acreditar em você só porque você encontrou um punhal manchado de sangue? Qualquer um poderia ter empunhado esse punhal. Onde está a sua prova?”

“Eu tenho uma testemunha.” Disse ela. “O homem que empunhava a arma.”

Para sua surpresa, Gareth sorriu.

“Você se refere a Firth?” Ele perguntou. “Não se preocupe, nós não vamos ouvir muito dele.”

Agora era a vez de Gwendolyn ser apanhada de surpresa, o coração dela acelerou ao ouvir o tom sinistro das palavras de Gareth.

“O que você quer dizer?” Ela perguntou sentindo-se insegura.

“Eu receio que Firth já não esteja mais entre nós. É lamentável o fato de que ele tenha sido executado há apenas umas horas, não é mesmo?” Ele perguntou com um largo sorriso.

Gwendolyn sentiu sua garganta ficar seca com as palavras de seu irmão. Seria verdade? Ou ele estaria blefando? Ela não sabia mais em que acreditar.

“Você é um mentiroso.” Ela disse.

Desta vez, ele riu abertamente.

“Eu posso até ser. Mas eu sou um mentiroso muito melhor do que qualquer outra pessoa. Eu sabia tudo sobre o seu enredozinho patético, o tempo todo. Você me subestimou imensamente. Você sempre fez isso. Eu tenho espiões em todos os lugares. Eu acompanhei tudo que vocês fizeram, cada passo que vocês deram. Eu agi no devido tempo. Sua única testemunha está morta. Eu receio que sua arma seja completamente inútil sem o depoimento dela. Quanto ao nosso querido irmão, Godfrey, bem, há uma razão pela qual ele não pôde encontrá-la aqui hoje.”

Os olhos de Gwen se arregalaram de surpresa ao perceber que Gareth estava dizendo a verdade.

“O que está dizendo?” Ela perguntou hesitante.

“Eu receio que ele tenha tomado uma bebida ruim ontem à noite na taverna. Alguém pode ter colocado veneno nela. Ele está muito doente agora, enquanto falamos. Na verdade, eu tenho plena certeza de que ele já está morto.”

Gwen sentiu o pânico invadindo-a. Gareth ria fortemente.

“Então como você vê, minha querida, você está sozinha. Não há Godfrey. Nem Firth. Nenhuma testemunha. Só você e seu punhal patético, o qual não prova nada.”

Gareth suspirou.

“Quanto ao seu amante, Thor...” Ele continuou. “... Receio que sua hora haja chegado também. Como você vê, este ataque dos McCloud, que eu tenho tolerado por alguma razão, é uma armadilha. Seu amante está indo direto para ela. Eu paguei a alguns homens para isolá-lo quando for a hora certa. Ele vai ser emboscado e vai estar muito sozinho, eu lhe garanto. Ele vai ser abatido até o final do dia e vai se juntar a Firth e Godfrey no céu, ou será no inferno?”

Gareth ria com toda sua alma e ela podia ver o maníaco que ele era. Ele parecia possuído.

“Espero que sua alma apodreça no inferno.” Ela retrucou, cuspiendo as palavras, fervendo de raiva.

“Ela já está, minha irmã. E não há mais nada que você possa fazer para me afetar. Mas por outro lado, eu tenho a total possibilidade de afetar sua vida. Amanhã, você deixará de me incomodar também. *Primos Livarius Stantos.*” Disse ele. “Você sabe o que isso significa?”

Ela olhou para ele e seu coração congelou ao pensar que plano hediondo ele teria inventado.

“É o termo jurídico para o direito do rei de organizar um casamento.”

Ele assentiu com a cabeça e sorriu.

“Muito bem. Você sempre foi a melhor aprendiz. Muito melhor do que eu. Mas isso não importa agora. Porque eu já invoquei o meu direito de forçá-la a se casar. Eu encontrei um homem comum, um selvagem, um soldado Nevarun, da província mais primitiva dos confins do Sul do Anel. Eles já estão enviando um contingente de homens para buscar sua noiva. Faça as malas. Você é propriedade dele agora. E você nunca mais vai ver o meu rosto.”

Gareth ria histericamente, deleitado consigo mesmo e Gwen sentia o coração despedaçar-se. Ela não queria acreditar em nada daquilo. Será que ele estava apenas brincando com a mente dela?

Ela não conseguia ficar mais na presença dele nem por um segundo. Gwen virou-se e fugiu da sala, correu pelo corredor até a escada em espiral e a subia cada vez mais alto até chegar ao parapeito dos muros.

Ela correu para o outro lado, debruçou-se sobre a borda e olhou para baixo para a praça da cidade. Ela tinha de averiguar se era verdade, se Firth realmente tinha sido executado, se tudo o que Gareth tinha dito era mentira.

Gwen chegou até a borda e olhou. Ao fazê-lo, seu sangue gelou. Ela sentiu o peito apertar com falta de ar.

Ali, no centro da praça, pendurado por uma corda ao redor do pescoço, estava Firth. Seu corpo balançava sacudido pelo vento. Uma multidão crescente se amontoava em torno dele.

Era verdade. Era tudo verdade.

Gwen virou-se e correu para a outra extremidade do parapeito que dava para o Oriente, procurando desesperadamente Thor e a Legião. Ela os viu no horizonte, centenas deles, todos a cavalo, um grande exército, levantando poeira. A nuvem crescia mais e mais e ela podia ver Thor entre eles, galopando com os outros, tão desesperado para conquistar sua glória. Ela pensou nas palavras de Gareth, em Thor sendo enviado para uma armadilha, enviado para ser emboscado. E ao vê-lo galopar para longe, ela sabia que não havia nada que ela pudesse fazer para evitar isso.

“NÃO!”

Ela gritou para os céus, caindo de joelhos, chorando, batendo na pedra, desejando que fosse qualquer outra pessoa, qualquer outra coisa. Ela não podia suportar aqueles pensamentos. Gareth poderia matá-la, poderia vendê-la, poderia destruir tudo em sua vida, mas ela não podia suportar a ideia de que Thor sofresse dano.

“THOR!” Ela gritou com desespero.

Ela desejou que ele pudesse ouvi-la, para que ele pudesse de alguma forma virar no horizonte e retornar para ela. Mas seu grito foi pego pelo vento e levado para longe, para logo desaparecer no nada.

JÁ ESTÁ DISPONÍVEL!

UM GRITO DE HONRA

(Livro #4 da Série: O Anel do Feiticeiro)



O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: tramas, intrigas, mistério, bravos cavaleiros e florescentes relacionamentos repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas, e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para fazer parte da biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia.

--*Books and Movie Reviews, Roberto Mattos*

Em UM GRITO DE HONRA (Livro #4 da Série: O Anel do Feiticeiro), Thor voltou da Centena como um guerreiro aguerrido e agora ele deve aprender o que significa lutar por sua terra natal, batalhar para viver ou morrer. Os McClouds penetraram profundamente no território dos MacGil invadindo-o como nunca antes na história do Anel. Ao mesmo tempo em que Thor cavalga direto para uma emboscada, recairá sobre sua cabeça repelir o ataque e salvar Corte do Rei.

Godfrey foi envenenado por seu irmão com um veneno muito raro e potente e seu destino está nas mãos de Gwendolyn. Ela fará tudo o que for possível para salvar seu irmão da morte.

Gareth caiu em um estado de paranóia e descontentamento cada vez mais profundo, ele contrata sua própria tribo de selvagens como

força de combate pessoal concedendo-lhes as honras do Exército Prata. Ele expulsa o Exército Prata, causando uma divisão na Corte do Rei, a qual ameaça explodir em uma guerra civil. Ele também conspira para que os ferozes Nevaruns levem Gwendolyn para longe, negociando a mão dela em casamento sem o seu consentimento.

As amigadas de Thor se aprofundam enquanto viajam para novos lugares, enfrentam monstros inesperados e lutam lado a lado em uma batalha inimaginável. Thor viaja para sua cidade natal e em um confronto épico com seu pai, ele descobre um grande segredo de seu passado: quem ele é, quem é sua mãe e... qual é seu destino. Com o treinamento mais avançado que ele recebeu de Argon, Thor começa a experimentar poderes que ele não sabia que tinha, tornando-se mais poderoso a cada dia. Seu relacionamento com Gwen se aprofunda e ele retorna à Corte do Rei, na esperança de propor matrimônio a ela, mas talvez seja tarde demais.

Andronicus, acompanhado de um informante, lidera o milhão de homens de seu Exército do Império, para mais uma vez tentar cruzar o Canyon e destruir o Anel.

E justo quando parece que as coisas não poderiam ficar ainda piores na Corte do Rei, a história termina com uma reviravolta chocante.

Será que Godfrey sobreviverá? Será que Gareth será destronado? Será que a Corte do Rei será dividida em duas? Será que o Império invadirá o Anel? Será que Gwendolyn terminará com Thor? E Thor, finalmente, aprenderá o segredo do seu destino?

Com sua ambientação em um mundo sofisticado e sua caracterização de época, UM GRITO DE HONRA é um conto épico sobre amigos e amantes, rivais e pretendentes, sobre cavaleiros e dragões, intrigas e maquinações políticas, sobre atingir a maioria, corações partidos, decepção, ambição e traição. É uma história de honra e coragem, de destinos, de feitiçaria. É uma fantasia que nos leva a um mundo que nunca esqueceremos e que

vai interessar a todas as idades e gêneros. O livro contém 85.000 palavras.

“Carregado de ação, romance, aventura e suspense. Ponha suas mãos nele e apaixone-se novamente.”

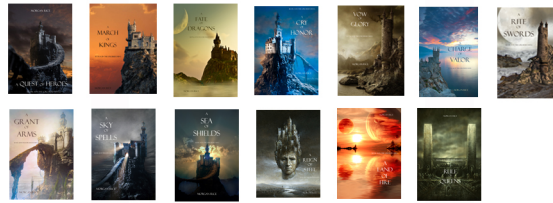
--vampirebooksite.com (referindo-se a Turned)

UM GRITO DE HONRA
(Livro #4 da Série: O Anel do Feiticeiro)



Baixe agora livros de Morgan Rice books na Kobo !

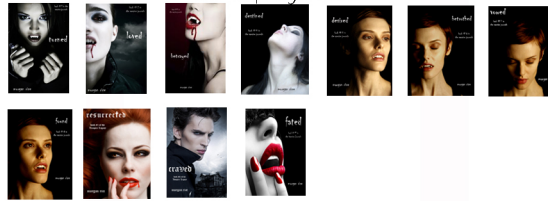
THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals





Ouçá os livros da série O ANEL DO FEITICEIRO em formato audiobook!

Agora disponível em:

Amazon
Audible
iTunes

Livros de Morgan Rice

O ANEL DO FEITICEIRO

- EM BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)
- UMA MARCHA DE REIS (Livro #2)
- UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)
- UM GRITO DE HONRA (Livro #4)
- UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)
- UMA CARGA DE VALOR (Livro #6)
- UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)
- UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8)
- UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)
- UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)
- UM REINADO DE AÇO (Livro #11)
- UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)
- UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro #13)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

- ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro #1)
- ARENA DOIS (Livro #2)

DIÁRIOS DE UM VAMPIRO

- TRANSFORMADA (Livro #1)
- AMADA (Livro #2)
- TRAÍDA (Livro #3)
- DESTINADA (Livro #4)
- DESEJADA (Livro #5)
- PROMETIDA EM CASAMENTO (Livro #6)
- JURADA (Livro #7)
- ENCONTRADA (Livro #8)
- RESSUSCITADA (Livro #9)
- SUPLICADA (Livro #10)
- DESTINADA (Livro #11)

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do best-seller #1 DIÁRIOS DE VAMPIROS, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (mais em progresso); da série de Best-seller #1 - TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico que compreende dois livros (outro será adicionado); a série número um de vendas, O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros de fantasia épica (outros serão acrescentados).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e página impressa e suas traduções estão disponíveis em: alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, checo e eslovaco (em breve estarão disponíveis em mais idiomas).

[TRANSFORMADA](#) (Livro #1 da série Diários de Vampiros) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro #1 da série O Anel do Feiticeiro) já estão disponíveis para download gratuito no site da Kobo!

Morgan apreciará muitíssimo seus comentários, por favor, fique à vontade para visitar www.morganricebooks.com faça parte de nosso newsletter, receba um livro gratuito, ganhe brindes, baixe nosso aplicativo gratuito, obtenha as novidades exclusivas em primeira mão, conecte-se ao Facebook e Twitter, permaneça em contato!